



ANNAIS NIN

DELTA DE VÊNUS
Histórias eróticas

L&PM POCKET



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DELTA DE VÊNUS

Anaïs Nin

Índice

Prefácio -	7
O aventureiro húngaro -	15
Mathilde -	22
O internato -	33
O anel -	36
Maiorca -	39
Artistas e modelos -	42
Lilith -	63
Marianne -	69
A mulher velada -	79
Elena -	86
O Basco e Bijou -	147
Pierre -	183
Manuel -	203
Linda -	206
Marcel -	222

Prefácio

(Abril, 1940)

Um colecionador de livros ofereceu a Henry Miller cem dólares por mês para que ele escrevesse histórias eróticas. Era uma punição dantesca condenar Henry a escrever sobre o tema erótico a um dólar a página. Ele rebelou-se porque seu estado de espírito à época era o oposto do que se poderia chamar de rabelaisiano, pois escrever por encomenda era uma ocupação castradora, e trabalhar com um voyeur espiando no buraco da fechadura tirava todo o prazer e a espontaneidade de suas imaginárias aventuras.

(Dezembro, 1940) Henry me falou a respeito do colecionador. Os dois tinham almoçado juntos. Ele comprou um trabalho de Henry e lhe sugeriu que escrevesse algo para um de seus clientes, homem rico e idoso. Não podia falar muito a respeito desse cliente, exceto que ele estava interessado no tema erótico.

Henry lançou-se ao trabalho alegremente. Inventou loucas histórias de que muito nos rimos. Ele se atirou àquela atividade como a uma experiência, e no princípio pareceu-lhe fácil. Mas após algum tempo perdeu o estímulo. Como não queria usar o material que vinha planejando empregar em seu verdadeiro trabalho, viu-se condenado a forçar sua criatividade e sua disposição.

Henry jamais recebeu uma palavra de reconhecimento do estranho cliente. Seria natural que essa pessoa não desejasse revelar sua identidade. Mas Henry começou a brincar com o colecionador.

"Adaptado do diário de Anaïs Nin, volume III".

Esse cliente realmente existia? Ou aquelas páginas eram para o próprio colecionador, destinadas a alegrar sua melancólica vida? Não seriam os dois a mesma pessoa? Henry e eu discutimos amplamente esses pontos, intrigados e divertidos.

Então o colecionador anunciou que seu cliente viria a Nova York e que Henry o conheceria. Mas o encontro acabou por jamais se realizar. O colecionador foi minucioso em suas descrições ao lhe dizer como remetera os originais pelo correio aéreo, dizendo quanto custara e dando pequenos detalhes que visavam a acrescentar realismo às alegações que fazia sobre a existência de seu cliente.

Um dia ele pediu um exemplar de Blackspring com uma dedicatória.

Henry lhe disse: — Mas você não me disse que ele já tem todos os meus livros, com as edições assinadas?

— Ele perdeu seu exemplar de Blackspring.

— E a quem devo dedicá-lo? — perguntou Henry — Basta que você escreva: "A um bom amigo" e assine.

Algumas semanas depois Henry precisou de um exemplar do mesmo Blackspring e não conseguiu encontrar nenhum. Decidiu pedir o do colecionador. Foi a

seu escritório. A secretária mandou-o esperar. Ele pôs-se a examinar os livros que se encontravam na estante. Viu um exemplar de Black spring e o apanhou. Era o que tinha dedicado "a um bom amigo".

Quando o colecionador apareceu, Henry lhe falou a esse respeito, rindo. Com o mesmo bom humor, o colecionador explicou: — Oh, sim, o velho ficou tão impaciente que lhe mandei o meu livro antes que você assinasse esse, na intenção de trocar quando ele vier de novo a Nova York. Quando nos encontramos, Henry me disse: — Estou mais confuso do que nunca.

Quando Henry perguntou como o cliente reagia a seu trabalho, o colecionador respondeu: — Oh, ele gosta muito. Tudo é maravilhoso. Entretanto, ele gosta mais quando é uma narrativa, só a história, sem análises, sem filosofia.

Assim que precisou de dinheiro para suas despesas de viagens, Henry sugeriu que eu aproveitasse o intervalo para escrever um pouco. Decidi que não queria apresentar nada de excepcional e criei uma mistura de histórias que ouvia com invenções minhas, supondo que se tratava do diário de uma mulher. Jamais me encontrei com o colecionador. O trato era que ele leria meu trabalho e depois me diria o que achava. Recebi hoje um telefonema. Uma voz disse: — É bom. Mas deixe de fora a poesia e as descrições de qualquer coisa que não seja sexo. Concentre-se em sexo.

Assim, comecei a me aplicar para tornar-me bizarra e criativa, exagerando tanto que pensei que ele fosse perceber que eu estava caricaturando a sexualidade. Mas não houve protesto. Passei dias na biblioteca estudando o Kama Sutra, e ouvi as mais disparatadas aventuras dos amigos.

— Menos poesia — disse-me a voz pelo telefone. — Seja específica.

Será que alguém terá retirado alguma vez prazer da leitura de uma descrição clínica? Não saberia o velho como as palavras podem introduzir cores e sons em nossa carne? Toda manhã, depois do café, eu me sentava para escrever um pouco. E um dia datilografei: "Era uma vez um aventureiro húngaro". Dei-lhe muitas vantagens: beleza, elegância, graça, talento de ator, conhecimento de muitas línguas, o dom da intriga, a capacidade para se livrar de dificuldades e para evitar as leis da permanência e da responsabilidade. Outro telefonema: — O velho está satisfeito. Concentre-se em sexo. Deixe de fora a poesia.

Isso deflagrou uma epidemia de "diários" eróticos. Todos passaram a escrever suas experiências sexuais. Inventadas, ouvidas por acaso, pesquisadas no livro de Krafft-Ebing e em livros médicos. Tínhamos conversas cômicas. Contávamos uma história e as pessoas tinham que decidir se era falsa ou verdadeira. Ou plausível. Essa o era? Robert Duncan se oferecia para experimentar, para testar nossas invenções, para confirmar ou negar nossas fantasias. Todos nós precisávamos de dinheiro e, assim, somávamos nossas histórias.

Eu estava certa de que o tal velho nada sabia a respeito da beleza, dos êxtases e das deslumbrantes reverberações de um encontro sexual. Cortar a poesia era a sua mensagem. Sexo clínico, privado de todo o calor que só o amor lhe pode dar — a orquestração de todos os sentidos, tato, audição, visão e paladar; todos os acompanhamentos eufóricos, música de fundo, estados de espírito, atmosfera, variações — forçava-o a recorrer a afrodisíacos literários.

Poderíamos ter reunido melhores segredos para lhe contar, mas a tais segredos ele seria surdo. Contudo, um dia, quando ele alcançasse a saturação, eu lhe diria como quase nos fizera perder o interesse na paixão, em razão de sua obsessão de gestos vazios de emoções, e também como nós o detestávamos por quase ter nos obrigado a fazer votos de castidade ao querer que excluíssemos aquilo que era o nosso próprio afrodisíaco: a poesia.

Recebi cem dólares pela minha história erótica. Gonzalo precisava de dinheiro para o dentista; Helba, de um espelho para suas danças; e Henry, de dinheiro para sua viagem. Gonzalo me contou a história do Basco e de Bijou e eu a escrevi para o colecionador.

(Fevereiro, 1941) A conta do telefone não tinha sido paga. A rede das dificuldades econômicas se fechava sobre mim. Todas as pessoas que se achavam à minha volta eram irresponsáveis, estavam inconscientes do naufrágio. Escrevi trinta páginas eróticas.

Mais uma vez vi-me cônica do fato de estar sem um centavo e telefonei para o colecionador. Ele tinha tido notícias de seu rico cliente e do último original que eu mandara? Não, não tinha, mas ficaria com o que eu acabara de escrever e me pagaria. Henry tinha que ir ao médico. Gonzalo precisava de óculos. Robert apareceu com B. e me pediu dinheiro para ir ao cinema. A fuligem da bandeira da porta caía sobre meu papel de datilografia e sobre meu trabalho. Robert adiantou-se e levou minha caixa de papel.

Não estaria o velho cansado de pornografia? Será que não seria possível ocorrer um milagre? Comecei a imaginá-lo dizendo: “Dê-me tudo o que ela escrever, quero tudo, gosto de tudo. Eu lhe mandarei um bom presente, um polpudo cheque por tudo o que ela tem escrito”.

Minha máquina de escrever estava quebrada. Com cem dólares no bolso, recuperei o otimismo. Eu disse para Henry: — O colecionador gosta de mulheres simples, não intelectuais, mas me convida para jantar.

Eu tinha a impressão de que a caixa de Pandora continha os mistérios da sensualidade feminina, tão diferente da do homem e para a qual a linguagem masculina era inadequada. A linguagem do sexo ainda tinha que ser inventada. A linguagem dos sentidos ainda tinha que ser explorada. D. H. Lawrence começou a dar uma linguagem ao instinto, tentou fugir do relato clínico, do científico, que captura apenas o que o corpo sente.

(Outubro, 1941)

Quando Henry chegou, trouxe várias afirmativas contraditórias. Que poderia viver sem nada, que se sentia tão bem que era capaz até mesmo de arranjar um emprego, que sua integridade impedia que ele fosse escrever enredos em Hollywood. Então eu lhe disse: — E o que lhe diz sua integridade quando você escreve história erótica por dinheiro?

Henry riu, admitiu o paradoxo, as contradições e mudou de assunto.

A França tem uma tradição de literatura erótica escrita em estilo fino e elegante. Assim que comecei a escrever para o colecionador, pensei que houvesse uma tradição similar aqui, mas nada encontrei. Tudo o que vi era de baixo nível, trabalho de escritores de segunda classe. Nenhum bom escritor jamais fizera qualquer tentativa para usar a linguagem erótica.

Contei a George Barker como Caresse Crosby, Robert, Virginia Admiral e outros estavam escrevendo. Aquilo agradou ao seu senso de humor, ou seja, a idéia de eu ser a madame daquela casa literária de prostituição de que a vulgaridade era excluída. Rindo, eu expliquei: — Eu dou o papel e o carbono, remeto o original anonimamente e protejo o bom nome de todos.

George Barker considerou que era uma solução muito mais bem-humorada e criativa que implorar, pedir emprestado ou fazer os amigos pagarem nossas refeições. Reuni poetas à minha volta e juntos escrevemos belas páginas eróticas. E como éramos condenados a nos concentrar apenas em sensualidade, tivemos violentas explosões de poesia. Escrever na linguagem sensual tornou-se mais uma estrada para a santidade que para o deboche.

Harvey Breit, Robert Duncan, George Barker, Caresse Grosby, todos nós concentramos nossos talentos em um tour de/orce, supYindo o velho com tal abundância de perversa felicidade que ele passou a nos implorar por mais.

Os homossexuais escreviam como se fossem mulheres. Os tímidos escreviam sobre orgias. Os frígidos, sobre êxtases frenéticos. Os mais poéticos abandonavam-se à total bestialidade; e os mais puros, a incríveis perversões. Éramos perseguidos pelas histórias maravilhosas que não podíamos contar. Sentávamos em círculo, imaginávamos o velho, falávamos sobre quanto o odiávamos porque ele não permitia que fundíssemos sexualidade com sentimento, sensualidade com emoção.

(Dezembro, 1941) George Barker estava em uma penúria terrível. Quis escrever mais histórias lascivas. Escreveu oitenta e cinco laudas. O colecionador as julgou por demais surrealistas. Eu as adorei. Suas cenas de amor eram desordenadas e fantásticas. Amor entre trapézios.

Ele bebeu seu primeiro lucro e eu não pude emprestar-lhe mais que papel e carbono. George Barker, o excelente poeta inglês, escrevia sobre erotismo para beber, tal como Utrillo pintara por uma garrafa de vinho. Comecei a pensar a respeito do velho que odiávamos. Decidi escrever-lhe diretamente, falar-lhe a respeito de nossos sentimentos.

“Caro Colecionador, nós odiamos você. O sexo perde todo o seu poder e sua magia quando se torna explícito, mecânico, exagerado, quando se torna uma obsessão mecanizada. Fica enfadonho. Você nos ensinou mais do que qualquer outra pessoa que eu conheça como é errado não misturar sexo com emoção, fome, desejo, luxúria, caprichos, laços pessoais, relações mais profundas que modificam sua cor, seu gosto, seu ritmo e sua intensidade.

Você não sabe o que está perdendo com seu exame microscópico da atividade sexual a ponto de excluir aspectos que são o combustível que lhe ateiam fogo. Intelectual, imaginativo, romântico, emocional.

É isso que dá ao sexo sua tessitura surpreendente, suas transformações sutis, seus elementos afrodisíacos. Você está reduzindo seu mundo de sensações, matando-o de fome, drenando seu sangue.

Se você alimentar sua vida sexual com todas as excitações e aventuras que o amor injeta na sensualidade, será o homem mais potente do mundo. A fonte da potência sexual é a curiosidade, a paixão. Mas você está vendo sua pequena chama morrer asfixiada. O sexo não viceja na monotonia. Sem sentimento, invenções ou surpresas na cama. O sexo deve ser misturado com lágrimas, risos, palavras, promessas, cenas, ciúme, inveja, todos os condimentos do medo, da viagem ao estrangeiro, novos rostos, romances, histórias, sonhos, fantasias, música, dança, ópio, vinho.

Quanto você perde por usar esse periscópio em tão pequena parte de uma coisa tão grande, quando poderia desfrutar um harém de maravilhas diferentes e jamais repetidas? Não há um fio de cabelo igual ao outro, mas você nunca permitirá que desperdicemos palavras com a descrição de um cabelo; não há dois odores iguais, mas se nos expandirmos sobre isso você gritará para que cortemos a poesia. Não existem duas peles com a mesma textura, e nunca o mesmo tom, temperatura, sombras, jamais o mesmo gesto; pois o amante, quando incendiado pelo verdadeiro amor, é capaz de percorrer a escala da sabedoria de muitos séculos. Quanta coisa, quantas variações de idade, de maturidade e inocência, de perversidade e arte...

Sentamo-nos juntos por horas e imaginamos como será você. Caso tenha fechado seus sentidos para a luz, a cor, o caráter, o temperamento, deve estar agora completamente paralisado. Há muitos sentidos menores, todos tributários do sexo, afluentes que o alimentam. Apenas o ritmo simultâneo do sexo e do amor pode criar o êxtase."

PÓS-ESCRITO

Naquele tempo em que estávamos todos escrevendo sobre erotismo a um dólar a página, dei-me conta de que por séculos tínhamos tido um único modelo para esse gênero literário, ou seja: trabalhos escritos por homens. Eu já era então consciente da diferença entre o tratamento masculino e o feminino para com a experiência sexual. Sabia que havia grande disparidade entre a clareza de Henry Miller e as minhas ambigüidades; entre sua visão do sexo, rabelaisiana e bem-humorada, e as minhas descrições poéticas de relações sexuais como apareciam nas partes não publicadas do diário.

Conforme escrevi no volume três do Diário, eu tinha a impressão de que a caixa de Pandora continha os mistérios da sensualidade feminina, tão diferente da do homem e para a qual a linguagem masculina era inadequada.

As mulheres, pensava eu, eram mais aptas a fundir sexo com emoção ou amor, assim como a se dedicar a um único homem em vez de se tornarem promíscuas. Isso se tornou evidente para mim à época em que eu escrevia os romances e o Diário, e ficou ainda mais claro quando comecei a lecionar. Embora a atitude das mulheres para com o sexo fosse bem diferente da dos homens, não tínhamos ainda aprendido a escrever sobre isso.

Nestas histórias eróticas eu escrevia para distrair o leitor, sob a pressão de um cliente que queria que eu "cortasse a poesia". Achei que meu estilo se derivava da leitura de trabalhos escritos por homens, e por esse motivo sempre julguei que houvesse comprometido meu eu feminino. Pus o erotismo de lado. Relendo as histórias muitos anos depois, vi que minha própria voz não tinha sido silenciada de todo. Em numerosas passagens eu usara intuitivamente uma linguagem de mulher, vendo a experiência sexual de um ponto de vista feminino. E, finalmente, decidi liberar os textos para publicação porque eles mostram os primeiros esforços de uma mulher em um mundo que sempre fora dominado pelos homens.

Se o Diário algum dia vier a ser publicado sem cortes, o ponto de vista feminino será estabelecido com mais clareza, demonstrando que as mulheres (e eu, no Diário) nunca separaram o sexo do sentimento, ou do amor do homem integral.

ANAIŠ NİŇ

O aventureiro húngaro

Era uma vez um aventureiro húngaro, dono de uma beleza estonteante, sedução infalível, graça, talento de um ator experiente, cultura, conhecimento de muitas línguas, maneiras aristocráticas. Por trás disso tudo havia uma grande capacidade para a intriga, para livrar-se de dificuldades e para entrar e sair com facilidade de qualquer país.

Ele viajava em grande estilo, com quinze arcas cheias das mais finas roupas e dois grandes cães dinamarqueses. Seu ar autoritário lhe granjeava o apelido de Barão. O Barão era visto nos mais luxuosos hotéis, em estâncias hidrominerais, corridas de cavalo, viagens ao redor do mundo, excursões ao Egito, viagens pelo deserto, safáris na África.

Aonde quer que ele fosse, era o centro de atração das mulheres. Como o mais versátil dos atores, passava de um papel para outro a fim de satisfazer o gosto de todas. Era o dançarino mais elegante, o mais animado dos convivas em um jantar, o mais decadentista dos anfitriões em tête-à-têtes; era capaz de velejar, montar, dirigir. Conhecia cada cidade como se tivesse morado nela toda a sua vida. Conhecia toda a sociedade. Era indispensável.

Quando precisava de dinheiro, casava-se com uma mulher rica, saqueava-a e partia para outro país. Nunca as mulheres se rebelavam contra ele ou se queixavam à polícia. As poucas semanas ou meses em que o tiveram como marido deixavam uma sensação mais forte do que o choque de perder o dinheiro. Por um instante tinham compreendido o que era viver com fortes asas, voando acima da cabeça dos mediócrs.

Ele as levava tão alto, fazia-as girar tão depressa em sua série de encantamentos, que em sua partida era como se houvesse algo semelhante a um voo. Parecia quase natural; nenhuma delas poderia seguir o Barão em seu voo de águia.

O aventureiro livre e incapturável, pulando assim de um ramo dourado para outro, quase caiu em uma armadilha de amor, quando uma noite conheceu uma bailarina brasileira chamada Anita em um teatro peruano. Os olhos amendoados de Anita não se fechavam como os das outras mulheres, e sim como os dos tigres, dos pumas e dos leopardos; as duas pálpebras se encontravam lenta e preguiçosamente; aqueles olhos pareciam implantados um tanto próximos do nariz, o que os fazia estreitos, com um jeito lascivo e oblíquo, como o olhar de uma mulher que não deseja ver o que está sendo feito de seu corpo. Tudo isso lhe dava o ar de uma criatura com quem estivessem fazendo amor, o que excitou o Barão ao conhecê-la.

Quando ele foi vê-la no camarim, Anita estava se preparando entre uma profusão de flores; e para a delícia dos admiradores que se achavam sentados à sua volta, pintava seu sexo com um batom, sem permitir que fizessem qualquer

gesto em sua direção.

Com a entrada do Barão, ela limitou-se a erguer a cabeça e a sorrir para ele. Tinha um pé sobre uma mesinha, e seu requintado vestido brasileiro estava erguido; com as mãos cheias de anéis ela voltou à pintura, rindo da excitação dos homens que a cercavam.

Seu sexo era como uma gigantesca flor de estufa, maior do que qualquer um que o Barão já tinha visto, envolto por pêlos abundantes e crespos, lustrosos e negros. Eram os lábios que ela pintava como se fossem uma boca, com todo o cuidado até que ficaram semelhantes a camélias vermelho-sangue, abertos à força, mostrando o botão inferior fechado, o coração mais pálido, de fina pele de flor.

O Barão não conseguia persuadi-la a ir cear com ele. A aparição de Anita no palco era apenas o prelúdio de seu trabalho no teatro. Seguia-se depois o espetáculo pelo qual era famosa em toda a América do Sul, com os camarotes às escuras e de cortinas semicerradas cheios de homens da sociedade vindos de todas as partes do mundo. Não se levavam mulheres a esse espetáculo burlesco de alta classe.

Anita se vestira de novo; pusera um vestido de saia rodada que usava em cena para suas canções brasileiras, mas sem o xale. A parte superior não tinha alças, e seus seios ricos e abundantes, comprimidos pela roupa de cintura apertada, precipitavam-se para cima, oferecendo-se quase que por inteiro ao olhar de todos.

Enquanto o resto do espetáculo prosseguia, ela circulou pelos camarotes nesse traje. Diante de um deles, a pedido, ajoelhou-se à frente de um homem, desabotoou suas calças, tomou-lhe o pênis entre suas mãos cheias de anéis, e com uma destreza, uma perícia, uma sutileza que poucas mulheres jamais haviam conseguido desenvolver, chupou-o até que o homem ficasse satisfeito. Suas mãos eram tão ativas quanto sua boca. A excitação era tanta que quase fazia os homens perderem os sentidos. A habilidade de suas mãos; a variedade de ritmos; a mudança de um aperto firme no pênis inteiro para o mais leve toque em sua extremidade, de uma vigorosa massagem em todas as partes com um quase imperceptível puxão nos pêlos, à volta — tudo isso feito por uma mulher excepcionalmente bela e voluptuosa, enquanto a atenção do público estava voltada para o palco. Ver o pênis entrar em sua boca magnífica por entre os dentes cintilantes, enquanto seus seios arfavam, dava aos homens um prazer pelo qual pagavam generosamente.

A presença de Anita no palco os preparava para sua aparição nos camarotes. Ela os provocava com a boca, com os olhos, com os seios. E chegarem ao clímax juntamente com a música, as luzes e as canções, em um camarote escuro, com as cortinas semicerradas e situado em um plano superior ao da platéia, era uma forma de diversão excepcionalmente excitante.

O Barão quase se apaixonou por Anita e ficou em sua companhia por mais tempo do que com qualquer outra mulher.

Ela apaixonou-se por ele e lhe deu duas filhas.

Mas poucos anos depois ele partiu mais uma vez. O hábito era demasiado forte; o hábito de liberdade e mudança.

Ele foi para Roma e alugou no Grand Hotel uma suíte que, por acaso, situava-se ao lado do apartamento do embaixador espanhol, que lá morava com a mulher e duas filhas. O Barão encantou a todos. A mulher do embaixador o admirava.

Ficaram muito amigos, e ele era tão agradável às crianças, que não sabiam como se distrair naquele hotel, que logo ambas adquiriram o hábito de ir visitá-lo de manhã bem cedo a fim de acordá-lo com risos e brincadeiras, o que não era permitido fazer com os pais, bem mais solenes.

Uma das garotas tinha cerca de dez anos; a outra, doze. Eram bonitas, tinham grandes olhos negros e aveludados, cabelos compridos e sedosos, e pele dourada. Usavam vestidos brancos curtos e meias também brancas. Com agudos gritinhos as duas garotas entravam correndo no quarto do Barão e se atiravam em sua imensa cama. Ele brincava com elas e as acariciava.

É que o Barão, como muitos homens, sempre despertava com o pênis em um estado particularmente sensível. Na verdade, ele se sentia muito vulnerável. Não tinha tempo de se levantar e acalmar sua condição urinando. Antes que pudesse fazê-lo, as crianças já tinham cruzado correndo o soalho lustroso e se atirado sobre ele e sobre seu pênis proeminente, que de certa forma o grande acolchoado azul-claro conseguia ocultar.

As duas meninas não se importavam com o fato de suas saias ficarem totalmente levantadas e com o modo como suas esbeltas pernas de dançarina se trançavam e pressionavam o pênis dele, intumescido sob a coberta. Rindo, rolavam sobre o Barão, sentavam-se em cima dele, montavam-no e o tratavam como se fosse um cavalo, instando para que ele balançasse a cama com um movimento de seu corpo. Além disso, beijavam-no, puxavam seus cabelos e mantinham com ele conversas infantis. O prazer do Barão em ser tratado assim crescia tanto que se transformava em suspense excruciante.

Com uma das garotas deitada de bruços, tudo o que ele tinha a fazer era mover-se um pouco contra ela para alcançar seu prazer. E ele assim o fez brincando, como se sua intenção fosse empurrá-la para fora da cama. E disse: — Aposto como você cairá se eu a empurrar.

— Eu não caio — retrucou a menina, agarrando-se ao Barão por cima das cobertas enquanto ele se movia como se fosse forçá-la a rolar para fora da cama.

Rindo, ele se ergueu um pouco, mas ela continuou deitada e colada a seu corpo, com suas pequenas pernas, suas calcinhas, se esfregando nele,

esforçando-se para não escorregar; o Barão deu seguimento à brincadeira enquanto riam. A outra menina, querendo equilibrar o jogo, montou a cavalo nele, em frente à irmã, o que permitiu que ele pudesse se mexer com selvagem liberdade. Seu pênis, oculto pela grossa coberta, ergueu-se vezes sem conta por entre as pequenas pernas, e foi assim que ele gozou, com uma força que raramente conhecera, dando-se como perdedor na batalha que as duas meninas tinham vencido de um modo de que jamais suspeitariam.

De outra feita, quando elas foram brincar com o Barão, ele pôs suas mãos sob a coberta. Depois ergueu o indicador e desafiou-as a pegá-lo. Assim, com grande animação, elas se puseram a caçar seu dedo — que desaparecia e reaparecia em diferentes partes da cama —, agarrando-o firmemente. Em pouco tempo não era mais o dedo e sim o pênis que as duas pegavam repetidas vezes, e quando tentava libertá-lo, o Barão obrigava-as a agarrá-lo com mais força ainda. Fazia-o desaparecer completamente sob as cobertas e depois, pegando-o com a mão, jogava-o para cima a fim de que elas o pegassem.

O Barão também fingia que era um animal que tentava agarrá-las e mordê-las, às vezes bem perto dos lugares onde realmente o desejava fazer, e elas gostavam muito disso. Com o "animal" elas também brincavam de esconder. O "animal" queria lançar-se sobre elas de algum canto escondido. Ele se ocultava em um armário e se cobria de roupas. Uma das meninas abria a porta. Ele podia ver através do tecido; agarrava-a e a mordia de brincadeira nas coxas.

Tão quentes eram os jogos, tão grandes eram a confusão da batalha e o abandono das duas garotinhas na brincadeira, que com muita frequência a mão dele passava por todas as partes que queria apalpar.

Um dia o Barão acabou por se mudar de novo, mas seus vãos no trapézio da fortuna foram se deteriorando à medida que seu impulso sexual foi se tornando mais forte que sua ânsia de dinheiro e poder. Era como se a força de seu desejo por mulheres não mais pudesse ser controlada. Ele se mostrava ansioso por se livrar de suas esposas para que pudesse prosseguir em sua busca de sensações pelo mundo afora.

Um dia soube que a bailarina brasileira a quem havia amado tinha morrido de uma dose excessiva de ópio. Suas filhas já estavam com quinze e dezesseis anos respectivamente e queriam que ele tomasse conta delas. O Barão mandou buscá-las.

Estava vivendo então em Nova York com uma mulher de quem tivera um filho. A mulher não ficou satisfeita com a notícia da chegada das filhas do Barão. Sentia ciúme pelo filho, então com apenas catorze anos. Depois de tantas aventuras, o Barão desejava um lar e descanso de tantas dificuldades e farsas. Tinha uma mulher de quem podia dizer que gostava e três filhos.

A idéia de estar de novo com as filhas o interessou. Recebeu-as com grandes demonstrações de afeto. Uma era linda; a outra menos bonita, mas muito

interessante. Ambas tinham sido criadas testemunhando a vida que a mãe levava e não eram pudicas nem reprimidas.

A beleza do pai as impressionou. Por sua vez ele recordou as brincadeiras com as duas meninas de Roma, porém suas filhas eram um pouco mais velhas, o que adicionava grande atrativo à situação.

Uma grande cama foi destinada às duas mocinhas, e mais tarde, quando elas ainda estavam falando da viagem e do reencontro com o pai, ele entrou para lhes dizer boa-noite. Deitou-se ao lado delas e beijou-as. Elas retribuíram seus beijos. Mas quando ele as beijou de novo, correu as mãos pelo seu corpo, que podia sentir através da camisola.

As carícias agradaram às duas. E o Barão disse:

Vocês. — Como vocês são bonitas! Estou muito orgulhoso de vocês. Não posso deixar que durmam sozinhas. Faz muito tempo não as vejo.

Segurando-as paternalmente, com as duas cabeças sobre o peito, acariciando-as protetoramente, ele deixou que dormissem, ladeando-o. Aqueles corpos jovens, com pequenos seios ainda em formação, o afetaram tanto que ele não pôde dormir. Afagou uma e depois a outra, mas após algum tempo seu desejo se tornou tão violento que ele acordou uma e começou a forçá-la. A outra também não lhe escapou. Elas resistiram e choraram um pouco, mas já tinham visto tantas coisas durante o tempo em que viveram com a mãe que não se rebelaram contra o pai.

No entanto, não se tratou de um caso comum de incesto, porque a fúria sexual do Barão crescia cada vez mais e se tornara uma obsessão. Gozar com elas não o libertava, não o acalmava. Saía da companhia das filhas e ia fazer amor com a mulher. Era como um excitante.

Com receio de que as filhas o abandonassem e fugissem, o Barão passou a espioná-las e praticamente as aprisionou.

Sua mulher acabou por descobrir e fez cenas violentas. Mas o Barão mais parecia um louco. Não se importava mais com suas roupas, sua elegância, suas aventuras, sua fortuna. Ficava em casa e só pensava no momento em que pegaria as filhas juntas. Ensinará-lhes todas as carícias imagináveis. Elas aprenderam a se beijar em sua presença até que ele se excitasse bastante para possuí-las.

Mas sua obsessão, seus excessos, começaram a pesar sobre elas. A mulher acabou por desertar.

Uma noite, após ter deixado as filhas, ficou vagueando pelo apartamento, ainda uma presa de seu desejo, de suas febris fantasias eróticas. Tinha exaurido as garotas, que caíram no sono. Porém seu desejo o atormentava de novo. Estava cego por ele. Abriu a porta do quarto do filho. O garoto estava dormindo calmamente, de barriga para cima, a boca ligeiramente aberta. O Barão o observou, fascinado. Seu pênis tumefacto continuava a atormentá-lo. Ele

apanhou um tamborete e colocou-o junto da cama. Ajoelhou-se nele e inseriu o pênis na boca do filho, que acordou engasgado e o golpeou. As garotas também acordaram.

A rebelião dos três contra a loucura do pai os empolgou, e eles abandonaram o desvairado e velho Barão.

Mathilde

Mathilde era uma chapeleira de Paris e mal havia completado vinte anos quando foi seduzida pelo Barão. Embora o romance não tivesse durado mais que duas semanas, sua filosofia de vida a contagiara e adotara seu modo de fugir a passos largos dos problemas. Uma coisa que o Barão lhe dissera certa noite, casualmente, a deixara intrigada: que as mulheres parisienses eram altamente valorizadas na América do Sul em virtude de sua perícia nas questões de amor, de sua vivacidade e sabedoria, o que fazia grande contraste com a maioria das mulheres sul-americanas, que ainda cultivam uma tradição de obediência e se colocam em segundo plano; isso lhes enfraquece a personalidade e possivelmente se deve à relutância dos maridos daquele continente em fazerem de suas esposas amantes.

Tal como o Barão, Mathilde tinha desenvolvido uma fórmula para levar a vida desempenhando uma série de papéis; para isso, bastava dizer ao espelho, enquanto pela manhã escovava os louros cabelos: — Hoje eu quero ser tal pessoa.

Um dia ela decidiu que seria uma elegantíssima representante de uma modista parisiense muito conhecida e que iria para o Peru. Portanto, foi preciso apenas que vivesse seu papel. Assim, vestiu-se com apuro, apresentou-se com extraordinária segurança na casa de modas, foi contratada e recebeu uma passagem marítima para Lima.

A bordo do navio, comportou-se como uma missionária francesa da elegância. Seu talento inato para reconhecer bons vinhos, bons perfumes e boas roupas a marcou como uma dama refinada. Seu paladar era o de um gourmet.

Mathilde tinha aptidão especial para bem viver o papel que escolhera. Ria o tempo todo, fosse o que fosse que lhe acontecesse. Quando sumiu uma valise, ela riu. Quando lhe pisaram o pé, também riu.

Foi seu riso que atraiu o representante da Spanish Line, Dai-vedo, que a convidou para jantar à mesa do comandante.

Dalvedo era uma figura agradável em seu traje de noite, com a pose de um comandante e com muitas histórias para contar.

Na noite subsequente ao jantar, ele a levou a um baile. Sabia muito bem que a viagem era curta demais para o tempo normal de namoro, e por isso se pôs a louvar, de imediato, uma pequena verruga que Mathilde tinha no queixo. A meia-noite perguntou se ela gostava de fruta de cacto. Ela nunca provara essa fruta. Ele disse que tinha algumas em seu camarote.

Mathilde desejava aumentar seu valor pela resistência, e estava em guarda quando entraram no aposento. Sempre conseguira se livrar com facilidade das mãos audaciosas dos homens quando ia ao mercado, bem como das palmadinhas que os maridos de suas clientes lhe davam às escondidas, dos beliscões no bico

dos seios aplicados pelos amigos que a levavam ao cinema. Nada disso a excitava. Mathilde tinha uma idéia vaga mas persistente sobre o que a excitaria. Queria que lhe fizessem a corte usando uma linguagem misteriosa, o que fora determinado pela sua primeira aventura, quando tinha dezesseis anos.

Um escritor, que era uma celebridade em Paris, entrara um dia em sua loja. Não estava procurando um chapéu. Perguntou-lhe se vendia umas flores luminosas de que tinha ouvido falar, flores que brilhavam no escuro. Ele as queria, explicou, para uma mulher que brilhava no escuro. Era capaz de jurar que, quando a levava ao teatro e ela se recostava na cadeira do camarote às escuras, sua pele era tão luminosa quanto uma finíssima concha marinha, com um suave brilho cor-de-rosa. E ele queria as flores para que ela as usasse nos cabelos.

Mathilde não tinha as flores. Mas assim que o homem saiu, foi se olhar ao espelho. Aquele era o tipo de sentimento que desejava inspirar. Será que poderia? Seu brilho não era daquele tipo. Ela era mais como fogo do que como luz. Seus olhos eram ardentes, cor de violeta. O cabelo era pintado de louro, mas irradiava uma sombra de cobre à sua volta. Sua pele também tinha um tom acobreado, uma pele firme e sem nada de transparente. O corpo enchia o vestido com generosidade.

Não usava modelador, mas a forma de seu corpo era igual à das mulheres que o usavam. Quando se arqueava para trás, os seios se projetavam para a frente e as nádegas ficavam mais altas.

O homem voltou. Mas dessa vez não desejava comprar nada. Ficou parado olhando para ela, o rosto comprido e finamente esculpido, sorridente, os gestos elegantes transformando o ato de acender um cigarro em um ritual, e disse: — Desta vez eu voltei para ver você.

O coração de Mathilde bateu tão depressa que ela sentiu ser aquele o momento esperado havia tantos anos. Quase ficou na ponta dos pés para ouvir o resto de suas palavras. Era como se fosse a mulher luminosa sentada no camarote escuro recebendo as insólitas flores. Mas o simpático escritor grisalho disse com voz aristocrática: — Assim que vi você, meu membro ficou duro dentro das minhas calças.

A crueza daquelas palavras foi como um insulto. Ela enrubesceu e o esbofeteou.

A cena foi repetida diversas ocasiões. Mathilde descobriu que, quando aparecia, os homens geralmente ficavam sem fala, privados de qualquer inclinação para um namoro romântico. Palavras como aquelas eram pronunciadas assim que a viam. O efeito produzido por Mathilde era tão direto que eles eram capazes apenas de exprimir sua perturbação física. Em vez de considerar isso um tributo, ela se magoava profundamente.

Encontrava-se, então, no camarote com Dalvedo, o gentil espanhol. Ele

descascava frutos de cacto para ela, e falava.

Mathilde foi recuperando a autoconfiança. Seu vestido de noite era de veludo vermelho. Ela se sentou sobre o braço de uma poltrona.

Mas a tarefa de descascar as frutas foi interrompida. Dalvedo levantou-se e disse: — Essa verruguinha que você tem no queixo é incrivelmente sedutora.

Mathilde pensou que ele fosse beijá-la. Mas ele não o fez. Desabotoou as calças rapidamente, puxou o pênis para fora e, com o gesto de um apache para uma mulher das ruas, disse: — Ajoelhe-se.

Mais uma vez Mathilde teve de dar uma bofetada, após o que correu para a porta.

— Não vá — implorou ele —, você me deixa louco. Olhe só o estado em que me deixou. Fiquei assim a noite toda enquanto estávamos dançando. Agora você não pode me abandonar.

Dalvedo tentou abraçá-la. Durante o tempo em que ela lutava para livrar-se, ele gozou em cima de seu vestido. Mathilde teve de se cobrir com a capa de noite para poder retornar ao próprio camarote.

Contudo, assim que chegou a Lima, conseguiu realizar seu sonho. Os homens se aproximavam com palavras rebuscadas, disfarçando as intenções com grande charme. Esse prelúdio ao ato sexual a satisfazia. Gostava de um pouco de incenso. E em Lima recebia muito incenso; fazia parte do ritual. Era colocada sobre um pedestal de poesia, de modo que quando caía subjugada pelo abraço final, mais parecia um milagre. Vendeu muito mais noites do que chapéus.

Naquele tempo, Lima era fortemente influenciada por sua grande população chinesa. Prevalencia o vício de fumar ópio.

Rapazes ricos andavam em bandos, de bordel em bordel; ou passavam as noites nos antros de fumantes de ópio, onde havia prostitutas disponíveis; ou então alugavam cômodos vazios em casas de zona de meretrício, onde podiam usar a droga em grupos e onde as prostitutas os visitavam.

Os rapazes gostavam de se encontrar com Mathilde. Ela transformou sua loja em um boudoir, cheio de espreguiçadeiras, rendas, cetins, cortinas e almofadas. Martínez, um aristocrata peruano, a iniciou no ópio. E ele levava seus amigos até lá para fumar. As vezes passavam dois ou três dias perdidos para o mundo, para sua família. As cortinas eram mantidas cerradas. A atmosfera era velada, calma. O ópio os fazia mais voluptuosos que sensuais. Podiam passar horas acariciando as pernas de Mathilde. Um deles talvez segurasse um de seus seios, outro concentraria os beijos na carne macia de seu pescoço, encostando apenas os lábios, porque o ópio ampliava cada sensação.

Mathilde se deixava ficar nua, deitada no chão. Todos os movimentos eram vagarosos. Os três ou quatro homens ficavam deitados por entre as almofadas. Preguiçosamente, um dedo procurava seu sexo, entrava e ficava entre os lábios

da vulva, sem se mexer. Outra mão depois se mexia, contentando-se com os círculos em torno do sexo, procurando o outro orifício.

Um homem oferecia-lhe o pênis, bem junto à boca. Ela o chupava lentamente, cada toque magnificado pela droga.

Depois ficavam quietos por horas, sonhando.

Imagens eróticas se formariam de novo. Martínez via o corpo de uma mulher, estendido, sem cabeça, com os seios de uma balinesa, o ventre de uma africana, as nádegas altas de uma negra; tudo isso se confundia em uma imagem de carne móvel, uma carne que parecia ser feita de elástico. Os seios rijos inchavam na direção de sua boca, e a mão de Martínez se adiantava para eles; mas então eram as outras partes do corpo que se expandiam, tornavam-se proeminentes, pairavam sobre o corpo dele. As pernas se abriam de modo inumano, impossível, como se tivessem sido cortadas da mulher, para deixar o sexo exposto, aberto, como se alguém tivesse apanhado uma tulipa, abrindo-a completamente à força.

O sexo também era móvel, como borracha esticada por mãos invisíveis, mãos curiosas que desejavam despedaçar o corpo para chegar a seu interior. Depois as nádegas se voltavam totalmente para ele e começavam a perder a forma. Cada movimento tendia a abrir por completo o corpo, visando rasgá-lo. Martínez ficava furioso porque outras mãos manipulavam aquele corpo. Levantava um pouco o tronco, procurava o seio de Mathilde, e se visse a mão de alguém sobre ele, ou uma boca chupando-o, procuraria seu ventre, como se aquele ainda fosse a imagem que o assombrara no sonho provocado pelo ópio; inclinando-se um pouco, ele a beijava entre as pernas abertas.

O prazer de Mathilde ao acariciar os homens era tão grande, e as mãos deles passando em seu corpo a agradavam de modo tão completo, tão contínuo, que ela raramente tinha um orgasmo. Só se dava conta disso depois que os homens partiam. Acordava dos sonhos de ópio com o corpo ainda inquieto.

Lixava e pintava as unhas, fazia um traje requintado para futuras ocasiões, escovava os cabelos louros. Sentada ao sol, pintava os pêlos púbicos com pequenos chumaços de algodão, querendo-os tão louros quanto seus cabelos.

Sozinha, via-se perseguida pela lembrança daquelas mãos que acariciavam seu corpo. Podia sentir então uma sob o braço, escorregando para a cintura. Lembrou-se de Martínez, de seu jeito de abrir seu sexo como se fosse uma flor, de sua língua rápida, cobrindo a distância dos pêlos púbicos às nádegas, terminando na covinha que Mathilde tinha na base da coluna. Como ele adorava aquela covinha, de onde seus dedos e sua língua seguiam para baixo, desaparecendo entre os dois abundantes montes de carne.

Pensando em Martínez, Mathilde sentiu-se arrebatada de paixão. Não podia esperar pelo seu retorno. Abaixou os olhos para as pernas. De tanto viver dentro de casa elas estavam muito brancas, fascinantes, com o tom branco de giz da

pele das mulheres chinesas, a palidez mórbida de estufa que os homens, particularmente os peruanos de pele escura, tanto gostavam.

Olhou para seu ventre sem defeitos, sem uma única linha que não devesse estar presente. Os pêlos púbicos, ruivos, cintilavam ao sol.

"Como ele me vê?", perguntou-se ela. Levantou-se e pegou um espelho comprido que colocou no chão, encostado a uma cadeira. Sentou-se então diante do espelho e abriu lentamente as pernas. A visão que teve foi encantadora. A pele era imaculada; a vulva, rósea e cheia. Pensou nela como a folha da seringueira com seu leite secreto que poderia ser produzido pela pressão de um dedo, o líquido oloroso que vinha como o que se desprende das conchas do mar. Assim tinha nascido Vênus do oceano, com aquela pequena semente de salgado mel dentro de si; apenas carícias poderiam revelar os ocultos segredos de seu corpo.

Mathilde perguntou-se se seria capaz de retirar o seu favo de mel do esconderijo misterioso. Com os dedos, abriu os pequenos lábios da vulva e se pôs a acariciá-la com felina suavidade. Para a frente e para trás, como Martínez fazia com seus dedos escuros e nervosos. Lembrou-se do contraste dos dedos morenos dele com sua pele clara, a pele grossa representando mais uma promessa de dor do que de prazer. Mas como seu toque era delicado, como ele retinha a vulva entre os dedos, como se estivesse segurando veludo! Ela o imitou, com o dedo indicador e o polegar. Com a outra mão continuou as carícias. E teve a mesma sensação maravilhosa de que ia se dissolver. De algum lugar surgia um líquido salgado, cobrindo os lados de seu sexo, que brilhava no centro.

Mathilde quis saber então qual sua aparência quando Martínez mandava que se virasse. Deitou-se sobre seu lado esquerdo e expôs a bunda ao espelho. Podia ver, assim, seu sexo de outro ângulo. Moveu-se como se movia para Martínez. Viu sua própria mão aparecer sobre a colina formada pelas nádegas, que ela começou a esfregar. A outra mão passou por entre as pernas e apareceu no espelho, vinda por trás. E foi essa mão que esfregou seu sexo para trás e para a frente. Ela introduziu o dedo indicador na vagina e começou a se esfregar de encontro a ele. Tomada pelo desejo de ser assaltada pelos dois lados, inseriu o outro indicador no orifício anal. Quando balançava o corpo para a frente, sentia o dedo enfiado no sexo, e quando recuava, sentia o outro dedo, como sucedia nas vezes em que Martínez e algum amigo a acariciavam ao mesmo tempo. A aproximação do orgasmo excitou-a mais ainda e seus gestos passaram a ser convulsivos, como que para arrancar a última fruta de um galho, puxando, puxando o galho para trazer tudo abaixo, num selvagem orgasmo, que veio enquanto ela se admirava ao espelho, vendo suas mãos se moverem, o mel brilhando, o sexo, as nádegas, tudo cintilando por entre as pernas.

Depois de acompanhar seus movimentos no espelho, ela compreendeu a história que lhe fora contada por um marinheiro a respeito dos marinheiros de seu navio, que tinham feito uma mulher de borracha para passar o tempo e

satisfazer seus desejos durante os seis ou sete meses que passavam em alto-mar. A boneca de borracha tinha sido feita com capricho e lhes dava uma ilusão perfeita. Os marinheiros a amavam. Levavam-na para a cama. Fora construída de tal modo que todos os orifícios podiam satisfazê-los.

Tinha a qualidade que um velho índio uma vez atribuiu a sua jovem esposa: logo depois do casamento, a esposa passou a ser amante de todos os rapazes que viviam na hacienda. O proprietário chamou o índio velho para informa-lo da conduta escandalosa da jovem esposa e lhe disse que tomasse conta dela melhor. O índio meneou a cabeça ceticamente e respondeu: "Bem, não sei por que devo me preocupar tanto. Minha mulher não é feita de sabão, não vai gastar".

O mesmo ocorria com a mulher de borracha. Os marinheiros a viam como incansável e submissa; uma companhia verdadeiramente maravilhosa. Não havia ciúme, não havia brigas entre eles, nada de possessividade. A mulher de borracha era muito amada. Mas apesar de sua inocência, de sua natureza dócil e boa, de sua generosidade, de seu silêncio, não obstante sua fidelidade para com os marinheiros, ela transmitiu sífilis a todos.

Mathilde riu quando se lembrou do jovem marinheiro peruano que lhe contara essa história, de como ele lhe descrevera o ato de deitar-se sobre a boneca que se assemelhava a um colchão de ar, e de como às vezes ela o derrubava por efeito de sua elasticidade. Mathilde se sentia exatamente como a mulher de borracha quando fumava ópio. Como era agradável a sensação de abandono total! Sua única ocupação era contar o dinheiro que os amigos lhe deixavam.

Um deles, Antonio, não parecia contente com o luxo de seu quarto. Vivia implorando que fosse visitá-lo. Ele era lutador profissional e parecia saber exatamente o que fazer para as mulheres trabalharem para sustentá-lo. Tinha a necessária elegância para fazê-las orgulhosas dele, o ar bem tratado do homem que não trabalha, ao mesmo tempo em que se podia sentir que seu jeito suave poderia se transformar em violência no momento necessário. A expressão de seus olhos lembrava um gato, que inspira desejos de carícias mas não ama ninguém, e acha que jamais deve corresponder aos impulsos que desperta. Antonio tinha uma amante com quem fazia bom par, que lhe era igual em força e vigor, capaz de resistir lascivamente a seus golpes; uma mulher que usava sua feminilidade com honra e que não exigia piedade dos homens; uma mulher de verdade que sabia ser uma boa luta algo maravilhoso, estimulante para o sangue (ao contrário da piedade, que só serve para enfraquece-lo), e que as melhores reconciliações só podem ocorrer após bom combate. Sabia que quando Antonio não se encontrava com ela estava com a francesa tomando ópio, mas não se importava com isso, como se não soubesse onde ele se achava.

Naquele instante ele acabara de escovar o bigode, satisfeito, e estava se preparando para um festim de ópio. A fim de acalmar sua amante, começou a

beliscá-la e a dar-lhe palmadas nas nádegas. Ela era uma mulher diferente, com um pouco de sangue africano nas veias. Seus seios eram mais altos do que os de qualquer outra mulher que ele jamais tivesse visto, implantados em uma linha quase paralela à do ombro, absolutamente redondos e grandes. Foram os seios que primeiro o atraíram. O fato de serem implantados de forma tão provocante, tão perto da boca, apontando para cima, despertara nele uma reação direta. Era como se o sexo dele tivesse uma afinidade peculiar com aqueles seios, pois assim que eles ficaram à mostra no prostíbulo onde a encontrara, seu pênis ergueu-se para desafiá-los em igualdade de condições.

Sentira o mesmo todas as vezes em que fora àquele lugar. Finalmente tirou a mulher de lá e passou a viver com ela. No princípio, só era capaz de fazer amor com aqueles seios. Eles o assombravam, o perseguiam. Quando introduzia o pênis em sua boca, os seios pareciam tudo observar com ciúme e gula; então Antonio deitava sobre eles fazendo-os apertar seu pênis.

Os bicos eram grandes e ficavam túrgidos como semente de fruta em sua boca.

Excitada com suas carícias, sua amante ficava com a metade inferior do corpo completamente esquecida. As pernas tremiam, suplicando por violência, e seu sexo se abria, mas ele não lhe dava a menor atenção. Enchia a boca com os seios e repousava o pênis sobre eles; gostava de ver o esperma regando-os. O resto do corpo da mulher se contorcia no espaço, pernas e sexo se dobrando como uma folha ante cada carícia, espancando o ar até ela colocar lá as próprias mãos e se masturbar.

Naquela manhã, pouco antes de sair, ele repetiu as carícias. Mordeu os seios dela. Ela lhe ofereceu o sexo, mas Antonio não quis. Ela ajoelhou-se, pôs o pênis na boca. Esfregou os sexos nele. As vezes isso a fazia gozar, mas Antonio deixou-a e foi à casa de Mathilde. Encontrou a porta parcialmente aberta. Entrou com passos felinos, sem fazer qualquer ruído no tapete. Viu Mathilde ainda deitada no chão, diante do espelho. Ela estava apoiada nas mãos e nos joelhos, olhando sua imagem por entre as pernas.

— Não se mexa, Mathilde — disse ele. — Aí está uma pose de que eu gosto.

Antonio se agachou sobre ela como um gato gigantesco e seu pênis penetrou-a. Deu-lhe o que não dava à amante. Finalmente, o peso dele derrubou-a, fazendo-a se estirar no tapete. Então ele ergueu-lhe a bunda com ambas as mãos e caiu sobre ela repetidas vezes. Seu pênis parecia feito de ferro quente. Era comprido e estreito, e ele o movia em todas as direções, arremessando-o dentro dela com uma agilidade que Mathilde nunca vira. Acelerando ainda mais seus movimentos, ele disse com a voz rouca: — Vamos agora, vamos agora, vamos, estou mandando. Dê tudo para mim agora. Me dê tudo. Como você nunca deu.

Entregue-se agora!

Ao ouvir essas palavras, ela começou a se lançar com violência contra ele, e sobreveio o orgasmo como um raio que os atingisse simultaneamente.

Os outros amigos os encontraram ainda abraçados, deitados no tapete. Riram quando perceberam o espelho, que a tudo testemunhara. Começaram a preparar os cachimbos de ópio. Mathilde sentia-se lânguida. Martínez começou a ter sonhos com mulheres abertas. Antonio reteve a ereção e pediu a Mathilde que se sentasse sobre ele, ao que ela obedeceu.

Quando os cachimbos de ópio se apagaram e todos, menos Antonio, haviam saído, ele repetiu o pedido para que Mathilde o acompanhasse a seu retiro especial. Ela ainda ardia toda por dentro e cedeu, ansiosa por estar com ele e repetir a relação sexual.

Caminharam em silêncio pelas ruas estreitas do bairro chinês. Mulheres vindas de todas as partes do mundo sorriam para eles por trás de janelas abertas, e as que estavam em pé nos portais os convidavam a entrar. Da rua se podiam ver alguns quartos. Apenas uma cortina ocultava as camas. Podiam-se ver casais abraçados. Havia mulheres sírias envergando costumes nativos. Mulheres árabes com o corpo seminu coberto de jóias, japonesas e chinesas acenando dissimuladamente, grandes mulheres africanas de cócoras, em círculos, conversando. Havia uma casa cheia de prostitutas francesas que usavam curtas camisas cor-de-rosa; elas tricotavam e costuravam como se estivessem em seu lar. As francesas sempre saudavam os transeuntes com promessas de suas especialidades.

As casas eram pequenas, mal iluminadas, empoeiradas, enfumaçadas, cheias de vozes tristes, de murmúrios de bêbados, de sons do amor. As chinesas, com seu gosto por decoração, tornavam tudo mais confuso com biombos e cortinas, lanternas, incenso, budas de ouro. Uma confusão de enfeites, flores de papel, pinturas em seda e tapetes, com mulheres de aspecto tão diversificado quanto os desenhos e as cores, que convidavam os homens que passavam para dormir com elas.

Era naquele bairro que Antonio tinha seu refúgio. Ele subiu com Mathilde a escada velha e mal-conservada, abriu uma porta que já estava caindo aos pedaços e a fez entrar. Não havia qualquer mobília no cômodo. Somente um tapete chinês, sobre o qual se achava um homem esfarrapado, esquelético e com um ar tão doentio que Mathilde recuou.

— Oh, você está aqui — disse Antonio, irritado.

— Não tinha para onde ir.

— Você sabe que não pode ficar aqui. A polícia o procura.

— Eu sei.

— Foi você quem roubou aquela cocaína, não foi? Vi logo que só podia ter sido você.

— Fui eu — concordou o homem, sonolento, indiferente.

Mathilde viu então que o corpo do infeliz estava coberto de arranhões e de pequenas feridas. Ele ergueu-se com esforço e se sentou. Em uma das mãos tinha uma ampola e na outra, uma caneta-tinteiro e um canivete.

Ela o observou, horrorizada. Ele quebrou a parte superior da ampola com um dedo, jogando longe os fragmentos. Depois, em vez de usar uma seringa hipodérmica, mergulhou a caneta-tinteiro na ampola e puxou o líquido. Com o canivete, fez um corte no braço que já estava coberto de feridas antigas e outras recentes; nesse corte mergulhou a pena da caneta e empurrou a cocaína para dentro da própria carne.

— Ele é pobre demais para conseguir uma seringa — explicou Antonio. — E eu não lhe dei dinheiro porque pensei que assim seria capaz de impedir que roubasse essas coisas. Mas aí está o que consegui.

Mathilde quis sair. Mas Antonio não deixou. Quis que ela tomasse cocaína com ele. O homem andrajoso deitou-se de costas, os olhos fechados. Antonio apanhou uma seringa e fez uma injeção em Mathilde.

Os dois se deitaram no chão; Mathilde sentiu-se tomada por uma tonteira invencível. Antonio lhe disse: — Você está se sentindo como morta, não é?

Era como se lhe tivessem dado éter. A voz dele parecia estar vindo de muito longe. Ela fez um gesto indicando que achava que ia desmaiar.

— Isso passa.

Começou então o pesadelo. Muito longe estava a figura do homem prostrado, deitado de costas na esteira; mais perto se encontrava Antonio, muito grande e escuro. Ele pegou o canivete e se inclinou sobre Mathilde. Ela sentiu seu pênis penetrá-la, e foi bom e agradável; moveu-se devagar, relaxada e irremovivelmente. O pênis foi retirado. Ela o sentiu pulsando fora da sedosa umidade que tinha entre as pernas, mas ainda não estava satisfeita e fez um movimento, como se quisesse prendê-lo.

O pesadelo prosseguiu; Antonio abria o canivete, inclinava-se sobre suas pernas abertas, tocava-a com a ponta do canivete, empurrando-o ligeiramente para dentro. Mathilde não sentia dor, não tinha energias para se mexer; era como se estivesse hipnotizada pela lâmina. Foi só então que se tornou totalmente consciente do que estava se passando, de que não se tratava de um pesadelo. Antonio estava admirando a ponta da lâmina, que se achava encostada em seu sexo. Ela gritou. A porta abriu-se. Era a polícia, que tinha vindo prender o ladrão de cocaína.

Mathilde foi salva do homem que tantas vezes atacara o orifício sexual de prostitutas, e que por essa razão jamais tocara a parte genital de sua amante. Tinha estado a salvo apenas enquanto vivera com ela, porque seus seios provocantes conservavam sua atenção desviada de seu sexo, a mórbida atração do que ele chamava de "pequeno talho das mulheres", e que tão violentamente se sentia tentado a alargar.

O internato

Esta é uma história da vida no Brasil há muitos anos, longe das cidades, onde ainda prevaleciam os costumes de um catolicismo muito rígido. Os meninos bem-nascidos eram mandados para internatos dirigidos por jesuítas, que persistiam nos severos hábitos da Idade Média. Os meninos dormiam em camas de madeira, levantavam-se de madrugada, iam à missa em jejum, confessavam-se todos os dias e eram observados e espionados constantemente. O ambiente era austero e opressor. Os padres faziam suas refeições à parte e criavam uma aura de santidade em torno de si. Seus gestos e seu modo de falar eram padronizados.

Entre os jesuítas, havia um com um pouco de sangue indígena, muito moreno, o rosto de um sátiro, orelhas enormes grudadas na cabeça, olhos penetrantes, boca de lábios moles sempre babando, cabelos grossos e cheiro de animal. Por baixo de sua batina castanha os meninos observavam com frequência uma protuberância que os mais moços não sabiam explicar e de que os mais velhos riam às escondidas. Essa protuberância aparecia inesperadamente e a qualquer instante: quando a classe lia o Dom Quixote ou Rabelais, ou às vezes quando ele meramente observava os meninos — e um deles em particular, o único louro da escola, com os olhos e a pele de uma garota.

O padre gostava de chamar esse menino e lhe mostrar os livros de sua coleção particular. Eram livros que continham reproduções da cerâmica inca com muitas figuras de homens de pé uns contra os outros. O menino fazia perguntas a que o velho padre tinha que responder arditamente. As vezes as figuras eram bem claras; um longo membro saía do meio de um homem e penetrava em outro, por trás.

Na confissão, esse padre atormentava os meninos com perguntas. Quanto mais inocentes parecessem ser, mais perguntas lhes fazia na escuridão do pequeno confessionário. Os meninos, ajoelhados, não podiam vê-lo, pois o padre estava sentado no escuro. Sua voz grave vinha através da tela de uma janelinha: — Você teve fantasias sensuais? Tentou imaginar uma mulher nua? Como se comporta à noite, na cama? Algum dia você já se apalhou? Já se acariciou? O que você faz de manhã, quando se levanta? Tem ereção? Já tentou olhar os outros meninos quando eles estão trocando de roupa? Ou na hora do banho?

Orientado por essas perguntas, o menino que não sabia nada logo aprendia o que era esperado dele. Os que sabiam sentiam prazer em contar cada detalhe de suas emoções e de seus sonhos. Certo menino sonhava todas as noites. Não sabia como eram as mulheres, como eram feitas. Mas tinha visto os índios fazerem amor com vicunhas, animais que se parecem com um mimoso veado. E sonhava que fazia amor com vicunhas, e acordava todo molhado manhã após manhã. O velho padre encorajava essas confissões. Impunha estranhas penitências. A um

garoto que se masturbava continuamente mandou que fosse à capela com ele, quando ninguém mais estava presente, e mergulhasse o pênis na água benta, para assim ser purificado.

Tal cerimônia foi realizada com grande sigilo, a noite.

Um dos meninos parecia um príncipe mouro com seu rosto escuro, feições nobres, porte aristocrático e um belo corpo tão macio que não aparecia um único osso, esbelto e polido como uma estátua. Esse menino se rebelava contra o uso de camisas de dormir. Estava acostumado a dormir nu e o camisolão o afrontava, o abafava. Assim, todas as noites ele se vestia como os companheiros e depois se despia às escondidas, sob as cobertas.

Não se passava uma noite sem que o velho jesuíta fizesse suas rondas, cuidando para que nenhum menino visitasse outro na cama, ou se masturbasse, ou ficasse conversando com o vizinho no escuro. Quando chegava à cama do indisciplinado, erguia sua cobertura lenta e cautelosamente para olhar seu corpo nu. Se o garoto acordava, ele o recriminava: — Vim ver se você estava dormindo de novo sem seu camisolão!

Mas se ele não acordava, o velho jesuíta se contentava em dirigir um longo olhar ao jovem e belo corpo.

Um dia, durante uma aula de anatomia, quando ele estava no tablado dos professores e o garoto louro que parecia uma menina se encontrava bem à sua frente, a protuberância que havia por baixo da batina se tornou evidente aos olhos de todos.

Ele perguntou ao menino louro: — Quantos ossos o homem tem no corpo?

O garoto respondeu meigamente: — Duzentos e oito.

Outra voz infantil veio do fundo da sala: — Mas o padre Dobo tem duzentos e nove!

Foi logo após esse incidente que os meninos foram levados a uma excursão botânica. Dez deles se perderam. Entre eles se encontrava o garoto louro. Eles foram parar em uma floresta, bem longe dos professores e do resto dos colegas. Sentaram-se para descansar e decidir que linha de ação deveriam tomar. Começaram a comer amoras. Como iniciou, ninguém soube, mas depois de algum tempo o menino louro foi jogado ao chão, despido, virado de bruços e os outros nove meninos passaram por cima dele, tratando-o como o fariam com uma prostituta, brutalmente. Os garotos experimentados meteram em seu ânus a fim de satisfazer seu desejo, enquanto os menos experientes se esfregaram em suas pernas, cuja pele era tão fina quanto a de uma mulher. Cuspiram nas mãos e esfregaram saliva nos pênis. O menino louro gritou, esperneou e chorou, mas os outros o seguraram e o usaram até que se saciaram.

O anel

No Peru os índios têm o costume de trocar anéis quando ficam noivos, anéis esses cuja posse é antiga na família. As vezes muitos deles têm a forma de uma corrente.

Um índio muito bonito apaixonou-se por uma peruana descendente de espanhóis, mas houve violenta oposição da parte da família da moça. Os índios eram considerados preguiçosos e degenerados e se dizia que geravam crianças fracas e instáveis, particularmente quando desposavam filhos de espanhóis.

Apesar da oposição, os dois jovens realizaram a cerimônia de noivado entre os amigos. O pai da moça apareceu durante a festa e disse que, se um dia encontrasse o índio usando o anel que a filha já lhe dera, o arrancaria do modo mais brutal possível, cortando-lhe o dedo, se necessário. O incidente estragou a festa. Todos foram para casa, e o jovem casal se separou com promessas de se ver secretamente.

Encontraram-se uma noite, após muitas dificuldades, e beijaram-se com ardor por longo tempo. A moça ficou excitada com os beijos do noivo. Ela estava pronta para se entregar, pois achava que aquele poderia ser o último instante deles juntos, visto que a cólera de seu pai crescia mais a cada dia. Mas o índio estava determinado a desposá-la, disposto a não possuí-la em segredo. Então ela notou que ele não trazia no dedo o anel que lhe dera. Seus olhos o interrogaram. Ele lhe disse ao ouvido: — Estou usando o anel, mas não onde possa ser visto, em um lugar onde ele me impedirá de possuí-la ou a qualquer outra mulher antes do casamento.

— Não compreendo — disse a moça. — Onde está o anel?

Ele pegou sua mão e colocou-a em um certo lugar, entre suas pernas. Primeiro, os dedos dela sentiram seu pênis, mas ele os guiou até que tocassem no anel, que estava enfiado na base do membro. Ao toque da mão da jovem, contudo, o pênis intumescceu e ele gritou em razão da dor terrível provocada pelo anel que entrara em sua carne.

A moça quase desmaiou, horrorizada. Era como se ele quisesse matar o desejo que sentia. Ao mesmo tempo, a idéia do pênis dele preso pelo seu anel a despertou sexualmente, e seu corpo ficou morno e sensível a toda sorte de fantasias eróticas.

Continuou a beijá-lo, mas ele suplicou que não o fizesse, porque aquilo lhe trazia uma dor cada vez maior.

Poucos dias depois, o índio se viu novamente em uma situação desesperadora, mas não conseguiu tirar o anel. Foi preciso chamar o médico, e o anel teve de ser serrado.

A moça procurou-o e se ofereceu para fugir com ele. Ele concordou com ela. Montaram em dois cavalos e viajaram a noite inteira até uma aldeia

próxima. Ele a escondeu em um quarto e saiu para arranjar trabalho em uma hacienda. Ela não saiu do quarto enquanto seu pai não se cansou de procurá-la. O rapaz que trabalhava como vigia noturno da cidadezinha era a única pessoa a ter conhecimento de sua presença. Ele tinha ajudado a escondê-la. De sua janela, a moça podia vê-lo caminhando de um lado para o outro, carregando as chaves das casas e gritando: — A noite está tranqüila e tudo está bem na aldeia.

Quando alguém chegava em casa tarde da noite, batia palmas e chamava o vigia. Então ele abria a porta da casa dessa pessoa. Enquanto o índio estava fora, trabalhando, o vigia e a mulher tagarelavam inocentemente.

Ele lhe falou sobre o crime que ocorrera recentemente na aldeia: os índios que deixavam a montanha e seu trabalho nas haciendas e desciam para a selva se tornavam selvagens e animais. Suas feições nobres adquiriam traços de bestial brutalidade.

Essa transformação ocorrera havia pouco tempo com um índio que fora o homem mais bonito da aldeia, um rapaz gracioso, quieto, com um humor estranho e reservada sensualidade. Ele descera para a floresta e se dedicara à caça. Depois retornou cheio de saudade, pobre e sem ter onde morar. Ninguém o reconheceu ou se lembrou dele.

Um dia ele pegou uma menininha na estrada e cortou suas partes íntimas com uma faca comprida usada para retirar a pele de animais. Não a violou, mas pegou a faca e a enfiou em seu sexo. Toda a aldeia ficou tumultuada. Não podiam decidir como puni-lo. Então resolveram reviver um velho costume indígena. Ele seria açoitado até morrer. E colocariam em suas feridas cera misturada com um forte ácido que os índios conheciam, a fim de aumentar a dor.

Enquanto o vigia contava essa história, o índio voltava do trabalho. De longe, viu a mulher à janela, olhando para o vigia. Ao chegar, obrigou-a a ir correndo para o quarto e apareceu diante dela com os cabelos negros caindo em torno do rosto, os olhos faiscantes de ódio e ciúme. Começou a amaldiçoá-la e a torturá-la com dúvidas e perguntas.

Desde o acidente com o anel, seu pênis ficara muito sensível. O ato sexual era acompanhado de dor, e por isso ele não podia deliciar-se com a frequência que desejava. Seu pênis inchava e ficava dolorido durante alguns dias. Ele estava sempre com medo de não satisfazer a esposa e de que, por essa razão, ela procurasse outro. Quando viu o vigia conversando com ela, ficou certo de que ambos estavam tendo um caso às escondidas. Teve vontade de machucá-la, de fazê-la sofrer tanto quanto ele tinha sofrido por sua causa. Forçou-a a descer ao porão, onde o vinho era guardado em barris.

Amarrou uma corda a uma das vigas do teto. A mulher pensou que fosse ser espancada. Não podia entender por que ele estava preparando uma espécie de roldana. Então ele amarrou suas mãos e se pôs a puxá-la pela corda, que havia passado na viga, de modo que seu corpo foi levantado no ar, com todo o peso

sustentado pelos pulsos, causando-lhe imensa dor.

Ela chorou e jurou que lhe tinha sido fiel, mas ele estava como louco. Quando ela desmaiou, enquanto a corda era puxa-da novamente, ele se deu conta do que estava fazendo. Colocou-a no chão e começou a abraçá-la e a acariciá-la. Ela abriu os olhos e sorriu.

Ele se sentiu tomado de desejo por ela e atirou-se sobre seu corpo. Pensou que fosse encontrar resistência, que depois de toda aquela dor ela tivesse ficado com raiva. Mas não houve qualquer oposição. Ao contrário, ela continuou a sorrir. E quando ele tocou em seu sexo, descobriu que estava úmido. Ele possuiu-a com fúria e ela correspondeu com a mesma exaltação. Foi a melhor noite que os dois jamais tiveram, deitados ali no chão frio da adega escura.

Maiorca

Eu estava passando o verão em Deya, na ilha de Maiorca, em um local próximo ao mosteiro onde se hospedaram George Sand e Chopin. De manhã cedo montávamos em pequenos jumentos para descer as estradas que davam acesso ao mar. A viagem tomava cerca de uma hora por trilhas de terra vermelha, pedras, perigosos blocos de rochas, por entre as oliveiras cor de prata até as aldeias de pescadores com seus casebres construídos ao sopé das montanhas.

Todos os dias eu descia até uma enseada onde a água do mar era tão transparente que se podia ver os recifes de coral e a insólita vegetação no fundo.

Uma estranha história a respeito daquele lugar nos foi contada pelos pescadores. As mulheres de Maiorca eram inacessíveis, puritanas e muito religiosas. Só iam nadar com os maiôs de saíote comprido e as meias pretas de antigamente.

A maioria delas não gostava de nadar e deixava isso para as européias sem-vergonhas que passavam o verão na ilha. Os pescadores também condenavam os trajes de banho modernos e o comportamento obsceno das européias. Viam-nas como nudistas que aguardavam apenas uma oportunidade qualquer para tirar toda a roupa e se deitar nuas ao sol, como pagãs.

Desaprovavam também os banhos da meia-noite inventados pelos americanos.

Uma certa noite, há alguns anos, a filha de um pescador, moça de dezoito anos, estava caminhando ao longo da orla do mar, pulando de pedra em pedra, com o vestido branco grudado no corpo. Andando e sonhando, observando o efeito do luar na água, ela acabou por chegar a uma pequena enseada escondida e notou que havia uma pessoa nadando. Só conseguia ver uma cabeça e, ocasionalmente, um braço. Quem quer que estivesse nadando estava muito longe. Ouviu então uma voz suave chamando-a.

— Venha nadar. Está ótimo.

As palavras tinham sido ditas em espanhol, com sotaque estrangeiro.

— Olá, María — cumprimentou a estranha, que parecia conhecê-la. Devia ser uma das muitas moças americanas que iam tomar banho de mar ali durante o dia.

— Quem é você? — quis saber María.

— Sou Evelyn — respondeu a moça. — Venha nadar comigo!

O convite era tentador. Seria fácil tirar o vestido branco e ficar só com a combinação curta. Maria olhou para todos os lados. Não havia ninguém por perto. O mar estava calmo e salpicado de luar. Pela primeira vez María compreendeu o amor dos europeus pelo banho da meia-noite. Tirou o vestido. Tinha longos cabelos negros, o rosto pálido, olhos verdes bem grandes e mais

verdes que o mar. Seu porte era magnífico, com os seios altos, pernas compridas, verdadeiramente elegante. Sabia que era capaz de nadar melhor que qualquer outra mulher da ilha. Mergulhou e nadou na direção de Evelyn com braços fortes e graciosas.

Evelyn mergulhou para ir ao seu encontro e lhe segurou as pernas. Dentro d'água, as duas se puseram a brincar. A semi-escuridão e a touca de banho tornavam difícil que uma visse o rosto da outra claramente. A voz das moças americanas se assemelhava à de rapazes.

Evelyn lutou com Maria, abraçou-a sob a água. Quando subiram para respirar estavam rindo, e ficaram nadando para trás e para a frente, despreocupadas. A combinação de Maria flutuava em torno de seus ombros e lhe atrapalhava os movimentos; finalmente saiu e deixou-a nua. Evelyn nadou por baixo dela e a segurou, lutando e passando por entre suas pernas.

Depois foi a vez de Evelyn abrir as pernas para que a amiga pudesse mergulhar e passar por baixo, reaparecendo do lado oposto. Ela flutuava e deixava Maria nadar por baixo de suas costas arqueadas.

Maria viu que a americana também estava nua. De repente, sentiu Evelyn abraçando-a pelas costas, cobrindo todo o seu corpo com o dela. A água estava morna e era tão salgada que as sustentava, ajudando-as a flutuar e a nadar sem esforço.

— Você é linda, Maria — disse a voz grave, e Evelyn a envolveu com seus braços. Maria quis se afastar, mas ficou presa pela tepidez da água, pelo contato constante do corpo da amiga. Deixou-se abraçar. Não sentia os seios da outra, mas sabia que as jovens americanas geralmente não tinham seios. Maria sentiu-se lânguida e quis fechar os olhos.

Subitamente, o que sentiu entre as pernas não era uma mão e sim algo bem diferente; foratão inesperado e perturbador, que gritou. Não era Evelyn, e sim um rapaz, o irmão mais novo da moça, que colocara seu pênis ereto entre as pernas dela.

Maria gritou mas ninguém ouviu, e seu grito foi apenas algo que se esperava da parte dela. Na realidade, o abraço dele era tão quente e carinhoso quanto a água. O mar, o pênis e as mãos dele conspiraram para estimular seu corpo. Ela tentou fugir, mas o rapaz nadou por sob seu corpo, acariciou-a, segurou suas pernas, e por fim montou de novo em suas costas.

Os dois lutaram, mas cada movimento servia apenas para excitá-la ainda mais, para torná-la consciente do corpo dele de encontro ao seu, de suas mãos sobre ela. A água agitava seus seios para a frente e para trás, como dois pesados nenúfares.

Ele beijou seus seios. Com o movimento constante não era possível penetrá-la, mas seu pênis tocava vezes sem conta a parte mais vulnerável de seu sexo, e Maria sentiu que estava perdendo as forças. Nadou para a praia e o rapaz a

seguiu. Os dois caíram na areia. As ondas quebravam sobre eles; ambos ficaram algum tempo ofegantes, sem se mexer. Então o rapaz possuiu a moça e o mar veio e os alcançou, lavando o sangue da virgem.

Daquela noite em diante, o irmão de Evelyn e Maria passaram a se encontrar somente àquela hora. Ele a possuía na água, balançando, flutuando. A ondulação de seus corpos quando desfrutavam um ao outro parecia fazer parte do mar.

Descobriram uma posição segura na base de um rochedo e ali ficavam, acariciados pelas ondas, trêmulos em razão de seus orgasmos.

Quando eu ia à praia à noite, imaginava sempre que seria capaz de vê-los nadando, fazendo amor.

Artistas e modelos

Uma certa manhã fui chamada a um estúdio em Greenwich Village, onde um escultor estava começando a trabalhar em uma estatueta. O nome dele era Millard. Já tinha uma primeira versão da figura que queria e atingira o estágio em que precisava de um modelo.

A estatueta era de uma mulher com um vestido colante, e seu corpo aparecia em cada linha ou curva. O escultor me pediu que eu me despisse porque de outra forma seria impossível trabalhar. Como parecia totalmente absorto ante a estatueta e como me olhasse de forma tão distraída, fui capaz de ficar nua e fazer a pose desejada sem qualquer hesitação. Embora eu fosse bem inocente naquele tempo, ele me fez sentir como se meu corpo não fosse diferente de meu rosto, como se eu e a estatueta fôssemos a mesma coisa.

Enquanto Millard trabalhava, falava sobre os tempos em que vivera em Montparnasse, e assim o tempo passava depressa. Eu não sabia se suas histórias visavam a excitar minha imaginação, mas ele não dava sinais de estar interessado em mim. Sentia prazer em recriar a atmosfera de Montparnasse. Eis uma dashistórias que ele me contou: "A mulher de um certo pintor moderno era ninfomaniaca. Acredito que fosse tuberculosa. Seu rosto era branco como cera, os ardentes olhos negros eram fundos e as pálpebras estavam sempre pintadas de verde. Procurava realçar o corpo voluptuoso com vestidos de cetim negro. Sua cintura era estreita em comparação ao resto. Em torno da cintura ela usava um cinturão grego, de prata, cravejado de pedras, que teria aproximadamente doze centímetros de largura; era fascinante. Parecia o cinturão de uma escrava. Podia-se sentir que no fundo ela era uma escrava — de seu apetite sexual. Que bastava agarrá-la pelo cinturão e abri-lo para que ela caísse nos braços de qualquer um. Algo muito semelhante ao cinto de castidade existente no Musée Cluny, que se dizia que os cruzados punham nas mulheres: um cinto de prata muito largo e com um apêndice que cobria o sexo e que era trancado pelo tempo que durassem as cruzadas. Por falar nisso, alguém me contou uma história deliciosa a respeito de um cruzado que pusera o cinto de castidade na mulher e deixara a chave com seu melhor amigo, caso morresse. Mal tinha cavalgado umas poucas milhas quando o amigo foi galopando furiosamente atrás dele, gritando: 'Você me deu a chave errada!'

Tais eram os sentimentos que o cinturão de Louise inspirava em todos. Quando a víamos chegar a um café, examinar a todos nós com seus olhos famintos, procurando uma reação, um convite para que se sentasse, sabíamos que estava caçando.

Seu marido não podia ignorar tudo. Era uma figura digna de pena, sempre procurando por ela, sendo informado pelos amigos de que a mulher estava em um ou outro café; quando chegava a encontrá-la, ela já tivera tempo para se

esconder em um hotel com alguém. Então todos tentavam fazê-la saber onde o marido a procurava. Por fim, em completo desespero, o marido começara a implorar que seus melhores amigos ficassem com ela para que pelo menos não caísse em mãos estranhas.

Ele tinha pavor de estrangeiros, em particular de sul-americanos, de negros e de cubanos. Ouvira falar do extraordinário vigor sexual dessa gente e achava que se a mulher caísse nas mãos de um deles jamais retornaria a casa. Contudo, depois de ter dormido com todos os seus melhores amigos, Louise acabou mesmo por conhecer um dos estrangeiros que ele tanto temia.

Era um cubano, um tremendo mulato, extraordinariamente belo, de cabelos compridos e lisos como os de um indiano e de feições nobres e másculas. Quando ele encontrava uma mulher que desejava, desaparecia com ela por dois ou três dias, trancado em um quarto de hotel, e não reaparecia enquanto os dois não estivessem saciados. Acreditava que vivendo tal orgia com uma única mulher nenhum dos dois jamais ia querer ver o outro de novo. Quando tudo terminava, ele era visto de novo no café, conversando brilhantemente. Era também um notável pintor de afrescos.

Quando ele e Louise se encontraram, saíram juntos de imediato. Antonio viu-se fortemente fascinado pela brancura da pele de Louise, pela abundância de seus seios, pela sua cintura estreita, pelos seus bastos cabelos louros compridos e lisos. E ela se viu fascinada pela sua cabeça e pelo seu corpo poderoso, pela graça de seus músculos atléticos. Tudo o fazia rir. Era como se nada mais existisse no mundo senão aquela orgia sexual que ele estava prestes a viver, como se não houvesse futuro ou encontros com quaisquer outras pessoas — somente aquele quarto, aquela tarde, aquela cama.

Quando Louise se deteve ao lado da grande cama de ferro, esperando, ele disse: — Fique com o cinturão.

E começou calmamente a rasgar a roupa dela ao redor do cinto. Devagar, e sem o menor esforço, Antonio transformou tudo em tiras, como se a roupa fosse feita de papel. Louise tremia, vendo a força de suas mãos. Por fim deixou-a nua, mas ainda com o pesado cinturão de prata. Ele soltou-lhe os cabelos que caíram sobre seus ombros. E foi só então que a jogou de costas na cama e a beijou interminavelmente, as mãos sobre seus seios. Ela sentia a dor provocada tanto pelo peso do cinturão quanto pelas mãos dele, que apertavam com força sua carne nua. O desejo deixou-a louca, cega. Era tão urgente que não podia esperar. Mas Antonio ignorou seus gestos de impaciência. Não só continuou a beijá-la, como se estivesse bebendo toda a sua boca, sua língua, seu fôlego, tudo, com a enorme boca escura, como também as mãos dele a maltratavam cada vez mais, entrando fundo em sua carne, deixando marcas e dores em toda parte. Ela estava úmida e trêmula; abria as pernas e tentava cavalgar por cima dele. Procurou abrir as calças de Antonio.

— Há tempo — disse ele. — Há muito tempo. Vamos ficar neste quarto por alguns dias. Há muito tempo para nós dois.

Antonio então virou-se e se despiu. Seu corpo escuro tinha tons de dourado; a pele era muito lisa, e o pênis, de pele tão macia quanto o resto do corpo, era grande e firme como um lustroso bastão de madeira. Louise caiu sobre ele e tomou-o em sua boca. Os dedos de Antonio andavam por toda parte, dentro de seu anus, de seu sexo; a língua dele entrava em sua boca, em suas orelhas. Mordeu-lhe o bico dos seios, beijou e mordeu seu ventre. Louise tentou satisfazer-se esfregando-se de encontro à sua perna, mas Antonio não deixou. Ele a empurrava como se ela fosse feita de borracha, fazia-a assumir todas as posições. Com suas mãos poderosas, Antonio apanhava qualquer parte de seu corpo que desejasse e a trazia à boca como se fosse um bocado de comida, sem se importar com o medo como o resto do corpo de Louise caía no espaço. Foi exatamente assim que ergueu sua bunda para beijar e morder. Ela suplicava: — Vem, Antonio, vem que não agüento mais!

Mas ele não a atendia.

Chegou o instante em que o desejo que havia no interior de seu ventre a consumia como um fogo selvagem. Pensou que fosse enlouquecer. Tudo o que tentava para atingir o orgasmo, ele impedia. Mesmo quando um beijo seu demorava demais, ele o interrompia. O cinturão tilintava sempre que ela se mexia, como a corrente de um escravo. E na verdade ela não passava de uma escrava daquele enorme mulato. Ele era seu rei. O prazer dela era subordinado ao dele. Louise percebeu que nada poderia fazer contra sua força e sua vontade. Antonio exigia submissão. O desejo dela morreu de pura exaustão.

Toda a tensão abandonou seu corpo. Ela ficou mole como algodão. E foi nesse algodão que ele continuou a trabalhar com maior prazer ainda. Aquele corpo quebrado, ofegante, maleável, que ficava cada vez mais macio sob suas mãos, era de sua exclusiva propriedade. Suas mãos pesquisaram cada recanto do corpo de Louise, sem esquecer nada, massageando, amassando a carne segundo sua fantasia, retorcendo-a para junto da boca, para marcá-la com os dentes brancos e grandes.

Pela primeira vez o desejo que sempre estivera à superfície da pele de Louise como uma irritação recuou para uma parte mais profunda de seu corpo. Recuou e foi se acumulando, transformando-se em um núcleo de fogo que para explodir aguardava a ocasião e o ritmo que Antonio determinaria. Enquanto isso, executavam como que uma dança, com os dois corpos se virando e transformando-se em novos arranjos, novos desenhos. Ora estavam grudados, o pênis dele de encontro à sua bunda, os seios vibrando como ondas do mar sob suas mãos, penosamente despertos, conscientes, sensíveis. Em outro instante, quando ele estava deitado sobre ela, esmagando sua barriga como um imenso leão, Louise enfiou os dois pulsos por baixo da própria cintura procurando erguer-

se para o pênis dele. Só então Antonio a penetrou pela primeira vez e a encheu como nenhum outro homem jamais havia feito, tocando as profundezas de seu ventre.

O mel estava pingando do interior de Louise. Quando Antonio introduziu o pênis dentro dela, fez algum ruído — todo o ar estava sendo expulso de seu ventre por aquele pênis que a satisfazia de modo tão completo, entrando e saindo interminavelmente, tocando a porta de seu útero. Mas assim que a respiração dela ficava mais acelerada, Antonio se retirava por completo e dava início a outro tipo de carícia. Deitava-se de costas na cama, as pernas abertas, o pênis ereto, e a fazia sentar-se sobre ele, engolindo-o por completo, de forma que os pêlos púbicos de ambos se confundissem. Quando Antonio a segurava, fazia-a dançar à volta de seu pênis. Louise caía sobre ele e esfregava os seios em seu tórax, procurava sua boca e depois recomaçava os movimentos junto do pênis. As vezes se erguia só um pouco, de forma a deixar apenas a cabeça do pênis dentro de seu sexo e se movia devagar, o suficiente apenas para conserva-lo em seu interior, tocando os lábios de sua vagina que apertavam o pênis como se fossem os lábios de sua boca. De repente, ela se deixava cair, engolfando o pênis todo e soluçando de alegria, para logo depois procurar sua boca de novo. As mãos de Antonio permaneciam o tempo todo em sua bunda, segurando-a para controlar seus movimentos e impedir que de repente os acelerasse para gozar.

Por fim, Antonio a tirou de cima da cama e a colocou de quatro no chão.

— Mexa-se — disse-lhe. Louise obedeceu e pôs-se a engatinhar pelo quarto semicoberto pelos longos cabelos louros, o cinturão forçando-lhe a cintura para baixo. Então ele ajoelhou-se atrás dela e inseriu seu pênis, o corpo todo sobre o de Louise, engatinhando também sobre os joelhos fortes e os braços compridos. Depois de ter ficado satisfeito, Antonio enfiou a cabeça por baixo dela para poder sugar seus seios abundantes, como se ela fosse um animal, segurando-a com as mãos e a boca. Quando ambos estavam ofegantes e se retorcendo, ele a ergueu e a carregou para a cama, pondo as pernas dela sobre os ombros. Possuiu-a então com violência e os dois se sacudiram e tremeram quando gozaram juntos. Louise sentiu-se como se estivesse se dissolvendo e soluçou histericamente. O orgasmo fora tão forte que ela pensara que fosse enlouquecer, com uma paixão e uma alegria que jamais conhecera. Antonio estava sorrindo, ainda ofegante. Logo depois, ele e Louise viraram para o lado e dormiram."

No dia seguinte, Miilard me contou a história de Mafouka, a mulher-homem de Montparnasse: "Ninguém sabia exatamente o que ela era. Vestia-se como homem. Era baixa, magra e não tinha seios. Usava os cabelos curtos, lisos. Tinha o rosto de um rapaz. Jogava bilhar como um homem. Bebia como um homem, com o pé na balaustrada do bar. Contava histórias obscenas como um homem. O traço de seus desenhos tinha uma força que não se encontra nos trabalhos feitos por mulher. Mas seu nome tinha um som feminino, seu andar era feminino e se

dizia que não tinha pênis. Os homens não sabiam como tratá-la. As vezes davam tapinhas em suas costas, animados de sentimentos fraternais.

Ela morava com duas garotas em um estúdio. Uma era modelo; a outra, cantora de um clube noturno. Mas ninguém sabia qual era o relacionamento que havia entre elas. As duas garotas se tratavam como marido e mulher. Que papel desempenharia ali Mafouka? Nenhuma das três jamais respondia a qualquer pergunta. Montparnasse sempre gostava de saber dessas coisas com detalhes. Uns poucos homossexuais, atraídos por Mafouka, tinham procurado chegar-se a ela, mas todos foram repelidos. Mafouka discutia violentamente e golpeava com força.

Um dia eu estava um tanto bêbado e passei no estúdio dela. A porta estava aberta. Quando entrei, ouvi risadinhas no andar superior, uma espécie de jirau. Era evidente que as duas garotas estavam fazendo amor. As vozes ficavam mais ternas e mais baixas, depois violentas e ininteligíveis, transformavam-se em gemidos e sussurros. De vez em quando o silêncio era completo.

Mafouka apareceu e me encontrou prestando atenção. Pedi-lhe que me deixasse ir ver.

— Não me importo — disse ela. — Siga-me, sem fazer ruído. Elas não param se pensarem que estou sozinha. Gostam de que eu as veja.

Subimos as escadas estreitas. Mafouka exclamou: — Sou eu.

Os sussurros não foram interrompidos. Quando chegamos, inclinei-me para que elas não pudessem me ver. Mafouka aproximou-se da cama. As duas garotas estavam nuas. Pressionavam o corpo um contra o outro e se esfregavam. Aquilo lhes dava prazer. Mafouka inclinou-se e acariciou-as. Elas disseram: — Venha, Mafouka, deite-se conosco.

Mas Mafouka as deixou e levou-me de novo para baixo. Mafouka — perguntei —, o que você é? Homem ou mulher? Por que mora com essas garotas? Se você é homem, por que não tem uma mulher só sua? E se é mulher, por que de vez em quando não arranja um homem?

Mafouka sorriu para mim.

— Todo mundo quer saber. Todos acham que não sou homem. As mulheres sentem isso. Os homens não sabem ao certo.

O que sou pode ser resumido em uma palavra: artista.

— O que você quer dizer com isso?

— Que, como muitos artistas, sou bissexual.

— Sim, mas a bissexualidade dos artistas está em sua natureza. Você pode ser homem com natureza feminina, mas não com um físico tão equívoco como o seu.

— Meu corpo é hermafrodita.

— Oh, Mafouka, deixe-me ver seu corpo.

— Você não fará amor comigo?

— Prometo que não.

Primeiro ela tirou a camisa e mostrou o torso de um jovem rapaz. Não tinha seios, apenas os mamilos, como um homem.

Depois baixou as calças compridas. Estava usando calcinhas de mulher, cor-de-carne, enfeitadas com renda. Tinha as pernas e as coxas lindamente torneadas, cheias. Estava com meias femininas e ligas. Pedi-lhe: — Deixe-me tirar as ligas. Adoro ligas.

Ela estendeu a perna com elegância, com o gesto de uma bailarina. Rolei a liga perna abaixo lentamente. Fiquei com seu pé delicado e gracioso na mão. Ergui os olhos para as pernas, que eram perfeitas. Baixei a meia e vi uma pele de mulher, bonita e suave. Seus pés eram delicados e estavam bem tratados, as unhas pintadas de esmalte vermelho. Eu ia ficando mais e mais intrigado. Acariciei sua perna. Ela disse: — Você prometeu que não iria fazer amor comigo.

Ergui-me. Então ela arriou as calcinhas. E eu vi, por baixo de seus delicados e cacheados pêlos púbicos, que tinham a forma triangular dos pêlos das mulheres, que ela possuía um pequenino pênis atrofiado, como o de um menino. Olhei diretamente para o rosto dela — ou dele, como achava que deveria dizer.

— Por que você adota um nome de mulher, Mafouka? Na verdade, você é um menino, exceto pela forma das pernas e dos braços.

Mafouka deu então uma risada, dessa vez bem feminina, e disse: — Venha ver.

Ela se deitou no sofá, abriu as pernas e me mostrou uma perfeita vulva, rósea e macia, por sob o pênis.

— Mafouka!

Sentime excitado. Era o mais estranho dos desejos. Desejava possuir alguém que fosse ao mesmo tempo homem e mulher. Ela percebeu meu estado e sentou-se. Tentei conquistá-la com uma carícia, mas ela fugiu de mim.

— Você não gosta de homens? — perguntei-lhe. — Nunca fez amor com um homem?

— Sou virgem. Não gosto de homens. Só sinto desejo por mulheres, mas não tenho como possuí-las. Meu pênis é como o de uma criança pequena, não posso ter uma ereção.

— Você é uma verdadeira hermafrodita, Mafouka — disse eu. — Isso é o que a época de hoje parece ter produzido, porque a tensão entre o masculino e o feminino se quebrou. Mais que nunca as pessoas se compõem das duas metades. Porém eu nunca tinha visto isso antes, de modo real, físico. Ser hermafrodita deve torná-la muito infeliz. Você é feliz com as mulheres?

— Sinto atração pelas mulheres, mas na verdade sofro com isso, porque não posso fazer amor com elas, como um homem, e também porque quando elas me aceitam como lésbica não me sinto satisfeita. Mas não me sinto atraída pelos

homens. Apaixonei-me por Matilda, a modelo. No entanto, não fui capaz de retê-la. Ela encontrou uma verdadeira lésbica, a quem pensa que pode satisfazer. Meu pênis sempre lhe dá a sensação de que não sou uma lésbica de verdade. E ela sabe que não tem poder sobre mim, muito embora eu tivesse sido atraída pela sua beleza. Assim, as duas formaram uma outra ligação, só delas. Fico entre ambas, perpetuamente insatisfeita. Por outro lado, também não gosto da companhia das mulheres. São mesquinhas e personalistas. Só se preocupam com seus mistérios e segredos, representam e fingem. Gosto mais do caráter dos homens.

— Pobre Mafouka.

— Pobre Mafouka. Sim, quando nasci não sabiam que nome me dar. Nasci em uma pequena aldeia da Rússia. Pensaram que eu era um monstro e que talvez desse ser destruída para o meu próprio bem. Quando vim para Paris, sofri menos. Descobri que era uma boa artista.

Sempre que saía do estúdio do escultor, eu parava em um café das proximidades e ponderava a respeito de tudo o que Millard me contara. Perguntava-me se algo parecido com aquilo tudo não estaria ocorrendo comigo, em Greenwich Village.

Começava a gostar de posar, pelo aspecto de aventura que isso implicava. Assim, decidi comparecer a uma festa, em uma noite de sábado, a que fora convidada por um pintor chamado Brown. Sentia-me ansiosa e cheia de curiosidade por tudo.

Aluguei um vestido de noite no departamento de costumes do Art Model Club, sem esquecer da capa e dos sapatos.

Duas modelos me acompanharam: Molhe, uma ruiva, e Ethel, que com seu corpo de estátua era a favorita dos escultores.

As histórias da vida em Montparnasse, que me tinham sido contadas pelo escultor, não saíam de minha cabeça, e pude sentir isso perfeitamente quando entrei no local da festa. Meu primeiro desapontamento foi ver que o estúdio era muito pobre; os dois sofás não tinham almofadas, a iluminação era forte. Não havia, enfim, nenhum dos enfeites que eu imaginava necessários a uma festa.

As garrafas estavam espalhadas pelo chão, ao lado de copos e de potes com tira-gostos. Uma escada dava para o jirau onde Brown guardava suas pinturas. Uma cortina transparente não chegava a ocultar o lavabo e um fogãozinho a gás. A frente do aposento havia uma pintura erótica de uma mulher sendo possuída por dois homens. Ela estava fora de si, com o corpo arqueado, os olhos esgazeados. Os dois homens a cobriam, um com o pênis dentro dela, o outro com o pênis enfiado em sua boca. O quadro era de tamanho natural e sua crueza era animalésca. Todos o contemplavam, admirando-o. Fiquei fascinada. Era a primeira pintura daquele tipo que eu via, e produzia em mim um tremendo choque das mais diversas emoções.

Ao lado desse quadro havia um outro que achei ainda mais perturbador. Mostrava um quarto pobremente decorado, onde se destacava uma enorme cama de ferro. Sentado na cama, um homem de pouco mais de quarenta anos, com a barba por fazer, a boca flácida, as pálpebras meio caídas, uma expressão completamente degenerada. Suas calças estavam semi-abaixadas, e sentada sobre seus joelhos nus via-se uma menina de saias muito curtas, a quem ele dava uma barra de chocolate. As perninhas nuas dela repousavam sobre as dele, também nuas e cabeludas.

O que senti depois de ter visto aquelas duas pinturas foi o que se sente quando se bebe, uma tonteira súbita, um calor pelo corpo todo, uma total confusão dos sentidos. Algo novo desperta dentro do corpo, uma sensação nova e indefinida, uma ansiedade e uma inquietude diferentes.

Olhei para as outras pessoas. Mas aquela gente tinha visto tantas coisas daquele tipo que não se deixava afetar como eu.

Riam e comentavam.

Uma modelo estava contando suas experiências em uma loja de roupas de baixo: Resolvi atender a um anúncio em que se pedia um modelo para posar com roupa íntima. Já tinha feito isso muitas vezes antes e o pagamento era o normal: um dólar por hora. Geralmente diversos desenhistas trabalhavam comigo ao mesmo tempo e havia muitas pessoas por perto — secretárias, estenógrafas, rapazes destinados a executar pequenos serviços. Mas dessa vez o lugar estava vazio. Era tão-somente um escritório com uma escrivaninha, arquivos e material de desenho. Havia um homem à minha espera, sentado a sua prancheta. Havia também uma pilha de lingerie e um biombo para se trocar de roupa. Comecei vestindo uma combinação. Posava por quinze minutos de cada vez, enquanto ele fazia seus desenhos.

Trabalhávamos em silêncio. Quando ele dava o sinal, eu ia para trás do biombo e trocava de roupa. Toda a roupa, por sinal, era da mais alta qualidade e muito bonita, quase sempre com acabamento de renda e finos bordados. Usei um conjunto de calças e sutiãs. O homem fumava e desenhava. No final da pilha havia um conjunto de calças e sutiã totalmente de renda negra. Como eu já posara nua diversas vezes, não me incomodei por vestir aquilo. Eram duas peças muito bonitas.

O tempo todo eu olhava pela janela, e não para o desenhista. Uma certa hora não ouvi mais o barulho do lápis no papel e me virei um pouquinho na direção dele, sem querer mudar minha pose. Vi que ele estava sentado atrás da prancheta com o olhar fixo em mim. Só depois é que percebi que tinha tirado o pênis para fora e que estava em uma espécie de transe.

Achando que aquilo ia me dar problema, já que estávamos sozinhos, dirigi-me para o biombo a fim de me vestir.

Não vá — disse ele. — Não tocarei em você. Simplesmente eu adoro ver

uma mulher com uma bonita roupa íntima.

Não sairei daqui. E se você quiser que eu lhe pague mais, tudo o que tem a fazer é usar minhas peças favoritas e posar por quinze minutos. Eu lhe darei mais cinco dólares. Se quiser, você mesma pode apanhar a roupa de que falei. Está bem acima de sua cabeça, na prateleira.

Bem, resolvi concordar e apanhei o pacote. Era realmente um conjunto lindo, de finíssima renda preta, tão fina que lembrava uma teia de aranha. As calcinhas tinham um corte atrás e na frente, e o sutiã deixava aparecer o bico dos seios através de dois triângulos. Hesitei um pouco, receando vir a ser atacada pelo homem se aquilo tudo viesse a excitá-lo demais.

Ele disse:

— Não se preocupe. Na verdade, eu não gosto de mulheres. Nunca toquei em uma mulher. Só gosto de ver. Adoro ver mulheres usando uma roupa de baixo bonita. Se eu tentasse tocar em você, ficaria impotente no mesmo instante. Não sairei daqui.

Ele afastou a prancheta e limitou-se a ficar sentado, com o pênis de fora. De vez em quando seu pênis estremecia. Mas ele não saiu da cadeira.

Decidi vestir a tal roupa. Os cinco dólares me tentavam. Ele não era muito forte e achei que eu seria capaz de me defender. Enfiei as calcinhas abertas e de vez em quando me virava para que ele me visse de todos os ângulos.

Então ele disse:

— Chega.

Parecia perturbado, e seu rosto estava congestionado. Mandou que eu me vestisse depressa e me fosse embora. Entregou-me o dinheiro rapidamente, e eu saí. Acho que só estava esperando que eu me fosse para se masturbar.

“Já vi casos assim, de homens que fazem coisas estranhas como roubar o sapato de uma mulher bonita para que possam se masturbar enquanto o seguram e admiram.”

Todos riram da história dela.

— Acho — disse Brown — que quando crianças somos mais inclinados a ser fetichistas de um ou outro modo. Lembro-me de me esconder dentro do armário de minha mãe, extasiado com o cheiro e o contato das roupas dela. Ainda hoje não sei resistir a uma mulher que esteja usando um véu, ou um vestido de tule ou também qualquer coisa que tenha plumas, porque tudo isso desperta as estranhas sensações que eu tinha dentro do corpo.

Enquanto ele estava contando isso, lembrei-me de como me escondi no armário de um rapaz quando tinha apenas treze anos, pelo mesmo motivo. Ele tinha vinte e cinco anos e me tratava como uma menina. Eu estava apaixonada. Sentada a seu lado quando ele nos levava a todos para longos passeios, eu me sentia em êxtase só por ter sua perna junto à minha. A noite, quando eu ia para a cama, apagava a luz e apanhava uma lata de leite condensado em que antes tinha

feito um buraquinho.

E ficava sentada no escuro, sugando o leite doce com uma sensação voluptuosa em todo o corpo, que não saberia explicar.

Naquele tempo eu pensava apenas que havia uma certa relação entre estar apaixonada e sugar leite condensado. Muito mais tarde me lembrei disso quando provei esperma pela primeira vez.

Molhe lembrou que na mesma idade gostava de comer gengibre ao mesmo tempo em que cheirava bolas de cânfora. O gengibre tornava seu corpo morno e lânguido e a cânfora a deixava meio tonta. Conseguia, assim, entrar em uma espécie de transe que durava horas.

Ethel virou-se para mim e disse: — Espero que você jamais venha a se casar com um homem a quem não ame sexualmente. Pois foi exatamente isso o que me aconteceu. Adoro tudo nele: seu jeito, seu rosto, seu corpo, o modo como trabalha e como me trata, suas idéias, seu jeito de sorrir, de falar, tudo, exceto sua sexualidade. Pensei que também amava isso, antes de nos casarmos. Não há nada de errado nele. É o amante perfeito. É sentimental e romântico, demonstra ser um homem de sentimentos.

É sensível e adorável.

Ontem à noite, eu já estava meio adormecida quando ele me procurou em minha cama. Como não estava inteiramente desperta, não pude me controlar como geralmente faço, pois não desejo magoá-lo. Ele se meteu do meu lado e começou a fazer amor comigo muito lentamente. Em geral tudo acaba depressa, o que facilita as coisas para mim. Se possível, nem deixo que ele me beije. Odeio sentir-lhe a boca sobre meus lábios. Geralmente viro o rosto; foi o que fiz ontem. Bem, lá estava meu marido, e o que você pensa que fiz? De repente comecei a bater nele com meus punhos fechados, a enterrar as unhas em sua carne. Mas isso foi interpretado como sendo um sinal de que eu estava gostando, ficando maluca de prazer, e ele prosseguiu.

Em dado momento murmurei, o mais baixo que pude: "Eu odeio você". Logo a seguir perguntei-me se teria sido ouvida. O que pensaria ele? Teria ficado magoado? Bem, tudo terminou; ele ficou sonolento e me deu um beijo de boa-noite antes de voltar para sua cama. Na manhã seguinte, fiquei esperando para ver o que ele iria me dizer. Pensava que talvez tivesse me ouvido dizer que o odiava. Mas não, eu devo ter formado as palavras sem pronunciá-las. Tudo o que ele disse, sorrindo como se tivesse ficado muito satisfeito, foi: "Puxa, você ficou bem maluquinha, ontem, não foi?"

Brown ligou a vitrola e começamos a dançar. Apesar de ter bebido pouco, o álcool me subira à cabeça. Sentia a extensão de todo o universo. Tudo me parecia claro e simples. Era, na verdade, como a encosta gelada de uma montanha onde eu deslizava sem qualquer esforço. Nunca me vira tão amável, parecia que eu conhecia todas aquelas pessoas intimamente. Mas escolhi o mais

tímido dos pintores para dançar. Achei que, de certa forma, ele estava fingindo — como eu — estar familiarizado com tudo aquilo. Era capaz de apostar como no fundo ele não se sentia totalmente à vontade. Os outros pintores acariciavam Ethel e Molhe enquanto dançavam. O meu parceiro não se atreveu. Intimamente eu dava gargalhadas por tê-lo descoberto. Brown percebeu que o meu pintor não fazia quaisquer avanços e bateu no ombro dele, passando a ser meu par. Pôs-se a fazer comentários maliciosos sobre virgens, e julguei que estivesse se referindo a mim. Como ele poderia saber? Apertou-me de encontro a ele, mas recuei. Retornei ao pintor tímido.

Uma mulher que trabalhava como ilustradora estava flertando com ele. Achei que ficou contente quando me viu. Voltamos a dançar juntos, refugiando-nos em nossa timidez. Todas as pessoas que se achavam à nossa volta já estavam se beijando.

A ilustradora já tinha tirado a blusa, e dançava só de anágua. O pintor tímido me disse: — Se ficarmos aqui, daqui a pouco teremos que nos deitar no chão e fazer amor. Você quer sair?

— Sim, quero — respondi.

E assim fizemos. Em vez de tentar me possuir ele se pôs a falar ininterruptamente. Eu o ouvia como se estivesse em transe. Ele tinha uma idéia para um quadro. Queria me pintar como se eu fosse uma mulher do mar, nebulosa, transparente, verde, exceto pela boca e por uma flor muito vermelha. A flor estaria em meus cabelos. Gostaria de posar para ele? Não respondi depressa em razão dos efeitos do álcool, e ele me perguntou, em tom de quem pedia desculpas: — Você por acaso não estará lamentando o fato de eu não ter sido mais rude?

— Não, não estou lamentando coisa alguma. Escolhi você porque sabia que não seria grosseiro comigo.

— É a minha primeira festa — disse ele, com humildade — e você não é mulher que se possa tratar assim. Como chegou a ser modelo? O que fazia antes? Sei que modelos não precisam ser prostitutas, mas na verdade têm que agüentar muitas passadas de mão e investidas.

— Consigo me safar muito bem — retruquei, não gostando da conversa.

— Mesmo assim continuarei a me preocupar com você. Conheço alguns artistas que são objetivos quando trabalham. Sei dessas coisas pela minha própria experiência. Mas há sempre um instante, antes e depois, quando o modelo está se despiando ou se vestindo, em que me sinto perturbado. É a primeira surpresa de ver o corpo. O que você sentiu da primeira vez?

— Absolutamente nada. Foi como se eu já fosse uma pintura. Ou uma estátua. Para mim o meu corpo era como um objeto, um objeto qualquer totalmente impessoal.

Eu estava ficando triste, aborrecida com minha inquietação e meu desejo.

Sentia que nada iria me acontecer. Estava desesperada com a vontade que tinha de ser uma mulher integral, de começar a viver. Por que motivo haveria de ser uma escrava dessa necessidade de primeiro me apaixonar? Onde começaria minha vida? Eu entraria em cada estúdio esperando por um milagre que não ocorreria. Passava ao meu lado uma grande corrente, que me deixava de fora. Tinha que encontrar alguém que sentisse as mesmas coisas que eu. Mas onde? Onde?

A mulher do escultor tomava conta dele, era fácil constatar isso. Ela entrava no estúdio inesperadamente, com muita frequência. E ele se mostrava assustado. Não sei o que o assustava. Os dois me convidaram para passar com eles duas semanas em sua casa de campo — ou melhor, foi ela que me convidou. Disseme que o marido não gostava de parar de trabalhar durante as férias, e eu poderia continuar a posar para ele. Mas assim que saiu, ele me disse: — Você tem que encontrar uma desculpa para não ir. Ela fará você sofrer. Não está bem, coitada. Tem obsessões. Acha que todas as mulheres que posam para mim são minhas amantes.

Seguiram-se alguns dias de grande confusão; eu corria de um estúdio para outro com muito pouco tempo para almoçar, posando para capas e ilustrações de revistas e também para anúncios. Eu podia ver meu rosto em toda parte, até no metrô.

E me perguntava se as pessoas não me reconheceriam.

O escultor se tornara meu melhor amigo. Eu observava com ansiedade a estatueta ir chegando ao fim. Até que um dia, ao chegar ao seu estúdio, vi que o trabalho tinha sido arruinado. Ele me disse que tentara trabalhar sem minha presença. Mas não parecia muito infeliz ou preocupado. Fiquei triste, achando que podia ter sido sabotagem. Mas não tive dúvidas de que ele parecia feliz por ter de começar tudo de novo.

Foi no cinema que encontrei John e descobri o poder de uma voz. Ele usou sua voz como um órgão, fazendo-me vibrar. Quando pronunciou meu nome de modo errado, repetindo-o, aquilo SOOU aos meus ouvidos como uma carícia. Era a voz mais grave, mais rica que eu jamais ouvira. Mal podia fitá-lo. Sabia que seus olhos eram grandes, de um azul intenso e magnético, e que ele era alto. Estava muito inquieto. Seu pé movia-se sem parar, como um cavalo de corrida. Sua presença anulava tudo mais: o cinema, o filme, a amiga sentada ao meu lado. Ele se comportava como se eu o tivesse encantado, como se tivesse sido hipnotizado por mim. Falava sem parar, sem desviar os olhos de meu rosto, mas eu não o estava ouvindo mais. Desaparecera a mocinha inexperiente que eu era. Sentia-me mergulhando em uma espiral de loucura, tonta com o timbre daquela voz linda, que agia, na verdade, como uma droga. Quando finalmente ele me "sequestrou" — como disse —, chamou um táxi.

Não trocamos uma palavra até chegarmos a seu apartamento. Ele não me

tocara. Nem precisava. Sua proximidade me excitara de tal modo que era como se estivesse me acariciando há longo tempo.

John limitou-se a dizer meu nome duas vezes, como se o achasse suficientemente bonito para merecer uma repetição. Era um homem forte, deslumbrante. Seus olhos eram de um azul tão intenso que relampejavam quando ele piscava. E eu tinha medo. O medo de uma tempestade que me engolfaria por completo.

Por fim ele me beijou. Sua língua circulou em torno da minha vezes sem conta, até que parou para tocar apenas na ponta da minha língua. Enquanto me beijou, levantou lentamente minha saia. Abaixou as ligas e as meias. Depois me carregou para a cama. Eu me sentia tão dissolvida em prazer que era como se ele já tivesse me penetrado. Sua voz parecia já ter aberto todo o meu corpo. Ele sentiu meu estado, e por isso ficou espantado com a resistência encontrada pelo seu pênis.

John parou para fitar-me no rosto. Ao ver uma enorme receptividade emocional, aumentou a pressão. Sentime sendo dolorosamente rasgada, mas o calor dissolveu tudo, o calor de sua voz ao meu ouvido, dizendo: — Você me quer como eu a quero?

Ele gemeu de prazer. E, com todo o seu peso sobre mim, comprimindo meu corpo, o momento de dor desapareceu. Senti a felicidade de ser deflorada. E deixei-me ficar deitada, quase sonhando.

— Machuquei você — disse John. — Você não gostou. — Não pude me forçar a dizer naquele instante que queria mais.

Minha mão procurou seu pênis. Acariciei-o. Ele pulou para cima, muito tímido. John beijou-me até que senti uma nova ondata de desejo, o desejo de reagir com toda a plenitude de meu corpo. Mas ele disse: — Agora vai doer. Espere um pouco. Você pode ficar comigo a noite toda? Quer ficar?

Vi que havia um pouco de sangue em minha perna e quis lavá-lo. Senti que ainda não fora possuída por completo, que aquilo eram apenas as preliminares de algo bem melhor. Queria ser possuída e conhecer o que seria a felicidade plena. Caminhei um tanto sem firmeza e caí na cama de novo.

John estava adormecido; seu grande corpo ainda se achava curvado como quando estivera colado ao meu, o braço atirado sobre o local onde estivera minha cabeça. Ajeitei-me a seu lado, sonolenta. Quis segurar seu pênis de novo. E o fiz bem de leve para que ele não despertasse. Então adormeci, para ser acordada algum tempo depois pelos seus beijos.

Flutuamos em um mundo de sensualidade, sentindo apenas a vibração de nossa carne, e cada contato que havia entre nós era uma alegria. John puxou-me pelos quadris. Temia me machucar. Abri as pernas. Quando ele meteu o pênis, doeu um pouco, mas o gozo que senti foi bem maior. Foi uma pequena dor anulada pelo prazer imenso da presença de seu pênis que se movia bem fundo

dentro de mim. Desloquei-me para a frente, louca para ir ao seu encontro.

Dessa vez ele ficou passivo e disse: — Você é quem se mexe; agora você vai gozar.

Movi-me delicadamente em torno de seu pênis. Coloquei os punhos fechados nas costas para erguer o corpo na direção dele. John colocou minhas pernas sobre seus ombros. Aí então a dor aumentou muito e ele recuou.

Quando saí de manhã, estava meio tonta, mas feliz por sentir que tinha chegado tão perto da paixão. Fui para casa e dormi até que ele telefonou.

— Quando você vem? — perguntou ele. — Tenho que vê-la de novo. Logo. Vai posar hoje?

— Sim, tenho que posar. Irei depois.

— Por favor, não pose — pediu John —, por favor. Fico desesperado só de pensar nisso. Venha me ver primeiro. Quero falar com você. Por favor, venha me ver primeiro.

Fui ao seu apartamento.

— Oh — disse ele, queimando meu rosto com o ardor de seu desejo —, não posso suportar a idéia de saber que você está posando, expondo seu corpo. Você não pode fazer mais isso. Tem que permitir que eu passe a cuidar de você. Não posso desposá-la porque tenho mulher e filhos. Deixe que eu tome conta de você até que descubramos como poderemos resolver o problema. Deixe que eu lhe arranje um lugar aonde possa ir vê-la a qualquer hora. Você não pode continuar posando. Você me pertence.

Então, dei início a uma vida secreta; quando todos pensavam que eu estava posando no mesmo ritmo anterior, na verdade estava trancada em um belo quarto, esperando por John. Sempre que ia me ver, ele levava um presente, um livro, blocos coloridos para eu escrever. Sentia-me inquieta, aguardando por ele.

A única pessoa que sabia do segredo era o escultor, porque ele adivinhou o que estava ocorrendo. Não queria permitir que eu parasse de posar, e me fez perguntas. Predisse como seria minha vida.

A primeira vez que tive um orgasmo com John cheguei a chorar. Foi algo tão forte e maravilhoso que não acreditei ser possível acontecer de novo. Os únicos momentos dolorosos eram os que eu passava esperando por John. Tomava banho, pintava as unhas, me perfumava, passava ruge no bico dos seios, escovava os cabelos e todos esses preparativos acendiam minha imaginação para as cenas que viveria.

Queria que ele me encontrasse no banho. John dizia que estava a caminho. Mas não vinha. Atrasava-se com freqüência.

Quando chegava, eu estava fria, ressentida. A espera esgotava meus sentimentos. Eu me rebelava. Uma vez não atendi quando ele tocou a campainha. Então ele bateu de leve, humildemente. Aquilo me comoveu tanto que abri a porta. Mas eu estava furiosa e queria magoá-lo. Não correspondi ao

seu beijo. Ele ficou triste; enfiou a mão por baixo do meu roupão e descobriu que eu estava úmida, apesar de conservar as pernas fortemente cerradas. Feliz de novo, John obrigou-me a ceder.

Puni-o então ao não reagir sexualmente; ele ficou magoado porque gostava de me ver sentir prazer. Sabia pelas violentas batidas do meu coração, pelas mudanças na voz, pelas contrações das pernas quanto eu gozava. Dessa vez comportei-me com a indiferença de uma prostituta. Isso realmente o ofendeu.

Nunca podíamos sair juntos. Ele era por demais conhecido, bem como sua mulher. Ele era produtor. Ela, autora de peças teatrais.

John não tentou se modificar depois que descobriu quanto eu ficava zangada por esperá-lo. Cada vez chegava mais tarde. Dizia que ia chegar às dez horas e chegava à meia-noite. Um dia ele não me encontrou. Ficou desesperado. Pensava que eu não fosse voltar. Quanto a mim, julgava que John se comportava daquele modo de propósito, por gostar de me ver zangada. Implorou tanto que acabei retornando ao cabo de dois dias. Estávamos muito tensos e zangados. Ele disse: — Você voltou a posar. Gosta de posar. Na verdade, você gosta de se exibir.

— Por que você me faz esperar tanto? Sabe que isso mata meu desejo de ficar com você, John. Quando você chega tarde, me encontra fria.

— Não tão fria. — Fechei minhas pernas com toda a força de encontro a ele, que assim não podia me tocar. Mas ele acabou por se livrar e me acariciou por trás. — Nem tão fria assim — disse, com um sorriso.

Na cama ele colocou o joelho entre minhas pernas e forçou-me a abri-las.

— Quando você está furiosa — disse —, sinto-me como se a estivesse estuprando.

Acho que você me ama tanto que não pode resistir a mim; vejo que você está molhada e gosto de sua resistência e também de sua derrota.

— John, você me irrita tanto que vou deixá-lo.

Ele ficou assustado e me beijou. Prometeu não mais agir daquele modo.

O que eu não podia compreender era que, a despeito de nossas brigas, o fato de John fazer amor comigo tornara-me sensível. Ele despertara meu corpo. Eu desejava ainda mais do que antes entregar-me a todos os seus caprichos. John devia ter percebido isso, porque quanto mais me acariciava e me excitava, mais temia que eu voltasse a posar.

Mas, lentamente, foi o que fiz. Tinha tempo demais sozinha, ficava demasiado isolada com minhas lembranças de John.

Millard foi um dos que ficaram mais contentes por me ver. Ele devia ter estragado a estatueta novamente — de propósito, eu tinha certeza — de modo a poder me conservar na pose de que gostava.

Na noite anterior ele tinha fumado maconha com alguns amigos. E me disse: — Você sabia que é comum a maconha dar a quem fuma a impressão de estar se transformando em um animal? Ontem uma mulher foi totalmente

tomada por uma transformação desse tipo. Caiu de quatro no chão e começou a andar de um lado para o outro como um cachorro. Nós tiramos suas roupas. Ela quis amamentar. Queria que fizéssemos como cachorrinhos, que nos deitássemos no chão e sugássemos seus seios. Sempre de quatro, ela ofereceu os seios a todos nós. Queria que andássemos como cachorro — atrás dela. Insistiu em ser possuída assim, por trás, e eu o fiz, mas sentime terrivelmente tentado a mordê-la quando montei nela. Mordi-a no ombro com mais força do que jamais tinha mordido qualquer pessoa. A mulher não ficou assustada. Mas eu fiquei. Aquilo foi para mim um choque tão grande que me deixou sóbrio. Ergui-me e vi um amigo seguindo-a, também de quatro, mas sem acariciá-la ou querer montar nela. Limitava-se a cheirá-la, exatamente como um cachorro faria, e isso me fez lembrar com muita intensidade minha primeira experiência sexual, que me perturbou demais.

“Quando éramos crianças, no interior, tínhamos em casa uma empregada nascida na Martinica. Era uma moça enorme, que usava compridas saias rodadas e lenço na cabeça. Era uma mulata clara, muito bonita. Gostava que brincássemos de esconder. Quando chegava a minha vez, ela me escondia sob sua saia. E lá ficava eu sentado, meio sufocado, escondido entre suas pernas. Lembro-me até hoje do odor sexual que se desprendia dela e que me excitava, mesmo sendo eu bem pequeno. Uma vez tentei acariciá-la, mas levei um tapa na mão.”

Eu estava posando em silêncio, e ele se aproximou de mim para me medir com um instrumento. Senti sua mão em minhas coxas, acariciando-me de leve. Sorri. Continuei no tablado e Millard passou a acariciar minhas pernas, como se estivesse me modelando, como se eu fosse feita de barro. Ele beijou meus pés, passou inúmeras vezes as mãos em minhas pernas e em minhas nádegas. Depois me beijou na boca, pegou-me pela cintura e me colocou no chão. Apertou-me com muita força, acariciando-me as costas. Estremeci. As mãos dele eram suaves e flexíveis. Tocava-me como o fizera com a estátua, com um carinho infinito.

Dirigimo-nos ao sofá. Millard deitou-me de bruços e se despiu. Caiu em cima de mim, e senti seu pênis sobre minha bunda. Passou as mãos pela minha cintura, depois me ergueu um pouco para que pudesse me penetrar. Seus movimentos eram ritmados. Fechei os olhos para senti-lo melhor e ouvir o barulho do pênis ao entrar e sair. Eu estava toda molhada e ele metia com tanta violência que esses ruídos eram inevitáveis e eu me deleitava com isso.

Os dedos de Millard entravam em minha carne. Suas unhas eram pontudas e me machucavam. Eu estava tão excitada com seus movimentos vigorosos que tive de abrir a boca e morder a coberta do sofá. Então ouvimos um barulho na porta. Millard ergueu-se depressa, apanhou a roupa e dirigiu-se ao jirau, onde guardava seus trabalhos. Sumi atrás do biombo.

Ouviu-se uma segunda batida à porta do estúdio e a mulher de Millard entrou. Eu tremia, não de medo, e sim pelo choque de ter sido obrigada a parar no meio do ato. A mulher de Millard viu o estúdio vazio e retirou-se. Ele reapareceu, já vestido. Eu disse: — Espere um pouco — e comecei a me vestir de novo. Mas nosso momento estava destruído. Eu ainda estava úmida e trêmula. Quando vesti as calcinhas, o contato da seda me excitou tremendamente. Não pude mais suportar a tensão e o desejo que sentia. Pus ambas as mãos sobre meu sexo, como Millard fizera, e pressionei com força, fechando os olhos e imaginando que era ele quem estava me acariciando. Finalmente gozei, tremendo dos pés à cabeça.

Millard quis me ver de novo, mas não no estúdio, onde podíamos ser surpreendidos por sua mulher, de modo que concordei que procurasse um outro lugar. Consegui para nós um quarto de um amigo. A cama ficava no fundo de um cômodo comprido, com espelhos e lâmpadas no teto. Ele quis apagar tudo, dizendo que queria ficar comigo no escuro.

— Já vi todo o seu corpo, e o conheço tão bem que agora quero senti-lo com os olhos fechados. Desejo apenas sentir sua pele, a maciez de sua carne. Suas pernas são tão firmes e fortes, e, no entanto, tão macias. Amo seus pés de dedinhos separados; eles lembram os dedos de uma mão; gosto de você toda. Adoro a parte inferior de suas pernas. — Ele falava, e ia passando as mãos em todo o meu corpo, lentamente, pressionando minha carne, sentindo cada curva. — Sente minha mão aqui entre suas pernas? Gosta? Quer senti-la mais perto?

— Mais perto, mais perto.

— Vou ensinar uma coisa a você. Quer aprender? — Nem era preciso responder. Millard pôs o dedo dentro de meu sexo.

— Quero agora que você aperte meu dedo. Há um músculo feminino que pode se contrair e se expandir em torno do pênis. Tente.

Tentei. Naquela posição, o dedo de Millard representava um verdadeiro suplício para mim. Ele o mantinha imóvel, e eu tentei forçá-lo a entrar mais e mais. Foi assim que senti o músculo de que falara, muito fraco a princípio, abrindo e fechando em torno do dedo. Millard aprovou.

— Sim, é isso mesmo. Mais força agora.

E assim eu prossegui abrindo e fechando, abrindo e fechando. Era como uma boca querendo sugar aquele dedo e obrigá-lo a entrar.

Millard me disse que iria fazer o mesmo com o pênis; mandou que eu continuasse com as contrações. Eu obedeci, executando os movimentos cada vez com mais força. Tudo aquilo estava me excitando tanto que eu achava que a qualquer momento atingiria o meu orgasmo, mas foi ele quem subitamente gemeu de prazer e acelerou o ritmo, incapaz de continuar se contendo. Limitei-me a prosseguir com meus movimentos vaginais e gozei também do modo mais maravilhoso, bem lá dentro de mim.

— John algum dia lhe mostrou isso?

— Não.

— O que foi que ele lhe ensinou?

— Isto: você se ajoelha em cima de mim e mete seu pênis.

Millard obedeceu. Seu pênis não estava com muita força, pois tinha se passado muito pouco tempo após o primeiro orgasmo, mas ele conseguiu meter, ajudando com a mão. Segurei-o então com ambas as mãos, acariciei seus bagos, pus dois dedos na base de seu pênis e esfreguei. Millard excitou-se instantaneamente. Seu pênis enrijeceu e ele começou a se movimentar de novo. De repente, se deteve.

— Não devo ser tão exigente — explicou, em um tom de voz estranho. — Você ficará cansada demais para John.

Ficamos deitados, fumando. Eu me perguntava se Millard não teria sentido algo mais do que o desejo sexual, se meu amor por John não pesara em seus sentimentos. Embora houvesse sempre um certo tom magoado em suas palavras, ele continuou a me fazer perguntas.

— John fez amor com você hoje? Quantas vezes? Como ele a possuiu?

Nas semanas que se seguiram, Millard me ensinou muitas coisas novas, e assim que eu as aprendia, experimentava com John. Finalmente, ele ficou curioso, querendo saber onde eu estava aprendendo aquelas posições. Afinal, eu era virgem até conhecê-lo. E a primeira vez que apertei seu pênis como Millard me ensinara, ficou muito espantado.

Era muito difícil manter secretas aquelas duas relações, mas eu adorava o perigo e a intensidade daquilo tudo.

Lilith

Lilith era sexualmente frígida e seu marido tinha quase certeza disso, não obstante todo o fingimento dela. Foi esse fato que causou o seguinte incidente: Ela nunca se servia de açúcar porque não queria engordar e usava um adoçante. Era pequenas pilulas brancas que carregava o tempo todo na bolsa. Um dia Lilith ficou sem seu adoçante e pediu ao marido que o comprasse quando viesse para casa. Assim, ele lhe trouxe um frasquinho igual ao que ela pedira, e Lilith pôs duas pilulas em seu café, depois do jantar.

Os dois sentaram-se juntos. Billy a fitava com a expressão de jovial tolerância que usava com freqüência, quando de seus ataques de nervos, suas crises de egoísmo, de auto-acusação, de pânico. A todo seu comportamento dramático ele reagia com inabalável bom humor e paciência. E Lilith ficava brigando sozinha, furiosa, passando por vastas crises emocionais em que ele não tomava parte.

Possivelmente tudo isso era um símbolo da tensão que não ocorria entre eles no plano sexual. Ele recusava todas as suas hostilidades, seus desafios violentos e primitivos, não se permitia entrar nessa arena emocional com Lilith e reagir à sua necessidade de ciúme, temores e batalhas.

Talvez se Billy tivesse aceito os desafios de Lilith e participado dos jogos de que ela gostava, Lilith poderia ter sentido sua presença como algo mais que um mero impacto físico. Mas o marido de Lilith não conhecia os prelúdios do desejo sexual, ou os estimulantes que certas naturezas selvagens exigem, e assim, em vez de reagir corretamente logo que via seus cabelos ficarem elétricos, seu rosto mais cheio de vida, seus olhos cintilantes, seu corpo irrequieto como o de um cavalo de corrida, retirava-se para sua parede de compreensão objetiva, de brincadeiras gentis e de plena aceitação de sua natureza, como alguém que observa um animal em um jardim zoológico e sorri de suas excentricidades, mas não se deixa envolver. Era isso que deixava Lilith em um estado de total isolamento — como um animal selvagem que habitasse uma região deserta.

Quando Lilith brigava e sua temperatura subia, o marido não era visto em parte alguma. Era como um céu sereno olhando para ela de cima, esperando que a tempestade passasse. Se Billy, como outro animal selvagem, aparecesse do outro lado do deserto, fitando-a com a mesma tensão elétrica nos cabelos, na pele e nos olhos, se aparecesse com o mesmo corpo selvagem, pisando forte e querendo achar qualquer pretexto para lançar-se sobre ela, abraçá-la com fúria, sentir-lhe o calor e a força, podia ser que acabassem rolando na cama, que os sorrisos sarcásticos se transformassem em mordidas de paixão e que a luta passasse a ser um combate de amor. Os puxões de cabelo uniriam suas bocas, seus dentes, suas línguas. E de toda essa fúria podia ser que seus aparelhos genitais se esfregassem um contra o outro, soltando centelhas, e tivessem os dois

corpos que se interpenetrar para pôr fim à formidável tensão.

Naquela noite Billy mais uma vez se sentou com a expressão costumeira nos olhos, enquanto ela se colocou perto do abajur, pintando um objeto qualquer com tanta fúria que dava a impressão de que iria devorá-lo quando terminasse. O silêncio foi quebrado por ele, quando disse: — Sabe, não era adoçante aquela pílula que eu trouxe e que você pôs no café. Era cantárida, um pó excitante.

Lilith ficou atônita.

— E você teve coragem de me dar isso?

— Sim, eu queria ver você ficar excitada. Pensei que podia ser bem agradável para nós dois.

— Oh, Billy — disse ela —, o que você fez comigo! E eu prometi a Mabel que iríamos ao cinema. Não posso desaponta-la.

Há uma semana que Mabel está trancada em casa. E se essa droga começar a fazer efeito quando eu estiver no cinema?

— Bem, se você prometeu, tem de ir. Mas eu estarei à sua espera.

Assim, meio febril e muito tensa, Lilith foi ao encontro de Mabel. Não se atreveu a contar o que o marido havia feito com ela. Não saíam de sua cabeça todas as histórias que ouvira a respeito da cantárida. Esse afrodisíaco fora muito usado pelos homens na França do século XVIII. Lembrava-se da história de um certo aristocrata que, aos quarenta anos, já um pouco enfraquecido por ter assiduamente feito amor com todas as mulheres atraentes de seu tempo, apaixonou-se violentamente por uma dançarina de apenas vinte anos e passou três dias e três noites tendo relações sexuais com ela com a ajuda da cantárida.

Lilith tentou imaginar como poderia ser uma experiência dessas, receando que a droga fizesse efeito a qualquer instante, obrigando-a talvez a ir correndo para casa e confessar seu desejo ao marido.

Lilith não conseguiu concentrar-se no que se passava na tela do cinema. Sua cabeça era um caos. Sentou-se muito tensa, tentando sentir os efeitos da droga. E teve um sobressalto quando percebeu que se sentara com as pernas muito abertas e a saia bem levantada, acima dos joelhos.

Recompôs-se, achando que aquilo já deveria ser indicio de uma febre sexual que a estava acometendo e que se agravava a cada instante. Tentou lembrar se algum dia já se sentara daquela maneira no cinema. No seu modo de entender, aquela posição era a mais obscena que jamais imaginara. Sabia que quem estivesse sentado na fila da frente, colocada muito abaixo da sua, seria capaz de, com uma simples olhada para trás, regalar-se com o espetáculo das calcinhas e das ligas novas que comprara naquele mesmo dia. Tudo parecia conspirar em benefício de uma noite de orgia. Deveria ter sido dominada por uma premonição quando resolvera comprar aquelas calcinhas rendadas e um par de ligas cor de coral que ia tão bem com suas pernas de dançarina.

Foi com raiva que fechou as pernas. Se fosse envolvida por uma selvagem

torrente de desejo, não saberia o que fazer.

Deveria se levantar de repente, dizer que estava com dor de cabeça e ir embora? Talvez pudesse se virar para Mabel — Mabel sempre a adorara. Teria coragem de se voltar para Mabel e acariciá-la? Já ouvira falar de mulheres que se acariciavam. Uma conhecida sua já se sentara daquele modo na escuridão do cinema e, muito lentamente, a mão da amiga que estava a seu lado abrira sua saia, escorregara até seu sexo e a acariciara até que ela gozasse. Não saberia dizer com que frequência essa sua conhecida vivera aquela deliciosa situação de ter que ficar quieta, controlando a parte superior do corpo, enquanto estava sendo acariciada no escuro, secreta, lenta e misteriosamente. Nunca tinha acariciado uma outra mulher. Diversas vezes pensara que deveria ser algo maravilhoso afagar uma mulher, acompanhar a curva de suas nádegas, sentir a suavidade do seu ventre e da pele entre as pernas. Já tentara se acariciar na cama, à noite, só para ver como seria tocar outra mulher.

Reiteradamente fizera isso com seus próprios seios, imaginando que fossem de outra mulher.

Fechando os olhos imaginou o corpo de Mabel em traje de banho. Os seios redondos eram tão grandes que pareciam querer pular para fora do maiô a qualquer instante. Ela estava sempre sorrindo, e sua boca de lábios grossos prometia ser muito suave. Como deveria ser maravilhoso! Mas até então Lilith não sentia nenhum calor entre as pernas que pudesse fazê-la perder o controle e esticar a mão na direção de Mabel. As pílulas ainda não tinham produzido efeito. Estava frígida, constrangida, entre as pernas; havia mesmo uma evidente tensão lá. Não podia relaxar. Se tocasse em Mabel, não poderia prosseguir depois com um gesto mais ousado. E, no entanto, a saia de sua amiga abria-se lateralmente. Será que Mabel gostaria de ser acariciada? Lilith estava ficando inquieta. Sempre que se descuidava, suas pernas se abriam de novo, tomando aquela posição que lhe parecia tão obscena, tão convidativa e que a fazia recordar certos passos de dança das bailarinas nativas da ilha de Bali.

O filme terminou. Em silêncio, Lilith dirigiu seu carro pelas estradas escuras. De repente os faróis iluminaram um carro que se achava estacionado no acostamento. Dentro dele havia um casal que não estava se acariciando do modo usual. A mulher estava sentada no colo do homem, de costas para ele; o homem se erguia todo de encontro a ela, o corpo na pose característica de quem estava gozando. Seu estado era tal que ele não foi capaz de parar quando os faróis do carro de Lilith o iluminaram. Pelo contrário, esticou-se mais ainda, para sentir melhor a mulher que tinha nos joelhos, enquanto ela dava a impressão de estar meio desmaiada de prazer.

Lilith permaneceu em silêncio, tomada de espanto, e Mabel comentou: — Sem dúvida nós os pegamos no melhor momento.

E riu. Então Mabel conhecia o clímax que Lilith jamais experimentara e que

tanto ansiava por conhecer. Gostaria de perguntar como era, mas se conteve. Logo saberia. Ver-se-ia obrigada a liberar todos aqueles desejos experimentados em geral apenas nas fantasias, em longos devaneios que enchiam suas horas quando ficava sozinha em casa. Ficava pintando e pensava: "Agora entra aqui um homem por quem estou muito apaixonada. Ele aparece no quarto e vai dizendo: 'Deixe-me despir você'. Meu marido jamais tira minha roupa; ele se despe sozinho; mete-se na cama e, se me quer, apaga a luz. Mas esse homem virá e me despirá lentamente, peça por peça. Isso me dará bastante tempo para senti-lo, para ter as mãos dele sobre mim. Antes de tudo, ele abrirá meu cinto, tocará em minha cintura com ambas as mãos e dirá: 'Que linda cintura você tem; como é estreita, que belas curvas'. Então desabotoará minha blusa muito devagar; eu sentirei suas mãos em cada botão, e depois tocando meus seios pouco a pouco, até que eles saiam da blusa. Ele os amara e sugará os bicos como se fosse uma criança, machucando-me um pouco com seus dentes. E eu sentirei tudo isso se espalhando pelo meu corpo, liberando todos os meus nervos e me dissolvendo em um mar de desejo. Ficará impaciente com a saia. Estará desesperado de paixão. Não apagará a luz. Ficará me olhando, me admirando, me adorando, aquecendo meu corpo com suas mãos, esperando até que eu esteja totalmente excitada, até que cada poro de minha pele tenha despertado para o amor.

Será que já estaria sendo perturbada pela cantárida? Não, sentia-se lânguida, perseguida por todas aquelas fantasias que se repetiam interminavelmente — mas era só. E, contudo, gostaria de conhecer o êxtase que observara no casal surpreendido pelos faróis do seu carro.

Quando chegou em casa encontrou o marido lendo. Ele ergueu os olhos para ela e sorriu com malícia. Lilith não quis confessar que não tinha sentido os efeitos do afrodisíaco. Estava imensamente desapontada consigo mesma. Que mulher glacial ela devia ser, a quem nada perturbava, nem mesmo algo que fizera um nobre do século XVIII passar três dias e três noites fazendo amor sem parar. Ela era um verdadeiro monstro. E seu próprio marido já devia saber disso. Iria rir dela.

E acabaria por procurar uma mulher mais sensível.

Assim, ela começou a se despir na frente dele, andando de um lado para o outro seminua, escovando os cabelos ao espelho. Em geral não fazia nada disso. Não queria que ele a desejasse. Não sentia nenhum prazer com o ato sexual. Era algo que tinha de ser feito o mais rápido possível apenas por causa dele. Para ela era um sacrifício. A excitação e o prazer que não compartilhava lhe eram repulsivos. Sentia-se como uma prostituta paga para aquilo. Era uma prostituta sem sentimentos, que em troca de seu amor e de sua devoção lhe dava um corpo totalmente frígido. Sentia vergonha de ser assim.

Mas quando finalmente se deitou, ele lhe disse: — Não creio que a cantárida tenha produzido efeito suficiente em você, e estou com sono. Acorde-me se . .

Lilith tentou dormir mas não conseguiu, aguardando que seu corpo se enchesse de desejo. Depois de uma hora levantou-se e foi até o banheiro. Pegou o vidrinho que Billy lhe comprara e tomou dez pílulas de uma só vez, pensando: "Isto vai resolver o problema". Deitou-se de novo, esperando. Durante a noite seu marido foi procurá-la. Mas ela estava tão tensa e seca entre as pernas que ele teve de umedecer o pênis com saliva.

Na manhã seguinte Lilith acordou chorando. Billy interrogou-a e ela lhe disse a verdade. Ele soltou uma risada.

— Mas, Lilith, tudo não passou de uma brincadeira. O que você tomou não era cantárida.

Mas daquele momento em diante Lilith passou a ser perseguida pela idéia de que deveriam existir modos de se excitar artificialmente. Tentou todas as fórmulas de que já ouvira falar. Bebeu enormes copos de chocolate com grandes quantidades de baunilha. Comeu montanhas de cebolas. O álcool não a afetava como a outras pessoas, porque já estava em guarda quando começava a beber. Na verdade, não conseguia deixar de pensar em si própria e em seu problema.

Já tinha ouvido falar de umas bolinhas que eram usadas como afrodisíaco nas Índias Orientais. Mas como poderia obtê-las? Onde poderia se informar a esse respeito? As mulheres nativas daquele país as inseriam dentro da vagina. Eram bolinhas de borracha muito macia, revestidas de um material bem parecido com pele. Quando eram introduzidas na vagina, essas bolinhas se acomodavam e passavam a se agitar toda vez que a mulher se movia, causando um efeito muito mais excitante do que um dedo ou um pênis. Lilith gostaria de conseguir essas bolinhas, para andar com elas dentro de si dia e noite.

Marianne

Creio que o mais adequado seja me definir como a cafetina de uma casa de prostituição literária que trabalha como líder de um grupo de escritores pobres que produzem textos eróticos para vender a um "coleccionador". Fui a primeira a escrever e todos os dias dava meus manuscritos a uma jovem para que ela os datilografasse.

Essa jovem, Marianne, era uma pintora que à noite fazia trabalhos de datilografia para ganhar a vida. Tinha cabelos louros, olhos azuis, rosto redondo, seios grandes e firmes, mas ao invés de exibir a exuberância de seu corpo, tentava ocultá-la em disformes roupas boêmias, casacos largos, saias plissadas, capas de chuva. Marianne nascera em uma cidadezinha do interior. Mas lera Proust, Krafft-Ebing, Marx e Freud.

É claro que Marianne já tivera aventuras sexuais, mas há um tipo de aventura em que o corpo realmente não chega a participar totalmente. Ela se iludia. Acreditava que, porque já se deitara com alguns homens, os acariciara e fizera todos os gestos que se devem fazer, tinha experimentado a verdadeira vida sexual.

Mas tudo aquilo era apenas uma ilusão. Na verdade, seu corpo ainda não amadurecera. Nada a atingira profundamente.

Ainda era virgem. Pude sentir isso no instante em que entrou em meu escritório. Contudo Marianne jamais admitiria que fosse frígida, como um soldado nunca confessará já ter sentido medo. Mesmo assim, estava se submetendo à psicanálise.

Eu não podia deixar de me perguntar, quando lhe entregava minhas histórias eróticas para que datilografasse, como aquilo iria atingi-la. Junto com sua curiosidade intelectual — pois quanto a isso era uma criatura aberta —, havia nela intenso pudor físico que se esforçava para não revelar e que eu descobrira acidentalmente quando soube que jamais tomara banho de sol nua e que a simples idéia de fazê-lo a intimidava.

A lembrança que a perseguia mais intensamente era a de uma aventura que tivera em seu estúdio. Quando um conhecido seu ia se retirando, apertara-a com força de encontro a uma parede, erguera uma de suas pernas e empurrara seu membro entre suas coxas. O estranho nesse caso é que na hora ela não sentira nada, mas depois, sempre que se lembrava do caso, ficava inquieta e excitada. Suas pernas fraquejavam e ela daria qualquer coisa para sentir de novo aquele corpo enorme esmagando o seu, prendendo-a contra a parede, cortando-lhe todas as possibilidades de fuga.

Um dia ela se atrasou na entrega do trabalho e resolvi ir até seu estúdio. Bati e ninguém atendeu. Empurrei a porta, que se abriu. Marianne devia ter ido fazer compras nas proximidades de sua casa.

Fui até a máquina de escrever para verificar o andamento do trabalho e vi um texto que não reconheci. Achei que talvez estivesse começando a esquecer o que escrevera. Mas não podia ser. Aquilo não fora escrito por mim. Comecei a ler. E então entendi.

No meio do serviço Marianne cedera ao desejo de contar suas próprias experiências. Eis o que escreveu: "Há coisas que ao lermos nos convencem de que não vivemos, não sentimos ou não experimentamos nada até aquele momento. Vejo agora que a maior parte do que já me aconteceu foi clínico, anatômico. É fato que os sexos se tocavam e se misturavam, mas sem qualquer centelha, loucura ou sensação mais profunda. Como poderei obter isso? Como começar a sentir — a sentir? Quero me apaixonar de tal modo que a simples visão de um homem, mesmo a um quarteirão de distância, me faça estremecer e me sentir penetrada, fraca, trêmula, e me deixe úmida entre as pernas. É assim que desejo me apaixonar: tão completamente que o simples fato de pensar no meu homem me leve ao orgasmo."

"Hoje de manhã, quando eu estava pintando, alguém bateu à porta com delicadeza. Fui atender e encontrei um rapaz muito bonito, mas evidentemente tímido, e de quem gostei assim que vi".

"Ele entrou sem tirar os olhos de cima de mim, com ar súplice, e disse: Foi um amigo que me mandou aqui. Você é pintora; quero que um certo trabalho seja feito. Gostaria de saber se você... aceitaria a encomenda.

"Seu jeito de falar não podia ser mais encabulado, e ele corou. Parecia mais uma mulher, pensei".

"Eu lhe pedi que se sentasse, querendo pô-lo à vontade. Só então ele notou minhas pinturas, que eram todas abstratas. E perguntou: "— Mas você também sabe pintar a figura humana, não sabe?

"— Claro que sei. — Mostrei-lhe meus desenhos.

"— O traço é muito forte — comentou, totalmente absorto na contemplação de um dos meus desenhos representando um atleta musculoso.

"— Você quer um retrato seu?

"— Bem, sim — sim e não. Quero um retrato. Ao mesmo tempo, sei que o que desejo é um tipo de retrato nada comum, de modo que não sei se você... concordará em fazê-lo.

"— Fazer o quê? — eu quis saber.

"— Bem — ele finalmente se abriu —, você me faria esse tipo de retrato? — Mostrou-me um atleta nu.

"Ele esperava uma reação qualquer de minha parte. Mas eu estava tão acostumada com a nudez masculina na escola de arte que sorri de sua timidez. Não achei que houvesse algo de estranho em seu pedido, embora fosse ligeiramente diferente do normal pintar um nu sendo paga pelo modelo. Era essa minha única observação, que lhe transmiti. Enquanto isso, com o direito de

encarar os outros que eu atribuía aos pintores, estudei seus olhos violeta, a fina penugem dourada de suas mãos e — quase invisível — da ponta de sua orelha. Ele tinha um certo ar de fauno e algo de feminino que me atraía.

"Apesar de sua timidez, parecia saudável e um tanto aristocrático. Suas mãos eram macias e bem tratadas. Sua postura era boa. Demonstrei um certo entusiasmo profissional que pareceu deleitá-lo e entusiasmá-lo.

Quer começar agora? — perguntou-me. — Trouxe algum dinheiro comigo. Posso trazer o resto amanhã.

"Aponte para um canto do estúdio onde havia um biombo que ocultava minhas roupas e a pia. Mas ele voltou os olhos violeta para mim e perguntou com ar inocente: "— Posso me despir aqui?"

"Fiquei meio sem graça, mas aquiesci. Deliberadamente, concentrei-me nos preparativos. Apanhei papel, ajeitei uma cadeira, apontei alguns carvões. Parecia-me que ele estava sendo deliberadamente lento para tirar a roupa, como se estivesse aguardando minha atenção. Resolvi fitá-lo sem deixar transparecer o que pensava, com o ar mais profissional possível, como se já estivesse começando o estudo de sua figura.

"Ele ainda estava se despiando e o fazia lentamente, como se aquilo fosse um ritual. Só uma vez fitou-me nos olhos e sorriu, exibindo seus belos dentes. Sua pele era tão delicada que refletia a luz que entrava pela grande janela do estúdio, como se fosse caríssima seda.

"Naquele instante, o pedaço de carvão que eu tinha nas mãos pareceu ter adquirido vida, e eu imaginei que seria um prazer desenhar as feições daquele rapaz, quase como se o acariciasse. Ele já tinha tirado o casaco, a camisa, os sapatos e as meias. Só faltavam as calças. Segurava-as como uma artista de striptease segura o vestido no início da parte principal do número, sempre olhando para mim. Eu ainda não podia entender o brilho de prazer que animava seu rosto.

"Então ele desafivelou a cinta, inclinou-se um pouco e deixou as calças escorregarem. Ficou totalmente nu à minha frente, no mais completo estado de excitação sexual. Quando o vi assim, houve um momento de suspense. Se eu protestasse, perderia um dinheiro de que precisava demais.

"Tentei ler a expressão de seus olhos. Eles pareciam dizer: 'Não fique zangada. Perdoe-me'.

"E assim tentei desenhar. Foi uma estranha experiência. Quando estava concentrada na sua cabeça, no pescoço, nos braços, tudo ia bem. Mas assim que meus olhos desviavam para o resto de seu corpo, eu podia sentir o efeito sobre ele. Seu sexo estremecia de modo quase imperceptível. Sentime tentada a representar aquilo em meu desenho com a mesma calma que tivera ao desenhar seu joelho. Mas a virgem defensiva que havia em mim estava perturbada. Achei que tinha que trabalhar lenta e atentamente para ver se a crise passava, a fim de

que ele não dirigisse sua excitação para mim. Mas não, o rapaz não fez qualquer movimento. Estava paralisado e contente. Era eu quem estava perturbada, e sabia por quê.

"Quando terminei, ele se vestiu com toda a calma, parecendo totalmente senhor de si. Aproximou-se de mim, apertou minha mão polidamente e perguntou: "— Posso voltar amanhã à mesma hora?"

Nesse ponto terminava o trabalho. Por coincidência, eu estava acabando de ler quando Marianne entrou, sorrindo.

— Não foi uma aventura estranha? — perguntou-me ela.

— Foi, claro, e eu gostaria de saber como você se sentiu após ele ter saído.

— Depois — confessou ela — fiquei excitada o dia inteiro, recordando o seu corpo, lembrando seu lindo membro rígido.

Revi todos os meus croquis, e a um deles acrescentei a imagem completa do incidente.

Na verdade, fiquei atormentada de desejo. Mas um homem como aquele só estava interessado mesmo em olhar para mim.

Aquilo poderia nunca ter passado de uma simples aventura, mas para Marianne teve grande importância. Pude ver como ficava cada vez mais obcecada pelo rapaz. Evidentemente, a segunda sessão foi uma cópia da primeira. Nada foi dito. Marianne não revelara qualquer emoção. Fingia não tomar conhecimento do prazer que ele auferia em se ver olhado por ela. E a cada dia que se passava Marianne descobria maiores maravilhas. Cada detalhe do corpo dele era perfeito. Seria ótimo se ele deixasse transparecer o menor interesse que fosse pelo corpo dela, mas isso não ocorria. E Marianne estava emagrecendo e definhando de desejo insatisfeito.

Seu trabalho de datilografia também a afetava, pois continuamente copiava as aventuras dos outros. Todo o nosso grupo lhe entregava os originais, pois ela ganhara a confiança de todos. E assim, todas as noites a pequenina Marianne debruçava os seios generosos e maduros sobre sua máquina e escrevia palavras tórridas, descrevendo violentos incidentes físicos. Certos fatos a perturbavam mais que outros.

Ela gostava de violência. Era por isso que sua situação com o rapaz era a mais impossível de todas. Não podia acreditar que ele pudesse ficar tanto tempo naquele estado de total excitação física pelo simples fato de ter os olhos dela fixos sobre seu corpo, como se o estivesse acariciando.

Quanto mais passivo era o comportamento dele, mais ela ansiava por tratá-lo com violência. Sonhava em subjugá-lo à força, mas como isso seria possível? Já que não podia tentá-lo com sua presença, como seria capaz de fazê-lo desejá-la?

Se ele dormisse, teria uma chance de acariciá-lo. Podia ser que ele a possuísse quando estivesse meio adormecido, meio acordado. Gostaria também

que ele a surpreendesse quando estivesse trocando de roupa, e que, assim, a visão de seu corpo o excitasse.

Uma vez ela deixou a porta entreaberta enquanto trocava de roupa. Mas ele desviou os olhos e apanhou um livro.

Impossível excitá-lo senão de um jeito: olhando para o seu corpo nu. E Marianne já estava desesperada de desejo pelo seu modelo. O trabalho acabou. E ela conhecia todas as partes do seu corpo, a cor de sua pele dourada, o formato de todos os seus músculos, e, acima de tudo, seu sexo constantemente ereto, macio, firme, polido, tentador.

Aproximou-se dele para ajeitar um pedaço de cartolina branca que funcionava como uma espécie de superfície refletora que projetava sombras mais nítidas em seu corpo. Mas acabou por perder o controle e caiu de joelhos diante de seu membro ereto. Não tocou nele. Limitou-se a fitá-lo e a murmurar: — Como é lindo!

Em razão disso, ele ficou visivelmente mais excitado. Seu membro se tornou mais rígido de prazer. Ela ajoelhou-se mais perto — o sexo dele estava ao alcance de sua boca — e novamente disse apenas: — Como é lindo!

Como ele não se mexia, ela se aproximou mais, entreabriu ligeiramente os lábios e, com toda a delicadeza, encostou a língua na ponta de seu sexo. Ele não se afastou. Ficou olhando para o seu rosto e para o modo como sua língua se projetava carinhosamente para tocar-lhe a extremidade do sexo.

Ela o lambeu devagar, com a delicadeza de um gato, e depois inseriu uma pequena parte do membro na boca e fechou os lábios em torno dele. Estava tremendo.

Conteve-se para não prosseguir, temendo encontrar resistência. E quando parou ele não a encorajou a continuar. Parecia satisfeito. Marianne achou que aquilo era tudo o que podia lhe pedir. Pôs-se de pé e retornou ao trabalho. Intimamente sentia-se perdida em um turbilhão de emoções. Imagens violentas passavam diante de seus olhos. Lembrava de alguns filmes que vira em Paris, corpos rolando na grama, mãos incansáveis, calças abertas por dedos ávidos, muitas carícias e o enorme prazer que fazia os corpos se dobrarem, prazer que se espalhava pela pele dos amantes como se fosse água, fazendo-os estremecer quando a onda de paixão envolvia seu ventre ou seus quadris.

No entanto Marianne controlou-se devido ao conhecimento intuitivo que a mulher tem a respeito do homem a quem deseja. Ele permaneceu em transe, o sexo ereto, o corpo as vezes estremecendo ligeiramente, como se tivesse sido atravessado pelo prazer da lembrança da boca de Marianne.

No dia seguinte a esse episódio, Marianne repetiu sua pose de adoração diante da beleza do membro do rapaz.

Novamente ela se ajoelhou e rendeu homenagem àquele estranho falo que só exigia admiração. Mais uma vez acariciou-o com a língua, com todo o ardor

de sua paixão, e de novo o beijou e o envolveu com seus lábios como se fosse um fruto maravilhoso. Novamente ele estremeceu. E, para espanto de Marianne, uma gotinha de uma substância salgada, branca como leite, dissolveu-se em sua boca. Era uma gota precursora de seu desejo, e ela aumentou a pressão e os movimentos da língua.

Quando viu que ele estava se dissolvendo de prazer, Marianne parou, imaginando que ao se ver privado de algo tão bom ele talvez mudasse de atitude e procurasse o prazer completo. A princípio ele não se mexeu. Seu sexo tremia todo, era óbvio que estava atormentado de prazer. De repente ela espantou-se ao ver sua mão movendo-se para o próprio sexo como se tivesse decidido satisfazer-se sozinho.

Marianne ficou desesperada. Empurrou a mão dele, tomou seu membro outra vez na boca e com ambas as mãos pôs-se a acariciá-lo. Pouco tempo depois ele gozava.

Inclinando-se sobre ela com muita gratidão e ternura, ele murmurou: — Você é a primeira mulher, a primeira mulher, a primeira mulher.

Fred mudou-se para o estúdio. Mas, como Marianne explicou, não progrediu a partir da aceitação de suas carícias. Os dois se deixavam ficar deitados na cama, nus, e Fred agia como se fosse totalmente assexuado. Recebia, excitadíssimo, os tributos dela, mas Marianne ficava insatisfeita. Tudo o que fazia era colocar as mãos entre suas pernas. Quando o acariciava com a boca, as mãos dele abriam-lhe o sexo como se procurasse o pistilo de uma flor. Sentindo as contrações, gostava de fazer-lhe carícias, ao que Marianne era capaz de reagir, mas que na verdade não satisfazia a fome que sentia do seu corpo.

E ficava ansiando por ser possuída de modo mais completo, por ser penetrada.

Ocorreu-lhe mostrar a Fred os originais que datilografava. Achou que isso talvez o excitasse. Os dois se deitavam e liam juntos. Fred lia alto, com prazer. Demorava-se nas descrições. Lia e relia e de novo tirava a roupa e se exibia; mas fosse qual fosse o seu grau de excitação, não ia além disso.

Marianne queria que ele fizesse psicanálise. Contou-lhe quanto a análise a liberara. Fred ouviu com interesse, mas resistiu.

À idéia. Marianne também lhe sugeriu que escrevesse, registrando suas experiências.

A princípio Fred se mostrou tímido, envergonhado. Depois, quase subrepticamente, começou a escrever, escondendo o papel quando Marianne aparecia, usando um toco de lápis, agindo como se se tratasse de uma confissão criminal. Foi por acaso que Marianne leu o que ele escrevera. Fred estava precisando desesperadamente de dinheiro. Já tinha empenhado sua máquina de escrever, seu sobretudo, seu relógio, e nada mais tinha que pudesse empenhar.

Não podia continuar vivendo à custa de Marianne. Mesmo trabalhando até

tarde da noite, com os olhos vermelhos de tanto escrever à máquina, Marianne não conseguia mais que o dinheiro do aluguel e um mínimo para a comida. Assim, Fred procurou o colecionador a quem Marianne entregava seu trabalho e ofereceu o que escrevera, pedindo desculpas por estar escrito à mão. O colecionador, encontrando dificuldades para ler, inocentemente deu o manuscrito para Marianne datilografar.

Foi assim que Marianne se viu com o manuscrito do amante nas mãos. Leu-o avidamente antes de datilográ-lo, incapaz de controlar sua curiosidade, em busca do segredo da passividade de Fred. Eis o que ela leu: "A vida sexual é quase sempre um segredo. Todos conspiram para que seja assim. Até mesmo os melhores amigos não contam uns aos outros os verdadeiros detalhes de sua vida. Marianne e eu vivemos em uma estranha atmosfera. Só falamos, lemos e escrevemos a respeito de sexualidade.

"Lembro-me de um incidente de que tinha me esquecido completamente. Aconteceu quando eu tinha cerca de quinze anos e era inocente. Minha família alugara em Paris um apartamento com muitas varandas e portas que davam para elas. No verso, eu costumava andar nu pelo meu quarto. Uma vez, eu estava fazendo isso com as portas abertas, quando observei que havia uma mulher me olhando de um apartamento fronteiro ao meu.

"Ela estava sentada em sua varanda, me observando, sem demonstrar que estivesse sentindo a menor vergonha, e algo fez que eu resolvesse fingir que não havia percebido sua presença. Temia que ela fosse embora se percebesse que eu tomara conhecimento dela.

"E ser observado por ela me deu o mais extraordinário dos prazeres. Eu andava de um lado para o outro ou ficava deitado na cama. Ela jamais se movia. Repetimos a cena todos os dias durante uma semana, mas no terceiro dia tive uma ereção.

"Poderia ela perceber a mudança ocorrida em mim, de onde estava? Poderia ver? Comecei a me tocar, sempre sentindo a total atenção dela para cada gesto meu. Sentime envolto em uma onda de deliciosa excitação. Podia ver suas formas luxuriantes. Encarando-a diretamente, fiquei brincando com meu sexo até que acabei gozando.

"A mulher não tirava os olhos de mim. Será que me faria algum sinal? Ficaria excitada por me observar? Tinha que ficar. No dia seguinte aguardei com ansiedade que ela aparecesse. Ela o fez na mesma hora de sempre. Daquela distância eu não poderia dizer se ela estava sorrindo ou não. Deitei-me na cama de novo.

"Não tentamos nos encontrar na rua, embora fôssemos vizinhos. Tudo de que me lembro é o prazer que eu sentia, um prazer tão grande como nenhum outro que jamais sentira em toda a minha vida. Basta recordar esses episódios que até hoje me sinto excitado. De certa forma, Marianne me dá o mesmo

prazer. Gosto do jeito faminto como ela me olha, me admirando, me adorando."

Quando Marianne leu isso, percebeu que jamais conseguiria vencer a passividade de Fred. Chegou a derramar umas lágrimas, sentindo-se traída como mulher. Mesmo assim ela o amava. Ele era sensível, gentil, terno. Nunca magoava seus sentimentos. Não era exatamente um tipo protetor, mas em compensação era fraternal. Ele a tratava como a artista da família, respeitava sua pintura, carregava suas telas, sempre querendo ser útil.

Marianne trabalhava como pintora em uma classe de pintura. Ele gostava de acompanhá-la até a sala, todas as manhãs, sob o pretexto de carregar suas telas. Mas logo Marianne viu que ele tinha outro objetivo. Fred estava apaixonadamente interessado nos modelos. Não como pessoas humanas, mas em sua experiência de posar. Ele também queria ser modelo.

Marianne se rebelou. Se Fred não sentisse tanto prazer sexual em ser olhado, ela não teria se importado. Mas sabendo disso, sentia como se ele estivesse querendo se entregar por inteiro a toda a turma. Não podia suportar essa idéia. Brigou com ele.

Mas Fred estava firmemente decidido e finalmente foi aceito. Naquele dia, Marianne recusou-se a comparecer à aula. Ficou em casa e chorou como uma mulher ciumenta quando sabe que o amante está com outra. Teve um ataque de fúria. Rasgou todos os desenhos que fizera dele, como se quisesse arrancar sua imagem dos olhos, aquela imagem de um corpo dourado, macio, perfeito. Mesmo que os estudantes fossem indiferentes aos modelos, ele estaria reagindo aos seus olhares, e Marianne não podia tolerar uma coisa dessas.

Esse incidente começou a separá-los. Parecia que quanto mais prazer ela lhe dava, mais ele sucumbia ao vício e procurava satisfazê-lo sem cessar.

Em pouco tempo a relação de ambos estava completamente estremecida. E Marianne foi deixada em paz para datilografar os nossos textos eróticos.

A mulher velada

George foi uma vez a um bar sueco de que gostava e sentouse a uma mesa, disposto a ter uma noite agradável. Notou que na mesa ao lado já se encontrava um casal muito elegante e distinto; o homem tinha aparência cortês e estava vestido com grande apuro; a mulher, toda de preto, tinha o rosto radiante coberto por um véu e estava cheia de jóias brilhantemente coloridas. Os dois sorriam para ele. Mas nada disseram um ao outro, como se já fossem velhos conhecidos e não mais precisassem falar.

Os três ficaram observando o movimento do bar — casais que bebiam juntos, uma mulher que tomava seu drinque sozinha, um homem em busca de aventuras — e todos pareciam estar pensando nas mesmas coisas.

Finalmente o homem bem vestido entabulou conversação com George, que assim teve uma chance de observar melhor a mulher e descobrir que ela era ainda mais bela do que pensara. Mas justamente quando esperava que ela participasse da conversa ouviu-a dizer algumas palavras para seu companheiro — palavras cujo sentido não pôde apreender — e viu-a sair.

George sentiu-se frustrado. Lá se fora uma noite que prometia ser agradável. Além disso, não tinha muito dinheiro, de sorte que não podia convidar o homem para tomar uma bebida em sua companhia e descobrir algo a respeito da misteriosa mulher velada. Contudo, para sua surpresa, foi o homem que se virou para ele e disse: — Gostaria de tomar um drinque comigo?

George aceitou. A conversa dos dois girou em torno de hotéis no sul da França até a confissão feita por George de que estava muito necessitado de dinheiro. A resposta de seu interlocutor deu a entender que era extremamente fácil consegui-lo.

Mas não explicou como. Instou para que George lhe fizesse mais algumas confissões.

Ora, George tinha uma fraqueza comum a muitos homens: quando seu estado de espírito era expansivo, adorava narrar suas conquistas. Foi o que fez, em meias palavras. Deu a entender que assim que punha o pé na rua aparecia-lhe alguma aventura, que jamais se vira sem perspectiva de uma noitada ou de uma mulher interessante.

Seu companheiro limitava-se a ouvir e sorrir.

Quando George acabou de falar, o outro homem disse: — Era exatamente isso o que eu esperava de você. Você é o sujeito que eu estava procurando. O caso é que estou às voltas com um problema delicadíssimo. Algo extremamente raro. Não sei se você já esteve envolvido com mulheres difíceis, neuróticas. Não? Dá para deduzir isso de suas histórias. Pois bem, isso me acontece com frequência. Talvez eu as atraia.

Agora, por exemplo, estou em uma situação que não poderia ser mais

complicada. Nem sei como achar uma saída. Preciso de sua ajuda. Você disse que precisa de dinheiro. Pois bem, posso lhe sugerir um modo bastante agradável de ganhar algum.

Ouçã com atenção. Existe uma mulher que é riquíssima e verdadeiramente linda; para ser mais preciso, eu deveria dizer que ela é perfeita. Poderia ser devotadamente amada por qualquer homem que lhe agradasse, poderia se casar com quem bem entendesse. Mas, por um perverso acidente de sua natureza, ela só gosta do desconhecido.

— Mas todo mundo gosta do desconhecido — contrapôs George, pensando imediatamente em viagens, encontros inesperados, situações românticas.

— Não, não do modo que ela gosta. Essa mulher só se interessa por homens a quem nunca tenha visto e que nunca voltará a ver. Por esse homem será capaz de fazer qualquer coisa.

George estava ardendo de desejo de perguntar se a mulher a quem se referiam era a mesma que estivera sentada perto dele. Mas não se atreveu. O homem lhe parecia um tanto desconcertado e infeliz por ter de contar aquelas coisas, e continuou, como se cumprisse uma pesada missão: — Tenho a obrigação de cuidar da felicidade dessa mulher. Eu seria capaz de fazer qualquer coisa por ela. Devotei minha vida inteira a satisfazer seus caprichos.

— Compreendo — comentou George. — Eu seria capaz de me sentir da mesma forma.

— Agora — prosseguiu o elegante estranho —, se você quiser me acompanhar, talvez resolva suas dificuldades financeiras por uma semana e, paralelamente, satisfaça também o seu desejo de aventuras.

George corou de prazer. Ambos deixaram o bar juntos. O homem acenou para um táxi. No carro, deu cinquenta dólares a George e lhe disse que seria obrigado a vendá-lo, pois George não deveria ver a casa para onde estava indo, nem a rua, já que nunca deveria repetir aquela experiência.

George estava morrendo de curiosidade, assombrado por visões da mulher velada, vendo a cada instante seus lábios ardentes e seus olhos brilhantes por trás do véu. Mas tinha gostado mais de seus cabelos. Gostava de uma cabeleira basta, emoldurando um rosto bonito; era uma de suas paixões.

A corrida não foi muito longa. E George submeteu-se de boa vontade a todo aquele mistério. A venda foi retirada de seus olhos pouco antes de saltar do táxi, para não chamar a atenção do motorista ou do porteiro, mas o estranho contara, muito sabiamente, com o brilho das luzes da entrada. Elas cegaram George por completo, e ele não pôde ver nada além de fortes lâmpadas e espelhos.

George foi conduzido a um dos ambientes mais suntuosos que jamais tinha visto — tudo branco e espelhado, com plantas exóticas, móveis artísticos, colchas de damasco e um tapete tão grosso que amortecia por completo o barulho de seus passos.

Foi levado de um cômodo para outro, de tonalidades diferentes e igualmente espelhados, de modo que acabou por perder completamente o senso de direção. Quando chegaram ao último aposento, George deixou escapar um leve suspiro.

Havia naquele quarto uma cama com dossel colocada sobre um estrado. Diversas peles tinham sido espalhadas pelo chão; as janelas tinham sido decoradas com vaporosas cortinas brancas, e, por toda parte, espelhos e mais espelhos. Ainda bem que não o aborrecia ver tantas reproduções de si próprio, infinitas reproduções de um homem de boa aparência a quem o mistério daquela situação dera um ar alerta, de expectativa, que nunca tivera. O que poderia significar tudo aquilo? Não teve tempo de formular mentalmente a pergunta.

A mulher que estivera no bar apareceu, e, no mesmo instante, o homem que o trouxera sumiu como que por encanto. Ela havia mudado de roupa. Usava um impressionante vestido de cetim que lhe deixava os ombros de fora, preso apenas por um franzido no busto. George teve a impressão nítida de que o vestido cairia a qualquer instante, deixando-a totalmente nua, e também que a pele de seu corpo seria tão macia e brilhante quanto o cetim do vestido.

George teve de se conter. Ainda não podia acreditar que aquela linda mulher estivesse realmente se oferecendo a ele, um completo estranho.

Também sentia-se um tanto encabulado. O que ela esperava dele? O que buscaria? Seria por acaso uma ninfomaniaca?

Teria apenas aquela noite para encantá-la com tudo o que sabia. Nunca mais a veria. Ou conseguiria descobrir o segredo de sua natureza e assim poderia possuí-la mais de uma vez? Gostaria de saber quantos homens já teriam entrado naquele quarto.

A mulher era extraordinariamente bela. Seus olhos eram negros e amendoados, sua boca cintilava, sua pele refletia a luz. O corpo era perfeitamente escultural. Tinha as linhas bem definidas das magras, amaciadas pelas curvas necessárias nos lugares corretos.

A cintura fina aumentava a proeminência dos seios. Suas costas pareciam as de uma dançarina, e cada ondulação destacava mais a generosidade de seus quadris. Ela sorriu para George, com os lábios carnudos entreabertos. Ele aproximou-se e colocou a boca naqueles ombros nus tão perfeitos. Nada poderia ser mais macio do que sua pele. Que tentação de puxar o frágil vestido e desnudar os seios que pareciam querer saltar de sob o tecido! Que vontade de despi-la imediatamente!

Mas George sentiu que aquela mulher não poderia ser tratada de modo tão sumário, que ela merecia sutileza e habilidade. Nunca em toda a sua vida ele pensou tanto em cada gesto, nunca agira com tanta ciência e arte. Mostrava-se determinado a um longo cerco e ela não dava sinais de pressa. Demorou-se sobre seus ombros nus, inalando, deliciado, o perfume maravilhoso que se desprendia daquele corpo.

Poderia tê-la possuído ali mesmo e naquele instante, tão poderoso era o seu encanto, mas queria que ela primeiro fizesse qualquer sinal indicando que desejava ser excitada. Não queria senti-la dócil ou apática ao contato de seus dedos.

Ela parecia surpreendentemente frígida, obediente, mas sem emoção. Não havia uma só agitação em sua pele. Embora sua boca estivesse entreaberta para o beijo, ela não reagiu com ardor.

Ambos ficaram parados perto da cama, sem se falar. Ele passou a mão pelas curvas de seu corpo, como se quisesse se familiarizar com ele. Ela não reagiu, nem se moveu. George deixou-se escorregar vagorosamente até cair de joelhos enquanto lhe beijava e acariciava o corpo. Pelo tato podia dizer que estava nua por sob o vestido. Levou-a até a beira da cama e ela se sentou. Tirou-lhe os sapatos e segurou seus pés.

Ela sorriu, delicada e convidativamente. George beijou-lhe os pés, e suas mãos subiram por baixo do vestido comprido até a pele macia das coxas.

Ela libertou os pés e com eles pressionou o peito de George, cujas mãos voltaram a acariciar suas pernas por sob o vestido. Se a pele dela era tão macia nas coxas, como seria então onde é sempre macia, nas proximidades do sexo? As coxas estavam firmemente juntas, para que George não continuasse sua exploração. Ele se ergueu e depois debruçou-se sobre ela a fim de beijá-la, forçando-a a se reclinar. Quando ela se deitou, suas pernas se abriram ligeiramente.

George continuou a acariciar-lhe todo o corpo, querendo incendiar cada poro com o toque ardente de suas mãos, procurando estimulá-la dos ombros aos pés, querendo prepará-la para o momento em que escorregaria a mão por entre suas pernas, mais abertas então a um ponto que quase poderia alcançar-lhe o sexo.

Com os beijos, ela se despenteara e o vestido escorregara, descobrindo-lhe parcialmente o busto. George acabou de puxá-lo com a boca, revelando os seios que imaginara, tentadores, firmes, imaculados, e com os bicos cor-de-rosa semelhantes aos de uma menina.

A submissão dela quase fazia George desejar machucá-la, de modo a conseguir estimulá-la. As carícias o haviam excitado, mas não a ela. Mas não era possível. Seu corpo prometia muita sensualidade. A pele era tão sensível; a boca, tão generosa! Impossível que ela nada sentisse. Continuou a acariciá-la sem parar, de modo sonhador, fingindo não ter a menor pressa, esperando que a chama se acendesse.

Dezenas de espelhos os cercavam, repetindo a imagem de uma linda mulher deitada, com o vestido puxado para baixo do busto, os pés perfeitos e nus balançando para fora da cama, as pernas ligeiramente abertas.

Tinha que despi-la por completo, deitar-se ao seu lado, sentir-lhe todo o

corpo colado ao seu. Começou a baixar o vestido e ela o ajudou. Seu corpo apareceu como o de Vênus, nua, saindo do mar. Ergueu-a um pouco para deitá-la por inteiro na cama, e nem por um instante parou de beijá-la em todas as partes.

Foi então que aconteceu algo estranho. Quando George se inclinou para regalar os olhos com a beleza de seu sexo, ela estremeceu e ele quase gritou de alegria.

Ela murmurou:

— Tire a roupa.

Ele se despiu. Nu, conhecia sua força. Sentia-se mais à vontade desnudo do que vestido, porque fora atleta, nadara, fizera muitas caminhadas, praticara montanhismo. Viu então que poderia agradá-la.

Ela o contemplou.

Teria gostado? Ao se deitar, encontrou-a reagindo melhor. Não poderia dizer com certeza. Já a desejava tanto que não podia mais esperar para tocá-la com a extremidade de seu sexo, mas ela o deteve. Queria antes beijá-lo e acariciá-lo, e se pôs a fazê-lo com tanta ansiedade e abandono, que o deixou inteiramente à vontade para, por sua vez, acariciá-la e beijá-la onde bem desejasse.

E George cedeu à deliciosa tentação de explorar e tocar cada canto de seu corpo. Abriu a entrada de seu sexo com dois dedos, e, excitados, seus olhos se deleitaram no delicado fluxo de mel, nos pêlos cacheados tão sedosos. A boca de George ficou cada vez mais ávida, como se ela própria fosse um órgão sexual capaz de conduzi-lo a um patamar de prazer absolutamente desconhecido se ele continuasse a acariciá-la. E quando, presa de tão deliciosa sensação, George mordeu-a, sentiu-a de novo estremeecer de prazer. Então afastou-a de seu sexo, temendo que ela pudesse atingir o orgasmo simplesmente por beijá-lo, acabando por frustrá-lo em seu desejo de sentir-se dentro daquele corpo maravilhoso. Era como se ambos tivessem se tornado vorazmente famintos um da carne do outro, e foi assim que suas bocas se confundiram, que suas línguas se misturaram com sofreguidão.

Ela estava excitadíssima. A atuação lenta de George parecia ter, finalmente, surtido efeito. Seus olhos cintilavam, sua boca não podia se afastar do corpo dele. Finalmente ele a penetrou, quando ela se ofereceu, abrindo a vulva com os dedos adoráveis, como se não pudesse esperar mais. Mesmo nessa hora os dois se contiveram sustando seu prazer. Ela sentiu George em silêncio, contida.

De repente apontou para um dos espelhos e disse, rindo: — Olhe só, até parece que não estamos fazendo amor...

como se eu estivesse apenas sentada em seus joelhos. E você, seu tratante, está todo dentro de mim e nem estremece.

Ah, não posso suportar mais isso, esse fingimento, como se eu fosse oca. Estou me sentindo queimar por dentro. Mexa-se agora, mexa-se!

E se atirou sobre ele para poder girar em torno do seu pênis ereto, conseguindo com tão exótica dança tanto prazer que chegou a gritar. Ao mesmo tempo, um relâmpago de prazer cortou ao meio o corpo de George.

Apesar da intensidade com que haviam feito amor, ela não lhe perguntou o nome quando ele saiu, ou tampouco lhe pediu que retornasse. Deu-lhe um rápido beijo nos lábios e mandou-o embora. Meses depois a lembrança daquela noite ainda o perseguia e ele não foi capaz de repetir a mesma experiência com nenhuma outra mulher.

Um dia encontrou um amigo que acabara de ser regamente pago por uns artigos que escrevera e que o convidou para um drinque. No bar, ele contou a George a história espetacular de uma cena que tinha testemunhado. Estava gastando dinheiro a rodo em um bar quando um cavalheiro de aparência muito distinta o abordou e sugeriu-lhe um agradável passatempo: observar uma magnífica cena de amor. Como, por acaso, o amigo de George era um voyeur convicto, a sugestão havia sido aceita e pronto. Ele fora levado a uma casa misteriosa onde o esconderam em um quarto escuro de onde vira uma ninfomaniaca fazer amor com um homem especialmente bem-dotado e potente.

O coração de George parou de bater.

— Descreva essa mulher — pediu ele.

Seu amigo descreveu a mulher com quem George fizera amor, até mesmo o vestido de cetim. Descreveu também a cama com dossel, os espelhos, tudo. Pagara cem dólares pelo espetáculo, mas valera a pena, pois tinha durado algumas horas.

Pobre George. Durante meses a fio ficou desconfiado de todas as mulheres.

Não podia acreditar em tanta perfídia, em tamanha capacidade de fingir. George ficou obcecado pela idéia de que todas as mulheres que o convidavam para seu apartamento estavam escondendo um espectador atrás de alguma cortina.

Elena

Enquanto esperava o trem para Monteux, Elena examinava as pessoas que a cercavam na plataforma. Toda viagem lhe despertava a mesma curiosidade e esperança que se sente diante de uma cortina que é erguida em um teatro, a mesma expectativa e ansiedade.

Separou mentalmente vários homens com quem gostaria de conversar, perguntando-se se eles iriam viajar ou se estariam presentes apenas para se despedir de outros passageiros. Seus anseios eram vagos, poéticos. Se alguém lhe perguntasse o que estava esperando, poderia muito bem responder: "Le merveilleux". O tipo da coisa imprecisa, que não se originava de qualquer região precisa de seu corpo. Era verdade o que alguém lhe dissera depois de ter criticado um escritor que conheceria: "Você não pode vê-lo como ele realmente é, você não é capaz de ver ninguém com seu rosto e sua verdadeira personalidade. Sempre se sentirá desapontada porque sempre estará esperando por um certo alguém.

Sim, ela estava esperando que aparecesse alguém muito especial, toda vez que uma porta se abria, sempre que ia a uma festa, que se aproximava de qualquer grupo de pessoas, quando entrava em um café ou em um teatro.

Nenhum dos homens que selecionara como companhias desejáveis para sua viagem tomou o trem. Restava-lhe o livro que trouxera: O amante de Lady Chatterley.

Tempos depois, Elena de nada mais se lembraria a respeito daquela viagem, exceto uma sensação de calor no corpo todo, como se tivesse bebido uma garrafa de vinho, e a imensa raiva que sentiu com a descoberta de um segredo que lhe pareceu ser criminosamente oculto de todo mundo. Em primeiro lugar, descobriu que jamais conhecera as sensações descritas por Lawrence. Em segundo, que era esse fato a razão de todos os seus anseios. Algo criara dentro dela um estado de perpétua defesa contra as possibilidades de experiência, um impulso de fugir que a retirava das cenas de prazer onde poderia se expandir. Por muitas vezes atingira esse limiar, mas fugira. E só podia culpar a si própria pelo que perdera e ignorara.

Era a mulher do livro de Lawrence que se escondia dentro dela, finalmente exposta e sensibilizada, como que preparada por uma infinidade de carícias para a chegada de alguém.

Foi uma nova Elena que saltou do trem em Caux. Não era lá que gostaria de começar sua viagem. Caux ficava no topo de uma montanha, isolada, debruçada sobre o lago Léman. Era primavera, a neve estava derretendo e o trem subia com dificuldade a montanha. Elena sentiu-se irritada com sua lentidão, com os gestos calmos dos suíços, os movimentos vagarosos dos animais, a paisagem estática e pesada, enquanto suas emoções jorravam como torrentes dentro de seu

corpo.

Não planejava ficar lá por muito tempo. Demorar-se-ia somente até que seu novo livro estivesse pronto para ser publicado.

Da estação ela foi caminhando até um chalé que parecia uma casa de conto de fadas. A mulher que abriu a porta sem dúvida parecia uma bruxa. Primeiro encarou Elena com seus olhos negros como carvão, e depois convidou-a a entrar. Elena teve a impressão de que tudo na casa havia sido construído expressa-mente para aquela mulher, com as portas e a mobília menores do que o usual. Não era só impressão, porque a mulher se virou para ela e disse: — Cortei as pernas das mesas e das cadeiras. Gosta de minha casa? Eu a chamo de Casutza — "casinha", em romeno.

Elena tropeçou numa pilha de sapatos de neve, casacos, gorros de pele, capas e bastões, que se achava perto da entrada. Eram coisas que tinham caído do interior do armário e haviam sido deixadas no chão. A louça do café da manhã ainda estava sobre a mesa.

Os sapatos da bruxa pareciam de madeira, pelo barulho que fizeram quando ela subiu a escada. Sua voz era grave, e seu buço era o de um rapaz que estivesse entrando na adolescência.

Ela mostrou a Elena aquele que seria o seu quarto. Dava para uma varanda, limitada por divisões de bambu e que acompanhava toda a extensão do lado ensolarado da casa, de frente para o lago. Logo Elena estava se expondo ao sol, embora detestasse banhos de sol. Deixavam-na excitada e extremamente cônica do próprio corpo. De vez em quando cedia à tentação e se acariciava. Depois, fechou os olhos e recordou algumas cenas de O amante de Lady Chatterley.

Nos dias seguintes ela empreendeu longas caminhadas. Chegava sempre atrasada para o almoço. Então Mme Kazimir lhe dirigia um olhar de ódio e não falava enquanto servia a comida. Todos os dias apareciam pessoas para ver se Mme Kazimir efetuaria o pagamento da hipoteca da casa. Ameaçavam vendê-la. Elena não tinha dúvidas de que se ela perdesse a casa, sua casca protetora, seu único abrigo, morreria. Não obstante, ela não aceitava hóspedes com quem não simpatizasse e recusava-se a aceitar homens.

Finalmente ela consentiu em ficar com uma família — marido, mulher e uma menina — que chegou certa manhã vinda diretamente da estação, cativada pela fantástica aparência da Casutza. Pouco tempo depois, os três estavam acomodados na varanda ao lado da de Elena, tomando seu café da manhã ao sol.

Um dia Elena encontrou o homem, que caminhava sozinho na direção do pico da montanha que ficava por trás do chalé.

Ele andava bem depressa. Sorriu para ela quando passou, e prosseguiu como se fosse perseguido por mil inimigos. Ele tinha tirado a camisa para pegar sol, e Elena pôde ver um magnífico torso de atleta já bronzeado. A cabeça dele era

jovem e alerta, mas coberta por cabelos grisalhos. Não poderia dizer que seus olhos fossem totalmente humanos. Tinham a expressão fixa e hipnótica de um domador de animais, algo de muito autoritário e violento. Elena vira expressão semelhante nos cafetões que ficavam nas esquinas de Montmartre, com suas capas e seus xales brilhantes coloridos.

Exceto os olhos, o homem era um aristocrata. Seus movimentos eram jovens e inocentes. Ele oscilava um pouco quando caminhava, como se estivesse meio bêbado. Toda a sua força se concentrou no olhar que dirigiu a Elena, mas depois sorriu inocente e graciosamente, e se foi. Elena foi detida por aquele olhar e quase ficou furiosa com a ousadia nele contida. Mas seu sorriso dissolveu o cáustico efeito do olhar, deixando-a às voltas com emoções que não saberia definir. Resolveu voltar.

Quando chegou à Casutza, não estava certa do que queria. Pensou em ir embora. O desejo de fugir já estava tomando corpo, e por isso soube reconhecer que estava enfrentando um perigo. Pensou em retornar a Paris. Acabou ficando.

Um dia o piano, que até então estivera enferrujando no andar térreo, começou a produzir música. As notas ligeiramente desafinadas lembravam pianos de pequenos bares enfumaçados. Elena sorriu. O estranho estava se divertindo. Na verdade, tocava de acordo com a natureza do piano, produzindo um som completamente estranho à aparência pequeno-burguesa e decrépita do instrumento, em nada semelhante ao conseguido antes por meninas suíças de tranças compridas.

De repente a casa ficou alegre, e Elena teve vontade de dançar. O piano parou, mas não antes de lhe dar corda, como se ela fosse uma boneca mecânica. Sozinha na varanda, ela se virou na ponta dos pés, como uma bailarina. E, inesperadamente, Elena ouviu uma voz masculina bem próxima dizer: — Afinal de contas há gente viva nesta casa!

Ele riu. Estava fitando-a calmamente através da cerca de bambu. Elena, ao vê-lo, lembrou-se de um animal aprisionado em uma jaula.

— Não quer sair para andar um pouco? — perguntou ele.

— Acho que este lugar é um verdadeiro mausoléu. A Casa da Morte. Mme Kazimir é a Grande Petrificadora. Vai nos transformar em estalactites. Teremos permissão para chorar uma lágrima por hora, pendurados no teto de alguma caverna. Lágrimas de estalactite.

E assim Elena e seu vizinho foram passear. Quando saíram, a primeira coisa que ele disse foi: — Você tem o hábito de regressar, iniciar uma caminhada e regressar. Isso é mau.

É o primeiro dos crimes contra a vida. Acredito em audácia.

— As pessoas expressam sua audácia de diversos modos — respondeu Elena. — Geralmente eu volto, como você diz. Volto, vou para casa e escrevo um livro que se transforma na obsessão dos censores.

— Mau emprego das forças naturais.

— Mas eu uso meu livro como dinamite, que coloco onde quero que se dê a explosão, e depois abro meu caminho com ele!

Quando ela pronunciou essas palavras, houve uma explosão em alguma parte da montanha onde estavam construindo uma estrada e os dois riram da coincidência.

— Então você é uma escritora. Pois eu sou um homem que faz de tudo. Sou pintor, escritor, músico e vagabundo. A mulher e a criança foram alugadas por temporada, para salvar as aparências. Fui forçado a usar o passaporte de um amigo que, por sua vez, se viu forçado a me emprestar sua mulher e sua filha. Sem elas eu não estaria aqui. Tenho o dom de irritar a polícia francesa. Mas não assassinei a zeladora do meu prédio, embora devesse tê-lo feito. Ela já me provocou demais. Como tantos outros revolucionários de boca. Tenho apenas exaltado a revolução alto demais em inúmeras noites e no mesmo café.

Um detetive à paisana era um de meus mais ardentes seguidores — seguidores, veja só! Meus melhores discursos são feitos quando estou bêbado.

E ele continuou:

— Você nunca esteve lá, você nunca vai a cafés. A mulher que mais desejamos é a que não podemos encontrar em um café cheio de gente quando estamos procurando por ela, é a que nos obriga a caçá-la e descobrir quem é na verdade por meio dos disfarces de suas histórias.

Seus olhos sorridentes permaneceram fixos em Elena o tempo todo em que ele falava. Tinham eles o exato conhecimento de suas fugas e indefinições, e agiam como um catalisador, mantendo-a presa no lugar em que estava como se tivesse criado raízes. O vento erguia a saia de Elena, transformando-a em uma saia de bailarina, e inflava seus cabelos, preparando-a para velejar para bem longe. Aquele homem tinha ciência da capacidade de Elena de se tornar invisível. Mas sua força era maior, e ele poderia conservá-la presa ao chão durante o tempo que quisesse. Ela só se viu livre de novo quando virou a cabeça. Embora não estivesse livre para fugir dele.

Após três horas de caminhada, eles se deixaram cair em um monte de folhas de pinheiro. Estavam bem perto de um chalé, e podiam ouvir o som de uma pianola.

Ele sorriu e disse:

— Seria um lugar maravilhoso para passar o dia e a noite. Você gostaria?

Ele deixou que Elena fumasse em silêncio, deitada sobre as folhas. Ela não respondeu. Limitou-se a sorrir.

Foram então caminhando até o chalé e pediram uma refeição e um quarto, para onde a refeição deveria ser levada. Ele ordenou tudo com tranqüila eficiência, não deixando quaisquer dúvidas a respeito do que desejava. Seu jeito decidido em pequenas coisas como aquela deu a Elena a impressão de que seria

igualmente capaz de afastar todos os obstáculos que prejudicassem seus mais urgentes desejos.

Não estava tentada a retornar, a fugir dele. Sentia crescendo dentro de si uma poderosa onda de excitação; parecia estar prestes a atingir um pináculo de emoções onde seu verdadeiro eu seria revelado definitivamente, fazendo-a se entregar a um estranho. Não sabia sequer o seu nome, nem ele o dela. O modo como ele a olhava já era como uma penetração. Enquanto subiam a escada, Elena tremia.

Quando se viram sozinhos no quarto com a imensa cama de madeira trabalhada, o primeiro gesto dela foi ir até a varanda. Ele a seguiu. Sabia que o primeiro ato dele seria algo bem possessivo, de que não poderia fugir. Ela aguardou o que estava por vir. Mas o que aconteceu não tinha esperado.

Não foi Elena quem hesitou, e sim aquele homem cuja autoridade a levava até aquela casa. Repentinamente ele parou diante dela sem jeito, incerto, e disse, com um sorriso que a desarmou: — Você deve saber, é claro, que é a primeira mulher de verdade que já conheci, uma mulher que eu poderia amar.

Obriguei-a a vir até aqui. Quero saber agora se é isso mesmo o que deseja. Eu...

Ao tomar conhecimento de sua timidez, ela se viu envolvida por uma onda de ternura, tão grande como jamais experimentara. A força dele estava cedendo diante dela, mostrava-se hesitante antes que fosse transformado em realidade o sonho que crescera entre eles. A onda de meiguice engolfou-a, e foi Elena quem se adiantou para ele e ofereceu-lhe a boca.

Então ele a beijou, colocando ambas as mãos em seus seios. Ela sentiu-lhe os dentes. Ele beijou-a no pescoço, onde as veias palpitavam, e na garganta, com as mãos em volta de seu pescoço como se quisesse separar sua cabeça do resto do corpo. O corpo de Elena dobrou-se presa do desejo de ser possuída integralmente. Enquanto a beijava, ele ia se despidendo.

As roupas foram caindo a seus pés e eles continuaram se beijando. Depois, sem olhar para ela, com a boca ainda em seu rosto, em seu pescoço, em seus cabelos, ele a carregou para a cama. Suas carícias tinham uma estranha qualidade: às vezes eram ternas e suaves, às vezes eram ferozes, como as que ela esperava ao fitá-lo nos olhos, as carícias de um animal selvagem. Havia mesmo algo de animalesco em suas mãos, que ele passava sem parar por todo o seu corpo; foi com elas que segurou seu sexo e os pêlos que o cercavam como se quisesse arrancá-los do corpo de Elena, como se tivesse agarrado grama e terra ao mesmo tempo.

Quando ela fechou os olhos, sentiu que ele tinha muitas mãos que a tocavam por inteiro, e muitas bocas que passavam velozmente por toda a sua pele, com os dentes afiados sempre pegando as partes mais carnudas. Já despido, ele se deitou por inteiro sobre Elena. E ela gostou de sentir seu peso, de sentir-se esmagada por

ele. Desejava-o soldado a ela, da boca aos pés. Arrepios passavam-lhe pelo corpo. Ele murmurava de vez em quando, dizendo-lhe que levantasse as pernas como nunca tinha feito antes, até que os joelhos tocassem o queixo; ou mandando que se virasse, e abrindo-lhe as nádegas com as mãos.

Finalmente ele a penetrou, mas logo recuou e ficou esperando. Então foi a vez de Elena recuar. Sentou-se, totalmente despenteada e meio tonta, e o viu deitado de costas. Escorregou da cama até que sua boca alcançasse o pênis dele. Começou por beijá-lo em toda a volta. Ele suspirou. O pênis estremecia ligeiramente a cada beijo. Ele não tirava os olhos dela. Suas mãos estavam sobre a cabeça de Elena e em dado momento ele fez pressão para que sua boca caísse sobre o pênis. A mão continuou sobre sua cabeça enquanto ela se movia para cima e para baixo; então ela deitou-se com um suspiro de prazer intolerável, indo descansar sobre seu estômago. Ele se deixou ficar com os olhos fechados, saboreando a alegria de Elena.

Ela não podia fitá-lo do modo como ele o fazia. Sua visão estava obscurecida pela violência de seus sentimentos. Ao fitá-lo, sentiu-se magneticamente atraída a tocar de novo sua carne, com a boca ou as mãos, ou com todo o corpo. Esfregou o corpo inteiro de encontro ao dele, com a exuberância de um animal, sentindo intenso prazer com aquela fricção. Depois caiu ao seu lado e deixou-se ficar deitada, tocando sua boca como se fosse cega e quisesse descobrir-lhe o formato dos lábios, do nariz, a textura de sua pele, o comprimento de seus cabelos. Seus dedos faziam explorações muito de leve, mas de repente ficavam nervosos e penetravam fundo sua carne, machucando-o, querendo se assegurar da realidade de sua presença mediante a violência.

Eram essas as sensações externas de dois corpos que estavam se descobrindo. De tantas carícias os dois ficaram meio drogados. Seus gestos passaram a ser lentos, como em um sonho. As mãos ficaram pesadas. As bocas não mais se fechavam.

Como o mel fluía do interior dela! Ele mergulhou demoradamente os dedos em Elena, depois o pênis e moveu-a para que ela se deitasse sobre ele, com as pernas passadas sobre suas pernas. Quando a penetrou, podia se ver entrando nela.

Elena, da mesma forma, também podia ver tudo. Os dois observaram seus corpos ondulando juntos, procurando o clímax. Ele ficou esperando por ela, observando seus movimentos. Percebendo que Elena não acelerava o ritmo, ele mudou-a de posição, fazendo-a deitar de costas. Esmagou-a com seu peso para possuí-la com mais força, para tocar no fundo de seu ventre. Em pouco tempo ela experimentou a sensação de que novas células despertavam dentro de seu corpo e reagiam à entrada dele, adotando o mesmo movimento rítmico. Seu prazer aumentava cada vez mais e ela teve de acelerar seus movimentos para atingir o orgasmo. Ao notar isso, ele também se movimentou mais rápido e a

incitou a gozar com ele, com palavras, com carícias e finalmente com a boca grudada na dela, de modo que as línguas se moviam no mesmo ritmo que seu pênis e o ventre de Elena. E assim o clímax foi se espalhando de sua boca para seu sexo, em correntes de prazer sempre maiores até que ela gritou, deixando escapar um meio soluço que também era meia risada, vencida pela onda de felicidade que inundou todo o seu corpo.

Quando Elena retornou à Casutza, Mme Kazimir recusou-se a lhe falar. Sua atitude de violenta condenação era tão intensa, embora silenciosa, que podia ser sentida em toda a casa. Elena adiou seu regresso. Pierre ainda não podia ir a Paris. Os dois se encontravam todos os dias; às vezes passavam a noite fora da Casutza. O sonho que viviam se prolongou por dez dias, até aparecer em cena uma mulher. Foi em uma noite em que Elena e Pierre estavam fora. Quem a atendeu foi a "esposa" de Pierre. As duas se trancaram no quarto. Mme Kazimir tentou ouvir o que conversavam, mas elas a viram através de uma das pequenas janelas.

A visitante era russa, e dona de rara beleza. Tinha olhos violeta, cabelos negros e um certo ar egípcio nas feições nobres.

Não falava muito, e parecia estar bastante perturbada. Pierre a encontrou quando chegou de manhã, e ficou evidentemente espantado. Elena teve um choque, sentindo-se inexplicavelmente ansiosa. Temeu a mulher assim que a viu. Presentiu perigo para o seu amor. No entanto, quando se encontrou de novo com Pierre, horas mais tarde, ele explicou tudo com base em seu trabalho. A mulher tinha sido mandada com ordens para ele, que teria de partir. Tinha trabalho a fazer em Genebra. Haviam-no salvo das complicações em que se metera em Paris com a condição de que dali em diante teria de obedecer às ordens que recebesse sem discutir. Não convidou Elena a acompanhá-lo a Genebra, embora ela tivesse esperado por isso.

— Quanto tempo você ficará fora?

— Não sei.

— Você está indo com. . . ? — Elena não era capaz sequer de repetir o nome da russa.

— Sim, ela é a responsável.

— Se eu não for mais vê-lo, Pierre, pelo menos me diga a verdade.

Mas nem a expressão de seu rosto nem suas palavras pareciam do homem a quem Elena conhecia intimamente. Ele parecia estar dizendo o que lhe tinham mandado falar, nada mais. Perdera toda sua autoridade pessoal. Falava como se fosse uma outra pessoa que o estivesse ouvindo. Elena permaneceu em silêncio. Então Pierre se aproximou e murmurou: — Não estou apaixonado por mulher alguma. Nunca estive. Só amo o meu trabalho.

Com você eu estava em grande perigo. Porque podíamos conversar, porque estávamos tão próximos um do outro de muitos modos, fiquei aqui mais do que

devia ter ficado. Esqueci meu trabalho. Elena repetiu essas palavras para si própria vezes sem conta. Podia se lembrar do rosto dele quando as pronunciou; seus olhos não tinham mais aquela obsessiva concentração com que a fitava, pareciam os olhos de um homem que obedecia a ordens, e não às leis do desejo e do amor.

Pierre, que tinha feito mais que qualquer outro ser humano para retirá-la das cavernas de sua vida secreta, a jogava em recessos ainda mais profundos de medo e dúvida. Fora a maior queda que jamais sofrera, porque se aventurara muito longe no campo das emoções e se abandonara por inteiro ao que lhe mandava seu coração.

Nunca questionou as palavras de Pierre ou chegou a pensar em segui-lo. Abandonou a Casutza antes dele. Acompanhava-a no trem a lembrança do rosto de Pierre, tão franco e autoritário e, no entanto, também tão vulnerável e dócil.

O que mais a aterrorizava era que se sentia incapaz de recuar como antigamente, de fugir do mundo, tornar-se surda e impossibilitada de ver o encanto das cores que a cercavam, refugiando-se em uma fantasia qualquer, como tantas vezes fizera quando mais jovem a fim de fugir da realidade. Estava obcecada, preocupada com a segurança dele, ansiosa por causa dos perigos da vida que levava; percebia que ele não apenas penetrara seu corpo como também seu próprio ser. Sempre que recordava um detalhe de sua pele, lembrava de seus cabelos que o sol transformara em fino ouro, de seus olhos verdes que só piscavam quando ele se inclinava para tomar-lhe a boca com os lábios fortes; sua carne ainda vibrava, ainda reagia àquela imagem, e ela se torturava.

Após algumas horas de uma dor tão forte que pensou fosse despedaçá-la por completo, Elena caiu em um estranho estado de letargia, de meio-sono. Era como se algo tivesse quebrado dentro dela. Parou de sentir dor ou prazer. Ficou estonteada.

Toda a viagem tornou-se irreal. Seu corpo estava morto de novo.

Após oito anos de separação, Miguel fora a Paris. Mas isso não trouxera a Elena qualquer alegria ou alívio, pois ele próprio era o símbolo de sua primeira derrota. Miguel fora seu primeiro amor. Os dois se conheceram quando eram apenas duas crianças, dois primos perdidos em uma enorme família de muitos primos e tios. Miguel tinha se sentido atraído magneticamente por Elena; seguia-a por toda parte como uma sombra, ouvindo cada uma de suas palavras que ninguém podia ouvir, sempre pronunciadas por uma vozinha inaudível.

Ele lhe escrevera muitas cartas a partir daquele dia, fora visitá-la nos feriados escolares — o tipo de ligação romântica em que cada um usava o outro como a corporificação da lenda, da história ou do romance que tivesse lido. Elena era um somatório de todas as heroínas; Miguel representava todos os heróis.

Quando se encontravam, estavam envolvidos por tanta fantasia que nem podiam se tocar. Nem sequer se davam as mãos. Ficavam exaltados na presença

um do outro, juntos davam asas a imaginação, sentiam as mesmas sensações. Foi ela a primeira a experimentar uma emoção mais profunda.

Foram a um baile, inconscientes de sua própria beleza. Ao contrário de outras pessoas.

Elena viu muitas mocinhas olharem para Miguel, tentando chamar sua atenção. Foi então que pôde vê-lo com objetividade, fora da cálida devoção com que o envolvera. Lá estava Miguel, a poucos metros de distância, um rapaz muito alto e de movimentos graciosos e flexíveis, músculos e nervos de um leopardo pronto para correr a qualquer instante, cheio de vigor. Sua pele era luminosa, atravessada pelo brilho de algum sol misterioso, lembrando um fosforescente animal marinho. A boca generosa não ocultava sua sensualidade, exibindo em cada sorriso os dentes perfeitos de todos os predadores.

E foi também pela primeira vez que ele a viu fora da fantasia em que a envolvera; viu-a perseguida por todos os homens, o corpo nunca estático, os pés ágeis, leves, quase fugidia, tantalizante. O que fazia que todos a perseguissem era o fato de haver nela algo de violentamente sensual, cheio de vida, telúrico; sua boca carnuda ganhava ainda maior contraste e vida em razão do corpo delicado que se movia com a fragilidade do tule de seu vestido.

E foi essa boca, que integrava um rosto que de tão bonito parecia de outro mundo e da qual vinha uma voz que tocava diretamente a alma, que seduziu Miguel a tal ponto que ele não deixou nenhum dos outros rapazes dançar com Elena. Ao mesmo tempo, nenhuma parte de seu corpo tocava o dela, exceto quando dançavam. Os olhos de Elena o atraíam para dentro dela, para mundos em que ele se sentia entorpecido como um drogado.

Mas Elena, enquanto dançava com Miguel, se tornara consciente de seu corpo, como se de repente ele tivesse se transformado em carne — carne incendiada, em que cada emoção da dança soprava uma chama. Queria se perder na carne da boca de Miguel, abandonar-se por inteiro à misteriosa embriaguez que ameaçava dominá-la.

O êxtase de Miguel era de outro tipo. Ele se comportava como que seduzido por uma criatura irreal, uma fantasia. Seu corpo estava morto para o dela. Quanto mais se aproximava, mais forte era o respeito que o envolvia, e ele se portava como diante de uma imagem sacra. Assim que via Elena, Miguel sucumbia a uma espécie de castração.

Quando o corpo dela se aqueceu com sua proximidade, Miguel não encontrou outra coisa para dizer que não o seu nome: "Elena!" No mesmo instante, seus braços, suas pernas e seu sexo ficaram tão paralisados que ele teve de interromper a dança. O que lhe veio a consciência, com fantástica nitidez, ao pronunciar o nome de Elena, foi sua mãe, a imagem de sua mãe como ele vira quando pequeno: ou seja, uma mulher maior do que as outras, imensa, avantajada, com as curvas da maternidade sobrando da roupa-branca folgada, os

seios onde mamara e que tanto o atraíram até passar o tempo da necessidade, até ele começar a se tornar consciente do sombrio mistério da carne.

Assim, sempre que Miguel via seios de mulheres grandes e gordas que lembravam sua mãe, sentia o desejo de sugá-los e até mesmo mordê-los, e apertar o rosto de encontro a eles, de se sentir sufocado com sua abundância, de encher a boca com os bicos — mas não sentia desejo de posse com penetração sexual. Quando ele conhecera Elena, ela tinha os seios pequenos de uma garota de quinze anos, o que provocou em Miguel um certo desprezo. Ela não possuía nenhum dos atributos eróticos de sua mãe. Nunca se sentiu tentado a despi-la. Jamais pensou nela como uma mulher. Ela era uma imagem, como um santinho desses que se dão para as crianças, como as imagens de heroínas nos livros de aventuras, como as mulheres retratadas em tantas pinturas.

Somente as prostitutas possuíam órgãos sexuais. Miguel vira essas mulheres muito cedo, quando seus irmãos mais velhos o arrastavam para os prostíbulos que freqüentavam. Enquanto seus irmãos faziam amor com as mulheres, Miguel lhes acariciava os seios. Enchia a boca com eles, vorazmente. Mas se assustava com o que via entre suas pernas. Aquilo lhe parecia uma imensa boca, úmida e faminta. Achava que jamais conseguiria satisfazer a fome de uma daquelas bocas. Temia a fenda atraente, os lábios rígidos sob o dedo nervoso, o líquido que fluía como a saliva de uma criatura faminta. Imaginava essa fome que as mulheres tinham como algo terrível, sôfrego, insaciável. Parecia-lhe que seu pênis seria engolido para sempre. Por acaso, as prostitutas que Miguel viu eram mulheres dotadas de grande sexo, lábios grossos e também grandes e volumosas nádegas.

O que mais haveria de servir de alvo aos desejos de Miguel? Rapazes, rapazes, sem gulosas aberturas, rapazes com sexo como o seu, que não o assustava, cujos desejos podia satisfazer.

Assim, na mesma noite em que Elena experimentou a primeira onda de calor e desejo em seu corpo, Miguel descobriu a solução intermediária: um rapaz como ele que o excitasse sem medos e dúvidas. Elena, completamente inocente do amor entre homens, foi para casa e chorou a noite toda em virtude da distância que Miguel mantivera. Nunca se sentira tão bela; tivera certeza plena do amor dele, de sua admiração. Por que então não a tocara? A dança tinha unido seus corpos, mas ele não se inflamara. O que significava isso? Que mistério era esse? Por que se mostrara tão ciumento quando os outros rapazes se aproximaram? Por que observara tão atentamente os rapazes que haviam se mostrado mais ansiosos para dançar com ela? Por que nem sequer lhe dera a mão?

No entanto, sua lembrança a perseguiu, da mesma forma que a dela o dominava. Sua imagem tinha precedência sobre todas as outras mulheres. Sua poesia era para Elena, suas criações, tudo o que inventava, sua própria alma.

Apenas o ato sexual era realizado longe dela. Quanto sofrimento teria sido poupado se Elena tivesse sabido, compreendido. Ela era delicada demais para interrogá-lo diretamente, e Miguel, envergonhado demais para revelar-lhe a verdade.

E Miguel estava de novo por perto, com sua vida pregressa conhecida de todos, um longo rosário de casos de amor com jovens rapazes. Com o mesmo encanto, apenas ampliado, mais forte, Miguel estava sempre à procura de algo, sempre insatisfeito.

Mais uma vez ela sentiu a distância que havia entre eles. Nem sequer chegava a segurar-lhe o braço, tão queimado pelo sol de verão de Paris. Admirava tudo o que usava: seus anéis, suas pulseiras, o vestido, os sapatos, mas não a tocava.

Miguel estava sendo analisado por um famoso médico francês. A cada movimento seu, toda vez em que amava ou possuía alguém, ele tinha a impressão de que os nós da vida se apertavam mais em torno de sua garganta. Ansiava por liberação, queria viver integralmente sua anormalidade. Era exatamente isso que ele não tinha. Cada vez que amava um menino, o fazia com a sensação de quem estivesse cometendo um crime. O que se seguia era sempre uma terrível sensação de culpa, que procurava reparar com mais sofrimento.

Ele podia falar disso, e abriu o livro de sua vida para Elena, sem se envergonhar. Não a fez sofrer. Ao contrário, aliviou-a das dúvidas que sentia a respeito de si mesma. Por não ter compreendido sua própria natureza, a princípio ele a culpava pela sua frigidez em relação às mulheres. Dizia que era porque ela era inteligente e as mulheres inteligentes misturam literatura e poesia com amor, o que o paralisava; e que, de certa forma, ela era positiva, masculinizada, e isso o intimidava.

Elena era tão jovem que prontamente aceitara suas teorias e passara a crer que mulheres esbeltas, intelectuais e positivas não podiam ser desejadas.

Ele dizia: "Se ao menos você fosse passiva, obediente e muito inerte, eu poderia desejá-la. Mas sempre sinto em você um vulcão prestes a explodir, uma torrente de paixões que me assusta". Ou então: "Se você não passasse de uma prostituta, eu poderia achar que não era exigente demais, crítica. Poderia desejá-la. Mas do jeito que você é, tenho certeza de que teria seus olhos inteligentes me olhando de cima se eu falhasse, se de repente me mostrasse impotente".

Pobre Elena; durante anos a fio ignorara por completo os homens que a desejavam. Porque era a Miguel quem queria seduzir, era só ele que lhe poderia provar seu próprio poder.

Miguel, precisando ter alguém em quem pudesse confiar além de seu analista, apresentou Elena a Donald, seu amante. Assim que o viu ela o amou também, como amaria uma criança, um enfant terrible, perverso e esperto.

Ele era lindo. Seu corpo era esbelto, lembrava os antigos egípcios, os cabelos

desalinhados das crianças depois que brincam e correm. As vezes a suavidade de seus gestos o fazia parecer pequeno; mas ao se levantar, com suas linhas puras, ereto, parecia alto. Seu olhar era o de uma pessoa em transe, e ele falava em jorros, como um médium.

Elena ficou tão encantada com Donald que, sutil e misteriosamente, passou a sentir intenso prazer em imaginar Miguel fazendo amor com ele — por ela. Donald seria uma mulher, sendo possuído por Miguel, manobrando-o com seu encanto jovem, seus cílios enormes, seu nariz pequeno e reto, suas orelhas de fauno, suas mãos fortes e infantis.

Reconhecia em Donald um irmão gêmeo que usava suas palavras, seus artifícios, seus galanteios. Estava obcecado pelas mesmas palavras e sentimentos que a perturbavam. Falava continuamente sobre seu desejo de se consumir de amor, de renúncia e de sua necessidade de ser protegido pelos outros. Era como ouvir a própria voz. Estaria Miguel cômico de que amava um irmão gêmeo de Elena, que fazia amor com Elena dentro do corpo de um rapaz?

Quando Miguel os deixou por um instante à mesa do café, os dois se olharam com um sobressalto de reconhecimento. Sem Miguel, Donald não era mais uma mulher. Endireitou o corpo, encarou-a sem piscar, e falou sobre sua procura de intensidade e tensão, dizendo que Miguel não era o pai de quem precisava; Miguel era jovem demais. Era apenas outra criança. Queria lhe oferecer um paraíso perdido em algum lugar, uma praia onde pudessem se amar livremente, passar dias e noites abraçados, um paraíso de carícias e amor; mas ele, Donald, procurava coisa diferente. Gostava dos infernos do amor, do amor misturado com os grandes sofrimentos e os grandes obstáculos. Queria matar monstros, lutar e vencer inimigos como um novo dom Quixote.

Enquanto falava sobre Miguel, apareceu em seu rosto a mesma expressão que as mulheres exibem quando seduzem um homem, uma expressão de vã satisfação. Uma celebração íntima e incontrolável do próprio poder.

Sempre que Miguel os deixava a sós, Donald e Elena viam-se agudamente conscientes dos laços de semelhança que uniam, e de uma maliciosa conspiração feminina para encantar, seduzir e vitimar Miguel. Com um olhar malicioso, Donald disse a Elena: — Conversar já é uma forma de relação sexual. Você e eu existimos juntos em todos os delirantes países do mundo sexual. Você me arrasta para o maravilhoso. Seu sorriso tem um fluxo hipnótico.

Miguel retornou para junto deles. Por que estaria tão inquieto? Tinha saído para comprar cigarros. Depois saiu por outro motivo. Cada vez que retornava, Elena via Donald se transformar em mulher de novo, tentador. Via ambos se acariciarem com os olhos, e esfregarem os joelhos por baixo da mesa. Havia uma tal corrente de amor entre eles que Elena se viu engolfada por ela. Via o corpo feminino de Donald se dilatar, seu rosto se abrir como uma flor, seus olhos ficarem sedentos, e seus lábios, úmidos. Era como ser admitida na câmara

secreta de um outro amor sensual e ver, tanto em Donald quanto em Miguel, aquilo que de outra forma lhe seria negado. Uma estranha transgressão. Miguel disse: — Vocês dois são exatamente iguais.

— Mas Donald é mais sincero — disse Elena, pensando em como ele facilmente confessara que não tinha por Miguel um amor total, enquanto que ela teria ocultado isso, com medo de magoar o amigo.

— Porque ele ama menos — retrucou Miguel. — Ele é um narcisista.

Uma onda de calor quebrou as barreiras de inibição que ainda havia entre Donald e Elena, e entre ela e Miguel. O amor fluía entre os três, partilhado igualmente, contagiante, prendendo um ao outro com seus poderosos fios. Ela era capaz de ver com os olhos de Miguel o corpo elegantemente desenhado de Donald, sua estreita cintura, os ombros largos, de um relevo egípcio, os gestos estilizados. Seu rosto exprimia tão franca dissolução que era mais um ato de exibicionismo. Tudo era revelado, capaz de ser visto.

Miguel e Donald passavam as tardes juntos, e depois Donald procurava Elena. Com ela afirmava sua masculinidade e sentia que lhe transmitia o que havia de masculino em si, sua força. Elena percebeu isso e disse: — Donald, eu lhe dou a parte masculina de minha alma. Em sua presença ele se tornava ereto, firme, puro, sério. Sobrevinha uma fusão. Depois passava a ser o perfeito hermafrodita.

Contudo, Miguel era incapaz de ver tudo isso. Continuava a tratá-lo como a uma mulher. É verdade que quando Miguel estava presente, o corpo de Donald se arredondava, seu rosto se tornava como o de uma atriz barata, a mulher fatal que recebe flores com um piscar de olhos de longos cílios postiços. Mostrava-se tão adejante quanto um pássaro, com a boca petulante franzida para beijinhos, todo enfeite e volubilidade, contrafação total dos pequenos gestos de alarme e promessa feitos pelas mulheres. Por que motivo haverão alguns homens de preferir um travesti a uma verdadeira mulher?

Contraditoriamente, havia a fúria masculina de Donald contra o fato de ser usado como mulher: — Miguel despreza por completo o que há de masculino em mim — queixava-se. — Sempre me possui por trás, insiste em meter na minha bunda e em me tratar somente como mulher. E eu o odeio por isso. Acabará por me transformar em um pederasta vulgar. Eu quero algo mais. Quero ser salvo, impedido de me transformar em mulher. E Miguel só é brutal e masculino comigo. Acho que eu o tento. Ele me vira à força e me possui como se eu fosse uma prostituta.

— Essa é a primeira vez que você está sendo tratado como mulher?

— É, porque antes eu nunca tinha feito outra coisa senão chupar — boca e pênis, era tudo —, ajoelhar diante de um homem que você ama e colocar o pênis dele em sua boca.

Elena olhou para a boquinha infantil de Donald e procurou imaginar como

seria a cena. Recordou uma noite em que ficara tão excitada com as carícias de Pierre que segurara seus testículos, seu pênis e seus pêlos com as mãos em um assomo de glotonaria.

Quisera colocá-lo na boca, algo que nunca tinha desejado fazer com ninguém antes, mas ele não deixara porque gostava demais de sentir seu pênis dentro dela, onde adoraria poder ficar para sempre.

Ela era capaz de ver muito vividamente um imenso pênis — o de Miguel, talvez — entrando na boquinha infantil de Donald.

Elena sentiu o bico de seus seios endurecer com aquela imagem e desviou os olhos.

— Ele me ataca a qualquer hora do dia, à frente de um espelho, no chão do banheiro enquanto segura a porta com o pé, em cima do tapete. Miguel é insaciável e não faz caso do homem que há em mim. Se vê meu pênis, que na verdade é maior que o dele, mais bonito — é mais bonito, sim —, não dá a perceber. Ataca-me por trás, me penetra e me estropia como se eu fosse uma mulher e deixa meu pênis balançando. Não faz caso de minha masculinidade. A verdade é que nós não nos completamos.

— Então é como o amor entre duas mulheres — comentou Elena. — Não há satisfação completa, não há posse verdadeira.

Uma tarde Miguel convidou Elena a ir até seu quarto. Quando ela bateu à porta, ouviu barulho de passos apressados, quase uma corrida. Já estava se virando para ir embora quando Miguel apareceu e mandou que entrasse. O rosto dele estava congestionado; os olhos, vermelhos; os cabelos, despenteados; e a boca, marcada por beijos.

— Voltarei depois — disse Elena.

— Não, entre; você pode ficar sentada um pouco no banheiro. Donald já está indo embora.

Ele queria que ela estivesse presente! Poderia tê-la mandado embora, mas preferiu conduzi-la pelo pequeno corredor até o banheiro que dava para a sala, onde a sentou, rindo. A porta permaneceu aberta.

Elena podia ouvir perfeitamente os gemidos e a respiração arfante dos dois. Era como se estivessem lutando no quarto às escuras. A cama gemia ritmicamente, e ela ouviu Donald dizer: — Você está me machucando. — Mas Miguel estava arquejando e Donald teve que repetir: — Você está me machucando.

Depois os gemidos continuaram, o ritmo das molas se acelerou, e, a despeito de tudo o que Donald lhe dissera, ela ouviu seu grito de prazer. Finalmente ele disse: — Você está me sufocando.

A cena no escuro a perturbou de um modo estranho. Parte dela tinha compartilhado tudo. Como mulher, ela se sentira dentro do corpo de Donald, sendo possuída por Miguel. Ficou tão perturbada que, para se distrair, tirou da

bolsa uma carta que achara em sua caixa de correspondência, ao sair de casa, mas que ainda não tivera tempo de ler.

Ao abri-la, seu choque não poderia ter sido maior.

"Minha fugidia, esquiva e linda Elena, estou em Paris de novo, por sua causa. Não pude esquecê-la. Tentei, mas foi impossível. Quando você se deu inteiramente também me tomou, total e integralmente. Vai se encontrar comigo? Você não desapareceu para além do meu alcance para sempre, não é? Era o que eu merecia, mas não me faça isso, pois assim você estará matando um amor profundo, mais profundo ainda porque lutei contra você. Estou em Paris. . .

Elena levantou-se e saiu correndo do apartamento, batendo a porta com toda a força. Quando chegou ao hotel de Pierre, encontrou-o à sua espera, ansioso. A luz do quarto estava apagada. Queria encontrá-la no escuro, para sentir melhor sua pele, seu corpo, seu sexo.

A separação os deixou febris. Apesar de seu encontro selvagem, Elena não conseguiu chegar ao orgasmo. Em seu íntimo ainda havia uma reserva de medo, e ela não pôde se entregar com total abandono. O prazer de Pierre veio com tanta força que ele não pôde esperar por ela. Ele a conhecia tão bem que pressentiu qual seria a razão de sua secreta atitude defensiva, o modo como a ferira, a destruição de sua fé no amor.

Elena se deixou ficar deitada de costas, exausta de desejo e de carícias, mas sem se sentir satisfeita. Pierre inclinou-se sobre ela e disse baixinho: — Eu mereço isso. Você está se escondendo, muito embora tenha querido me ver.

É possível que eu a tenha perdido para sempre.

— Não, espere. Dê-me tempo para acreditar de novo em você.

Antes que o deixasse, Pierre tentou de novo possuí-la. E mais uma vez encontrou fechada a parte mais íntima do seu ser; logo Elena, que atingira todo o prazer possível na primeira vez em que fora acariciada por Pierre. Ele curvou a cabeça e sentou-se à beira da cama, derrotado, triste.

— Mas você voltará amanhã, não voltará? O que posso fazer para que confie de novo em mim?

Pierre estava na França sem documentos, arriscando-se a ser preso. Para maior segurança, Elena o escondeu no apartamento de uma amiga que estava viajando. Passaram a se encontrar todos os dias. E sempre no escuro, como Pierre fazia questão, para que antes que pudessem ver o rosto um do outro suas mãos tomassem consciência de sua presença. Como dois cegos, eles sentiam seus corpos, demorando-se nas curvas mais quentes, percorrendo sempre a mesma trajetória, conhecendo pelo tato os lugares onde a pele era mais suave e delicada e onde era mais áspera e exposta à luz do sol; em que ponto do pescoço as batidas do coração ecoavam; onde exatamente os nervos estremeciam quando a mão chegava mais perto do centro, entre as pernas.

As mãos de Pierre conheciam de cor a inesperada forma arredondada de

seus ombros, cheios para um corpo tão delgado, a turgidez de seus seios, os febricitantes pêlos de suas axilas, que ele lhe pedira que não raspasse. A cintura de Elena era muito estreita e as mãos dele adoravam aquela curva que se abria até os quadris. Seguia amorosamente cada curva, buscando possuir seu corpo com as mãos, imaginando-lhe o colorido.

Apenas uma vez ele vira seu corpo em plena luz do dia, uma certa manhã, em Caux. Deleitara-se então com sua cor. Era da palidez do marfim e somente na direção do sexo o marfim ficava mais dourado, lembrando arminho envelhecido. Pierre chamava o sexo de Elena de "raposinha", cujos pêlos se eriçavam ao contato de sua mão.

Os lábios de Pierre seguiam suas mãos; logo vinha também o nariz, imerso nos odores de seu corpo, buscando esquecimento e alívio, procurando a droga que dele emanava.

Elena tinha um sinalzinho escondido nas dobras da carne secreta, entre as pernas. Pierre fingia procurá-lo quando seus dedos subiam por entre as pernas dela e chegavam atrás da cauda da raposa, fazendo de conta que queria tocar o sinalzinho e não a vulva; e quando acariciava o pequeno sinal, era só acidentalmente que encostava a mão no sexo de Elena, muito levemente, o bastante apenas para sentir a pequeníssima contração de prazer produzida pelos seus dedos, como as folhas de uma sensitiva que se fechava, dobrando-se na fuga à excitação, escondendo seu secreto prazer cuja vibração, contudo, ele sentia.

Beijando o pequeno sinal e não a vulva, Pierre podia sentir como ela reagia aos beijos dados tão perto, como se abria e se fechava quando sua boca se aproximava. Enterrava a cabeça naquele ponto embriagado com o perfume de sândalo, com os odores de conchas marinhas; as carícias de seus pêlos, a cauda da raposa, um fio se perdendo dentro de sua boca, outro ficando entre as cobertas da cama, onde depois ele o acharia, brilhante, elétrico. Com freqüência os pêlos púbicos de Pierre e de Elena se embaraçavam. No banho, ela encontrava vários fios de Pierre misturados aos seus, mais longos, mais grossos e mais fortes.

Elena deixava que a boca e as mãos de Pierre encontrassem todos os seus recantos secretos e neles repousassem, caindo em um sonho de envolventes carícias, inclinando a cabeça sobre a dele quando Pierre colocava a boca em seu pescoço, beijando as palavras que ela não podia pronunciar. Ele parecia adivinhar onde ela queria ser beijada a seguir, que parte de seu corpo estava exigindo ser aquecida. As vezes os olhos de Elena se desviavam para os próprios pés e Pierre os beijava. Ouentão beijava sua axila, a reentrância de suas costas ou ainda o vale onde começavam a aparecer os pêlos da raposinha, ainda muito esparsos e claros.

Pierre se esticava como um gato para ser acariciado. As vezes jogava a cabeça para trás, fechava os olhos e deixava que ela o cobrisse com beijos muito delicados, prenúncio dos beijos violentos que se seguiriam. Quando não podia

mais agüentar os leves toques de seda, ele abria os olhos e oferecia a boca, fruto maduro sobre o qual Elena caía vorazmente, como se dele quisesse retirar a própria fonte da vida.

Quando o desejo acabava por impregnar cada poro de seus corpos, eles se abandonavam a carícias violentas. As vezes ela ouvia o estalar de seus ossos quando ele lhe erguia as pernas acima de seus ombros, podia ouvir a sucção de seus beijos, o som de chuva caindo dos lábios e línguas, a saliva se espalhando no calor da boca como se estivessem comendo uma fruta que se dissolvesse. Pierre podia ouvir o estranho som que ela produzia, espécie de canto abafado de alguma ave exótica em êxtase; e Elena ouvia sua respiração, cada vez mais forte à medida que o sangue dele ficava mais denso, mais rico. Quando a febre dele aumentava, sua respiração era de um touro mítico galopando furiosamente rumo a uma chifrada delirante, uma penetração sem dor e que quase a levantava da cama, erguendo seu sexo no ar como se ele fosse entrar em seu corpo e rasgá-lo ao meio, deixando-a apenas quando a ferida tivesse sido feita pelo relâmpago de êxtase e prazer. Depois ela caía, gemendo, vítima de um prazer grande demais, um prazer que era um pouco como uma pequena morte, tão deslumbrante que nenhuma droga ou o álcool poderiam proporcionar, que nada mais poderia gerar que não dois corpos apaixonados um pelo outro vivendo uma paixão implantada no fundo de sua alma em cada célula, em cada nervo e em cada pensamento.

Pierre sentou-se à beira da cama. Já tinha vestido as calças e estava afivelando a cinta.

Elena também já se vestira mas ainda estava enroscada em torno dele. Em silêncio, ele lhe mostrou a cinta. Ela se sentou direito, para poder examiná-la.

Quando nova, devia ter sido bela, pesada e forte, com uma fivela de prata. Mas o couro se tornara tão velho que parecia prestes a rasgar. A extremidade estava esfiapada. Nos lugares em que a fivela fechava, o couro estava fino como um pedaço de tecido.

— Minha cinta está se acabando — disse Pierre —, e isso me deixa triste porque já a tenho há dez anos.

Ele ficou examinando a cinta contemplativamente.

Ao vê-lo assim, Elena se lembrou do momento em que ele desafivelara a cinta para se despir. Pierre jamais tirava a roupa enquanto um carinho, ou um abraço apertado que unia os dois corpos, não tivesse despertado o seu desejo de tal modo que o pênis confinado o fizesse sentir dor.

Havia sempre aquele segundo de suspense antes de ele abrir as calças e tirar o pênis para ela. As vezes ele deixava que Elena fizesse isso sozinha. E se ela não conseguia desabotoar sua cueca com bastante rapidez, ele a ajudava. O barulhinho que a fivela fazia a excitava. Era um momento erótico para ela, como para Pierre era lúbrico o instante em que lhe tirava as calcinhas ou as ligas.

Embora tivesse ficado totalmente satisfeita minutos antes, Elena sentiu-se

novamente excitada. Gostaria de começar tudo de novo, ver suas calcinhas escorregarem até o chão e mais uma vez pegar em seu pênis. Adorava vê-lo muito alerta e rígido, apontando para ela, reconhecendo-a. Mas, de repente, a constatação de que aquela cinta era muito velha, de que Pierre sempre a usava, provocou em Elena estranha e aguda dor. Viu-o agindo da mesma forma em outros lugares, outros quartos, outras horas com outras mulheres.

Sentiu ciúme, uma onda feroz de ciúme, e não conseguiu se livrar da imagem que criara. Teve vontade de dizer: "Jogue essa cinta fora. Pelo menos não use mais a mesma que usou para as outras. Eu lhe darei outra".

Era como se a afeição dele pela cinta fosse saudade de um passado de que não podia se livrar inteiramente. Para ela, a cinta representava os gestos feitos no passado. Gostaria de saber se as carícias também tinham sido as mesmas.

Durante aproximadamente uma semana Elena correspondeu plenamente a seus abraços, quase perdeu a consciencia neles, chegou uma vez a soluçar com a intensidade da própria alegria. Depois notou uma modificação no estado de espírito de Pierre. Ele estava preocupado. Elena não lhe fez perguntas. Interpretou as preocupações dele ao seu modo. Pierre devia estar pensando na atividade política que abandonara por ela. Talvez estivesse sofrendo com a inatividade. Nenhum homem pode viver só de amor, ao contrário das mulheres, capazes de fazer do amor o objetivo de suas vidas e de encher seus dias com isso.

Elena não poderia viver por outro motivo. Na verdade, sua vida era Pierre, era o seu amor. Durante o resto do tempo — quando não estava com ele — nada ouvia ou sentia com clareza.

Ficava ausente, perdida. Só voltava integralmente à vida em seu quarto. O dia todo, enquanto fazia outras coisas, seus pensamentos circulavam em torno dele. Sozinha na cama, ficava recordando suas expressões, o modo como sabia rir com o canto dos olhos, o desenho voluntarioso de seu queixo, o brilho de seus dentes, a forma de seus lábios quando pronunciava palavras de desejo.

Naquela tarde, deitada em seus braços, notou as nuvens que lhe toldavam a fisionomia e os olhos, e não lhe pôde corresponder. Geralmente os dois se amavam no mesmo ritmo. Ambos sentiam quando o prazer do outro estava aumentando. Um tanto misteriosamente, sabiam reter o orgasmo até que estivessem prontos. De um modo geral, começavam lentamente e depois apressavam o ritmo mais e mais, acompanhando a crescente temperatura do sangue e as ondas de prazer cada vez maiores que perpassavam pelos seus corpos até que atingissem o orgasmo juntos, o pênis de Pierre estremecendo quando ejaculava, o ventre de Elena se contraindo com as setas que a atingiam como línguas de fogo.

Pierre esperou por ela. Elena fez todos os movimentos certos, arqueou as costas, fez tudo, enfim, mas não gozou. Ele suplicou: — Venha, querida. Venha, não posso esperar mais. Vamos, agora.

Pierre se esvaziou nela e caiu sobre seus seios sem dizer uma palavra. Deixou-se ficar inerte como se tivesse sido rudemente golpeado por Elena. Nada o magoava mais do que a ausência de reação dela.

— Você é cruel — disse. — Por que está me recusando agora o seu prazer?

Elena permaneceu em silêncio. Ela mesma estava triste com o fato de a ansiedade e a dúvida que sentia poderem tão facilmente impedi-la de alcançar o que tanto desejava, o que queria com todas as suas forças, mesmo que fosse pela última vez. Mas, por isso mesmo, por temer que fosse a última vez, ela não conseguia, ficava privada de uma verdadeira união com ele. Sem o orgasmo experimentado em comum não há união absoluta entre dois corpos. Sabia que depois seria torturada como das outras vezes. Sairia insatisfeita, com a marca do corpo de Pierre gravada no seu.

Reviveria aquilo em sua mente, veria Pierre deitado sobre ela, suas pernas entrelaçadas, seu pênis penetrando-a vezes sem conta, o modo como ele caía sem forças quando acabava, e de novo experimentaria a inquietude do desejo, o tormento de querer senti-lo bem fundo dentro de seu corpo. Conhecia, sem dúvida, a tensão do desejo insatisfeito, os nervos intoleravelmente despertos, nus, aguçados, o sangue em torvelinho, tudo pronto para um climax que não acontecia. Não conseguia dormir. Sentia câibras nas pernas. Imagens eróticas a perseguiram obsessiva-mente a noite inteira.

— Em que você está pensando? — perguntou Pierre, observando seu rosto.

— Na tristeza depois que o deixar sem ter sido realmente sua.

— Há outra coisa em sua mente, Elena; algo que já a preocupava quando você chegou e que eu quero saber o que é.

— Estou preocupada com a depressão em que você anda e tenho me perguntado se não estará sentindo falta de suas atividades e querendo retornar a elas.

— Oh, é isso. Você estava se preparando para quando eu a deixasse de novo. Mas não estou pensando nisso. Pelo contrário. Tenho estado com amigos que me ajudarão a provar que eu não era um ativista, que era apenas um revolucionário de botequim. Lembra-se daquela personagem de Gógol? O homem que falava dia e noite mas nunca agia? Sou eu. E tudo o que tenho feito: falar. Se puder prová-lo, deixarão que eu permaneça em Paris, livre. É por esse objetivo que tenho lutado.

Que efeito tiveram essas palavras em Elena! Foi tão grande quanto a influência dos antigos temores de sua sensualidade, que inibiam seus impulsos, dominando-os. Chegou a assustá-la. Quis que Pierre a possuísse de novo. Sabia que o que dissera tinha sido o bastante para liberá-la. E ele devia ter adivinhado isso, pois continuou a acariciá-la por longo tempo, esperando que o contato de seus dedos despertasse de novo seu desejo. E muito mais tarde, quando Pierre a possuiu de novo, foi sua vez de conter a intensidade e a rapidez de seu orgasmo,

para gozar junto com o amante. Os dois gritaram juntos, e ela soluçou de tanto prazer.

Desse dia em diante, a luta de ambos foi para derrotar a frieza que jazia latente no íntimo de Elena, e que uma pequena palavra, uma dúvida qualquer podia fazer despertar. Pierre ficou obcecado por isso. Mostrava-se mais atento ao observar o estado de espírito dela do que seus próprios humores. Mesmo quando gozava, seus olhos procuravam um sinal de uma possível nuvem, ameaça constante do futuro deles. Ele se exauria aguardando o prazer dela. Continha-se com todas as suas forças.

Lutava desesperadamente contra a inconquistável cidadela de seu coração, capaz de se fechar a qualquer momento para ele.

Foi quando começou a compreender a devoção insensata de certos homens a mulheres frígidas. A cidadela — a virgem inexpugnável! O conquistador que havia em Pierre, incapaz de agir e levar a cabo uma revolução de verdade, empregou-se totalmente nessa conquista, disposto a derrubar para sempre a barreira que Elena era capaz de levantar contra ele. Seus encontros amorosos se transformaram em secretas batalhas entre duas vontades, em uma série de estratégias.

Se tinham uma briga (e brigavam muito em virtude da íntima ligação de Elena com Miguel e Donald; Pierre dizia que era com ela que eles faziam amor quando se entregavam um ao outro), ela sabia que podia lhe negar seu orgasmo. Pierre insistia e procurava conquistá-lo com as mais loucas carícias. As vezes a tratava brutalmente, como se fosse uma prostituta a quem podia pagar pela submissão. Em outras ocasiões, tentava vencer pelo carinho. Fazia-se pequenino, quase uma criança em seus braços.

Pierre cercou-a de uma atmosfera erótica, perfumando o quarto, cobrindo-o de tapetes e almofadas. Buscava atingi-la através de sua reação à beleza, ao luxo, aos perfumes. Comprava-lhe livros eróticos, que liam juntos. Era essa sua última forma de conquista: despertar-lhe febre sexual tão alta que ela não pudesse nunca resistir ao contato de sua mão. Eles se deitavam no sofá e liam, com as mãos passeando pelo corpo, nos lugares descritos no livro. Fatigavam-se em excessos de todo tipo, procurando conhecer todos os prazeres jamais desfrutados por dois amantes, incendiados por imagens, palavras e descrições de cada nova posição. Pierre acreditava que tinha despertado em Elena uma tal obsessão de sexo que ela nunca mais seria capaz de se controlar. E Elena realmente parecia corrompida. Seus olhos começaram a brilhar de um modo extraordinário, não com o resplendor da luz do dia, mas com o brilho inquietante dos tuberculosos.

Ele não mais deixava o quarto às escuras. Gostava de vê-la chegar com aquela febre no olhar. Seu corpo parecia mais pesado. Os bicos dos seios estavam constantemente túrgidos, denunciando um estado permanente de excitação

sexual. Sua pele se tornara tão sensível que Elena ficava toda arrepiada assim que Pierre a tocava.

Deitavam-se de bruços, ainda vestidos, abriam um novo livro e começavam a ler, cariciando-se mutuamente.

Beijavam-se por cima das ilustrações eróticas. Suas bocas, unidas em beijos intermináveis, caíam por cima de enormes nádegas de mulheres, de pernas abertas como compassos, de homens de quatro como cachorros, com os membros enormes se arrastando pelo chão.

Havia uma figura que representava uma mulher torturada, empalada por uma vara grossa que entrava pelo seu sexo e saía pela boca. Aquilo despertou em Elena uma certa sensação de prazer, parecendo-lhe que seria o último estágio da posse sexual. Quando Pierre a penetrava, tinha a impressão de que o êxtase que sentia com o pênis dele dentro de seu ventre era comunicado à sua boca. E ela abria a boca, projetando a língua para fora, como na figura, como se desejasse ter o pênis dele simultaneamente na boca.

Dias seguidos Elena reagia loucamente, como uma mulher que estivesse prestes a perder a razão. Mas Pierre descobriu que uma briga ou uma palavra cruel que proferisse poderia lhe sustar o orgasmo e apagar a chama erótica de seus olhos.

Quando se cansaram da novidade da coleção erótica, encontraram um novo mundo — um reino de ciúme, terror, dúvida, cólera, raiva, antagonismo e luta que às vezes os seres humanos empreendem contra os laços que os unem a outros.

Pierre passou então a tentar fazer amor com as outras Elenas, com as partes mais ocultas e delicadas de sua personalidade. Observava Elena quando ela dormia, quando se vestia, quando penteava os cabelos diante do espelho. Procurava uma chave espiritual que lhe abrisse o coração, que pudesse atingir com uma nova forma de fazer amor. Ele não mais a observava para certificar-se de que tinha atingido o orgasmo, pela razão muito simples de que Elena decidira fingir que gozava mesmo quando isso não acontecia. Tornou-se uma atriz consumada. Mostrava todos os sintomas do prazer, a contração da vulva, a aceleração da respiração, do pulso, das batidas do coração, e o langor repentino, o quase desmaio, a fraqueza do clímax.

Podia simular tudo — para ela, amar e ser amada eram coisas tão definitivamente misturadas com o seu prazer que podia atingir uma ofegante resposta emocional mesmo que não sentisse prazer físico — isto é, tudo menos íntima palpitação do orgasmo.

Mas isso ela sabia que era difícil detectar com o pênis. Descobrira que a luta de Pierre para sempre obter dela um orgasmo tinha algo de destrutivo e previa que no fim isso poderia roubar-lhe a confiança em seu amor e acabar por separá-los. Assim, preferiu a farsa.

Por isso Pierre desviou sua atenção para outro tipo de abordagem. Assim que ela entrava, ele observava como ela se movia, como tirava o casaco e o chapéu, como sacudia os cabelos, que anéis usava. Imaginava que por intermédio desses indícios poderia deduzir seu estado de espírito. E era esse estado de espírito que elegia como objetivo de sua conquista.

Podia vê-la infantil, submissa, com os cabelos soltos, a cabeça se curvando facilmente sob o peso de sua vida. Teria então menos maquiagem no rosto, a expressão inocente, e seu vestido seria leve, de cores fortes. Ele a acariciava gentilmente, com ternura, observando a perfeição, por exemplo, dos dedos de seus pés, livres como os das mãos; examinando seus tornozelos, onde apareciam minúsculas veias azuladas; ou observando a pequena mancha da tatuagem, logo abaixo de seu joelho, onde, quando tinha quinze anos — era então uma garota de escola e usava meias pretas — disfarçara um buraco na meia com tinta.

A ponta da caneta se quebrara durante a operação, ferindo-a e marcando definitivamente sua pele. Podia também procurar uma unha quebrada para que pudesse deplorar sua perda, seu patético aspecto truncado entre as outras, longas. Preocupava-se com todos os seus pequenos sofrimentos. Mantinha bem junto de si a garotinha que ainda existia dentro dela, a menina que ele gostaria de ter conhecido. Fazia perguntas: — Então você usava meias pretas de algodão?

— Nós éramos muito pobres, e também era parte do uniforme da escola.

— O que mais você usava?

— Blusas de marinheiro e saias azul-escuras, que eu odiava. Eu adorava me enfeitar.

— E a roupa íntima? — Pierre fez a pergunta com a mesma inocência com que teria indagado se ela usava um impermeável quando chovia.

— Não me lembro direito de como era minha roupa íntima; lembro-me de que gostava de anáguas com babados. No entanto, creio que me faziam usar roupas-brancas de tecido grosso de lã. E, no verão, era sempre um corpete branco e uma espécie de calções amarrados no tornozelo, que eu detestava. Eram muito largos. Naquela época eu sonhava com rendas, e ficava horas perdida diante das vitrines de roupas íntimas, em transe, imaginando-me coberta de cetim e renda. Você não acharia nada de interessante nas roupas de uma garotinha.

Mas Pierre achava que sim, que não tinha importância se as roupas eram brancas e talvez sem forma. Podia muito bem se imaginar apaixonado por Elena em suas meias pretas.

Ele quis saber quando ela havia sentido seu primeiro tremor sexual. Foi lendo, disse Elena, e depois quando andava de trenó com um menino deitado por inteiro em cima dela. Mais tarde, quando se apaixonava por homens que conhecia apenas a distância, pois, assim que eles chegavam perto, ela descobria defeitos que a faziam afastar-se.

Precisava de estranhos, um homem visto em uma janela, ou um que vira certo dia em uma rua qualquer, ou em um salão de concertos. Depois desses encontros, Elena se descuidava dos cabelos, ficava negligente no vestir-se e permanecia sentada como uma mulher chinesa preocupada com as pequenas coisas e as delicadas tristezas.

Deitado ao seu lado, segurando-lhe apenas a mão, Pierre lhe falava sobre sua vida, oferecendo-lhe imagens de si próprio quando criança para fazer par com as imagens de menina que ela lhe oferecera. Dissolviam-se nessas conversas as cascas mais antigas de suas personalidades maduras e o núcleo ficava a mostra.

Quando menina, Elena fora o que subitamente passara a ser para ele — uma atriz, uma simuladora, alguém que vivia em suas fantasias e papéis que criava, sem jamais saber o que realmente sentia.

Pierre fora um rebelde. Tinha sido criado entre mulheres, sem o pai, que morreria no mar. Quem lhe servira de mãe fora sua babá, enquanto a mãe de verdade só vivia para descobrir um substituto para o homem que perdera. Nada havia de maternal nela. Era uma amante nata. Tratava o filho como a um jovem amante. Afagava-o de modo extravagante e de manhã o recebia em uma cama em que ele ainda podia detectar a presença recente de um homem. Tomava com ela o preguiçoso café da manhã trazido pela babá, que sempre se irritava por encontrar o menino deitado ao lado da mãe, onde um momento antes tinha estado seu amante.

Pierre amava a voluptuosidade de sua mãe, a carne sempre aparecendo através da renda, a silhueta sempre revelada por entre as saias de chiffon; adorava a curva de seus ombros, as orelhas frágeis, os olhos grandes e zombeteiros, os braços opalinos emergindo das mangas muito largas. Sua preocupação era como fazer de cada dia uma festa. Eliminava as pessoas que não eram divertidas, quem quer que contasse histórias de doenças ou azares. Se saía às compras, era terrivelmente extravagante, como se sempre fosse Natal, e incluía todos da família, levando uma surpresa para cada um; e para ela própria, caprichos e coisas inúteis, que ia acumulando até jogar fora.

Aos dez anos, Pierre foi iniciado em todos os preparativos que uma vida cheia de amantes exigia. Assistia à toalete da mãe, via-a empoando as axilas e metendo a esponja no talco por baixo do vestido, entre os seios. Via a mãe sair do banho semicoberta por um quimono, as pernas nuas, e prestava atenção quando ela calçava as meias muito compridas. Gostava dever como prendia as ligas tão alto, de um modo que as meias quase tocassem os quadris. Enquanto se vestia, ela falava a respeito do homem com quem ia se encontrar, exaltando para Pierre a natureza aristocrática de um, o charme de outro, a naturalidade de um terceiro, o gênio de um quarto — como se Pierre um dia fosse somar as qualidades de todos eles para ela.

Quando Pierre fez vinte anos, ela desencorajou todas as suas amizades com mulheres, incluindo mesmo suas visitas ao bordel. O fato de que ele procurasse mulheres que se parecessem com ela não a impressionou. Nos prostíbulos, Pierre pedia às mulheres que se vestissem para ele, e assim ele podia desfrutar um prazer obscuro e indefinido — o mesmo prazer que experimentara antes na presença de sua mãe. Para tal cerimônia ele exigia roupas especiais e uma atitude muito coquete.

As prostitutas, achando muita graça, o satisfiziam. Durante esses jogos, seu desejo repentinamente ficava incontrolável; Pierre se atirava sobre elas e as possuía como se as estivesse estuprando.

Mais além, jaziam as regiões maduras de sua experiência que não confessou a Elena. Deu a ela apenas a criança, sua própria inocência e também sua perversidade.

Havia ocasiões em que certos fragmentos de seu passado, os mais eróticos, subiam à superfície, permeavam cada um de seus movimentos, davam a seus olhos a expressão inquietante que Elena vira neles quando o conhecera, imprimiam brandura e abandono à sua boca, emprestavam ao seu rosto a expressão de uma pessoa a quem nenhuma experiência escapara. Então Elena podia ver Pierre e uma de suas prostitutas juntos; podia enxergar Pierre como um obstinado à procura de pobreza, sujeira e decadência como os únicos acompanhamentos adequados a certos atos. Aparecia nele então o apache, o voyou, o viciado capaz de beber por três dias e três noites, abandonando-se a cada experiência como se fosse a última, gastando todo o seu desejo com uma mulher monstruosa, querendo-a por estar suja, por ter sido possuída por muitos homens e porque sua linguagem era carregada de obscenidades. Era uma paixão pela autodestruição, por indignidades, por uma linguagem chula e mulhéres da rua, pelo perigo. Já tinha sido apanhado por patrulhas especializadas em ópio e preso por ter vendido uma mulher.

Era sua capacidade de anarquia e corrupção que às vezes lhe dava aquela expressão de homem capaz de qualquer coisa e que mantinha alerta em Elena a desconfiança que no fundo nutria contra ele. Ao mesmo tempo, Pierre tinha plena consciência da atração que Elena sentia pelo demoníaco e pelo sórdido, pelo prazer da queda, por profanar e destruir o seu eu ideal. Mas em razão do amor que tinha por ela, Pierre não permitiria que vivenciasse nada disso com ele. Temia iniciá-la e perdê-la depois para um vício qualquer, para alguma sensação que não fosse capaz de lhe dar. Assim, a porta que ligava o elemento de corrupção que havia na natureza de ambos raramente era aberta. E Elena não queria saber o que seu corpo, sua boca ou seu sexo já tinham feito. Quanto a Pierre, temia lhe revelar as possibilidades.

— Eu sei — dizia ele — que você é capaz de muitos amores, que eu serei o primeiro, que de agora em diante nada a impedirá de se expandir. Você é

sensual, é muito sensual.

— Não se pode amar muitas vezes. Quero meu erotismo misturado sempre com o amor. E um profundo amor não se sente com frequência.

Ele tinha ciúme de seu futuro; e ela, do passado dele. Tornou-se consciente de que tinha vinte e cinco anos e ele, quarenta; de que Pierre já tinha experimentado muitas coisas das quais se cansara e de que ela nunca tinha ouvido falar.

Quando o silêncio se prolongava muito e Elena não via no rosto de Pierre a expressão de inocência que lhe era mais comum, mas ao contrário, um sorriso vacilante, um certo desprezo na linha de seus lábios, sabia que ele estava recordando o passado. Deitava-se ao seu lado com os olhos fixos em seus compridos cílios.

Um dia ele lhe disse, após um instante de silêncio:

— Até conhecê-la, Elena, eu era um dom-juan. Nunca realmente quis conhecer uma mulher. Jamais desejei permanecer com alguém. Achava que as mulheres sempre usavam seus encantos para conquistar os homens visando um relacionamento durável — casamento, por exemplo, ou, pelo menos, companheirismo — e ter, no fim de tudo, um pouco de paz mediante a posse de seu parceiro. Era isso o que me assustava, a idéia de que por trás da grande amoureuse sempre estava escondida uma pequeno-burguesa que queria conseguir segurança por meio do amor. O que me atrai em você é o fato de ter continuado a ser amante. Mantém o fervor e a intensidade. Quando se sente sem forças para a grande batalha do amor, afasta-se. Outra coisa: não é o prazer que posso lhe dar que a liga a mim. Você mesma repudia esse prazer quando não está emocionalmente satisfeita. Mas você é capaz de todo tipo de coisa, qualquer gesto ou ação. Sei disso. Você é aberta para a vida. Fui eu quem a tornou assim, eu sei. Pela primeira vez lamento o poder que tenho de iniciar as mulheres na vida, no amor. Como eu a amo quando você se recusa a se comunicar com o corpo, buscando outros meios para me atingir! Você fez tudo para quebrar minha resistência ao prazer. Sim, a princípio eu não podia suportar esse poder que você tem de recuar dentro de si própria.

Parecia-me que eu estava perdendo meu poder.

Essa conversa de novo inspirou em Elena a sensação inquietante de quanto de instável havia em Pierre. Nunca tocava sua campainha sem pensar que ele poderia já ter ido embora. Em um velho armário ele tinha descoberto uma pilha de livros eróticos escondidos sob cobertores pelos antigos moradores e passou a esperá-la todos os dias com uma história para fazê-la rir. Sabia que a tinha entristecido.

Pierre não sabia que, quando o erotismo e a ternura se misturam em uma mulher, formam um laço poderoso, quase uma fixação. Elena só era capaz de pensar em imagens eróticas ligadas a ele, a seu corpo. Se por acaso via um filme

pornográfico nas máquinas caça-níqueis dos bulevares que a excitasse, tinha curiosidade de fazer uma nova experiência no encontro seguinte. Começou a cochichar certos desejos a seu ouvido.

Ele sempre se surpreendia quando via Elena disposta a lhe dar prazer sem pensar na própria satisfação. Por vezes, quando após seus excessos ele ficava cansado, menos potente, ainda assim desejava repetir a sensação de aniquilamento. Ele então a excitava com suas carícias, as mãos tão ágeis que se aproximavam da masturbação. Enquanto isso, as mãos dela empolgavam seu pênis, delicada aranha de dedos sábios que atingiam os nervos mais ocultos de suas reações. Devagar, aqueles dedos começavam afagando apenas a superfície, depois sentiam a torrente grossa de sangue que o dilatava, seguindo o contorno dos nervos, a súbita rigidez dos músculos. Dedos de um artista que bem conhecia seu instrumento. Pela tensão que encontrava, Elena sabia quando Pierre não seria capaz de reter uma ereção o tempo suficiente para penetrá-la, quando só poderia reagir a seus dedos nervosos e queria ser masturbado. Logo seu próprio prazer reduziria a atividade das mãos dele sobre ela. E Pierre ficaria então estonteado, fecharia os olhos e se abandonaria a suas carícias. Tentaria, uma ou duas vezes, como em um sonho, continuar movendo as mãos, mas acabava por ceder e deixar-se ficar deitado passivamente para sentir melhor a tensão sempre crescente.

— Agora, agora — murmurava. — Agora. — Isso significava que a mão dela deveria redobrar a velocidade para acompanhar o ritmo da febre que pulsava dentro dele. Seus dedos voavam no mesmo ritmo das aceleradas batidas do coração quando a voz dele implorava: — Agora, agora, agora.

Cega a tudo que não o seu prazer, ela se inclinava sobre Pierre, a boca perto de seu pênis, continuando o movimento das mãos e ao mesmo tempo lambendo a extremidade do pênis cada vez que passava ao alcance de sua boca, até que o corpo dele começasse a tremer e a erguer-se para ser consumido pelas suas mãos e por sua boca. O sêmen então aparecia, como pequenas ondas quebrando na areia, uma após outra, pequenas ondas de espuma salgada que se desdobravam na praia de suas mãos. Então Elena fechava ternamente o membro aniquilado em sua boca para colher o precioso líquido do amor. O prazer dele lhe dava tanta alegria que ela ficava espantada quando Pierre a beijava, cheio de gratidão, e dizia: — Mas você não sentiu prazer nenhum!

— Ah, senti — retrucava Elena, em um tom de voz de que Pierre não podia duvidar.

Maravilhava-se com a continuidade da exaltação que os unia. E se perguntava se o amor deles não entraria em um período de repouso.

Pierre estava ganhando liberdade. Frequentemente estava fora quando ela telefonava. Enquanto isso se passava, Elena ia aconselhando uma velha amiga, Kay, recém-chegada da Suíça. Kay conhecera no trem um homem que poderia

ser descrito como o irmão mais moço de Pierre. Kay sempre se identificara tanto com Elena, deixando-se dominar de tal forma por sua personalidade, que a única coisa que poderia satisfazê-la seria uma aventura que, pelo menos aparentemente, parecesse com as aventuras de Elena.

Esse homem também tinha uma missão, que ele não confessava mas usava como desculpa, talvez como álibi, quando viajava ou tinha que passar um dia inteiro sem ver Kay. Elena suspeitava que a amiga pintava o sócio de Pierre com cores mais fortes do que as reais. De início, louvava-lhe a virilidade anormal, empanada apenas pelo hábito de cair no sono antes ou imediatamente após o ato sexual, sem esperar para lhe agradecer. Passava do meio de uma conversação comum para o desejo súbito de violentá-la. Detestava roupas íntimas. Não queria que ela usasse nada por baixo do vestido. Seu desejo era imperativo — e imprevisível. Não podia esperar. Com ele, Kay aprendera a sair correndo de restaurantes, a fazer loucos passeios em taxis em que o banco de trás era separado do da frente por cortinas, sessões sob as árvores do Bois de Boulogne, masturbação em cinemas — nunca em uma cama burguesa, no cálido conforto de um quarto.

O desejo sexual dele era nitidamente ambulante e boêmio. Se gostava de pisos carpetados, também gostava do chão frio dos banheiros, de superaquecidos banhos turcos, antros de fumadores de ópio, onde ficava deitado com ela em uma pequena esteira, para depois sentirem todos os ossos do corpo doer, quando acordavam de longos sonos. A obrigação de Kay era conservar-se alerta para seguir seus caprichos, e tentar conseguir também um pouco de prazer para si própria, naquela louca corrida, o que poderia ser bem mais fácil se houvesse um pouco de tranqüilidade. Mas não; ele gostava daqueles repentes bruscos, tropicais. Ela o seguia como uma sonâmbula, dando a impressão a Elena de que tropeçava nele em uma espécie de sonho, como se esbarrasse em uma peça da mobília. As vezes, quando tudo acontecia demasiado rápido, para que ela pudesse florescer com volúpia e de modo integral sob sua violência, Kay deixava-se ficar deitada ao seu lado, e, enquanto ele dormia, inventava um amante mais completo. Fechava os olhos e pensava: “Agora a mão dele está levantando meu vestido devagar, bem devagar. Primeiro ele me olha. Uma das mãos repousa sobre minhas nádegas e a outra começa a explorar, a fazer círculos, a me afagar. Depois ele enfia o dedo lá, onde está úmido”.

Lembra-me uma mulher segurando um pedaço de seda entre os dedos, procurando sentir pelo tato a sua qualidade. Tudo muito devagar”.

O outro Pierre se virava, e Kay retinha a respiração. Se ele acordasse, a encontraria com as mãos em uma estranha posição. De repente, como se tivesse adivinhado seus desejos, ele colocava a mão entre suas pernas e a deixava lá, de modo que Kay não podia mais se mexer. A presença daquela mão ali a excitava ainda mais. Então, ela fechava os olhos de novo e tentava imaginar que sua mão

estava se mexendo. Para criar uma imagem suficientemente forte e vívida para si própria, ela começava a contrair e abrir a vagina, ritmicamente, até chegar ao orgasmo.

Pierre nada tinha a temer da Elena que conhecera, em cujo corpo tão delicadamente navegara. Mas havia uma Elena que ele não conhecera, a Elena viril. Embora não usasse cabelos curtos ou roupas masculinas, não fumasse charutos nem freqüentasse os bares onde as mulheres desse tipo normalmente se reuniam, existia uma Elena espiritualmente masculina, que por ora estava adormecida em seu íntimo.

Em tudo, menos no amor, Pierre era um incompetente. Era incapaz de enfiar um prego em uma parede, pendurar um quadro, consertar um livro, discutir assuntos técnicos de qualquer espécie. Vivia com medo de criados, zeladores, bombeiros. Era incapaz de tomar uma decisão, assinar qualquer espécie de contrato; não sabia o que queria.

A energia de Elena sanava essa lacuna. Sua mente tornava-se mais fecunda. Comprava livros e jornais, incitava-o à atividade, tomava decisões. Pierre aprovava isso. Servia-lhe à indolência. E Elena foi ganhando em audácia.

Sentia-se protetora em relação a ele. Assim que terminava a agressão sexual, ele se recostava como um paxá e deixava que ela governasse. Mas não chegava a observar o aparecimento da outra Elena, com novos contornos e hábitos, e também com nova personalidade. Elena descobriu que as mulheres se sentiam atraídas por ela.

Foi convidada por Kay a conhecer Leila, uma conhecida cantora de clubes noturnos, mulher de sexo duvidoso. Foram até a casa de Leila. Ela estava deitada na cama. Havia no quarto um forte perfume de narciso, e a mulher estava encostada na cabeceira da cama com um ar lânguido, meio perdido. Elena pensou que estivesse se recuperando de uma noite de embriaguez, mas aquela era a pose natural de Leila. Daquele corpo voluptuoso veio uma voz de homem. Os olhos violeta fixaram-se então em Elena, avaliando-a com masculina deliberação.

Mary, a amante de Leila, entrou no quarto; o barulho de suas largas saias de seda fora ampliado pelos passinhos rápidos. Mary jogou-se aos pés da cama e segurou a mão de Leila. Olhavam-se com tanto desejo que Elena teve de baixar os olhos. Os traços do rosto de Leila eram nítidos; os de Mary, vagos.

A pintura de Leila era, basicamente, um forte traço de creiom em torno dos olhos, como nas pinturas egípcias; as cores de Mary eram todas pastel — os olhos azul-claros, as pálpebras pintadas de verde-mar, as unhas e os lábios cor de coral. As sobrancelhas de Leila eram naturais; as de Mary, apenas um traço de lápis. Quando se olhavam, as feições de Leila pareciam se dissolver, e as de Mary como que adquiriam um pouco da definição precisa do rosto da outra. Mas sua voz permanecia irreal, e as frases não terminavam, ficavam flutuando.

Mary perturbou-se com a presença de Elena. Mas em vez de exprimir hostilidade ou medo, preferiu a atitude feminina, como se estivesse diante de um homem, e tentou conquistá-la. Não gostou do modo como Leila olhava para Elena, e por isso sentou-se ao seu lado em cima das pernas, como uma garotinha, virando a boca para cima na direção dela quando lhe falava, de modo convidativo. Mas esses maneirismos infantis eram exatamente o que Elena mais detestava nas mulheres. Ela voltou-se para Leila, cujos gestos eram amadurecidos e simples.

— Vamos juntas ao estúdio — disse Leila. — Tenho que me vestir.

Ao saltar da cama, abandonou seu langor. Ela era alta. Usava os cabelos curtos como os de um menino, mas com nobre audácia. Ninguém poderia servir-se deles contra ela. A noite, em seu trabalho, ela não cantava apenas: ela reinava. Era o centro magnético de um mundo de mulheres que se julgavam condenadas pelo vício. Leila insistia energicamente com elas para que tivessem orgulho de sua vida, sem se deixarem sucumbir diante da moral burguesa. Condenava severamente as suicidas e aquelas que se deixavam desintegrar. Queria mulheres que sentissem orgulho de ser lésbicas. E dava o exemplo. Usava roupas masculinas apesar das ordens da polícia. Nunca era molestada. Fazia-o com graça e indiferença. Andava a cavalo no bois nessas roupas. Era tão elegante, tão distinta, tão aristocrática, que mesmo quem não a conhecia a saudava, quase que inconscientemente. Ela fazia as outras mulheres erguerem a cabeça. Era a única mulher masculinizada que os homens tratavam como mais um camarada. O que quer que houvesse de trágico por sob sua aparência polida só aparecia quando cantava, o que acabava com a serenidade de toda a audiência, espalhando ansiedade, remorsos e nostalgia por toda parte.

No táxi, sentada a seu lado, Elena sentiu não sua força, mas sua ferida secreta. Aventurou um gesto de ternura. Pegou a mão real e segurou-a. Leila não deixou, mas respondeu à pressão com um gesto nervoso e forte. Elena soube no mesmo instante o que sua força não tinha sido capaz de conseguir: realização individual. Claro que a voz lamuriante de Mary e seus óbvios estratagemas não poderiam satisfazer Leila. As mulheres não são tão tolerantes quanto os homens para com as outras mulheres que, de modo calculado, se fazem pequenas e fracas, pensando assim inspirar um grande amor. Leila devia sofrer mais que um homem em virtude de sua lucidez no tocante às mulheres, de sua incapacidade de ser enganada.

Quando chegaram ao estúdio, Elena sentiu um odor curioso que lhe pareceu ser de cacau torrado, de trufas frescas. Entraram no que parecia ser uma enfumaçada mesquita árabe. Era um amplo aposento cercado por uma galeria de alcovas onde havia apenas esteiras e pequenas lâmpadas. Todos usavam quimonos. Deram um a Elena, que então entendeu: aquilo era um local destinado a fumar ópio — luzes mortíferas, pessoas deitadas, indiferentes a quem estava

chegando, uma grande paz, nenhuma conversa, apenas um suspiro de vez em quando. Aqueles poucos em quem o ópio excitava o desejo estavam nos cantos mais escuros, os corpos colados, como que adormecidos. No silêncio, a voz de uma mulher deu início ao que parecia uma canção, mas que depois se transformou em um outro tipo de vocalização, a de uma ave exótica finalmente apanhada na estação do amor. Dois rapazes se abraçavam, sussurrando.

Elena ouvia às vezes a queda de almofadas no chão, o barulho de seda e algodão sendo pisados. O canto da mulher tornou-se mais claro e mais firme, crescendo em harmonia com seu prazer, em um ritmo tão constante que Elena o acompanhou com a cabeça, até que atingiu o ápice. Elena percebeu que aquele solo irritara Leila, que não queria ouvi-lo. Era por demais explícito e feminino, denunciando a suave camada de amor das mulheres ao ser penetrada por um homem, produzindo em cada arremetida um grito de êxtase e paixão. Não importa o que as mulheres possam fazer umas as outras, não serão jamais capazes de provocar essa canção vaginal; apenas uma seqüência de estocadas, somente o repetido assalto de um homem é capaz de produzir isso.

As três mulheres deitaram-se em colchonetes, lado a lado. Mary quis ficar junto a Leila, que não o permitiu. A encarregada ofereceu-lhes os cachimbos de ópio. Elena recusou. Já estava suficientemente drogada pelas lâmpadas mortíferas, pela atmosfera enfumaçada, pelos exóticos adornos, pela mistura de odores, pelo som abafado de tantas carícias. Sua expressão era tão extasiada, que a própria Leila acreditou estar Elena sob a influência de alguma outra droga. Não podia adivinhar que a pressão de sua mão no táxi transportara Elena a um estado completamente diferente de qualquer coisa que Pierre já tivesse despertado nela.

Em vez de atingi-la diretamente no centro de seu corpo, a voz e o contato de Leila a tinham envolvido em um manto voluptuoso de sensações novas, algo que não buscava realização; ao contrário, exigia que fosse prolongado. Era como o próprio aposento onde se encontravam, que a perturbava com suas luzes misteriosas, seus ricos odores, seus nichos sombrios, suas formas apenas adivinhadas, seus prazeres secretos. Um sonho. O ópio não poderia dilatar seus sentidos mais do que já estavam, não seria capaz de lhe proporcionar sensação maior de felicidade.

Sua mão alcançou a de Leila; Mary já estava fumando, com os olhos fechados. Leila, deitada de costas, olhava para Elena. Segurou-lhe a mão, reteve-a por um segundo e depois colocou-a sob seu quimono, sobre seus seios. Elena começou a acariciá-la. Leila tinha aberto o paletó do costume; estava sem blusa. Mas o resto do corpo estava coberto por uma saia justa.

Elena sentiu então a mão de Leila deslocando-se delicadamente sob seu vestido, procurando uma abertura entre a parte superior de suas meias e a roupa íntima. Elena virou-se então delicadamente sobre o lado esquerdo para que pudesse colocar a cabeça sobre o seio de Leila e beijá-lo.

Receava que Mary acordasse e ficasse furiosa. De vez em quando olhava para ela. Leila sorriu. Depois inclinou-se para sussurrar ao ouvido de Elena: — Nós nos encontraremos um dia, para ficarmos juntas. Você quer? Quer ir à minha casa amanhã? Mary não estará lá.

Elena sorriu, concordou com um gesto de cabeça, roubou mais um beijo e deitou-se de costas. Mas Leila não retirou a mão. Ficou observando Mary e continuou a acariciar Elena, que sentia estar se dissolvendo sob seus dedos.

Parecia que estavam há pouco tempo ali, mas quando Elena se deu conta, o estúdio ficara mais frio e a manhã tinha chegado. Levantou-se de um salto, surpresa. As outras mulheres pareciam dormir, até mesmo Leila. Elena enfiou o casaco e foi embora. O ar frio da manhã acabou de despertá-la.

Queria conversar com alguém. Viu que estava bem perto do estúdio de Miguel. Ele estava dormindo com Donald. Ela o acordou e sentou-se aos pés da cama. Começou a lhe falar. Miguel não conseguia entendê-la direito. Pensou que ela estivesse bêbada.

— Por que o meu amor por Pierre não é forte o bastante para me defender disso? — repetia sem parar. — Por que me joga na direção de outros amores? E de amores por mulheres? Por quê?

— Por que você está com tanto medo de uma pequena "mudança"? — perguntou Miguel, sorrindo. — Não é nada. Passa logo. O amor de Pierre despertou sua natureza verdadeira. Você tem muito amor, Elena, você amará muitas pessoas.

— Mas eu não quero, Miguel. Eu quero ser uma só.

— Não é uma infidelidade tão grande, Elena. Você está procurando a si própria em outra mulher.

Do estúdio de Miguel ela foi para casa, tomou banho, descansou e foi ter com Pierre. Encontrou-o em uma maré de ternura. Ele estava tão terno que aplacou todas as suas dúvidas e angústias secretas, fazendo-a dormir em seus braços.

Leila esperou em vão. Por dois ou três dias Elena evitou pensar nela, ganhando de Pierre maiores provas de amor, ansiando por ser protegida, proibida de afastar-se dele. Bem depressa Pierre observou sua aflição. Quase que por instinto, dominava-a quando queria sair mais cedo, impedindo-a fisicamente de ir a qualquer parte. Depois, com Kay, Elena conheceu um escultor, Jean. Seu rosto era doce, feminino, atraente. Mas ele gostava de mulheres. Elena se viu na defensiva. Ele lhe pediu o endereço. Quando foi vê-la, ela falou sem parar contra as ligações estreitas, demasiado íntimas. Ele disse: — Eu gostaria de algo mais agradável e mais ardoroso.

Ela ficou assustada. Tornou-se ainda mais impessoal. Ambos ficaram desconcertados. Ela pensou: "Agora estraguei tudo. Ele não voltará". E lamentou isso. Havia uma obscura atração. Não podia defini-la. Ele lhe escreveu uma

carta: "Quando a deixei, sentime como se tivesse nascido de novo, livre de todas as falsidades. Como você gerou um novo ser sem sequer pensar nisso? Vou lhe contar o que me aconteceu uma vez. Parei em uma esquina de Londres, olhando para a lua. Fitei-a tão persistentemente que ela me hipnotizou. Não sei como cheguei em casa, horas mais tarde. Sempre achei que durante todo aquele tempo eu tinha perdido minha alma para a lua. Foi o que você me fez, naquela visita".

Ao ler essas palavras, Elena recordou vividamente a sua voz melodiosa, seu encanto. Ele lhe mandou outras cartas com pedaços de cristal de rocha, com um escaravelho egípcio. Ela as deixou sem resposta.

Sentia atração por ele, mas a noite que passara com Leila lhe causara um estranho medo. Retornara a Pierre naquele dia como se estivesse voltando de uma longa viagem. Cada laço tivera que ser refeito. Era essa separação que ela temia, a distância que criava entre seu profundo amor e ela própria.

Um dia, Jean a esperou à porta de casa, e surpreendeu-a assim que ela saiu, trêmula, pálida de excitação, incapaz de dormir. Sentia raiva dele por ter tal poder de acovardá-la. Por uma coincidência, que ele apontou, ambos estavam vestidos de branco. O verão os envolveu em um abraço de calor.

O turbilhão emocional que estava evidente nos olhos de Jean contaminou Elena. Ele tinha o riso de uma criança, cheio de candura. Mas ela sentia Pierre em seu interior, agarrando-a, prendendo-a. Fechou os olhos, tentando afastar a imagem que a perseguiu. Achou que podia estar apenas sofrendo de contágio de seu fervor.

Sentaram-se a uma mesa de um café humilde. A garçonete derramou o vermute. Aborrecido, ele exigiu que limpassem a mesa, como se Elena fosse uma princesa. Elena disse: — Sinto-me um pouco como a lua que se apossou de você por um instante e depois devolveu sua alma. Você não devia me amar. Não se deve amar a lua. Se você se aproximar muito de mim, vou feri-lo.

Mas no fundo dos olhos dele ela viu que já o magoara. Obstinadamente, ele foi caminhando ao seu lado quase até a porta da casa de Pierre.

Assim que Elena entrou, viu que Pierre estava mergulhado em uma crise de desespero. Ele os vira na rua, seguira-os até o café. Observara cada gesto e expressão que fizeram. E disse: — Houve alguns momentos bem românticos entre vocês. Pierre parecia uma fera, os cabelos caindo na testa, um brilho selvagem nos olhos. Ficou mal-humorado por uma hora, completamente fora de si de raiva e dúvidas. Ela suplicou, jurou-lhe amor, pegou sua cabeça e encostou-a ao peito, apaziguando-o. Pierre acabou adormecendo de pura exaustão. Elena aproveitou para se levantar da cama e ir até a janela. O encanto do escultor tinha desaparecido. Tudo sumia ao lado da imensidão do ciúme de Pierre. Elena pensou na carne de Pierre, em seu sabor, no amor que tinham, mas ao mesmo tempo ouviu a risada de adolescente de Jean, confiante e sensível, e também

reviu o poderoso encanto de Leila.

Sentiu medo. Sentiu medo porque não era mais seguramente ligada a Pierre, mas sim a uma mulher desconhecida, submissa, aberta, humilhada. Pierre acordou. Esticou os braços e disse: — Está acabado agora.

Então ela chorou. Queria suplicar-lhe que a mantivesse prisioneira, e não permitisse que ninguém a levasse. Beijaram-se apaixonadamente. Ele reagiu ao seu desejo abraçando-a com tanta força que os ossos dela estalaram. Elena riu e disse: — Você está me sufocando.

Deixou-se depois envolver totalmente por um sentimento maternal, pela vontade de protegê-lo da dor; ele, por seu lado, parecia achar que poderia possuí-la definitivamente. Seu ciúme o inflamava, o deixava furioso. Sua virilidade se afirmou com tanto vigor que não esperou pelo prazer de Elena. E ela não queria esse prazer. Sentia-se como uma mãe recebendo de novo um filho dentro de si para acalmá-lo, protegê-lo. Não sentia impulso sexual e sim apenas vontade de se abrir, de receber, de envolver.

Nos dias em que encontrava Pierre fraco, passivo, incerto, tão preguiçosos que fugia até mesmo ao trabalho de se vestir e sair à rua, ela se achava incisiva, ativa. Sentia então coisas estranhas quando dormiam juntos. Dormindo ele lhe parecia vulnerável. E ela sentia a própria força crescer. Queria entrar nele, como um homem, possuí-lo. Queria penetrá-lo. Elena ficava deitada, semi-adormecida, identificada com a virilidade dele, imaginando-se transformada em Pierre e possuindo-o tal como ele a possuía.

Em outras ocasiões Elena recuava, se tornava ela própria — mar e areia e umidade, e nenhum braço lhe parecia suficientemente violento, brutal ou animalesco.

Mas se depois do ciúme de Pierre o amor deles era mais violento, ao mesmo tempo o ar era denso; seus sentimentos ficavam em tumulto; havia hostilidade, confusão, dor. Elena não saberia dizer se o amor deles havia criado raízes ou absorvido um veneno que lhe apressaria a morte.

Será que havia algum prazer oculto que Elena era incapaz de sentir, da mesma forma que não conhecia tantos prazeres mórbidos e masoquistas que outras pessoas tinham com seus fracassos, humilhações, pobreza, miséria e sofrimento? Pierre lhe dissera uma vez: "O que mais lembro são as grandes dores de minha vida. Os momentos agradáveis eu esqueci.

Um dia Kay foi visitar Elena, uma Kay nova, reluzente. Seu ar de estar vivendo entre muitos amantes era por fim uma realidade. Foi contar a Elena como seu coração balançara entre um amante apressado e uma mulher. As duas se sentaram na cama de Elena, fumando. Kay disse: — Você conhece a mulher. É Leila.

Elena não pôde se impedir de pensar que Leila mais uma vez estava amando uma mulherzinha. Será que nunca iria amar alguém tão forte quanto ela

própria? Sentiu uma pontada de ciúme. Queria estar no lugar de Kay, sendo amada por Leila.

— E como é ser amada por Leila? — perguntou Elena.

— É incrível, maravilhoso. Simplesmente inacreditável. Em primeiro lugar, ela sabe o que eu quero, conhece o meu estado de espírito, o que desejo. Nunca erra. Olha para mim quando nos encontramos e sabe. Para fazer amor ela não tem a menor pressa.

Começa por escolher um lugar maravilhoso; antes de mais nada tem que ser um lugar maravilhoso, como costuma dizer. Uma vez fomos a um hotel, porque Mary estava no apartamento dela. Chegando ao quarto, ela achou a lâmpada do abajur forte demais e a cobriu com sua roupa íntima. Ela se detém primeiro nos seios. Ficamos horas e horas simplesmente nos beijando. Leila espera até que estejamos tontas de tanto nos beijar. Faz questão de que tiremos toda a roupa, e ficamos coladas uma a outra, rolando na cama, sem deixar de nos beijar. Ela senta-se sobre mim como se estivesse a cavalo e fica se esfregando. Por muito tempo não permite que eu goze, e isso só acontece quando não dá mais para controlar.

Nunca fiz amor de modo tão demorado, Elena. E tão bom que sempre fico querendo mais. Após uma pausa, Kay prosseguiu: — Nós conversamos sobre você. Ela queria saber de sua vida amorosa. E eu lhe disse que você era obcecada por Pierre.

— E o que ela disse?

— Que nunca ouvira dizer que Pierre pudesse ser outra coisa que não o amante de mulheres como Bijou, a prostituta.

— Pierre amou Bijou?

— Oh, por alguns dias.

A imagem de Pierre fazendo amor com a famosa Bijou apagou a imagem de Leila amando Kay. Aquele era um dia de ciúme. Será que o amor sempre acabava por se transformar em uma longa sucessão de sofrimentos?

Todos os dias Kay lhe trazia novos detalhes. Elena não podia se recusar a ouvir. O tempo todo se sentia odiando a feminilidade de Kay e amando a masculinidade de Leila. Era capaz de imaginar a luta de Kay para se sentir integralmente realizada e satisfeita, e sua derrota. Chegava a vê-la em sua camisa de seda com abotoadura de prata. Gostaria de perguntar a Kay como era sua roupa íntima. Tinha vontade de ver Leila se vestir.

Elena achava que, assim como o homossexual masculino, se passivo, torna-se uma caricatura de mulher para o homossexual ativo, as mulheres que se submetem a um amor lésbico dominante passam a caricaturar os piores traços femininos. Kay bem demonstrava isso ao exagerar seus caprichos — e na verdade ela amava a si própria por intermédio de Leila. Também atormentava a amante de um modo como não se atreveria a atormentar um homem, na certeza

de que a mulher existente em Leila saberia ser indulgente.

Elena tinha certeza de que Leila sofria com a mediocridade das mulheres com quem podia fazer amor. O relacionamento jamais poderia ser suficientemente bom, com seu toque de infantilismo. Kay costumava chegar comendo balas que tirava dos bolsos, como uma menina de escola. Ficava amuada. Hesitava antes de pedir o que desejava em um restaurante e depois modificava seu pedido, fazendo o papel da mulherzinha fútil, cheia de caprichos. Logo Elena começou a fugir dela, entendendo a tragédia que existia por trás de todos os casos de Leila. Leila adquirira um novo sexo, além do masculino e do feminino. Pensava em Leila como em uma figura mística, engrandecida. Sua imagem a perseguia.

Levada por uma intuição obscura, Elena decidiu ir a um salão de chá que ficava em cima de uma livraria na Rue de Rivoli, onde homossexuais e lésbicas gostavam de se reunir. Lá eles se sentavam em grupos separados. Homens de meia-idade, solitários, procuravam jovens rapazes; lésbicas já maduras buscavam mulheres mais moças. A luz era mortíça; o chá, perfumado; os bolinhos, adequadamente refinados.

Assim que Elena entrou, viu Donald e Miguel sentados e foi ter com eles. Donald estava desempenhando com grande capricho seu papel de prostituta. Gostava de demonstrar a Miguel como era capaz de atrair outros homens e de fazer com que pagassem com facilidade por seus favores. Ficara excitado ao ver um senhor inglês de cabelos grisalhos e ar muito distinto, homem famoso pelo hábito de pagar regamente pelos prazeres que obtivesse. Ele não tirava os olhos de Donald, que por sua vez se desfazia em charme, lançando-lhe olhares enviesados, como os de uma mulher que estivesse usando um véu. Miguel não podia ocultar sua irritação.

— Se ao menos você soubesse o que aquele sujeito exige dos rapazes com quem anda, pararia de flertar com ele — disse Miguel.

— O que é? — perguntou Donald, com mórbida curiosidade.

— Quer mesmo que eu lhe diga?

— Sim, claro que quero.

— Ele só os faz deitar sob ele, enquanto se agacha bem em cima do seu rosto e o cobre com — bem, você pode adivinhar com que.

Donald fez uma careta e tornou a olhar para o inglês grisalho. Não podia acreditar naquela história, ao ver seu porte aristocrático, suas feições finas. Ou ao observar a delicadeza com que ele segurava sua piteira, e a expressão romântica e sonhadora de seus olhos. Como poderia um homem de aspecto tão nobre fazer uma coisa tão suja? Fosse como fosse, Donald desistiu de provocá-lo.

Então, Leila entrou, viu Elena e aproximou-se. Conhecia Miguel e Donald. Riu com Donald, de quem apreciava as loucuras, elogiou a aparência de Miguel e depois mergulhou os olhos escuros nos olhos muito verdes de Elena.

— Como está Pierre? Por que você não o leva um dia ao estúdio? Vou até lá todas as noites antes do meu número. Você nunca foi me ouvir cantar. Todas as noites, por volta das onze horas, você pode me encontrar no clube noturno. Mais tarde ela sugeriu: — Quer que eu a leve de carro?

As duas saíram juntas e se sentaram no banco traseiro da limusine preta de Leila. Então Leila inclinou-se sobre Elena e procurou sua boca dando-lhe um beijo interminável. Elena quase perdeu a consciência. O chapéu de ambas caiu quando elas se recostaram no banco. Leila abraçou Elena, cuja boca deslizou pela sua garganta, no decote do vestido preto, que estava aberto entre os seios. Bastava apenas empurrar um pouco a seda com a boca para sentir o início dos seios.

— Você vai fugir de mim novamente? — perguntou Leila.

Elena pressionou os dedos de encontro aos quadris de Leila, sentindo-lhe a curva generosa, a maciez de suas coxas, acariciando-a. A tentadora suavidade da pele e da seda do vestido pareciam uma só. Elena sentiu a pequena proeminência da liga.

Quis abrir os joelhos de Leila ali mesmo e esta deu uma ordem ao motorista que Elena não ouviu. O carro mudou de direção.

— Isto é um rapto — disse Leila, rindo.

Sem chapéu, despenteadas, entraram no apartamento as escuras, protegido do calor do verão pelas persianas cerradas. Leila pegou Elena pela mão e levou-a para o quarto, onde caíram juntas na cama magnificente. Seda de novo, seda sob os dedos, seda entre as pernas, nos ombros sedosos, no pescoço, nos cabelos. Lábios de seda trêmulos com o perpassar de ávidos dedos. Era como a noite no salão de ópio; as carícias se demoravam, o orgasmo era adiado. Cada vez que se aproximavam do orgasmo, voltavam a se beijar — um banho de amor vivido em um sonho interminável, a umidade produzindo leves sons de chuva entre um beijo e outro. O dedo de Leila era firme, dominador como um pênis; sua língua ia longe, desvendando segredos que enlouqueciam Elena.

Em vez de ter apenas um núcleo sexual, o corpo de Elena parecia ter milhões de aberturas sensuais, igualmente sensíveis, cada célula do corpo dotada da sensibilidade de uma boca. A própria carne de seu braço de repente se abria e se contraía ao sentir a língua ou os dedos de Leila. Elena gemia, e Leila apertava os dentes para que gemesse mais. Sua língua, entre as pernas de Elena, era um punhal ágil e afiado. O orgasmo foi tão vibrante que sacudiu o corpo das duas mulheres da cabeça aos pés.

Elena chegava a sonhar com Pierre e Bijou. Bijou, a prostituta, cheia de corpo, deusa luxuriante da abundância, uma louca cuja carne era um poço de sensualidade em cada poro e em cada curva. Nos sonhos, suas mãos eram ávidas, sua carne pulsava com violência, quente, úmida, desdobrada em muitas camadas voluptuosas. Bijou estava sempre deitada, inerte, e despertava apenas

para o momento do amor. Todos os fluidos do desejo corriam por suas pernas, entre sombras prateadas, pelos quadris em forma de violão, descendo e subindo com o barulho da seda molhada em torno de seus seios.

Elena a imaginava por toda parte, envergando a saia justa das mulheres de rua, sempre à espreita, caçando. Pierre amara seu modo obsceno de caminhar, seu olhar surpreendentemente ingênuo, sua melancolia ébria, sua voz virginal.

Durante algumas noites ele amara aquela usina abundante de sexo, aquele ventre sôfrego aberto a todos. E talvez a amasse de novo.

Pierre mostrava a Leila a fotografia de sua mãe, a mãe luxuriante. A semelhança com Bijou era espantosa, à exceção dos olhos. Os de Bijou tinham pesadas olheiras. A mãe de Pierre tinha um aspecto mais saudável. Mas o corpo...

Elena achou que estava perdida. Não acreditou quando Pierre lhe contou que Bijou o rejeitara. Começou a freqüentar o café onde Pierre e Bijou tinham se conhecido, na esperança de descobrir algo que terminasse com suas dúvidas. Mas nada descobriu, exceto que Bijou só gostava de rapazes muito jovens e de sangue quente. Isso a acalmou um pouco.

Enquanto Elena pensava em encontrar Bijou e desmascarar o inimigo, Leila procurava encontrar Elena. E as três mulheres acabaram por se encontrar por acaso, dentro do mesmo café, em um dia de chuva forte; Leila, perfumada e elegante, cabeça erguida, estola de raposa prateada ondulando nos ombros em agudo contraste com o sóbrio costume preto; Elena, de vestido de veludo cor de vinho; e Bijou, no uniforme com que fazia o trottoir e que jamais abandonara: vestido preto justíssimo e salto muito alto. Leila sorriu para Bijou e depois reconheceu Elena. As três se sentaram diante de cálices de aperitivo. O que Elena não esperava é que se veria completamente estonteada pelo encanto voluptuoso de Bijou. Leila sentou-se a sua direita, incisiva e brilhante, e à esquerda ficou Bijou, como um leito de sensualidade em que Elena gostaria de se atirar.

Leila percebeu isso e sofreu. Depois dedicou-se a cortejar Bijou, o que era capaz de fazer muito melhor do que Elena.

Bijou nunca conhecera mulheres como Leila, apenas as colegas de profissão que, quando não havia homens, se deixavam envolver em orgias e beijos com Bijou para compensar a brutalidade dos clientes. Ficavam sentadas, beijando-se como hipnotizadas, e isso era tudo.

Bijou deixou-se tocar pelos sutis galanteios e lisonjas de Leila, mas ao mesmo tempo estava magnetizada por Elena, que era uma novidade completa para ela. Representava para os homens o tipo de mulher oposto ao da prostituta, a mulher que fazia do amor poesia e drama, que o misturava com emoção, que parecia ser feita de outra substância, imaginada talvez por alguém com base em alguma lenda antiga. Sim, Bijou conhecia os homens o suficiente para saber que

ali estava uma mulher que eles se sentiriam compelidos a iniciar nos caminhos da sensualidade, a quem adorariam ver se deixar escravizar pelos prazeres do sexo... Quanto mais refinada a mulher, maior o prazer dos homens em conspurcá-la, erotizá-la. Bem no fundo, sob aquele aspecto sonhador, era uma outra cortesã, que também vivia para o prazer dos homens.

Bijou, que era a rainha das cortesãs, gostaria de ser como Elena. As prostitutas sempre invejam as mulheres que têm a faculdade de despertar desejos e ilusões, cólera e paixão. Bijou, uma máquina de fazer amor ambulante e sem disfarces, gostaria de ter a aparência de Elena. E, por sua vez, Elena estava pensando em como gostaria de trocar de lugar com Bijou.

Muitas e muitas vezes se cansava da corte que lhe faziam, desejando o sexo sem disfarces ou preliminares românticos, querendo tudo de forma direta e animalésca. Elena ansiava por ser estuprada, sem qualquer respeito por seus sentimentos; quanto a Bijou, adoraria ser idealizada. Apenas Leila se sentia satisfeita por ter nascido livre da tirania dos homens, embora não se desse conta de que, ao imitá-los, continuava escravizada por eles.

Leila cortejou Bijou com muita classe e de modo especialmente lisonjeiro. Mas como nenhuma das três cedesse, elas acabaram por sair juntas. Leila convidou Elena e Bijou para irem ao seu apartamento.

Lá chegando, encontraram o ar pesadamente perfumado pelo incenso que ardia. A única iluminação vinha de globos de vidros cheios de água e de peixes iridescentes, corais e cavalos-marinhos também de vidro. O efeito geral era fantástico, pois transformava a sala em um sonho submarino. Aquelas três mulheres lindas — cada uma a seu modo — exalavam auras sensuais tão fortes que um homem não teria sequer conseguido entrar.

Bijou receava até mesmo se mexer. Tudo lhe parecia extremamente frágil. Deixou-se ficar sentada com as pernas cruzadas, como uma mulher árabe, fumando. Elena dava a impressão de irradiar luz, como os globos de vidro. Seus olhos brilhavam, febris, na semi-escuridão. E Leila emitia seu charme misterioso para ambas as mulheres, aumentando a tensão generalizada.

As três sentaram em um sofá baixinho, sobre um verdadeiro mar de almofadas. A primeira a se mover foi Leila, cuja mão cheia de anéis deslizou por sob a saia de Bijou, deixando escapar uma abafada exclamação de espanto com o inesperado contato da carne macia da coxa jovem, onde esperava encontrar uma combinação de seda. Bijou deitou-se de costas e ergueu a boca para Elena, com sua força tentada pela fragilidade da outra, sabendo pela primeira vez o que era sentir-se como um homem e ter o corpo esbelto de uma mulher cedendo à pressão de um beijo, ter sua cabeça pequena impotente diante de mãos pesadas, ver seus cabelos claros e finos esvoaçando, lindos. As mãos vigorosas de Bijou envolveram o pescoço de Elena, transformando-lhe a boca em um copo para beber, sorver longamente o néctar de seu hálito, a língua ondulando de paixão o

tempo todo.

Leila teve um momento de ciúme. Cada carícia que fazia em Bijou, esta transmitia a Elena — tudo igual.

Após ter beijado a luxuriante boca de Bijou, esta tomou os lábios de Elena entre os seus. Quando a mão de Leila escorregou mais fundo sob o vestido de Bijou, a moça enfiou a mão debaixo do vestido de Elena, que não se mexeu, cheia de langor. Então Leila ficou de joelhos e usou ambas as mãos para acariciar Bijou. Quando levantou-lhe o vestido, Bijou atirou o corpo para trás a fim de melhor sentir as mãos quentes e dominadoras de Leila. Elena, vendo Bijou se oferecer, atreveu-se a tocar-lhe o corpo voluptuoso e a seguir o contorno de todas as suas curvas, fascinada pela carne firme e macia que cheirava a almiscar e sândalo. Os bicos de seus próprios seios inturgesceram quando ela tocou os seios de Bijou. Ao acariciar as nádegas de Bijou, encontrou a mão de Leila.

Foi Leila a primeira a tirar a roupa, ficando só com um modelador e meias. Elena soltou as presilhas que sustentavam as meias, querendo ver suas pernas esbeltas e muito brancas. Bijou arrancou o vestido pela cabeça e teve que se inclinar para a frente a fim de acabar de tirá-lo; quando fez isso, expôs totalmente as nádegas redondas, as duas pequenas entradas localizadas à base da espinha, as costas sinuosas. Por fim, Elena despiu-se, mostrando sua roupa de baixo de renda negra.

Nuas, elas se jogaram no grande tapete branco e felpudo que tinham a seus pés. Passaram a ser um só corpo, composto apenas por bocas, dedos, línguas e sentidos. Cada boca estava sempre procurando uma outra boca, o bico de um seio, um clitóris. Confundidas umas com as outras, o conjunto formado pelas três mulheres se movia muito lentamente. Beijaram-se até que os beijos se tornaram uma tortura que seus corpos não podiam mais agüentar. Cada mão encontrava sempre carne palpitante que cedia, um orifício ansioso por ser penetrado.

Do tapete de pele desprendia-se um cheiro de animal que se misturava com os odores do sexo.

Elena buscou o corpo de Bijou. Mas Leila foi mais agressiva. Tinha posto Bijou deitada a seu lado, com uma das pernas sobre seu ombro, e a estava beijando. De vez em quando Bijou se jogava para trás, procurando fugir daqueles beijos ardentes, daquela língua tão dura quanto o sexo de um homem.

Quando se movia desse modo, jogava as nádegas em cheio no rosto de Elena que, com as mãos, já estivera se deliciando com suas formas tão tentadoras, inserindo um dedo no pequeno orifício muito apertado. Podia sentir cada contração causada pelos beijos de Leila, como se estivessem tocando a parede contra a qual Leila movia a língua. Bijou, recuando da língua que não se cansava de persegui-la, ia de encontro a um dedo que lhe dava intenso prazer. Ela exprimia esse gozo com melodiosas exclamações e murmúrios; de vez em

quando, como um animal selvagem, mostrava os dentes e tentava morder quem a estava torturando de forma tão deliciosa.

Quando já estava quase gozando e não podia mais se conter, Leila parou de beijá-la, deixando-a no ápice de uma sensação excruciante, meio louca. Elena também parou no mesmo instante.

Incontrolável, com a loucura magnífica da paixão, Bijou atirou-se sobre Elena, abriu-lhe as pernas, colocou-se entre elas, colou seu sexo ao de Elena e se mexeu sem parar, com total desespero. Arremeteu como um homem contra Elena, querendo sentir os dois sexos se fundindo, transformando-se em um só. Quando estava prestes a gozar, recuou e abriu a boca para os seios de Leila, para aqueles bicos ardentes que ansiavam por ser acariciados.

Elena se encontrava no frenesi que antecede ao orgasmo. Sentiu uma mão sob seu corpo, uma mão contra a qual podia se esfregar. Teve ímpetos de se atirar contra aquela mão até chegar ao clímax, mas também queria prolongar seu prazer.

Parou de se mexer. A mão a perseguiu. Ergueu-se, e a mão de novo procurou seu sexo. Sentiu Bijou colada às suas costas, ofegante. Sentia intensamente seus seios pontudos, o contato áspero de seus pêlos púbicos nas nádegas. Bijou se esfregou nela, para cima e para baixo, lentamente, sabendo que a fricção forçaria Elena a se virar para sentir aquilo em seus seios, em seu ventre, em seu sexo. Mãos, muitas mãos por toda parte, e ao mesmo tempo. As unhas compridas de Leila se enterraram na parte mais carnuda do ombro de Elena, entre o seio e a axila, causando uma dor deliciosa. A tigresa tomava posse dela.

O corpo de Elena estava muito quente e ela temia que mais um toque deflagra-se a explosão. Leila sentiu isso e elas se separaram. As três caíram sobre o sofá. Pararam de se tocar e ficaram se olhando, admirando a desordem em que estavam, vendo o sumo do amor escorrer ao longo de suas lindas pernas.

Mas não conseguiram ficar com as mãos quietas por muito tempo. Logo, Elena e Leila atacaram Bijou, dispostas a arrancar dela a última sensação. Bijou foi cercada, envolvida, coberta, lambida, beijada, mordida, derrubada de novo no tapete de peles, atormentada por milhões de mãos e línguas. Bijou implorava que a satisfizessem, abria as pernas, tentava gozar esfregando-se nos outros corpos. Mas Leila e Elena não estavam dispostas a atendê-la. Caíram sobre ela com a língua e os dedos, pela frente e por trás, detendo-se às vezes para se beijar — Elena e Leila, as bocas unidas, as línguas enroladas uma na outra, por sobre as pernas de Bijou. Bijou ergueu o corpo para receber um beijo que desse fim a sua ansia. Mas Elena e Leila, esquecendo-a, concentraram-se por completo em suas próprias línguas incansáveis. Bijou, impaciente, excitada a um nível de loucura, tentou se satisfazer sozinha, mas as duas moças lhe empurraram a mão e caíram sobre ela. O orgasmo de Bijou surgiu com um raro tormento. Dava a impressão

de estar sendo apunhalada em cada movimento espasmódico. Quase chorou ao ver tudo terminado.

Sobre o corpo de Bijou, Elena e Leila começaram a se beijar; suas mãos ébrias examinaram mutuamente os corpos, penetrando por toda parte; então Elena gritou. Os dedos de Leila se adaptaram ao seu ritmo, e Elena colou-se a ela, esperando pelo prazer que estava por explodir. Tentaram gozar simultaneamente, mas o orgasmo de Elena chegou primeiro, com violência tão grande que a derrubou. Leila caiu ao seu lado, oferecendo o sexo à sua boca. Quando o gozo de Elena foi amortecendo, diminuindo, ela começou a beijar Leila entre as pernas até a outra se contrair toda e gemer. Elena enterrou os dentes na carne tenra de Leila. No paroxismo do prazer, ela nada sentiu.

Elena começou a entender por que alguns maridos espanhóis se recusam a iniciar as esposas em todas as possibilidades do amor sexual — não querem correr o risco de despertá-las para uma paixão insaciável. Em vez de se sentir contente, acalmada pelo amor de Pierre, ela havia se tornado mais vulnerável. Quanto mais desejava Pierre, mais vontade tinha de conhecer outros amores. Tinha a impressão de que não lhe interessavam as raízes do amor, sua constância. Queria apenas gozar seus momentos de paixão, viessem de quem viessem.

Não queria nem mesmo ver Leila de novo. Queria ver o escultor Jean, porque ele se achava naquele estado de incendiada paixão que ela amava. Queria arder em seu fogo. Dizia para si própria: "Falo quase como se fosse uma santa, em arder de amor, só que não se trata de amor místico e sim de um alucinado encontro sensual. Pierre despertou em mim uma mulher que eu não conhecia, uma mulher insaciável".

Como se tivesse poderes mágicos para ver cumpridos seus desejos, Elena encontrou Jean esperando à porta. Como sempre, ele trazia um presentinho para ela, carregando-o desajeitadamente. O modo como seu corpo se movia, o jeito como seus olhos tremeram quando ela se aproximou, tudo, enfim, traía a violência de seu desejo. Elena, por sua vez, já estava possuída pelo corpo de Jean, e este se movia como se já tivesse se instalado dentro dela.

— Você nunca vai me ver — disse ele, humildemente. — Nunca vai ver o meu trabalho.

— Pois vamos agora — respondeu ela, pondo-se a caminhar a seu lado com o passo leve de uma dançarina. Em pouco tempo chegaram a uma curiosa parte de Paris perto de um dos portões, uma verdadeira cidade à parte de barracos transformados em estúdios de artistas, lado a lado com as casas de operários. Era em um daqueles estúdios que Jean morava na companhia de suas estátuas, sem ter mobília alguma. Ele próprio era um homem fluido, mutável, hipersensível, mas tinha criado com suas mãos trêmulas uma obra sólida e vigorosa.

As esculturas pareciam verdadeiros monumentos, todas com

aproximadamente cinco vezes o tamanho real. Mulheres grávidas, homens indolentes e sensuais com mãos e pés como raízes de árvores. Um homem e uma mulher estavam unidos de tal forma que não se podia distinguir onde começava o corpo de um e acabava o do outro. Os contornos estavam completamente soldados. Unidos pela genitália, erguiam-se dominadoramente sobre Elena e Jean.

A sombra dessa estátua, eles se encaminharam um para o outro sem dizer uma palavra, sem ao menos esboçar um sorriso. Até mesmo suas mãos não se mexeram. Quando se encontraram, Jean pressionou Elena de encontro à estátua. Não se beijaram nem se tocaram com as mãos, repetindo na carne quente a postura da estátua que se erguia sobre eles. Jean comprimiu o sexo de Elena com o seu, vagarosamente, dando a impressão de que assim penetraria em seu corpo.

Ele se deixou escorregar, como se fosse ajoelhar diante dela, apenas para se erguer de novo, carregando o vestido de Elena, até a altura de suas axilas. E novamente exerceu pressão contra ela, movendo-se as vezes da direita para a esquerda, outras vezes ao contrário ou em círculos, ou ainda avançando com reprimida violência. Elena sentiu o volume do desejo dele e era como se Jean estivesse acendendo um fogo com duas pedras, arrancando faíscas cada vez que se movia. Por fim deixou-se deslizar para trás, vivendo seu sonho. Caiu sobre um monte de objetos e panos velhos, presa entre as pernas dele. Jean quis ficar naquela posição, eternizá-la, prender no chão o corpo de Elena com o dardo de sua virilidade. Moveram-se de novo, ela para lhe oferecer os mais recônditos recessos de sua feminilidade, ele para colar mais ainda seu corpo ao dela. Elena contraiu-se para sentir melhor sua presença. Jean gritou de prazer, atingido no ponto mais vulnerável de seu corpo.

Ele fechou os olhos para sentir seu próprio membro e se concentrar apenas nele, para onde todo o seu sangue havia corrido ao penetrar na voluptuosa escuridão de Elena. Não foi mais possível se conter e ele deu um impulso para invadi-la, querendo encher-lhe o ventre. Quando Elena o recebeu dentro de si, contraiu a estreita passagem por onde ele se movia, engolindo todas as essências do ser de Jean.

A estátua lançava sua sombra sobre aquele abraço que não se dissolia. Elena e Jean permaneceram deitados, transformados também em pedra, atentos à última onda de prazer que ia desaparecendo. A essa altura ela já estava pensando em Pierre. Sabia que não poderia retornar a Jean. Uma segunda vez não teria tanta beleza. Tinha o receio, quase supersticioso, de que se ficasse com Jean, Pierre descobriria a traição e a puniria.

Na verdade, esperava ser punida. Ao se deter diante da porta de Pierre, achou que iria encontrar Bijou em sua cama, com as pernas bem abertas. Por que Bijou? Porque Elena esperava uma vingança por ter traído seu amor.

O coração de Elena batia loucamente quando Pierre abriu a porta, mas ele a

saudou com um sorriso inocente. E seu próprio sorriso não seria também inocente? Para certificar-se, olhou-se ao espelho. Pensava por acaso que o demônio que a impulsionava iria aparecer em seus olhos verdes?

Sua saia estava amarrotada e havia poeira em seus sapatos. Não tinha dúvidas de que Pierre sentiria, se fizesse amor com ela, que a essência de Jean ainda estava misturada com seus próprios líquidos. Fugiu das carícias dele e sugeriu que fossem visitar a casa de Balzac, em Passy.

Naquela tarde cinzenta caía uma chuvinha fina com a melancolia parisiense que prende as pessoas dentro de casa, criando uma atmosfera erótica que cobre a cidade como um manto, confinando todos em uma grande alcova. Aqui e ali uma lembrança da vida erótica — uma loja meio escondida com roupas íntimas na vitrine, ligas e botas pretas; o andar provocante das mulheres de Paris; táxis que transportavam amantes abraçados.

A casa de Balzac ficava no topo de uma ladeira, em Passy, voltada para o Sena. Primeiro tiveram que tocar a campainha da porta de um conjunto de apartamentos, depois desceram um lance de escadas que parecia levar a uma adega, mas que levava a um jardim. Atravessaram-no e tiveram que tocar a campainha de uma outra porta. Era lá a entrada da casa de Balzac, escondida no jardim de um conjunto de apartamentos; era uma casa secreta e misteriosa, totalmente oculta e isolada no coração de Paris.

A mulher que abriu a porta era um verdadeiro fantasma do passado — a pele murcha e amarelecida, cabelos grisalhos e sem brilho, roupas de cores mortas. Vivendo com os manuscritos de Balzac, seus retratos e as gravuras das mulheres a quem ele amara, ela fora recoberta pelo mesmo verniz do passado que recobria suas primeiras edições. Parecia não ter uma gota de sangue. Sua própria voz era distante, fantasmagórica. Dormia ali mesmo, na casa cheia de lembranças mortas. E ela própria se tornara morta também para o tempo presente. Era como se to da noite fosse se deitar no túmulo de Balzac para dormir com ele.

Foi essa mulher que os conduziu através dos cômodos sociais. No fundo da casa, ela os levou até uma porta secreta, Seus dedos ossudos e compridos deslizaram por uma argola e a porta se ergueu para que Elena e Pierre pudessem ver uma segunda escada.

Balzac construíra aquela saída secreta para que as mulheres que o visitavam pudessem fugir da observação ou das suspeitas dos maridos. Usava-a também para escapar dos credores que o importunavam. A escada levava a um caminho estreito, por onde, atravessando-se um portãozinho, atingia-se uma rua isolada que dava para o Sena. Era perfeitamente possível fugir antes que uma pessoa que estivesse na parte da frente da casa tivesse tempo bastante para atravessar a primeira sala.

Para Pierre e Elena o efeito daquela saída secreta que evocava tanto o amor

de Balzac pela vida funcionou como um afrodisíaco. Pierre sussurrou: — Gostaria de possuir você aqui mesmo, no chão.

A mulher fantasma não ouviu essas palavras, que foram pronunciadas com a brutalidade de um apache, mas percebeu o olhar que as acompanhou. O estado de espírito dos visitantes não se coadunava com a seriedade religiosa do lugar, e ela se apressou a fazê-los sair.

O sopro da morte excitara os sentidos de Pierre e de Elena. Ele chamou um táxi que passava. E, uma vez no táxi, não pôde esperar. Fez Elena sentar em seu colo, encostada nele de modo a ocultá-lo por completo. Levantou sua saia.

— Aqui não, Pierre — pediu ela. — Espere até chegarmos em casa. As pessoas vão nos ver da rua. Por favor, espere. Oh, Pierre, você está me machucando! Olhe, o guarda está nos olhando. O carro parou, e agora todos podem nos ver da calçada! Pierre, Pierre, pare com isso!

Mas o tempo todo em que debilmente procurava se defender e tentava fugir, era subjugada pelo próprio prazer. Seus esforços faziam-na sentir ainda mais agudamente cada movimento de Pierre, O que temia era que ele pudesse acelerar o ritmo, levado pela velocidade do táxi, e também de em pouco tempo mais ter de parar e enfrentar o motorista, caso ele se virasse para trás. E na verdade ela queria usufruir Pierre, tornar mais sólida a união de seus corpos, desfrutar aquela harmonia tão maravilhosa. Estavam, é claro, sendo observados da rua. No entanto, não podia fugir dele. Pierre a segurava com ambos os braços. Foi um súbito solavanco provocado por um buraco que os separou.

Já era tarde demais para retomarem o abraço. O táxi tinha parado. Pierre mal teve tempo de abotoar as calças. Elena pensou que deviam estar parecendo bêbados, pois se achavam descabelados e desarrumados. O langor de seu corpo tornava qualquer movimento quase impossível.

Pierre se deixou invadir por uma perversa sensação de prazer causada pela súbita interrupção. Era gostoso sentir aquele cansaço e o refluir do sangue, quase doloroso. Elena entendeu e compartilhou seu estado de espírito; mais tarde ambos ficaram na cama se acariciando e conversando. Foi então que ela lhe contou a história que ouvira naquela manhã de sua jovem costureira.

"Madeleine trabalhava em uma grande loja de departamentos. Sua origem não poderia ser mais humilde. Seus pais eram catadores de lixo e viviam da venda dos pequenos pedaços de couro, das latas e do papel que encontravam no lixo da cidade. Madeleine foi colocada no suntuoso departamento de móveis de quarto, sob a chefia de um gerente muito polido, que se vestia com grande apuro. Ela jamais havia dormido em uma cama de verdade, pois sempre tivera como leito uma pilha de trapos e jornais velhos no barraco em que morava com os pais. Quando não havia ninguém olhando, ela se demorava a apreciar as roupas de cama de cetim, a passar a mão nos colchões e travesseiros de plumas, como se para ela fossem de arminho ou chinchila. Madeleine tinha o dom natural das

parisienses para se vestir bem com o dinheiro que a maioria das mulheres gastaria apenas com as meias. Era uma moça atraente, com olhos grandes e alegres, cabelos castanhos cacheados e o corpo dotado das curvas certas. Com o tempo desenvolveu duas paixões: uma, roubar gotas de perfume do departamento de perfumaria; e a outra, esperar até a loja fechar e se deitar na cama mais macia, fingindo que iria dormir. Preferia as camas que tinham dossel. Sentia-se mais segura deitada entre as cortinas. De um modo geral, o gerente estava sempre com tanta pressa de ir embora que ela dispunha de alguns minutos para ceder à sua fantasia. Achava que ao deitar em uma cama daquelas seus encantos femininos se ampliariam um milhão de vezes, e gostaria que certos homens elegantes que vira nos Champs-Élysées pudessem estar presentes para constatar como ficava bem em um belo quarto.

"Com o passar do tempo, sua fantasia foi se tornando mais complexa. Deu um jeito para colocar uma penteadeira com espelho em frente à cama para que pudesse se admirar enquanto estivesse deitada. Certo dia, depois de ter cumprido todos os passos de seu ritual particular, percebeu que o gerente a estivera observando, espantado. Quando ia pular da cama ele a deteve.

"— Madame — disse ele (que sempre a chamara de mademoiselle) —, é um prazer enorme conhecê-la. Espero que esteja satisfeita com a cama que mandei fazer para a senhora, de acordo com suas ordens. Achou-a suficientemente macia? Acha que o senhor conde gostará?

"— Por sorte o senhor conde está passando a semana fora, de modo que serei capaz de desfrutar minha cama nova com alguma outra pessoa — respondeu ela. Sentou-se então e ofereceu a mão ao homem. — Agora beije minha mão como beijaria a de uma dama que se achasse em um salão elegante. — Sorrindo, o gerente fez o que pedia, com distinção e graça. Foi exatamente nessa hora que ambos ouviram um ruído e desapareceram em direções opostas.

"E assim todos os dias eles roubavam cinco ou dez minutos daquela hora em que todos corriam para fechar a loja. Fingindo que arrumavam uma coisa ou outra, limpando poeira inexistente ou simulando que corrigiam erros nas etiquetas dos preços, os dois planejavam sua pequena cena especial. Foi ele quem acrescentou o toque mais efetivo no palco — um biombo. Depois foram lençóis rendados de um outro departamento.

Faziam a cama, dobrando a ponta da colcha. Depois de ele beijar-lhe as mãos, os dois conversavam. Ele a chamava de Naná. Como Madeleine não conhecia o livro, ele lhe deu um exemplar. Preocupado com o efeito incoerente de um vestido preto justo sobre o conjunto de cores claras das cobertas, ele providenciara um roupão muito fino que era exposto por um manequim durante o dia, a fim de que Madeleine o usasse. Mesmo que passasse algum outro vendedor por ali, não os veria por trás do biombo.

"Após Madeleine ter se deliciado com a cena do beija-mão, ele depositava

um beijo em seu braço, na parte interna do cotovelo. Nesse ponto a pele era muito sensível, e quando ela dobrava o braço tinha a impressão de que conseguira guardar seu beijo, conservando-o como uma flor de significado muito especial. Mais tarde, sozinha, ela abria o braço e o beijava no mesmo lugar. Esse beijo, dado com tanta delicadeza, tinha efeito bem mais potente que os grosseiros beliscões que às vezes levava pelas ruas como tributo aos seus encantos, ou as obscenidades que os operários lhe sussurravam: 'Viens que je t'esucre'.

"No princípio ele se sentava ao pé da cama, mas depois passou a deitar-se ao lado dela para fumar um cigarro com toda a cerimônia de um viciado em ópio. O ruído alarmante de passos do outro lado do biombo conferia aos encontros o segredo e os perigos das aventuras de dois amantes. Madeleine costumava dizer: 'Eu gostaria que pudéssemos escapar da ciumenta observação do conde. Isso já está me dando nos nervos'. Mas seu admirador era esperto demais para convidá-la para um quarto humilde de hotel barato. Sabia que a cena que viviam não poderia ter lugar em um quatinho sujo sobre uma cama de metal com cobertores rasgados e lençóis encardidos. Ele a beijava no ponto mais quente do pescoço, sob os cabelos ondulados, e então na ponta da orelha, onde Madeleine não poderia depois provar seu sabor, tendo que se limitar a tocar com a ponta dos dedos o lugar que ele beijara. Sua orelha ardia o dia inteiro depois do beijo, quando ele começou a mordê-la.

"Assim que Madeleine se deitava, sentia-se langorosa, o que talvez se devesse à sua concepção de comportamento aristocrático, ou aos beijos que caíam como colares ao redor de seu pescoço e que desciam até a curva de seus seios. Ela não era virgem, mas a brutalidade dos ataques que tinha sofrido, ao ser empurrada de encontro a paredes de ruas escuras, atirada no piso de carrocerias de caminhões, ou derrubada por trás de pilhas de papéis velhos e trapos dos catadores de lixo, onde os casais faziam amor sem sequer se dar ao trabalho de ver o rosto uns dos outros, jamais excitou tanto seus sentidos quanto aquela sedução gradual e cerimoniosa. O gerente amou suas pernas por três ou quatro dias. Depois a fez calçar sandálias de veludo, retirou-lhe as meias e beijou seus pés, segurando-os como se estivesse possuindo todo o seu corpo. Quando ele se considerou pronto para erguer sua saia, já havia inflamado de tal modo o resto de seu corpo que Madeleine estava pronta para a posse final.

"Como o tempo era curto e eles tinham de deixar a loja com os outros empregados, ele esqueceu as carícias preliminares assim que chegou a hora de possuí-la. E Madeleine não conseguiu descobrir do que gostava mais. Se as carícias demorassem muito, ele não teria tempo para fazer amor com ela. Se ele atacasse diretamente, ela sentiria menos prazer. Por trás do biombo havia cenas que ocorriam apenas nos mais luxuosos quartos, só que de modo mais rápido. Cada vez que o manequim tinha de ser vestido de novo, a cama também tinha de ser refeita. No entanto, jamais se encontravam fora dali.

Aquele era o sonho que ambos viviam cada dia. Ele desprezava as aventuras baratas de seus colegas em hotéis de cinco francos. Agia como se visitasse a mais cortejada prostituta de Paris, como se fosse o amante de coeur de uma mulher mantida pelos homens mais ricos da cidade."

— E o sonho acabou sendo destruído? — perguntou Pierre.

— Sim. Você se lembra daquela greve que houve nas grandes lojas de departamentos?

Os empregados permaneceram dentro das lojas por duas semanas. Durante esse tempo, outros casais descobriram a suavidade das camas de boa qualidade, dos divãs, dos sofás e das chaises-longues, da mesma forma que descobriram as variações que podem ser adicionadas às posições do amor quando os leitos são largos e macios, e cobertas de tecidos finos acariciam sensualmente a pele. O sonho de Madeleine se transformou em propriedade pública e em uma caricatura vulgar dos prazeres que tinha conhecido. O caráter único dos encontros com seu amante chegou ao fim. Ele voltou a chamá-la de mademoiselle e ela, a tratá-lo por monsieur. Ele chegou até a achar defeitos em seu trabalho e acabou por mandá-la embora.

Elena alugou uma velha casa no campo para passar o verão. A casa precisava de pintura. Miguel prometera ajudá-la.

Começaram pelo sótão, que era pitoresco e complexo, com uma série de pequenos cômodos irregulares, dando a impressão de que a peça havia sido dividida e redividida com o decorrer do tempo.

Donald também estava lá, mas sem o menor interesse nos trabalhos de pintura. Saía sempre para explorar o jardim, a vila e a floresta que cercavam a casa. Elena e Miguel trabalhavam sós, cobrindo-se de tinta quase tanto quanto as velhas paredes. Miguel empunhava a trincha como se estivesse pintando um retrato, e a todo instante recuava para melhor observar seu progresso. O fato de trabalharem juntos fê-los se habituar a reviver os dias da juventude.

Para chocar Elena, Miguel falava de sua "coleção de nádegas", fingindo que aquele aspecto particular da anatomia humana era o detalhe que mais o fascinava, e repetia sempre que Donald o possuía no mais alto grau. Para ele, era uma arte encontrar um traseiro que não fosse demasiado gordo, como o da maioria das mulheres, ou achatado demais, como o dos homens. O ideal era algo que ficasse a meio caminho dos dois tipos, algo que realmente valesse a pena apalpar. Elena ria-se daquilo. Lembrava-se de Pierre que, ao lhe dar as costas na cama, tornava-se uma mulher para ela. Elena tinha ímpetos de possuí-lo com loucura. Assim, era perfeitamente capaz de imaginar os sentimentos de Miguel quando se deitava colado às costas de Donald.

— Se as nádegas são suficientemente arredondadas e firmes, e se o rapaz não apresenta uma reação — disse Elena —, não há tanta diferença entre ele e

uma mulher. Mesmo assim você se entusiasma?

— Claro. Imagine como seria desagradável descobrir a existência de exageros mamários na parte superior do tórax, tetas para o fornecimento de leite, algo capaz de paralisar o apetite sexual de muita gente.

— Algumas mulheres têm tetas bem pequenas.

Era a vez de Elena subir na escada para pintar um canto do teto. Quando ela ergueu o braço, sua saia subiu um pouco.

Ela estava sem meias. Suas pernas eram esbeltas e bem torneadas, sem os exageros a que Miguel se referira. Ele a elogiou francamente por isso, certo de que o relacionamento entre os dois já era à prova de desejos sexuais de ambas as partes.

A vontade de Elena de seduzir um homossexual era um erro muito comum entre as mulheres. De um modo geral, há um ponto de honra feminino envolvido nisso, o desejo de testar a própria força contra todas as probabilidades, talvez a sensação de ter seduzido um homem que está escapando a seu poder. Diariamente Miguel sofria ataques desse tipo. Ele não era efeminado. Portava-se bem, seus gestos eram masculinos. Assim que uma mulher começava a querer atraí-lo, ele entrava em pânico. De imediato previa todo o drama: a agressão da mulher, a interpretação que ela daria à sua passividade, rotulando-a de timidez, seus avanços, o momento detestável em que teria de rejeitá-la. Ele nunca conseguia fazer isso com calma e indiferença. Era por demais delicado e ficava sinceramente penalizado. As vezes sofria mais que a mulher, cuja vaidade era tudo o que lhe importava. Seu relacionamento com as mulheres adquiria um ar tão grande de parentesco que ele sempre se sentia como se estivesse ferindo uma irmã, ou a mãe, ou mesmo a própria Elena, em suas novas transformações.

A essa altura, Miguel já sabia o mal que causara a Elena por ser o primeiro a suscitar nela uma certa dúvida quanto à sua capacidade de amar ou ser amada. Cada vez que repelia o avanço de uma mulher achava que estava cometendo um crime, matando para sempre sua fé e sua confiança.

Como era bom estar com Elena, desfrutando sem perigo seus encantos femininos! Pierre que cuidasse da Elena sensual. Ao mesmo tempo, Miguel sentia ciúme de Pierre, como sentira ciúme de seu pai quando criança. Sua mãe sempre o expulsava do quarto quando seu pai chegava. E este se mostrava impaciente por vê-lo sair. Miguel odiava o modo como os dois se trancavam no quarto por horas. Contudo, assim que ele saía, o amor de sua mãe, seus beijos e abraços retornavam a Miguel.

Quando Elena dizia que ia ver Pierre, era a mesma coisa. Nada poderia detê-la. Não importava quanto prazer sentissem na companhia um do outro, ou quanta ternura ela lhe demonstrasse; quando era hora de se encontrar com Pierre, nada a segurava.

O mistério da masculinidade de Elena também o fascinava. Sempre que

estava com ela, Miguel parecia sentir essa parte vital, ativa, positiva de sua natureza. Em presença dela, ele se libertava de sua preguiça natural, de sua falta de objetividade, de suas eternas procrastinações. Ela era seu agente catalisador.

Miguel contemplou as pernas de Elena. Pernas de Diana, a Caçadora, mulher-rapaz. Pernas para correr e saltar. Observando-as, sentiu-se tomado por intensa curiosidade de ver também o resto de seu corpo. Aproximou-se mais da escada. As pernas esbeltas e atléticas desapareciam nas calcinhas rendadas. Ele queria ver mais.

Elena baixou a cabeça e o viu olhando para ela com os olhos dilatados.

— Elena, eu gostaria de ver como você é.

Ela sorriu.

— Você vai me deixar vê-la?

— Você já está me vendo.

Miguel ergueu a barra da saia de Elena como se fosse um guarda-sol que ocultasse sua própria cabeça. Ela começou a descer a escada, mas as mãos dele a detiveram: agarraram o elástico da cintura das calcinhas e, esticando-o, puxaram-nas para baixo. Elena permaneceu a meio caminho da escada, com uma perna mais alta que a outra, impedindo assim que as calcinhas descessem por completo. Miguel puxou a perna da moça para poder baixar aquela peça íntima e envolveu suas nádegas amorosamente com as mãos em concha. Como um escultor, certificou-se dos contornos exatos do que segurava, sentindo a firmeza, o desenho arredondado, como se aquilo fosse um fragmento de uma estátua que ele tivesse acabado de desenterrar, e da qual estivesse faltando o resto do corpo. Não tomou conhecimento da carne que as cercava, das outras curvas. Acariciou apenas as nádegas, trazendo-as gradualmente para junto do próprio rosto, impedindo Elena de se virar enquanto acabava de descer a escada.

Elena abandonou-se ao capricho dele, pensando que aquilo iria ser uma orgia exclusivamente de mãos e olhos. Quando chegou ao primeiro degrau, ele tinha uma mão em cada proeminência, e as acariciava como se fossem dois seios, voltando sempre ao ponto de partida, como se estivesse hipnotizado.

Por fim Elena o encarou, ainda apoiada na escada. Sentiu que ele estava tentando possuí-la. A princípio Miguel tocou no orifício que era muito pequeno para ele e onde a machucava. Ela gritou. Depois se adiantou e encontrou o verdadeiro orifício feminino, descobriu que poderia penetrá-lo, e Elena ficou espantada ao vê-lo tão forte, permanecendo dentro dela e se movendo. Embora Miguel se movesse vigorosamente, não acelerou seu ritmo para alcançar um clímax. Estaria se tornando cada vez mais consciente de que estava dentro de uma mulher e não de um rapaz? Lentamente ele se retirou, deixando-a meio excitada e escondendo o rosto para que Elena não pudesse ver sua desilusão.

Ela o beijou, para provar-lhe que aquilo não iria prejudicar seu relacionamento, para dizer-lhe que compreendia.

As vezes, na rua ou em um café, Elena era hipnotizada pelo rosto souteneur de um homem, por um trabalhador braçal enorme, metido em botas de cano alto e com as feições de criminoso. Ela sentia um tremor sensual de medo, uma atração obscura. A fêmea que havia nela ficava fascinada. Por um segundo se sentia como uma prostituta que esperasse a qualquer segundo ser apunhalada nas costas por alguma infidelidade. Sentia-se ansiosa. Presa em uma armadilha. Esquecia-se de que era livre. Uma camada recôndita de seu ser era despertada, um primitivismo subterrâneo, o desejo de sentir a brutalidade do homem, de ser totalmente subjugada pela força. Ser violada é uma necessidade das mulheres, um secreto desejo erótico. No caso de Elena, ela se via obrigada a fazer grande esforço para não se deixar dominar por essas imagens.

Lembrava-se de que fora o brilho perigoso dos olhos de Pierre que a princípio a fascinara, os olhos de um homem sem escrúpulos e sem culpas, capaz de tomar e usufruir tudo o que quisesse, sem se preocupar com riscos e consequências.

O que tinha acontecido com aquele selvagem capaz de tudo que ela encontrara em uma estrada das montanhas em um momento mágico? Ele estava domesticado. Vivia para fazer amor. Elena sorriu ao pensar nisso, já que, na verdade, se tratava de uma qualidade raramente encontrada em qualquer homem. Mesmo assim não perdera de todo seu ar livre e obstinado, e de vez em quando ela lhe perguntava pelo cavalo. "Onde está seu cavalo, Pierre? Você sempre me dá a impressão de tê-lo deixado amarrado à porta de casa e de que logo sairá galopando novamente por aí."

Ele dormia nu. Detestava pijamas, quimonos, qualquer tipo de roupa. Atirava a cinza e a ponta dos cigarros no chão. Tomava banho frio como um pioneiro. Ria de tudo que significasse conforto. Escolhia sempre a cadeira mais dura. Uma vez seu corpo estava tão quente e empoeirado, e a água com que se lavava estava tão fria, que chegou a sair fumaça de seus poros. Elena segurou as mãos que ele lhe estendeu e disse: "Você é o deus do fogo".

Pierre era incapaz de se submeter a horários. Não sabia direito o que era possível fazer em uma hora, por exemplo. Parte do seu ser estava eternamente adormecida, abrigada no amor maternal que Elena lhe dedicava, sonhando, comprazendo-se em nada fazer, falando das viagens que realizaria, dos livros que pretendia escrever.

Era um homem puro, também. Nos momentos mais estranhos. Tinha a reserva de um gato. Embora dormisse nu, não gostava de andar despido pela casa.

Pierre tocava todas as regiões do entendimento com sua intuição. Mas não vivia lá, não dormia e nem comia nas regiões mais superiores do espírito, como acontecia com Elena. Com frequência ele brigava, discutia, bebia com amigos absolutamente comuns, passava noites com gente ignorante. Elena era incapaz de

fazer isso. Ela gostava do excepcional, do extraordinário. Essa diferença os separava. Elena gostaria de ser como Pierre, de tolerar a presença de qualquer tipo de pessoa, mas não podia. Isso a entristecia. Muitas vezes, quando saíam juntos, ela o abandonava.

A primeira briga séria que tiveram foi em razão de problemas de horário. Pierre telefonava e dizia: "Venha ao meu apartamento lá pelas oito horas". Elena tinha sua própria chave. Ia para lá, entrava e se acomodava, lendo um livro. Ele aparecia às nove. Ou então telefonava quando ela já se encontrava à sua espera e dizia que chegaria logo, mas só aparecia duas horas depois. Uma noite, quando ela achou que já havia esperado demais (e a espera era sempre mais dolorosa porque o imaginava com outra mulher), Pierre não mais a encontrou. Foi sua vez de ficar furioso. Mas isso não modificou seus hábitos. De outra feita, ela o trancou do lado de fora. Não o deixou entrar e ficou atrás da porta ouvindo suas imprecações. Já estava supondo que ele não fosse embora, e lamentava profundamente deixar de aproveitar aquela noite. Mas ela esperou.

Pierre tocou a campainha de novo, com toda a delicadeza. Se tivesse tocado furiosamente, ela poderia não se ter abalado; mas ao agir de modo tão delicado e cheio de remorsos, foi impossível resistir. De qualquer forma, Elena ainda estava furiosa.

Ele a desejava. Ela resistiu. Sua resistência o excitou ainda mais. E Elena ficou entristecida com o espetáculo de seu desejo. Tinha a impressão de que Pierre desejara aquela cena. Quanto mais excitado ele ficava, maior era a frieza dela.

Trancava-se sexualmente. Mas o mel escapava de seus lábios fechados, e Pierre entrava em êxtase. Ficava mais apaixonado, abria-lhe os joelhos com as pernas vigorosas, penetrava-a com ímpeto e gozava com imensa intensidade.

Embora de outras vezes Elena evitasse demonstrar que não sentira prazer para não magoar Pierre, nessa ocasião ela deliberadamente foi sincera. Quando a paixão de Pierre foi satisfeita, ele lhe perguntou: — Você gozou?

— Não — respondeu Elena. E ele ficou magoado. Sentiu toda a crueldade do que ela fizera, negando-se a acompanhá-lo. E disse: — Eu a amo mais quando você me ama. — Contudo, ele sabia quanto ela o amava; por isso mesmo ficou sem compreender o que se passara.

Depois Elena ficou deitada com os olhos abertos, pensando que os atrasos dele poderiam ser inocentes. Ele já tinha caído no sono como uma criança, com os punhos fechados, os cabelos caídos sobre o rosto. Ainda estava dormindo quando ela saiu. Já estava na rua quando se sentiu invadida por uma onda de ternura tão grande que teve de retornar ao apartamento.

Atirou-se aos braços de Pierre, repetindo:

— Eu tive de voltar, eu tive de voltar.

— Eu queria que você voltasse — disse ele, tocando-a entre as pernas. Ela

estava úmida, morna. Pierre a penetrou em pé mesmo, dizendo: — Gosto de ver como a machuco aí, gosto de golpeá-la com meu punhal. — E aumentou o ritmo até arrancar de Elena o orgasmo que antes ela lhe recusara.

Quando Elena saiu, estava radiante de felicidade. Poderia o amor tornar-se um fogo que não queima, como as chamas dos homens santos da Índia? Estaria ela aprendendo a caminhar de modo mágico sobre carvões em brasa?

O Basco e Bijou

Era uma noite chuvosa; as ruas pareciam espelhos, tudo se refletia nelas. O Basco tinha trinta francos no bolso e estava se sentindo rico. Todos lhe diziam que era, no seu jeito cru e primitivo, um grande pintor. Ninguém percebia que ele fazia cópias de cartões postais. Tinham lhe pago trinta francos pela última pintura. Ele estava eufórico e queria celebrar. Procurava os prazeres que poderia encontrar nas casas que anunciavam sexo nas lâmpadas vermelhas da varanda.

Foi uma mulher de aspecto maternal quem lhe abriu a porta, e com olhos espertos examinou seus sapatos de imediato pois, de acordo com sua teoria, pela qualidade dos sapatos podia saber exatamente quanto seu dono poderia pagar pelos prazeres que desejava. Depois, para sua satisfação particular, os olhos dela se detiveram na braguilha do Basco. Rostos não lhe interessavam. A maior parte de sua vida era gasta transando com aquela região da anatomia dos homens. Seus olhos, grandes e ainda brilhantes, pareciam capazes de medir o tamanho e o calibre do membro masculino através do tecido das calças. Era um olhar profissional. Ao contrário de outras cafetinas, ela gostava muito de formar os casais certos. Sempre fazia suas sugestões. Era perita nesse tipo de ajustagens. Mesmo que o cliente estivesse vestido, era capaz de medi-lo e conseguir-lhe uma luva perfeita, a medida exata. Não existiria prazer se houvesse espaço de mais, ou se a luva estivesse demasiado justa. Maman achava que hoje em dia ninguém dá mais importância a uma ajustagem perfeita. Gostaria de disseminar o conhecimento que tinha dessas coisas, mas ninguém ligava mais para isso. Se um homem se sentisse flutuando em uma luva larga demais, sobrando dentro dela como se estivesse andando em um apartamento vazio, mesmo assim procurava tirar o melhor proveito possível. Deixaria seu membro drapejar de um lado para o outro como uma bandeira e iria embora sem ter experimentado uma pressão verdadeira que lhe aquecesse as entranhas. Ou se tivesse que usar um pouco de saliva para ajudar a penetração, e empurrar com força como se lutasse contra uma porta fechada, se deixaria ficar na primeira parada, tentando a muito custo obter aquilo pelo que estava disposto a pagar. E se por acaso a garota risse de prazer ou procurasse fingir prazer, ele seria desalojado, pois não havia possibilidade da expansão requerida pelo riso. Não havia mais quem soubesse valorizar as boas conjunções.

Foi só depois de Maman ter olhado as calças do Basco que o reconheceu e sorriu. A verdade era que o Basco compartilhava com ela a mesma paixão pelo detalhe. Maman sabia que ele não se satisfazia com facilidade. Seu membro era caprichoso. Em face de uma vagina larga do tipo caixa postal, se rebelava. As voltas com um tubo adstringente, se retirava.

Era um perito, um epicurista, um amante de caixas de jóias. Gostava de senti-las aveludadas e acolhedoras, afetuosas e justas. Maman lhe dirigiu um

olhar mais demorado que o que costumava lançar a outros fregueses. Ela gostava do Basco, e não era pelo seu perfil clássico, nariz curto, olhos amendoados, cabelos pretos e brilhantes, seu jeito de caminhar como se estivesse escorregando ou seus gestos despreocupados.

Não era pelo seu xale vermelho ou pelo boné colocado na cabeça sempre em um ângulo tão arrogante. Ou tampouco pelos seus modos sedutores de tratar as mulheres. Era, isso sim, pelo seu pendente de tamanho real, sua volumosa nobreza, sua incansável sensibilidade. Ela nunca vira nada igual. As vezes o Basco batia com aquele bastão em uma mesa, querendo chamar a atenção das pessoas por qualquer motivo. Fazia-o com naturalidade, como se estivesse pondo em cima da mesa uma bolsa de dinheiro, assim como outros homens tiram o casaco quando sentem calor. Parecia que aquilo não era coisa que pudesse se sentir bem confinada, presa, e sim que devia ficar em liberdade e ser admirada.

Maman cedia sempre ao seu hábito de olhar o pênis dos homens. Quando eles saíam dos urinóis, ainda se abotoando, tinha que tentar dar uma última olhada em um membro dourado, ou moreno, ou algum de extremidade fina, que era seu tipo preferido.

Passeando nos bulevares, era freqüentemente recompensada com a visão de calças abotoadas com descuido, e seus olhos, dotados de aguda visão, sabiam como penetrar na sombria abertura. Melhor ainda quando surpreendia um vagabundo miserável se aliviando em um canto de rua, segurando o membro de modo pensativo, como se fosse sua última moeda de prata.

Estaria enganado quem pensasse que Maman não fosse aficionada dos prazeres derivados da posse mais íntima de sua visão favorita. Os clientes de sua casa a consideravam apetitosa e conheciam suas virtudes e vantagens sobre as outras mulheres. Maman era capaz de produzir um suco realmente deleitável para os festins do amor, coisa que a maioria das outras mulheres tinha de manufaturar artificialmente. Maman podia dar a um homem a ilusão completa de carne tenra, muito suave entre dentes ávidos e molhada o bastante para satisfazer qualquer desejo.

Os homens conversavam com freqüência sobre os delicados molhos com que Maman sabia envolver suas róseas iguarias, sempre esticadas como pele de tambor. Bastava que se batesse naquela concha redonda uma ou duas vezes. O sabor delicioso logo surgia, algo que suas meninas raramente podiam produzir, um mel que cheirava a mar e que fazia a passagem pela alcova feminina, entre suas coxas, ser uma verdadeira delícia para o visitante.

O Basco gostava daquilo. Para ele era um verdadeiro banquete. Para Maman era um feriado, e ela dava o máximo de si.

Ele sabia que ela não precisava de longos preparativos. O dia inteiro Maman se nutria com as expedições de seus olhos, que nunca viajavam acima da cintura de qualquer homem. Ficavam sempre ao nível das braguihas. Apreciava-as

amarrotadas, abotoadas demasiado depressa, após uma rápida sessão. Mas gostava também das passadas com capricho, sem uma ruga. As manchas, oh, as manchas do amor! Estranhas manchas, que ela era capaz de detectar como se carregasse constantemente uma lente de aumento. No lugar em que as calças não tinham sido baixadas o bastante, ou para onde o pênis retornara no momento errado, ficava uma mancha com o brilho de uma jóia, com minúsculos pontos cintilantes, como se indicasse que um mineral qualquer havia se derretido ali. Além disso, havia aquela qualidade açucarada, que endurecia as roupas. Uma bela mancha, a mancha do desejo, quer espalhada como um perfume pela fonte de poder de um homem, quer deixada por alguma mulher ardente demais. Maman gostava de começar onde um ato já tivesse ocorrido. Era sensível ao contágio. Uma pequenina mancha a excitava a tal ponto que ela sentia ardor entre as pernas só de vê-la.

Um botão caído a fazia achar que o dono das calças estaria a sua mercê em questão de segundos. As vezes, quando se achava entre a multidão, tinha a coragem de meter a mão, o que fazia com a agilidade de um batedor de carteiras. Nunca se enganava de lugar na primeira tentativa, e, não raro, era recompensada com o achado de um bastão insolente.

No metrô, nas noites de chuva mais escuras, nos bulevares apinhados de gente ou nos salões de baile, Maman se deliciava avaliando os membros que estivessem ao seu alcance. Quantas vezes seus anseios eram atendidos! Mas o que ela gostaria mesmo era de ter um exército alinhado à sua frente, apresentando as únicas armas que seriam capazes de conquistá-la. Em seus devaneios, era capaz de ver esse exército. Ela era o general, passava revista a tropa, condecorando os mais bem-dotados, parando diante de cada homem que admirasse mais. Oh, ser Catarina, a Grande, e premiar o espetáculo com um beijo de seus lábios ávidos, apenas um único beijo na extremidade para extrair aquela primeira gota de prazer!

A maior aventura de Maman tinha sido justamente em um desfile de soldados escoceses, em uma bela manhã de primavera. Ela estava bebendo em um bar quando ouvira uma conversa sobre a parada. Um homem dizia: — Eles os pegam desde muito moços e os treinam para marchar daquele jeito! É um passo especial. Difícil, muito difícil.

Há um coup a' e fesse, um balanço que faz os quadris e a bolsa de peles que eles carregam à frente do saiote produzirem o efeito desejado. Se a bolsa não balançar, é um fracasso. E mais complicado que um passo de balé.

Maman não pôde deixar de pensar que, cada vez que o saiote e a bolsa balançassem, tudo mais que estivesse pendurado também devia balançar. E seu velho coração bateu mais uma vez. Balanço. Balanço. O tempo todo. Era esse o exército ideal.

Se-ria capaz de seguir um exército desse tipo e fazer qualquer coisa. Ela já

estava bem excitada com a idéia, quando o homem do bar acrescentara: — E, não sei se você sabe, eles não usam nada por sob o saíote.

Não usavam nada por baixo! Aquelles homens fortes, espigados, vigorosos! Cabeça erguida, fortes pernas nuas e saíote — ora, eram tão vulneráveis quanto uma mulher. Uns homenzarrões daqueles, tentadores como uma mulher, e nus por baixo. Maman gostaria que uma fada a transformasse em um paralelepípedo, para que eles passassem sobre ela, mas que a deixassem olhar por baixo do saíote e ver o outro saco — aquele que ficava escondido — balançar com cada passo. Maman começou a sentir calor. O bar estava quente demais. Ela precisava de ar.

É claro que foi assistir à parada. Cada passo dado pelos escoceses era como se fosse sobre seu corpo, de tanto que ela vibrava. Um, dois, um, dois, um, dois. A dança sobre seu ventre era selvagem e constante, e a bolsa de peles oscilava como os pêlos pubianos. Maman sentia tanto calor como se estivesse no dia mais quente do verão. Não pôde imaginar outra coisa senão abrir caminho a cotoveladas até a primeira fila e cair de joelhos simulando um desmaio. Mas tudo o que viu foram pequenos pedaços de pernas que desapareciam logo sob os saíotes pregueados. Mais tarde, amparada por um guarda, ela fez os olhos girarem para cima, como se fosse ter um ataque. Se ao menos o comandante da tropa mandasse que seus homens desviassem o rumo para passar por cima dela!

Assim, a seiva de Maman estava sempre pronta a escorrer de sua fonte. Sua alimentação era mais que adequada. À noite sua carne estava macia como se tivesse sido cozida em fogo brando o dia inteiro.

Seus olhos se desviavam dos clientes para as mulheres que trabalhavam para ela. Tampouco o rosto delas atraía sua atenção: só interessava o corpo, da cintura para baixo. Fazia-as dar uma volta à sua frente, dava-lhes uma palmadinha para sentir a firmeza da carne antes que vestissem suas calcinhas. Conhecia bem cada uma delas. Melie, por exemplo, que se enroscava em torno de um homem como se fosse uma cobra, dando-lhe a sensação de que estava obtendo seu prazer com diversas mulheres. Havia uma outra, preguiçosa, que fingia estar dormindo e com isso permitia aos mais tímidos audácias a que eles não estavam acostumados, deixando que eles a tocassem, a manipulassem, a explorassem, certos de que não haveria perigo algum em fazer isso. Seu corpo volumoso escondia os segredos em muitas dobras, mas sua preguiça natural permitia a todos descobri-los, se quisessem usar os dedos.

Maman também tinha uma bem magrinha, que atacava os homens com fúria, fazendo-os se sentir vítimas das circunstâncias. Era uma grande favorita entre os que se sentiam fundamentalmente culpados. Eles se permitiam ser estuprados por ela. E sua consciência ficava em paz. Poderiam dizer à esposa: "Ela se atirou sobre mim e me obrigou; eu não queria". Coisas assim. Esse tipo de homem gostava de se deitar de costas enquanto ela se sentava sobre ele, como se

estivesse andando a cavalo, obrigando a gestos inevitáveis com a pressão que fazia. Galopava então sobre sua rígida virilidade, ou trotava com mais suavidade. As vezes fazia longos passeios. Apertava os joelhos fortes de encontro aos flancos de suas vítimas, e, como um cavaleiro de classe, se erguia com elegância e deixava-se cair, com todo o seu peso concentrado no centro do corpo, enquanto ia esbofeteando de vez em quando o homem para aumentar sua velocidade e suas convulsões, e de forma que pudesse sentir uma força animal maior entre suas pernas. O clímax surgia quando ela esporeava esse animal e o empurrava com o corpo até que ele comesse a espumar, e o incitava mais com gritos e tapas, fazendo-o sempre galopar mais depressa.

Maman também conhecia muito bem os encantos de Viviane. Sua carne estava sempre em brasa, e seu calor era contagioso. A mais fria das peles se aqueceria ao seu contato. Viviane conhecia muito bem como se conter, como fazer suspense. Acima de tudo, ela gostava de encenar uma cerimônia muito especial: sentava-se no bidê para se lavar. Pernas abertas no pequeno assento, as nádegas enormes, duas entradas bem nítidas na base da coluna, uma de cada lado, as ancas douradas, largas e firmes como a traseira de um cavalo de circo. Sentada, todas as curvas eram realçadas. Se o freguês se cansava de vê-la pelas costas, podia observá-la também de frente e ver como ela jogava água nos pêlos pubianos e entre as pernas, reparar o cuidado com que ela abria os lábios da vulva quando se ensaboava. Depois de se cobrir de espuma branca, água de novo — então os lábios apareciam brilhantes e róseos. As vezes ela os examinava com calma. Se tivesse tido muitos fregueses naquele dia, eles estariam ligeiramente inchados. O Basco gostava de apreciar essa cena. Ela se enxugava com mais cuidado para não agravar a irritação.

O Basco foi procurá-la em um desses dias e observou que poderia se beneficiar com essa irritação. Nos outros dias Viviane apresentava-se letárgica, pesada e indiferente. Deitava-se como vira em uma pintura clássica, de modo a acentuar suas curvas, de lado, com a cabeça amparada no braço. Ela era morena, de tonalidade cobre, e de vez em quando sua pele se distendia, como se reagisse as carícias eróticas de mãos invisíveis.

Era assim que ela se oferecia, suntuosa e quase sem possibilidade de ser excitada. A maioria dos homens nem tentava. Ela lhes negava a boca com desprezo, oferecendo só o corpo, mas com um distanciamento incrível. Eles podiam abrir-lhe as pernas e examina-la durante o tempo que quisessem.

Não conseguiriam extrair qualquer sumo de Viviane. Mas uma vez que o homem estivesse dentro dela, ela se portava como se ele estivesse despejando lava ardente em seu ventre, e suas contorções eram ainda mais violentas do que as das mulheres que sentiam prazer, justamente porque dramatizadas para simular o real. Ela se contorcia como um píton, se sacudia em todas as direções, como se stivesse sendo queimada ou espancada. Os músculos poderosos davam a

seus movimentos uma força que incitava os desejos mais bestiais. Os homens queriam dominar suas contorções, acalmar a dança louca que ela encenava ao redor deles.

Parecia estar presa a algo que a torturava. Então, de repente, quando bem entendesse fazê-lo, ela se deixava ficar imóvel. E assim os esfriava perversamente, em meio a uma fúria que aumentava a cada instante, mas que teria de esperar para ser satisfeita. Viviane se tornava uma massa de carne imóvel. Após algum tempo, começava a sugá-los com os músculos da vagina, muito delicadamente, como quem chupa o dedo antes de cair no sono. E sua letargia os irritava. Eles tentavam excitá-la de novo, tocando-a em toda parte, beijando-a. Ela se submetia, imóvel.

O Basco deu tempo ao tempo. Ficou quieto, observando a cerimônia das abluções de Viviane no bidê. Naquele dia ela estava inchada, devido a tantos fregueses. Nunca ninguém soubera que Viviane houvesse recusado um freguês, por menor que fosse a importância colocada em sua mesinha-de-cabeceira.

Os lábios gordos e grandes, muito esfregados, estavam ligeiramente túmidos e ela própria se sentia um pouco febril. O Basco fez questão de se comportar com delicadeza.

Depositou seu dinheiro sobre a mesa. Despiu-se. Prometeu a ela um bálsamo, um algodão, qualquer coisa para ajudá-la. Essas delicadezas a pegaram desprevenida. O Basco a estava tratando como se deve tratar uma mulher. E assim ele prosseguiu. Só um pequeno toque para acalmar a febre. A pele dela era como a de uma cigana. Os dedos dele eram sensíveis. O Basco tocou-a apenas por acidente, sem querer. Depois ele colocou seu membro sobre a barriga dela como um brinquedo, apenas para que ela o admirasse. A carne de Viviane vibrou com aquele peso; ela se ergueu um pouco para senti-lo melhor. Como o Basco não demonstrou impaciência para colocá-lo onde ele seria abrigado, aprisionado, Viviane se deu ao luxo de reagir com naturalidade, de se abandonar às emoções do momento.

A avidez dos outros homens, seu egoísmo, sua ânsia por se satisfazer sem demonstrar qualquer consideração por ela, tudo isso fazia de Viviane uma mulher hostil. Mas o Basco era galante. Comparou sua pele ao cetim; seus cabelos, ao musgo; seu odor, ao perfume das madeiras preciosas. Só então colocou o sexo na abertura dela e disse ternamente: — Está doendo? Se estiver, eu não vou meter.

Tamanha delicadeza comoveu Viviane. Ela disse: — Dói só um pouquinho, mas pode tentar.

Ele meteu só um centímetro.

— Está doendo? — Perguntou se queria que ele tirasse. Viviane teve que pressioná-lo.

— Só a pontinha. Tente de novo.

Foi assim que a cabeça entrou uns dois centímetros e parou. O que deu a

Viviane bastante tempo para sentir sua presença, um tempo que os outros homens não lhe davam. Entre cada minúsculo avanço do Basco dentro dela, Viviane tinha tempo para sentir como era agradável sua presença entre as macias paredes de carne, como o membro se acomodava bem sem ficar justo ou frouxo demais. Ele esperava, e depois avançava mais um pouco. Viviane sempre tinha tempo para sentir como era bom ser penetrada, como eram bem ajustados os aparelhos sexuais masculino e feminino. O prazer de prender o pênis de um homem em sua vagina, trocando calores, misturando os sumos. Ele se mexeu de novo. O suspense. A consciência do vácuo quando ele se retirou — a carne dela murchou quase de imediato. Viviane fechou os olhos. A penetração gradual do Basco irradiava um alerta geral a todo o seu corpo, lançava correntes invisíveis, avisando às mais íntimas regiões de seu ventre que uma explosão estava a caminho, algo feito de propósito para se ajustar ao túnel de paredes macias e ser devorado por suas famintas profundezas, onde esperavam nervos agitados. Sua carne cedia cada vez mais. E o Basco penetrou mais fundo.

— Está machucando? — Ele retirou o pênis. Viviane ficou desapontada, mas não quis confessar como murchara por dentro sem sua presença.

Porém foi forçada a suplicar:

— Ponha de novo.

Foi ótimo. Mas o Basco parou no meio do caminho, onde ela podia senti-lo mas ainda não podia agarrá-lo, dominá-lo de verdade. Ele deu a impressão de que iria ficar parado para sempre. Viviane teve ímpetos de se jogar para a frente a fim de empolgá-lo por inteiro, mas se conteve. Tinha vontade de gritar. A carne que ainda não entrara em contato com a do Basco estava ardendo de desejo. Mais para o interior tudo ansiava pela completa penetração. As paredes vaginais se moviam como anemonas, tentando puxar o membro do Basco mediante a sucção, mas ele ainda não estava em um lugar onde isso fosse possível e a tentativa só serviu para aumentar a excitação dela. O Basco se moveu de novo, observando o rosto de Viviane. Então ele viu sua boca se abrir. Ela quis se erguer um pouco para engolir todo o seu membro, mas aguardou. Por pouco tempo.

A lentidão do Basco a deixara à beira da histeria. Ela abriu a boca como para revelar que seu ventre estava aberto, confessar sua fome, e só então ele mergulhou até o fundo e sentiu suas contrações.

Foi assim que o Basco conheceu Bijou. Um dia, quando ele chegou à casa de Maman, esta lhe disse que Viviane estava ocupada, e se ofereceu para consolá-lo, como se ele fosse um marido traído. O Basco disse que podia esperar. Maman continuou a brincar com ele e a acariciá-lo. O Basco então lhe perguntou se poderia dar uma olhada.

Todos os quartos eram montados de tal forma que era possível se observar o que estava ocorrendo em seu interior. De vez em quando o Basco gostava de ver como Viviane se comportava com os outros homens. Assim, Maman o levou até

o compartimento destinado aos voyeurs, onde o escondeu atrás de uma cortina e deixou que ele olhasse. Havia quatro pessoas no quarto: um casal estrangeiro, vestido com discreta elegância, observando duas mulheres na cama. Viviane, a mais pesada e morena, estava deitada. Sobre ela, apoiada nas mãos e nos joelhos, o Basco viu uma magnífica mulher de pele de marfim, olhos verdes e cabelos compridos, grossos e ondulados. Seus seios eram altos e pontudos; a cintura, muito estreita, destacava a largura dos quadris. O corpo todo tinha a suavidade firme do mármore. Nela não havia um ponto só que fosse flácido, e sim uma força oculta que lembrava a dos grandes felinos. A extravagância e a veemência de seus gestos era típica das espanholas. Essa mulher era Bijou.

As duas mulheres faziam um belo par, sem sentimentalismo ou vergonha. Mulheres de ação, ambas tinham um sorriso irônico e a expressão corrompida.

O Basco não seria capaz de dizer se estavam fingindo ou se estavam mesmo gostando do que faziam, tão perfeitos eram seus movimentos. Os estranhos deviam ter pedido para ver um homem e uma mulher, e Maman arranjara uma solução de imediato. Bijou tinha amarrado na cintura um pênis de borracha, que tinha a vantagem de nunca se cansar. Não importava o que ela fizesse, o pênis de borracha erguia-se de seu tufo triangular de pêlos pubianos, como se estivesse preso por uma ereção perpétua.

Bijou estava passando sua falsa virilidade não dentro mas entre as pernas de Viviane, como se estivesse desnatando leite. Quanto a Viviane, contraía as pernas fingindo estar sendo atormentada por um homem de verdade. Bijou apenas começara a excitá-la. Parecia disposta a fazer Viviane sentir o pênis apenas do lado de fora. Manipulou-o como uma aldrava, batendo delicadamente na barriga e nos rins de Viviane. Depois passou-o nos pêlos e na extremidade do clitóris. Finalmente Viviane pulou, e Bijou repetiu a cena. Viviane pulou de novo. A mulher que estava pagando para ver se aproximou mais.

Talvez fosse míope, talvez quisesse aprender o segredo daquela sensibilidade. Viviane rolou com impaciência e ofereceu seu sexo a Bijou. Por trás da cortina, o Basco estava sorrindo em razão da excelente atuação de Viviane. O casal estava fascinado, bem junto da cama, com os olhos arregalados. Bijou lhe perguntou: — Vocês querem ver como nós fazemos amor quando ficamos sós?

— Vire-se — ordenou ela a Viviane. Viviane obedeceu, deitando-se sobre seu lado direito. Bijou também se deitou de encontro a ela, prendendo os pés de Viviane com os seus. Viviane fechou os olhos. Com as mãos, Bijou afastou as nádegas da outra, abrindo caminho para enfiar o pênis, e começou a meter. Viviane não se moveu. Bijou empurrou e empurrou. Inesperadamente, Viviane deu um pulo, como um cavalo dando um coice. Bijou, para puni-la, retirou o pênis de borracha. O Basco percebeu que o objeto estava todo molhado, quase como um de verdade, mas ainda vitoriosamente ereto.

Bijou começou o ato. Com a ponta do pênis, tocou a boca de Viviane, seus ouvidos, seu pescoço. Descansou-o entre os seios da moça e Viviane comprimiu-os para apertá-lo com força. Moveu-se para colar-se ao corpo de Bijou, para esfregar-se nela, mas como se mostrou meio enlouquecida, Bijou foi evasiva. O voyeur, inclinado sobre ambas, já não agüentava mais. Quis se lançar sobre as moças, e sua companheira, embora também com o rosto evidentemente congestionado, não permitiu.

De repente, o Basco abriu a porta, fez uma reverência e disse: — Vocês queriam um homem e aqui estou eu.

Ele arrancou as roupas. Viviane dirigiu-lhe um olhar de gratidão. Duas virilidades a satisfariam mais do que uma única que a maltratava, que fugia. Ele se jogou entre as duas mulheres. Em toda parte para onde olhassem, os dois espectadores viam acontecer algo que os excitava ainda mais. Uma mão abria as nádegas de alguém e enfiava um dedo indiscreto. Uma boca se abria em torno de um pênis, na ofensiva. Outra boca se fechava em torno de um bico de seio. Os rostos sumiam entre seios ou em pêlos pubianos. Pernas se fechavam, prendendo mãos ágeis. Um pênis molhado com o sumo do amor aparecia e sumia de novo. A pele de marfim e a pele de gitana se misturavam ao corpo musculoso do Basco. Em dado instante ocorreu algo estranho. Bijou ficou deitada por inteiro por sob o Basco.

Viviane foi abandonada. O Basco concentrou-se apenas naquela mulher que desabrochava sob ele como uma exótica flor de estufa, olorosa, úmida, olhos eróticos, lábios brilhantes, uma mulher inteiramente formada, madura e voluptuosa. O pênis de borracha intrometeu-se entre eles, tocando no do Basco e defendendo o sexo de Bijou como uma lança. Furioso, ele ordenou: — Tire isso!

Bijou colocou as mãos nas costas, desafivelou o cinto e afastou o falso pênis. Só então o Basco se atirou sobre ela, que ainda segurava o artefato de borracha sobre as nádegas do homem que estava enterrado nela. Quando o Basco ergueu um pouco o corpo para arremeter de novo contra ela, Bijou enfiou o falso pênis entre suas nádegas. O Basco pulou como um animal selvagem e a atacou ainda mais furiosamente. Mas cada vez que se erguia, era atacado de novo pelas costas. Era maravilhoso sentir os seios de Bijou esmagados sob ele, rolando debaixo de seu peito, sentir-lhe o corpo de marfim arquejando sob o seu, seus quadris, a vagina molhada e quente. E cada vez que ela o atacava com o pênis de borracha, o Basco sentia não apenas seu próprio tumulto, como também o dela. Receou que a sensação dupla o levasse à loucura.

Viviane ainda estava deitada, ofegante, observando Bijou e o Basco. O casal de fregueses, ainda vestidos, caíra sobre ela.

Ambos, excitadíssimos, se esfregavam freneticamente em Viviane, confusos demais pelas próprias emoções selvagens que os dominavam para terem a idéia de procurar um orifício.

O Basco deslizava para a frente e para trás. A cama balançava enquanto eles rolavam e arquejavam, com todas as curvas preenchidas, a máquina do voluptuoso corpo de Bijou destilando mel. Ondas de prazer se propagavam das raízes de seus cabelos à ponta dos pés, cujos dedos se retorciam, entrelaçados. As línguas se projetavam para fora das bocas vermelhas, como absurdos pistilos. Os gritos de Bijou foram aumentando de volume, numa interminável espiral, que se expandia, se ampliava, se alargava, gritos cada vez mais selvagens. A cada um o Basco reagia com um mergulho mais profundo. Não tomavam conhecimento dos corpos que se achavam ao seu lado — ele agora tinha que possuir Bijou até a aniquilação total. Bijou, a prostituta com mil tentáculos, ora deitada por baixo, ora por cima dele; Bijou, que parecia estar em toda parte ao mesmo tempo com seus dedos incansáveis e cujos seios se ajustavam com perfeição à boca do Basco.

Ela gritou como se ele a tivesse assassinado, e ficou prostrada. O Basco ergueu-se, tonto, febril. Sua lança ainda estava ereta, vermelha, intumescida. Quando viu o estado em que se encontrava a freguesa de Maman, sua excitação aumentou. Impossível ver seu rosto, escondido pela saia levantada. Quanto ao homem, estava deitado sobre Viviane, espancando-a. A mulher estava jogada em cima dos dois, chutando o ar com as pernas. O Basco puxou-a, disposto a possuí-la. Mas ela gritou e se levantou, dizendo: "Eu só queria olhar". Ajeitou as roupas, ao mesmo tempo em que o homem abandonava Viviane.

Mesmo depois de tudo aquilo, despenteados como estavam, amarrotados, os dois fizeram uma reverência cerimoniosa e se retiraram apressadamente. Bijou sentou-se, rindo com os lábios e com os olhos amendoados. O Basco lhe disse: — Proporcionamos um bom espetáculo àqueles dois. Agora você se veste e vem comigo. Vou levá-la à minha casa. Vou pintar você. Pagarei a Maman quanto ela pedir.

Foi assim que o Basco levou Bijou para viver com ele.

Se Bijou pensara que o Basco a levava a fim de tê-la só para si, cedo ficaria desiludida. Ele a usava como modelo quase continuamente, mas à noite sempre recebia outros artistas para jantar, e Bijou tinha de ir para a cozinha. Depois ele a fazia deitar-se na cama que tinha no estúdio, enquanto conversava com os amigos. Sua mão automaticamente começava a seguir o contorno de seus seios generosos, e Bijou caía em uma pose lânguida. O Basco tocava no tecido de seu vestido como se fosse sua pele, tão justos eram os vestidos de Bijou. A mão dele não parava; acariciava, avaliava, apalpava, apreciando; circulava pela sua barriga e de repente atacava mais fundo, para vê-la sobressaltar-se. Abria-lhe o vestido, libertava um dos seios e perguntava aos amigos: "Vocês já viram um seio desses? Olhem!" E eles olhavam. Um podia estar fumando; o outro, desenhando Bijou; um terceiro, falando; mas todos olhavam. Contrastando com o vestido preto, o seio, de contorno tão perfeito, tinha a cor do mármore antigo. O Basco sempre beliscava o bico de seus seios, para vê-lo vermelho.

Depois ele fechava o vestido. Passava a mão pelas pernas de Bijou até sentir a saliência das ligas.

— Não estão muito apertadas? Vamos ver se você ficou marcada.

Ele lhe erguia a saia e removia cuidadosamente uma das ligas. Quando Bijou levantava a perna para ele, os homens podiam ver as linhas tentadoras do contorno de suas coxas até bem acima da meia. Depois ela se cobria de novo e o Basco continuava a acariciá-la. Os olhos de Bijou se enevoavam, como se estivesse embriagada. Mas porque era como se fosse a mulher do Basco, e por estar na companhia dos amigos dele, cada vez que ele a expunha, Bijou tinha de se cobrir de novo, ocultando o próximo segredo de seu corpo nas dobras do vestido preto.

Quando Bijou esticava ambas as pernas e atirava longe os sapatos, havia um brilho erótico em seus olhos, um brilho que os pesados cílios não ocultavam, que atravessava o corpo dos homens como um raio de fogo. Em noites assim ela sabia muito bem que o Basco não estava querendo lhe dar prazer, e sim torturá-la. Não ficava satisfeito enquanto não visse a fisionomia dos amigos alterada, decomposta. Baixava o fecho lateral do vestido de Bijou e enfiava a mão pela maneira.

— Hoje você não está usando calcinhas, Bijou.

Todos podiam ver a mão dele acariciando-lhe o ventre e descendo por suas pernas. De repente ele parava e retirava a mão. E todos os olhos o acompanhavam o tempo todo, até ele fechar de novo o zíper do vestido de Bijou.

Uma vez ele pediu a um dos amigos o cachimbo que este acabara de fumar. O homem, um outro pintor, o atendeu. O Basco pegou o cachimbo e o enfiou por baixo do vestido de Bijou, encostando-o em seu sexo.

— Está quente — disse ele. — Quente e agradável.

Bijou procurou recuar porque não queria que soubessem que ficara toda molhada com os carinhos do Basco. Mas quando o cachimbo foi exibido de volta, revelou isso, como se tivesse sido mergulhado em espessa calda de pêssego. O Basco o devolveu ao dono, que assim ganhou um pouco do odor sexual de Bijou. Ela ficou com medo do que ele inventaria a seguir.

O Basco estava fumando. Os três amigos sentavam-se em torno da cama, conversando desconexamente, como se as coisas que estivessem ocorrendo nada tivessem a ver com o que falavam.

Um deles comentava os trabalhos de uma pintora que estava enchendo as galerias de arte com flores gigantescas pintadas nas cores do arco-iris.

— Não são flores — explicou o fumante de cachimbo —, são vulvas. Qualquer um pode ver isso. É uma obsessão dela. Pinta uma vulva do tamanho de uma mulher adulta. A princípio parecem pétalas, o coração de uma flor; depois é que se vêem dois lábios desiguais, a fina linha central, o contorno ondulado dos lábios quando estão totalmente abertos. Que tipo de mulher pode ser

essa criatura, sempre exibindo uma vulva gigantesca que desaparece sugestivamente em uma repetição que imita um túnel, passando de uma grande para uma menor, que é sua sombra. O resultado é que você parece estar entrando no túnel. Por outro lado, você também pode pensar que está diante daquelas plantas marinhas que se abrem para sugar todo o alimento que sejam capazes de pegar.

Foi naquele instante que o Basco teve uma idéia. Pediu a Bijou que trouxesse o pincel de barba e uma lâmina. Bijou obedeceu. Ficou satisfeita pela oportunidade de se levantar e sacudir um pouco a erótica letargia que as mãos do Basco tinham tecido em torno dela. Mas a mente dele estava voltada para outra coisa. Apanhou o pincel e o sabão e começou a preparar espuma. Colocou uma lâmina nova no aparelho. E só então abriu a boca, para ordenar a Bijou: — Deite-se.

— O que você vai fazer? Não tenho pêlos em minhas pernas.

— Sei que você não tem. Mostre a eles.

Ela esticou as pernas. Na verdade eram tão lisas que pareciam ter sido polidas. Brilhavam como esculpidas em alguma misteriosa madeira de lei muito clara. Nem uma só cicatriz ou veia, nem um pêlo. Os três homens se inclinaram para examinar melhor as pernas de Bijou. Quando ela procurou voltar a posição normal, o Basco pegou-lhe as pernas e ergueu sua saia. Bijou procurou defender-se.

— O que você vai fazer? — perguntou de novo.

Ele não respondeu; em vez disso, ergueu a saia ainda mais e pôs à mostra um tufo de pêlos encaracolados tão luxuriante que os homens assobiaram. Bijou conservou as pernas bem fechadas, com os pés de encontro às calças do Basco. Ele sentiu que sua excitação aumentava e teve a impressão de que centenas de formigas passeavam pelo seu sexo.

O Basco pediu aos três homens que a segurassem. A princípio, Bijou lutou, mas depois percebeu que era menos perigoso ficar quieta, quando ele começou a escanhoar cuidadosamente seus pêlos pubianos. Iniciou pela parte exterior, onde eram mais esparsos e brilhavam sobre a pele aveludada de seu ventre. O Basco passou bastante espuma e começou a agir, limpando o aparelho e a parte que ia escanhoando com uma toalha. Enquanto ela estava com as pernas bem fechadas, os homens só conseguiam ver o sedoso triângulo de Bijou, mas à medida que o Basco progredia e ia chegando ao centro, o panorama se modificava. Ficou exposto um monte, uma delicada proeminência. O contato da lâmina fria agitou Bijou. Ela estava meio excitada, meio com raiva, não querendo que seu sexo ficasse exposto. Mas a parte raspada revelou onde o monte descia para uma estreita linha, a carne macia que encobria o clitóris, a extremidade dos lábios colorida mais intensamente.

Bijou queria fugir, mas tinha medo de se machucar. Os três homens

continuaram segurando-a, inclinados para ver melhor.

Pensaram que o Basco ia parar. Mas ele os mandou abrir as pernas de Bijou. Ela sacudiu os pés de encontro ao Basco, o que só serviu para excitá-lo mais.

— Abra as pernas — disse ele. — Tenho que continuar raspando uns pêlos que estão mais abaixo.

Bijou se viu forçada a obedecer, e o Basco iniciou a tarefa de cortar os pêlos mais esparsos e delicadamente encaracolados que ladeavam a vulva.

Por fim tudo ficou à mostra — uma segunda boca comprida e vertical, que não se abria como a que ficava no rosto, e sim quando Bijou projetasse um pouco o corpo para a frente. Como ela ficou quieta, todos só puderam ver os dois lábios fechados, barrando o caminho. O Basco exclamou: — Agora ela está parecendo as pinturas da tal mulher, não está?

Mas nas pinturas a vulva aparecia aberta, com os lábios separados, mostrando a mucosa mais clara, como a parte interna dos lábios da outra boca. Isso Bijou não mostraria. Escanhoadá como estava, tinha fechado as pernas de novo e não pretendia abri-las mais.

O Basco achou a solução para o problema.

— Vou fazer você abrir as pernas — disse.

Ele tinha limpado o sabão do pincel. Passou a pincelar os lábios da vulva bem delicadamente, para cima e para baixo. No início, Bijou contraiu-se ainda mais. A cabeça dos três homens que a seguravam chegara mais próximo. O Basco, apertando as pernas dela de encontro à sua ereção, continuou a pincelar meticulosamente a vulva e a extremidade do clitóris. Então chegou o momento em que todos viram que Bijou não podia mais continuar contraindo as nádegas e o sexo. Com o incessante movimento do pincel, suas nádegas começaram a se movimentar um pouco para a frente, forçando os lábios da vulva a se abrirem, a princípio de modo quase imperceptível. A total ausência de pêlos expunha cada detalhe dos seus movimentos. Por fim, os lábios se abriram por completo, aparecendo uma segunda coloração e depois uma terceira. Bijou passou a projetar os quadris para a frente e para cima, sem disfarces. Seu estômago acompanhava os movimentos, encolhendo-se e expandindo-se. O Basco apertou o pênis com mais força contra as pernas dela.

— Pare — suplicou Bijou —, pare com isso.

Os homens puderam ver o mel gerado por sua excitação escorrer em suas pernas. Mas o Basco parou, disposto a não satisfazê-la. Isso ficaria para ele fazer sozinho, mais tarde.

Bijou ansiava por diferenciar ao máximo sua vida na casa de prostituição de sua vida como companheira e modelo de um pintor. Quanto ao Basco, dispunha-se a fazer apenas uma diferença mínima, relativa tão-somente à questão da posse propriamente dita. Mas gostava de expô-la e exibi-la para seus visitantes. Fazia-os assistir ao banho de Bijou. Todos gostavam de ver como os seios dela

flutuavam na água, o modo como as contrações de sua barriga provocavam ondas de superfície na banheira, ou como Bijou se erguia para ensaboar entre as pernas. Gostavam de enxugá-la. Mas se algum deles tentava se encontrar a sós com Bijou e possuí-la, o Basco se transformava em uma verdadeira fera.

Como vingança, Bijou achava que tinha o direito de ir aonde bem entendesse. O Basco a conservava em um nível altíssimo de erotismo e nem sempre se dava ao trabalho de satisfazê-la. Foi assim que tiveram início as infidelidades dela, cometidas com tanto cuidado que o Basco jamais poderia apanhá-la em flagrante. Bijou colecionava seus amantes na Grande Chaumière, onde posava para aulas de desenho. Nos dias de inverno não se despia depressa e sub-repticiamente, como as outras modelos, perto da estufa ao lado do tablado, bem na frente de todos. Bijou tinha a sua arte para fazer isso.

Primeiro ela soltava os cabelos e os sacudia como uma juba. Depois desabotoava o casaco. Suas mãos eram lentas, ternas. Ela se manipulava ostensivamente; era uma mulher certificando-se com as mãos das condições exatas do seu corpo, e também exprimindo com gestos a satisfação que sentia pela perfeição encontrada. Seu eterno vestido preto, colado ao corpo como uma segunda pele, era cheio de misteriosas aberturas. Com um gesto, abria os ombros e deixava o vestido cair sobre os seios, mas sem ir além. Nesse ponto ela decidia examinar os cílios bem junto ao espelho. Abria então o zíper que expunha as costelas, o início da curva dos seios, um pouco da ondulação suave da barriga. Todos os estudantes ficavam com os olhos fixos em Bijou, por detrás de suas pranchetas.

Até mesmo as mulheres se viam atraídas por aquele corpo perfeito e incrivelmente sensual. A pele imaculada, os contornos suaves, a carne firme, fascinava a todos. Bijou tinha um jeito de se sacudir, como para relaxar os músculos, que lembrava um gato que se preparava para saltar. Nessa hora seus seios pareciam estar sendo agarrados com violência. Depois ela pegava o vestido pela bainha e o erguia. Quando chegava aos ombros, ela sempre parava por um segundo. Sempre algo ficava preso nos cabelos compridos. Ninguém a ajudava. Todos ficavam petrificados. O corpo que aparecia, sem um único pêlo, totalmente nu, os deixava maravilhados com a sensualidade de cada curva, com sua riqueza e feminilidade. As ligas pretas, largas, eram colocadas bem alto. Ela usava meias escuras, e, se estivesse chovendo, botas de couro altas, também pretas. Enquanto lutava com as botas, ficava à mercê de qualquer um que se aproximasse dela.

Os estudantes se viam tentados. Um podia fingir ajudá-la, mas quando se aproximava, ela o afastava com um pontapé, pois conhecia suas verdadeiras intenções. Continuava a lutar com o vestido preso, sacudindo-se, como em um espasmo de amor. Finalmente se soltava, depois que a turma toda tivesse ficado satisfeita. Libertava os seios generosos e desembaraçava os cabelos. As vezes

pediam que ficasse de botas. Sempre um vendaval de desejo varria toda a classe.

Uma vez no tablado, ela se transformava em um modelo, e os estudantes se lembravam de que eram pintores. Se Bijou via um de quem se agradava, era nele que descansava os olhos. Essa era a única hora que tinha para arranjar encontros, porque o Basco vinha buscá-la no fim da tarde. O estudante sabia o significado de seu olhar: ela aceitaria um drinque em um café próximo. Os iniciados sabiam também que esse café tinha dois andares. A noite, o superior era ocupado por jogadores de cartas, mas ficava absolutamente deserto à tarde. Somente casais de amantes sabiam disso. Os estudantes e Bijou iriam para lá, subiriam o pequeno lance de escadas com a placa: "LAVABOS", e se veriam em um aposento meio escuro cheio de espelhos, mesas e cadeiras.

Bijou mandava o garçom lhes trazer uma bebida e depois se recostava na banqueta de couro e relaxava. O jovem estudante que ela havia escolhido estaria tremendo. Seu corpo emanava um calor que ele jamais sentira. Ele abria a boca, e sua pele jovem e seus belos dentes a fariam abrir também a sua, correspondendo ao seu beijo com a língua. Os dois se jogavam no estreito sofá, e ele começava a acariciá-la, receando que a qualquer instante ela pudesse dizer: "Pare com isso, pode aparecer alguém".

Os espelhos refletiam tudo, a desordem de seu vestido e dos seus cabelos. As mãos dos rapazes eram ávidas e audaciosas. As vezes um escorregava para baixo da mesa e erguia a saia dela. Bijou realmente dizia-lhe que parasse, porque alguém poderia subir a escada e vê-los. "Que subam. Não me verão aqui embaixo. E era verdade que ninguém poderia ver um rapaz sob a mesa. Ela se inclinava para a frente, amparando o rosto nas mãos em concha, como se estivesse sonhando, e deixava o rapaz se ajoelhar e enterrar a cabeça sob sua saia.

Bijou ficava lânguida e se abandonava a seus beijos e carícias. Onde tinha sentido o pincel de barbear do Basco, sentia então a língua do estudante. Deixava-se cair para a frente, plena de prazer. Então ouviam passos, e o rapaz se erguia rapidamente e se sentava ao seu lado. Para disfarçar seu embaraço, ele a beijava. O garçom os encontrava abraçados, e apressava-se a se retirar. Então eram as mãos de Bijou que entravam pelas roupas do estudante. Ele a beijava tão furiosamente que ela caía ao seu lado no banco e ele se atirava sobre ela. E sussurrava: — Vá ao meu quarto. Por favor, vamos até o meu quarto. Não é longe.

— Não posso — dizia Bijou. — O Basco vem me apanhar daqui a pouco.

Cada um pegava a mão do outro e a colocava onde lhe dava maior prazer. Sentados em frente às suas bebidas, como se estivessem apenas conversando, os dois se acariciavam. Mas os espelhos os traíam, revelando suas feições crispadas, os lábios trêmulos, os olhos fechados. As vezes o jovem estudante dava a impressão de estar ferido e de precisar desesperadamente de ar. Podia ser

também que outro casal subisse enquanto suas mãos ainda estivessem se movimentando, e eles tinham de voltar a se beijar como românticos namorados.

O jovem estudante, incapaz de ocultar o estado em que se encontrava, saía, procurando se acalmar. Bijou retornava à classe com o corpo em fogo. Mas quando o Basco vinha apanhá-la, no final da tarde, já estava calma de novo.

Bijou ouviu falar de um vidente e foi consultá-lo. Era um homem enorme, preto, nascido na África Ocidental. Todas as mulheres de seu quartirão se consultavam com ele. A sala de espera estava cheia. Bijou sentou-se em frente a uma imensa cortina de seda preta bordada a ouro. Foi por essa cortina que apareceu o africano; a não ser pelo traje comum, ele parecia um mágico. Ele dirigiu a Bijou um olhar demorado, e depois desapareceu de novo atrás da cortina com a última das clientes que tinha chegado antes dela. A sessão durou meia hora, após o que ele reapareceu, levantou a cortina preta e acompanhou polida-mente a mulher até a porta.

Era a vez de Bijou. Após ter passado pela cortina, éla se viu em um cômodo quase totalmente às escuras, muito pequeno, decorado com cortinas chinesas e iluminado apenas por uma bola de cristal com uma lâmpada, cuja luz brilhava no rosto e nas mãos do vidente e deixava tudo mais na escuridão. Os olhos dele eram hipnóticos.

Bijou decidiu resistir; não se deixaria hipnotizar, para tomar conhecimento de tudo o que viesse a ocorrer. Ele lhe ordenou que se deitasse no sofá e ficasse em completo silêncio enquanto, sentado ao seu lado, ele se concentraria nela. O vidente fechou os olhos, e Bijou decidiu também fechar os seus. Por um minuto ele permaneceu nesse estado de total concentração, e depois descansou a mão na testa da moça. Sua mão era quente, seca, pesada, elétrica.

Então ele falou como num sonho:

— Você está casada com um homem que a faz sofrer.

— É verdade — concordou Bijou, pensando no Basco e em quanto ele a expunha a seus amigos.

— Ele tem hábitos bem extravagantes.

— Sim — disse Bijou, espantadíssima. Com os olhos fechados, era capaz de reviver as cenas inventadas pelo Basco com tanta clareza que lhe parecia estar o africano vendo-as também.

— Você é infeliz — acrescentou ele —, e compensa sua infelicidade sendo muito infiel.

— Sim — concordou Bijou mais uma vez.

Ela abriu os olhos, mas ao ver que o africano a estava fitando intensamente, fechou-os de novo.

Ele colocou a mão sobre seu ombro.

— Durma — ordenou ele.

Bijou se acalmou um pouco com seu tom de voz, em que percebeu uma

certa sombra de piedade. Contudo, não pôde dormir. Seu corpo estava excitado. Mas ela sabia como a respiração se modifica durante o sono e o reflexo que essa modificação tem no movimento dos seios, e fingiu que dormia. Sentia a mão dele o tempo todo em seu ombro, e o calor de seus dedos passava diretamente através de sua roupa. Ele começou a acariciar seu ombro, tão de leve que Bijou ficou com medo de realmente cair no sono, perdendo aquela sensação agradável que percorria sua espinha. Ela relaxou completamente.

O africano encostou a mão em seu pescoço e aguardou. Tocou em seus seios. Bijou nem estremeceu.

Cautelosa e habilmente ele foi acariciando seu ventre; com um dedo, pressionou a seda de seu vestido preto de modo a ressaltar o desenho de suas pernas e o espaço que havia entre elas. Quando deixou bem claro o desenho daquele vale, continuou a acariciar suas pernas. Agia sem ultrapassar o limite imposto pelo vestido. Mas após algum tempo ele deixou a cadeira silenciosamente, foi para a extremidade do sofá e se ajoelhou. Bijou sabia que naquela posição ele poderia ver que ela não estava usando roupa alguma por baixo. O tempo foi passando, até Bijou sentir que ele estava erguendo um pouco a barra de sua saia. Ela havia se deitado com as pernas ligeiramente separadas. Estava se derretendo com o toque daquelas mãos e com o olhar dele. Como era maravilhoso ser observada enquanto estava aparentemente adormecida, sentir que aquele homem tinha completa liberdade para fazer o que bem quisesse. Sentiu a seda ser erguida, as pernas ficarem expostas, os olhos dele queimando sua pele.

Com uma das mãos ele acariciou suas pernas bem devagar, aproveitando o máximo, acompanhando as linhas delicadas.

Bijou teve dificuldade em se conservar absolutamente imóvel. Gostaria de abrir as pernas um pouco mais. Ah, com que lentidão as mãos dele se deslocavam! Podia sentir como ele acompanhava os contornos de suas pernas, demorando-se nas curvas, parando no joelho, prosseguindo após um instante. Deteve-se imediatamente antes de tocar seu sexo. Ele devia estar observando seu rosto para ver se ela estava profundamente hipnotizada. Com dois dedos, começou a sentir seu sexo.

Quando o africano percebeu o mel que já há algum tempo vinha fluindo, colocou a cabeça sob a saia de Bijou, enfiou-se entre suas pernas e começou a beijá-la. Sua língua era penetrante, comprida e ágil. Bijou teve de se reprimir para não se jogar de encontro àquela boca voraz.

A pequena lâmpada da bola de cristal iluminava tão pouco o aposento que Bijou se arriscou a entreabrir os olhos. Ele tinha se erguido e estava retirando as roupas lentamente. Quando terminou, parou a seu lado, magnífico, alto, parecendo um rei africano, com os olhos brilhando, os dentes à mostra, os lábios úmidos.

Não devia se mexer, não devia se mexer; precisava ficar imóvel para permitir que ele fizesse tudo o que queria. Mas o que faria um homem com uma mulher hipnotizada a quem não necessitava temer ou agradecer?

Nu, ele se adiantou e envolveu-a com os braços, virando-a cautelosamente de bruços. Bijou abandonou-se por completo, tentando o africano com suas magníficas nádegas. Ele ergueu seu vestido e passou a mão nos dois montes. Parou, refestelando os olhos. Seus dedos eram firmes e quentes quando separaram sua carne. O africano inclinou-se e começou a beijar aquele precioso vale. Depois passou as mãos pela sua cintura e ergueu-a, para poder penetrá-la por trás. A princípio, encontrou apenas o orifício anal, pequeno e apertado demais. Mas depois encontrou a abertura maior. Penetrou-a, entrou e saiu. Deteve-se.

O africano virou Bijou mais uma vez, para que pudesse observar a si próprio possuindo-a pela frente. Suas mãos encontraram os seios dela e os esmagaram com carícias violentas. Seu pênis era enorme e ajustou-se com perfeição ao sexo dela, preenchendo todos os espaços. Introduziu-o com tal violência que Bijou pensou que fosse ter um orgasmo, traindo-se.

Queria se satisfazer sem que ele percebesse. Mas o africano a excitou tanto com seu violento ritmo sexual que uma vez, quando ele escorregou para fora para voltar a acarícia-la, Bijou sentiu o orgasmo se aproximar.

Todo o desejo dela concentrou-se na vontade de sentir o africano dentro de si. Ele tentou meter o pênis em sua boca entreaberta. Ela se conteve e limitou-se a abrir mais um pouco a boca. Impedir suas mãos de tocá-lo, obrigar-se a ficar imóvel, o esforço era grande demais. Mas ela queria sentir de novo aquele estranho prazer de ter um orgasmo roubado, da mesma forma que ele estava tendo o prazer de acariciá-la sem a menor participação sua.

A passividade de Bijou o estava deixando louco. Ele já tinha tocado todo o seu corpo, já a penetrara de todos os modos.

Então sentou-se em sua barriga e meteu o pênis entre seus seios, apertando bem e se balançando. Ela podia sentir os pêlos do africano roçarem sua pele.

Por fim Bijou perdeu o controle. Abriu a boca e os olhos ao mesmo tempo. Ele grunhiu de satisfação, comprimiu a boca de Bijou contra a sua e esfregou todo o corpo no dela.

A língua de Bijou batia em sua boca, enquanto ele lhe mordida os lábios. Ele se deteve repentinamente e perguntou: — Quer fazer uma coisa para mim?

Ela aquiesceu.

— Vou me deitar no chão, você vem e se agacha sobre mim, deixando que eu olhe por baixo de seu vestido.

Ele se deitou no chão. Bijou abaixou-se sobre seu rosto, levantando a saia para cobrir-lhe a cabeça. Com as mãos ele segurou-lhe as nádegas. Fez delas um fruto, e passou a língua entre os dois montes vezes sem conta. Depois passou a

concentrar-se em seu clitóris, o que fez Bijou se mover para a frente e para trás. A língua do africano sentia todas as suas reações, cada contração de seus músculos.

Alguém bateu à porta. Bijou ergueu-se depressa, assustada, os lábios ainda vermelhos dos beijos dele e os cabelos desfeitos. Contudo, o vidente respondeu com serenidade: — Ainda não estou pronto. — Depois virou-se e sorriu para ela.

Bijou correspondeu ao seu sorriso. O africano se vestiu rapidamente. Logo tudo estava aparentemente em ordem. Os dois combinaram em se encontrar um outro dia. Bijou gostaria de lhe apresentar suas amigas Leila e Elena. Será que ele gostaria? O africano suplicou que o fizesse.

— A maioria das mulheres que vêm aqui — explicou — não me atraem. Não são bonitas. Mas vocês, venham quando quiserem. Eu dançarei para vocês.

A dança do africano para as três mulheres teve lugar uma noite após todas as clientes terem ido embora. Ele se despiu, desnudando por completo o corpo escuro com reflexos de bronze. Depois amarrou na cintura um pênis falso modelado como o seu próprio, e da mesma cor.

— Esta é uma dança do meu país — disse ele. — Nós dançamos para as mulheres nos dias de festa. — No aposento escassamente iluminado, onde a luz brilhava como uma pequena chama, refletindo-se em sua pele, ele começou a mover a barriga, fazendo o falso pênis ondular de um modo muito sugestivo. Sacudiu o corpo como se estivesse penetrando uma mulher e simulou os espasmos de um homem apanhado nas variadas nuances de um orgasmo. Um, dois, três. O espasmo final foi selvagem, como o de um homem que desistisse da vida no ato sexual.

As três mulheres observavam em silêncio. A princípio, o falso pênis dominava, mas depois o verdadeiro, no calor da dança, começou a competir em tamanho e volume. Os dois se moviam no mesmo ritmo. Ele fechou os olhos, como se não precisasse de mulheres. O efeito sobre Bijou foi poderoso. Ela retirou o vestido. Começou a dançar em torno dele, de modo tentador. Mas o africano limitou-se a tocá-la com a extremidade de seu sexo, onde quer que a encontrasse, e continuou a virar e torcer o corpo no espaço, como um selvagem dançando contra um adversário invisível.

Elena também não pôde resistir e tirou o vestido. Ajoelhou-se perto deles, só para ficar na órbita de sua dança sexual.

Queria ser possuída até sangrar por aquele pênis firme, forte e grande que balançava à sua frente com aquela dança do ventre masculina terrivelmente excitante.

Por fim foi a vez de Leila — que não sentia atração por homens — se ver envolvida pela excitação das outras mulheres.

Tentou abraçar Bijou, mas a moça a rejeitou. Estava fascinada com os dois membros do africano.

Leila também tentou beijar Elena. Depois esfregou o bico dos seios em ambas, procurando seduzi-las. Atirou-se contra Bijou, para aproveitar sua excitação, mas Bijou continuou totalmente concentrada nos dois órgãos masculinos que se sacudiam à sua frente. Estava de boca aberta, sonhando em ser possuída por um monstro dotado de dois membros, que pudesse satisfazê-la em dobro e ao mesmo tempo.

Quando o africano caiu, exausto, Elena e Bijou saltaram sobre ele simultaneamente. Bijou, depressa, inseriu um pênis em sua vagina e outro em seu reto e começou a torcer o corpo selvagem e continuamente até cair com um grito de prazer, satisfeita. Elena empurrou-a para um lado e assumiu a mesma posição. Mas, vendo que o africano estava cansado, ela não se moveu, esperando que ele recuperasse as forças.

O pênis dele continuou ereto dentro dela. Enquanto esperava, Elena começou a se contrair, muito lenta e delicadamente, receando gozar depressa demais e acabar com tudo muito cedo. Após algum tempo, o africano a agarrou pelas nádegas e a ergueu para que ela pudesse seguir as rápidas batidas de seu coração. Inclinou-se, dobrou-se, empurrou-a e puxou-a para ajustá-la ao seu ritmo até gritar; foi então que se moveu, em círculos ao redor de seu próprio pênis, gritando de gozo.

A seguir, Leila se agachou sobre a cabeça do africano, como Bijou fizera uma vez, e ocultou o rosto dele entre suas pernas.

Embora Leila jamais tivesse desejado um homem, teve uma sensação que nunca experimentara antes quando a língua do africano a acariciou. Quis ser possuída por trás, e, ficando de quatro, implorou que ele lhe introduzisse o falso pênis. O africano a obedeceu.

Elena e Bijou observavam Leila, espantadas, vendo-a expor as nádegas com evidente excitação. O africano arranhou e mordeu seu traseiro enquanto empurrava o pênis artificial para dentro dela. Dor e prazer se misturavam, pois o artefato era grande, mas ela permaneceu firme, de quatro, com o africano colado as suas costas, mexendo-se convulsivamente, até vê-la gozar.

Bijou passou a visitar o africano com frequência. Um dia os dois se deitaram no sofá e ele enterrou o rosto embaixo de seus braços. Inalou seu odor e depois, em vez de beijá-la, passou a cheirá-la toda, como um animal. Primeiro sob os braços, depois seus cabelos, entre as pernas. Estava excitado, claro, mas não a possuía.

— Sabe, Bijou — disse ele —, eu a amaria mais se você não se lavasse com tanta frequência. Amo o cheiro do seu corpo, mas quase não dá para senti-lo. Desaparece com tantos banhos. É por isso que raramente desejo mulheres brancas. Gosto do cheiro feminino bem forte. Por favor, lave-se um pouco menos.

Para agradá-lo, Bijou fez o que pediu. Passou a se lavar com menos

freqüência. Ele adorava sobretudo o cheiro de sua vagina quando ela não se lavava, o cheiro maravilhoso de esperma com um toque de maresia. Depois o africano pediu que lhe desse uma roupa de baixo que tivesse usado por alguns dias.

Primeiro Bijou lhe deu uma camisola já bem usada, preta, transparente e com aplicações de renda. Com Bijou deitada ao seu lado, o africano cobriu o rosto com a camisola para inalar seu cheiro; ficou o tempo todo em silêncio, extasiado. Bijou percebeu, por dentro de suas calças, o desejo dele se avolumando. Por fim, ele se voltou para ela e começou a abrir sua roupa, demorando-se em cada botão. Ela fez o mesmo com a maior calma possível, procurando seu sexo, que teve de libertar da cueca muito justa.

Finalmente ela conseguiu ter uma visão daquele pênis castanho tão macio e tão grande. Meteu a mão com cuidado, como se quisesse furtá-lo. O africano, com a cabeça de novo coberta pela camisola, nem olhou para ela. Bijou puxou seu pênis lentamente para cima, libertando-o. E ele subiu bem alto, tão duro e tão firme. . . No entanto, mal tinha encostado os lábios nele quando o africano o retirou de seu alcance. Apanhou a camisola, colocou-a em cima da cama e atirou-se sobre ela com todo o seu peso.

Bijou ficou observando, fascinada com o modo como ele fazia amor com uma camisola, ignorando-a. Os movimentos do africano a excitaram. Tamanho foi o seu frenesi que ele começou a suar, exalando-se de seu corpo um intoxicante cheiro de animal. Bijou jogou-se sobre ele. O africano a sustentou em suas costas, sem lhe dar atenção, e continuou a subir e descer em cima da camisola.

O africano acelerou o ritmo dos seus movimentos mas se deteve. Virou-se e começou a despir Bijou com toda a delicadeza. Ela pensou que ele tivesse perdido o interesse na camisola e que fosse possuí-la. Tirou-lhe as meias deixando as ligas nas pernas nuas. Depois puxou o vestido, ainda quente do contato com o corpo, pela sua cabeça. Para agradá-lo, Bijou estava usando calcinhas pretas que ele baixou bem devagar, parando a meio caminho para contemplar a pele branca de marfim que ficara exposta, com o início do vale entre os dois montes. Começou a beijá-la ao longo desse vale, ao mesmo tempo que baixava por completo suas calcinhas. Não deixou qualquer parte sem ser beijada, enquanto as puxava ao longo das coxas.

Quando ela ergueu uma das pernas para poder se livrar das calcinhas, o africano teve uma visão integral de seu sexo.

Beijou-a naquele ponto, e depois Bijou ergueu a outra perna e descansou os pés em seus ombros.

Ele manteve as calcinhas na mão e continuou a beijá-la, deixando-a toda molhada e arquejante. Depois voltou-se e enterrou o rosto nas calcinhas, na camisola, embrulhou o pênis nas meias, enrolou o vestido de seda em torno da

cintura. As roupas pareciam ter nele o mesmo efeito de uma mão. O africano estava louco de excitação.

Bijou tentou mais uma vez beijar-lhe o pênis, mas ele se afastou, deixando-a nua e cobiçosa a seu lado, observando-lhe o prazer.

Era torturante e cruel. Ela tentou beijar o resto de seu corpo, mas ele não reagiu.

O africano continuou a acariciar e beijar suas roupas até todo o seu corpo começar a tremer. Ficou deitado de costas, com o pênis se sacudindo no ar, sem nada para envolvê-lo. Ele se agitou da cabeça aos pés, mordendo a roupa de Bijou, o tempo todo com o pênis ereto bem ao alcance de sua boca, mas, no entanto, inacessível a ela. Finalmente o pênis estremeceu violentamente, e quando apareceu uma espuma branca em sua extremidade, Bijou atirou-se para aproveitar as últimas gotas.

Uma tarde, quando Bijou e o africano estavam juntos, e ela viu que seria impossível atrair o desejo dele para seu corpo, disse, exasperada: — Olhe, estou ficando com uma vulva superdesenvolvida de tantos beijos e mordidas suas; você puxa os lábios dela como se fossem bicos de seios, e eles estão crescendo.

O africano prendeu os lábios da vulva de Bijou entre o polegar e o indicador e os examinou. Depois abriu-os como as pétalas de uma flor e disse: — Pode-se furá-los e pendurar um brinco neles, como fazemos na África. Eu quero fazer isso com você.

Ele continuou a brincar, até aparecer um líquido branco, como a delicada espuma de uma pequena onda. Aquilo o excitou. Encostou a cabeça do pênis na vulva, mas não penetrou em Bijou. Estava obcecado pela idéia de furar os lábios de seu sexo e pendurar neles um brinco, como vira fazer com as mulheres do seu país.

Bijou não acreditou estar o africano verdadeiramente decidido a fazer aquilo, e estava gostando. Mas quando o viu levantar-se para apanhar uma agulha, libertou-se dele e saiu correndo.

Bijou ficou sem um amante. O Basco continuava a atormentá-la, despertando-lhe intensa vontade de se vingar dele. Só estava feliz quando o traía. Percorria as ruas e freqüentava os cafés com uma sensação de vazio e curiosidade; queria algo novo, que nunca tivesse experimentado. Recusava os convites de sempre, nos cafés em que se sentava.

Uma noite resolveu descer uma escadaria que dava para o porto, onde as ruas eram mal iluminadas e quase não havia trânsito.

As barcas atracadas estavam às escuras; seus tripulantes já estavam dormindo, àquela hora da noite. Bijou desceu até um muro de pedras bem abaixo e parou para contemplar o rio. Debruçou-se sobre o muro, fascinada com o espetáculo oferecido pelo reflexo das luzes mortíferas dos lampiões nas águas escuras. Então ouviu uma voz maravilhosa bem junto ao seu ouvido, uma voz que

a encantou de imediato.

— Suplico-lhe que não se mova — disse a voz. — Não vou machucá-la. Mas fique onde está.

Aquela voz era tão refinada, grave e rica de modulações que ela obedeceu e limitou-se a virar a cabeça. Viu um homem alto, bonito e bem vestido parado às suas costas. Mesmo com a escassa iluminação, pôde ver que ele sorria, com uma expressão galante e amistosa. Seu sorriso desarmou-a.

Ele inclinou-se também para debruçar-se no muro e disse: — Encontrá-la aqui, desse modo, tem sido uma das obsessões de minha vida. Você não sabe como fica bonita com os seios esmagados de encontro ao muro e o vestido bem levantado atrás. Que pernas lindas você tem!

— Mas você deve ter muitas amigas — disse Bijou, também sorrindo.

— Nenhuma que eu jamais tenha desejado tanto como desejo você agora. Só lhe peço que não se mova.

Bijou ficou intrigada, mas a voz do estranho a fascinava, mantendo-a ao lado dele em uma espécie de transe. Sentiu o contato leve de sua mão nas pernas e sob o vestido.

Enquanto a acariciava, ele continuou falando: — Um dia, eu vi dois cães brincando. A cadela estava às voltas com um osso, e o cachorro aproveitou-se para cobri-la por trás. Eu tinha catorze anos. Fiquei excitadíssimo observando aquela cena, pois foi a primeira cena sexual que testemunhei. Daí em diante, só uma mulher inclinada para a frente, como você está, é que pode despertar meu desejo.

O estranho continuou com suas carícias e, vendo que Bijou gostava, adiantou-se até encostar seu corpo no dela. Bijou ficou repentinamente temerosa e tentou fugir de seu abraço. Mas o homem era forte. Já estava dominada por ele, que a apertava cada vez mais. Forçou-a a encostar a cabeça e os ombros no muro e ergueu-lhe a saia.

Mais uma vez Bijou estava sem roupa de baixo. O homem deixou escapar uma exclamação de espanto e começou a murmurar palavras apaixonadas que a acalmaram, ao mesmo tempo em que a apertava cada vez mais. Bijou se viu inteiramente a sua mercê. Sentia o contato do corpo dele e estava esperando que a qualquer instante..., mas não, o homem não iria possuí-la! Limitava-se a se apertar contra ela o mais fortemente possível. Ela podia sentir a força de suas pernas, ouvia sua voz envolvendo-a, mas era só. Por fim sentiu algo quente e macio encostado nela, algo que não a penetrou. Num instante estava coberta de esperma quente. O homem a abandonou e fugiu.

Leila levou Bijou para andar a cavalo no Bois. Leila ficava muito bonita quando montava, esbelta, masculina e arrogante. Bijou também ficava atraente, mas tinha menos pose.

Cavalar no Bois foi uma experiência adorável. Passaram por gente

elegante, depois andaram por longos caminhos isolados, protegidos pela sombra das árvores. De vez em quando passavam por um café, onde era possível descansar e comer qualquer coisa.

Era primavera. Bijou tomara lições de equitação e aquela era a primeira vez em que montava sozinha. As duas iniciaram o passeio a passo, conversando o tempo todo. Depois Leila saiu a galope e Bijou a seguiu. Após galoparem um pouco, diminuíram a marcha, com o rosto vermelho, esbaforidas.

Bijou sentia uma irritação agradável entre as pernas, bem como um calor gostoso nas nádegas. Gostaria de saber se Leila tivera a mesma sensação. Com mais meia hora de equitação ela foi ficando mais excitada. Seus olhos brilhavam, os lábios ficaram úmidos. Leila fitou-a com admiração.

— Montar a cavalo excita você — disse ela.

Leila empunhava o chicote com uma pose verdadeiramente real. Suas luvas lhe vestiam as mãos sem uma ruga. Ela usava uma camisa masculina com abotoaduras de ouro. Seu traje de montaria destacava as linhas de sua cintura, de seus seios e de suas nádegas. Bijou, ao contrário, enchia as roupas com mais abundância. Seus seios eram altos e provocantemente pontudos. Os cabelos soltos fluavam na direção do vento.

Mas, oh, aquele calor nas nádegas e entre as pernas — a sensação era de ter sido massageada com álcool, ou vinho, e se submetido a uma massagista experimentada. Cada vez que se levantava e caía na sela sentia uma aflição deliciosa. Leila mantinha-se atrás dela para poder observar seus movimentos. Como não sabia montar direito, Bijou inclinava-se para a frente mais do que devia, e mostrava as nádegas muito roliças nos culotes apertados.

Os cavalos começaram a espumar com o calor, desprendendo um cheiro forte que impregnava as roupas das duas mulheres. O corpo de Leila parecia mais leve ainda. Ela segurava o chicote nervosamente. Galoparam de novo, lado a lado, com a boca entreaberta e o vento fustigando-lhes o rosto. Ao apertar com os joelhos os flancos do animal, Bijou recordou uma vez em que montara na barriga do Basco. Depois de montada, ela se erguera, com os pés no peito dele e a genitália diretamente na linha de sua visão. O Basco dissera que queria regalar os olhos. Em outra ocasião, ele ficara de quatro, ela montara em suas costas e tentara machucá-lo com a pressão dos joelhos. Rindo, nervoso, o Basco insistira para que prosseguisse. Os joelhos de Bijou eram fortes como os de um homem montado a cavalo, e o Basco ficara tão excitado que engatinhara pelo quarto daquele jeito, nu e com o pênis completamente ereto!

Quando atingiram a parte mais distante do bosque, as duas mulheres pararam e desmontaram. Conduziram os cavalos para um canto onde a relva era mais alta e se sentaram para descansar. Acenderam um cigarro; Leila conservou o rebenque na mão.

— Minhas nádegas estão ardendo — disse Bijou.

— Deixe-me ver — disse Leila. — Por ser a primeira vez, não devíamos ter cavalgado tanto. Deixe-me ver como está.

Bijou desafivelou o cinto lentamente, desabotoou o culote e o baixou um pouco. Virou-se para que Leila pudesse ver.

Leila puxou-a, obrigando-a a se ajoelhar.

— Deixe-me ver. — Acabou de desnudar as nádegas de Bijou. Encostou a mão de leve.

— Está doendo?

— Não, só está quente, como se eu tivesse sido queimada.

Leila cobriu as nádegas de Bijou, uma de cada vez, com uma das mãos em concha.

— Pobrezinha. Está doendo aqui?

A mão dela penetrou mais fundo dentro do culote, entre as pernas de Bijou.

— Está ardendo aí — disse Bijou.

— Então tire o culote para tomar um pouco de ar — disse Leila, baixando-o mais um pouco e conservando Bijou de joelhos.

— Sua pele é linda, Bijou. Tem um brilho especial quando reflete a luz. Deixe que o ar frio a refresque.

Leila continuou a acariciar Bijou entre as pernas, como se estivesse afagando um gato.

— Ainda está ardendo — disse Bijou, sem se mexer.

— Se continuar a arder teremos de tentar qualquer outra coisa.

— Faça comigo o que você quiser — disse Bijou.

Leila ergueu o rebenque e bateu, devagar.

— Isso faz arder ainda mais — disse Bijou.

— Quero você mais quente, Bijou. Quero você pegando fogo. Bijou não se moveu. Leila usou o rebenque de novo, deixando dessa vez uma marca vermelha.

— Está ardendo tanto, Leila.

— Quero que arda até queimar, até você não conseguir mais suportar. Então eu a beijarei.

Ela golpeou de novo, e Bijou não se mexeu. Mais uma pancada, com mais força. Bijou disse: — Está tão quente, Leila. Está pegando fogo. Dê um beijinho.

Leila inclinou-se e deu um longo beijo no lugar onde as nádegas convergiam no vale que conduzia às partes sexuais de Bijou. Golpeou-a de novo. Outra vez Bijou contraiu as nádegas como se estivesse sentindo dor, mas na verdade sentia intensa satisfação.

— Bata com força — disse para Leila.

Leila obedeceu, e depois perguntou:

— Você quer fazer isso comigo?

— Quero — respondeu Bijou, sem se dar ao trabalho de se cobrir. Sentou-se

no musgo frio, colocou Leila sobre os joelhos, desabotoou-lhe o culote e começou a bater; a princípio, delicadamente, e depois com mais força, sempre com mais força, até Leila se contrair e se esticar a cada golpe. Suas nádegas estavam vermelhas e ardiam intensamente.

—Vamos tirar toda a roupa e montar um pouco de novo.

As duas mulheres tiraram a roupa e montaram juntas no mesmo cavalo. A sela estava quente. Elas se ajustaram perfeitamente uma à outra. Leila, por trás, passou as mãos pelos seios de Bijou e beijou-lhe o ombro. Cavalgaram um pouco nessa posição; cada movimento do cavalo as fazia esfregar a sela em suas vulvas. Leila mordia o ombro de Bijou e esta, de vez em quando, se virava para dar uma mordida no bico do seio de Leila. Depois apearam, voltaram para a cama de musgo e começaram a se vestir.

Antes de Bijou terminar de puxar o culote até a cintura, Leila a interrompeu para beijar-lhe o clitóris. Mas o que Bijou sentia eram as nádegas arder, e suplicou a Leila que pusesse fim a sua irritação.

Leila acariciou-lhe as nádegas e usou o chicote de novo, com toda a força; Bijou se contraía a cada golpe. Leila afastou um pouco as nádegas de Bijou para que o chicote caísse entre uma e outra, perto do orifício sensível, e Bijou gritou. Leila bateu até não agüentar mais, deixando Bijou completamente louca.

Então foi a vez de Bijou se virar e bater em Leila. Estava furiosa por se sentir tão excitada e, no entanto, insatisfeita, incapaz de pôr um fim àquele ardor que a levava à loucura. Cada vez que batia sentia uma palpitação entre as pernas, como se estivesse possuindo Leila. Após ambas ficarem loucas de paixão, caíram uma sobre a outra com mãos e línguas até conseguirem atingir o paroxismo completo do prazer.

Eles planejaram fazer um piquenique. Elena, seu amante Pierre, Bijou e o Basco, Leila e o africano.

Decidiram-se por um local apazível, fora de Paris. Comeram em um restaurante debruçado sobre o Sena. Depois, deixando o carro em um local sombrio, entraram a pé no bosque. A princípio caminharam num só grupo, mas depois Elena foi ficando para trás, com o africano. De repente, ela decidiu trepar em uma árvore. O africano riu, certo de que ela não conseguiria.

Mas Elena era ágil. Pôs um pé num galho baixo e trepou com facilidade. O africano ficou embaixo, olhando para ela, apreciando suas calcinhas cor-de-rosa e suas pernas bem-feitas. Gostou tanto do que estava vendo que teve uma ereção.

Elena estava bem no alto. O africano não podia alcançá-la porque era pesado demais para pisar no primeiro galho. Só podia ficar ali sentado, observando-a e sentindo-se cada vez mais excitado. Ele perguntou: — Que presente você vai me dar hoje?

— Isto — respondeu Elena, atirando-lhe umas castanhas.

Ela se sentou em um galho, balançando as pernas.

Nesse instante, Bijou e o Basco retornaram, à procura de Elena. Bijou, cheia de ciúme ao ver o Basco e o africano olhando para outra mulher, atirou-se ao chão, gritando: — Entrou um bicho em minha roupa! Socorro!

Os dois homens se aproximaram. Ela apontou primeiro para as costas e o Basco meteu a mão dentro de seu vestido.

Depois ela disse que o bicho estava na frente e então foi a vez de o africano meter a mão para procurar entre seus seios. Por coincidência, nesse mesmo instante ela sentiu que havia realmente qualquer coisa andando em sua barriga e começou a se sacudir e a rolar na relva.

O africano e o Basco tentaram ajudá-la, levantando-lhe a saia. Começaram a procurar. Bijou estava com uma roupa de baixo muito discreta de cetim. Puxou um pouco as calças para o Basco, que, aos olhos dos outros, era quem tinha o direito de procurar nos seus locais secretos. Mas aquilo excitou o africano, que virou Bijou rudemente e começou a bater nela, dizendo que assim haveria de matar o bicho, estivesse onde estivesse. O Basco não parou de apalpar Bijou.

— Você terá de se despir — disse ele, por fim. — Não há outra coisa a fazer.

Os dois ajudaram-na a tirar a roupa, conservando-a deitada na grama. Elena a tudo observava da árvore, excitada, desejando estar no lugar de Bijou. Quanto a esta, quando viu que o bicho não era achado em lugar nenhum, inclusive entre as pernas e os pêlos pubianos, começou a se vestir. Contudo, o africano não estava disposto a perder o espetáculo. Apanhou na relva um pequeno inseto inofensivo e colocou-o sobre o corpo de Bijou. O bichinho saiu andando pelas suas pernas e ela pôs-se novamente a rolar e a se sacudir, sem querer tocá-lo com os dedos.

— Tirem esse bicho de cima de mim! — gritava ela, rolando o corpo magnífico de um lado para o outro e exibindo a parte onde o bicho estava andando. Mas nenhum dos dois a ajudou. O Basco apanhou um galho e começou a lhe bater. O africano fez o mesmo.

Os golpes não eram dolorosos; ao contrário eram como excitantes ferroadas.

Por fim, o africano se lembrou de Elena e voltou a árvore.

— Desça — disse ele. — Eu a ajudo. Você pode pôr o pé em meu ombro.

— Não vou descer.

O africano insistiu e tanto suplicou que ela decidiu atendê-lo. Quando já estava prestes a pisar no galho mais baixo, o africano agarrou-lhe uma das pernas e colocou-a sobre seus ombros. Elena escorregou e caiu sentada em seu pescoço, o sexo bem de encontro ao rosto dele. O africano inalou seu odor, extasiado, e segurou-a com toda a força de seus braços vigorosos.

Através do vestido ele podia cheirar e sentir o sexo de Elena. Conservou-a no lugar onde caíra, mordendo-a e segurando-a firmemente. Elena lutou para fugir, chutando-o e golpeando-o nas costas.

Mas Pierre, seu amante, apareceu nesse momento. Ficou furioso com a cena que viu. Em vão ela tentou explicar que escorregara e que por isso o africano a pegara. Pierre continuou furioso, louco para se vingar. Quando viu Bijou e o Basco na relva, tentou juntar-se a eles. Mas o Basco não estava disposto a deixar ninguém tocar em Bijou. Continuou a bater nela com o galho de árvore.

A situação não se modificara quando surgiu um cachorro enorme, que logo se aproximou de Bijou e se pôs a cheirá-la, com evidente prazer. Bijou gritou e lutou para se levantar. Mas o canzárrão tinha se sentado em cima dela e estava tentando meter o focinho entre suas pernas.

Com uma expressão cruel nos olhos, o Basco fez sinal para o amante de Elena. Pierre compreendeu. Juntos, os dois imobilizaram os braços e as pernas de Bijou e assim permitiram que o cachorro cheirasse o que queria. Não custou muito e o animal se pôs a lambê-lo exatamente o ponto em que um homem teria gostado de fazê-lo. Só que sua língua era áspera, muito mais que a de um homem, além de comprida e forte. Ele lambia com grande vigor, observado pelos três homens.

Elena e Leila se sentiam como se também estivessem passando por aquela experiência, e estavam inquietas. Todos os cinco observadores se perguntavam se Bijou estaria sentindo algum prazer.

No início, ela ficara horrorizada e lutara violentamente. Depois foi perdendo a força e ficando cansada de se mexer atoa, só conseguindo machucar os pulsos e os tornozelos, seguros com muita força pelo africano e por Pierre. O cachorro era lindo, a cabeça grande com os pêlos caindo nos olhos, a língua limpa.

O sol caía nos pêlos pubianos de Bijou. Seu sexo estava úmido, sem que ninguém pudesse dizer que isso era devido à língua do cachorro ou ao seu próprio prazer. Quando a resistência dela foi chegando ao fim, o Basco ficou com ciúme, deu um pontapé no cachorro e a libertou.

Chegou o dia em que o Basco se cansou de Bijou e a abandonou. Ela estava tão acostumada com suas fantasias e suas cruéis brincadeiras, que por meses a fio não conseguiu aproveitar sua nova liberdade, ou ter relações com outro homem.

Tampouco a atraíam outras mulheres.

Tentou posar, mas não tinha mais prazer em expor seu corpo nu, ou de ser observada e desejada pelos estudantes. Assim, voltou a caminhar sozinha pelas ruas.

O Basco, por sua vez, voltou a se dedicar à sua obsessão inicial.

Nascido em família rica, ele tinha dezessete anos quando seus pais contrataram uma governanta para sua irmã mais moça. Era uma mulher baixa, gorducha e estava sempre bem vestida. Gostava de usar sapatos de verniz e meias bem escuras. Seus pés eram pequenos e extremamente arqueados e pontudos.

O Basco era um rapaz bonito, e a governanta logo percebeu isso. Os dois e a garota passeavam juntos, mas com a irmã olhando quase nada podia se passar entre eles. Exceto olhares cobiçosos e longos. A governanta tinha um sinalzinho bem no canto da boca. O Basco ficava fascinado com aquele sinal. Um dia a elogiou por causa dele. Ela respondeu: — Tenho outro sinal em um lugar que você nem pode imaginar, e onde jamais botará os olhos.

O rapazinho ficava dando tratos à bola para imaginar onde poderia estar o outro sinal. Tentava imaginar a governanta nua. Onde estaria o sinal? Até então só tinha visto mulheres nuas em gravuras. Tinha um cartão-postal com uma dançarina vestida só com um saiote de plumas muito curto. Soprando, as plumas se levantavam e a dançarina ficava nua. Como uma de suas pernas estava levantada, num passo de balé, o Basco podia ver muito bem como ela era.

Naquele dia, assim que chegou em casa, ele pegou o cartão e soprou. Imaginava que estava vendo o corpo da governanta, seus seios muito gordos. Com um lápis ele colocou um sinalzinho entre as pernas da dançarina. A essa altura, o Basco já estava muito excitado e queria ver a governanta nua de qualquer maneira. Porém, com uma família tão grande dentro de casa, era preciso ser cauteloso. Havia sempre alguém nas escadas, ou nos quartos.

No dia seguinte, durante o passeio, ela lhe deu um lenço. Na volta Basco foi para o seu quarto, atirou-se na cama e cobriu a boca com ele. Podia sentir o cheiro do corpo dela naquele lenço. Ela o segurara muito tempo, e como estava fazendo calor, o tecido guardara um pouco de seu suor. O cheiro era tão forte e o excitou tanto que pela segunda vez o Basco viu o que era sentir um verdadeiro turbilhão entre as pernas. Percebeu uma ereção, o que, até aquele dia, só lhe acontecera em sonhos.

Depois ela deu qualquer coisa embrulhada em um pedaço de papel. O Basco enfiou o pacotinho no bolso e após o passeio foi direto para o quarto. O embrulho continha umas calcinhas cor-de-carne com guarnições de renda. Ela as havia usado. Também, como o lenço, tinham o cheiro de seu corpo. O rapazinho enterrou o nariz naquelas calcinhas e sentiu um prazer extraordinário. Imaginou-se tirando a roupa da governanta. A sensação foi tão vívida que ele teve outra ereção. O Basco começou a se esfregar e continuou cheirando as calcinhas. Depois mudou de técnica: passou a esfregá-las no pênis. O contato da seda o enlouqueceu. Parecia-lhe estar tocando a carne dela, talvez até mesmo o lugar onde imaginara que ficava o tal sinalzinho. De repente ele teve uma ejaculação, a sua primeira. O espasmo de prazer foi tão grande que o derrubou sobre a cama fazendo-o rolar de um lado para o outro.

No terceiro dia ela lhe deu outro embrulho, que dessa vez continha um sutiã. A cerimônia foi repetida. O Basco se perguntava o que mais ela poderia lhe dar que fosse tão excitante.

Dessa vez o pacote era grande. Tão grande que despertou a curiosidade de sua irmã.

— São apenas livros — explicou a governanta. — Nada que lhe interesse.

O Basco correu para o quarto, onde descobriu que ela havia lhe dado um modelador preto, enfeitado com rendas. Trazia as marcas do seu corpo. A renda estava meio puída de tanto ser usada por ela. O Basco mais uma vez excitou-se. Tirou toda a roupa e vestiu a cinta. Fez tudo como vira várias vezes sua mãe fazer. Aquilo o comprimia e o machucava, mas era uma dor deliciosa. Podia imaginar que era a governanta que o estava abraçando com força, sufocando-o com sua paixão. Depois, ao se despir, ele pôde imaginar-se despiendo a governanta, libertando-a daquilo para poder vê-la nua. Mais uma vez o Basco se sentiu febril, e todos os tipos de imagem o assaltaram — a cintura, os quadris, as coxas da governanta.

A noite o Basco levou para a cama todos os objetos que ela lhe dera, e foi assim que adormeceu, enterrando o sexo neles como se aquilo fosse o corpo da governanta. Sonhou com ela. A cabeça de seu pênis vivia constantemente úmida. De manhã havia olheiras em seu rosto.

Ela lhe deu ainda um par de meias. E um par de sapatos de verniz pretos. O Basco colocava tudo em cima da cama e adormecia, completamente nu, lutando para criar sua presença, ansiando por ela. Os sapatos pareciam ter sido tirados havia pouco tempo. Faziam-no pensar que ela havia entrado em seu quarto, tirado os sapatos, para depois caminhar em sua cama.

O Basco apanhou-os e colocou-os entre suas pernas para observá-los melhor. Teve a impressão de que ela estava prestes a caminhar sobre seu corpo com aqueles saltos muito pontudos. A idéia o excitou. O Basco começou a tremer. Trouxe os sapatos para mais junto de si. Depois puxou um até que encostasse na extremidade de seu pênis. A excitação foi tão violenta que ele gozou em cima do sapato de verniz preto.

Mas aquilo já havia se transformado em uma espécie de tortura. Começou a escrever bilhetes para a governanta, suplicando-lhe que fosse ao seu quarto, à noite. Ela lia os bilhetes com prazer, bem na sua frente, os olhos negros cintilando; mas não arriscaria de modo algum sua posição.

Certo dia ela foi chamada a casa em razão da doença de seu pai. O rapazinho nunca mais a viu. Ficou ardendo de desejo por ela e perseguido pelas suas roupas.

Um dia o Basco embrulhou todos aqueles objetos e foi para um bordel. Encontrou uma mulher que era muito parecida com a governanta, e a fez vestir aquelas roupas.

A excitação do Basco cresceu a um ponto inacreditável. Ele se esfregou na mulher. Atirou-se aos seus pés e suplicou-lhe que o tocasse com o bico do sapato. Ela começou a tocar seu tórax, depois a barriga e finalmente a cabeça de seu

pênis.

O Basco deu um pulo de tanta excitação, imaginando que era a governanta quem estava ali.

Beijou a roupa de baixo e tentou possuir a garota, mas assim que ela abriu as pernas para ele, seu desejo morreu, pois onde estava o sinalzinho?

Pierre

Uma manhã bem cedo, quando era jovem, Pierre saiu perambulando na direção do cais. Já tinha caminhado ao longo do rio por algum tempo quando foi detido pela visão de um homem que tentava içar um corpo para o convés de uma barcaça. O corpo estava preso à corrente da âncora. Pierre correu para ajudar o homem. Juntos, conseguiram colocá-lo no convés.

O homem então virou-se para Pierre e disse:

— Você espera aqui enquanto chamo a polícia. — E saiu correndo. O sol começava a nascer e dava um brilho cor-de-rosa ao corpo nu. Pierre viu que não se tratava apenas de uma mulher, mas de uma mulher muito bonita. Seus cabelos compridos estavam grudados nos ombros e nos seios redondos e volumosos. Sua pele dourada resplandecia.

Ele jamais vira um corpotão bonito, assim lavado pela água, com os lindos e delicados contornos expostos.

Observou-a fascinado. O sol a estava secando. Pierre tocou nela. Ainda estava quente e devia ter morrido havia pouco tempo. Tentou sentir-lhe o coração. Não batia. O seio pareceu ficar colado à sua mão.

Ele estremeceu, inclinou-se e beijou-o. Era elástico e macio ao contato de seus lábios, como um seio vivo. Pierre sentiu um desejo súbito e violento. Continuou a beijar a mulher. Separou-lhe os lábios. Com isso passou um pouco de água por entre eles, o que lhe deu a impressão de ser a sua saliva. Imaginou que se a beijasse muito ela retornaria à vida. O calor dos lábios de Pierre estava passando para os dela. Beijou-lhe a boca, o bico dos seios, o pescoço, o ventre e por fim desceu para seus pêlos púbicos encaracolados e úmidos. Era como se a estivesse beijando sob a água.

Ela estava estirada, com as pernas ligeiramente separadas, os braços retos ao longo do corpo. O sol dourava sua pele e seus cabelos molhados lembravam algas marinhas.

Como ele adorou o jeito como seu corpo jazia, exposto e indefeso! Como amou seus olhos fechados e sua boca entreaberta! O corpo daquela mulher tinha gosto de orvalho, de flores e folhas molhadas, de grama quando o dia amanhece. A pele era como cetim sob seus dedos. Pierre adorou sua passividade e seu silêncio.

Sentiu-se queimar, tenso. Finalmente caiu sobre ela, e quando começou a penetrá-la, fluiu água dentre suas pernas, como se estivesse fazendo amor com uma náiaide. Os movimentos de Pierre fizeram o corpo dela ondular. Ele continuou a se lançar dentro dela, esperando sentir sua reação a qualquer instante, mas aquele corpo limitava-se a se mover acompanhando seu ritmo.

Pierre teve medo de que o homem voltasse com a polícia. Tentou apressar sua satisfação, mas não conseguiu. Nunca levava tanto tempo. A frieza e a

umidade daquele ventre, sua passividade, o prazer dele tão prolongado — e mesmo assim não conseguia gozar.

Ele a sacudia desesperadamente, tentando livrar-se daquele tormento e injetar seu líquido quente naquele corpo frio. Oh, como queria gozar, enquanto beijava seus seios e freneticamente impelia seu sexo para dentro dela, e ainda assim não conseguia chegar ao orgasmo. Seria encontrado ali pelo homem e pela polícia, deitado sobre o corpo da mulher morta.

Finalmente ergueu o corpo dela pela cintura, puxou-a de encontro ao pênis e arremeteu contra ela com violência. De repente, ouviu gritos de todos os lados e nesse exato momento sentiu que explodia dentro dela. Recuou, deixou cair o corpo e fugiu.

Aquela mulher o perseguiu durante alguns dias. Pierre não podia tomar um banho de chuveiro sem se lembrar do contato de sua pele molhada ou de seu brilho na madrugada. Nunca mais veria um corpo tão belo. Não podia ouvir a chuva cair sem lembrar de como a água escorrera de suas pernas e de sua boca, ou de como todo o seu corpo era suave e macio.

Pierre sentiu que tinha de fugir da cidade. Após alguns dias, viu-se em uma aldeia de pescadores e descobriu uma fila de estádios para pintores, de construção barata. Alugou um. Podia-se ouvir tudo através das paredes. No meio do conjunto de estádios, ao lado do de Pierre, ficava o toailete comunitário. Quando estava deitado, tentando dormir, de repente percebeu uma réstia de luz entre as tábuas da parede. Olhou por uma fresta e viu, de pé diante do vaso sanitário, com uma das mãos encostada na parede, um garoto de aproximadamente quinze anos.

Ele tinha baixado as calças até o meio das pernas e aberto a camisa, inclinando a cabeça cacheada para observar o que fazia. Com a mão direita manipulava pensativamente seu jovem sexo. De vez em quando o apertava com força e uma convulsão sacudia seu corpo. Sob a luz mortíça, com seus cabelos encaracolados e seu corpo jovem e pálido, ele parecia um anjo, não estivesse segurando o sexo com a mão direita.

A mão que estava apoiada na parede desceu e segurou os testículos com firmeza, ao mesmo tempo em que a outra mão continuava a manipular e comprimir o pênis, que não chegou a ficar muito teso. O garoto estava experimentando prazer, mas não conseguia atingir o clímax. Estava desapontado. Tentara todos os tipos de movimento com os dedos e com a mão.

Segurou melancolicamente o pênis flácido. Examinou-o, pensou um pouco, intrigado, guardou-o dentro das calças, abotoou a camisa e saiu.

Pierre estava inteiramente acordado. A lembrança da mulher afogada o assombrava de novo, misturada com a visão do garoto se masturbando. Estava deitado, revirando-se na cama, quando apareceu uma luz vinda do toailete. Pierre não pôde deixar de olhar. Viu, sentada no vaso, uma mulher de cerca de

cinquenta anos, enorme, firme, rosto rude e boca e olhos vorazes.

Estava sentada havia pouco tempo, quando alguém mexeu na porta. Em vez de mandar embora o importuno, ela abriu o trinco. Era o garoto que estivera antes no toalete. Espantara-se com o fato de a porta ter-se aberto. A velha não se moveu do vaso; ao contrário, atraiu o garoto com um sorriso e fechou a porta.

— Que lindo rapazinho você é — disse. — Certamente já tem uma amiguinha, não é mesmo? Com certeza já experimentou um pouco de prazer com as mulheres, não?

Falava com naturalidade, como se tivessem se encontrado na rua. O garoto ficou surpreso e a fitou, espantado. Tudo o que podia ver era sua boca de lábios grossos sorrindo e seus olhos insinuantes.

— Nunca sentiu qualquer prazer, meu garoto? Será que não pode me contar isso?

— Não — disse o rapaz.

— E não sabe como é? — perguntou a mulher. — Seus amigos na escola não contaram nada a você?

— Contaram — respondeu o menino. — Eu já os vi fazendo, é com a mão direita que fazem. Eu tentei, mas não aconteceu nada.

A mulher riu.

— Mas há um outro modo. Nunca aprendeu um outro jeito, não é verdade? Ninguém lhe contou nada? Você quer dizer que só sabe como fazer usando a própria mão? Ora, existe uma outra maneira que sempre funciona.

O garoto encarou-a desconfiado. Mas o sorriso dela era amplo, generoso, tranquilizador.

As carícias que fizera a si próprio deviam tê-lo deixado perturbado, porque ele deu um passo na direção da mulher.

— Qual é o modo que você conhece? — perguntou ele, curioso. Ela riu.

— Você quer mesmo saber, hem? E o que vai acontecer se gostar? Se você gostar de verdade, promete que voltará para me ver de novo?

— Prometo — respondeu o garoto.

— Bem, então suba em meu colo; assim, basta ajoelhar em cima de mim, não fique com medo. Agora.

A parte central do corpo dele ficou no mesmo nível da enorme boca da mulher. Com habilidade, ela desabotoou suas calças e puxou para fora seu pequeno pênis. O garoto observou-a, espantado, quando ela colocou seu membro na boca.

Assim que a língua dela começou a se mover e o pequeno pênis intumescer, o menino foi tomado de tal prazer que caiu para a frente, sobre o ombro dela, permitindo que sua boca engolisse o pênis inteiro e tocasse nos seus pêlos pubianos. O que sentia então era muitíssimo mais estimulante do que a sensação que tivera, quando tentara se manipular. Pierre só podia ver a enorme boca de

lábios carnudos trabalhar no delicado pênis, deixando-o de vez em quando escapar um pouco da caverna e depois engolindo-o todo, deixando de fora só os pêlos que o circundavam.

A velha era voraz mas paciente. O garoto estava exaurido de prazer, quase desfalecendo por cima da cabeça dela. Seu rosto começava a ficar vermelho. Mesmo assim ela chupava e lambia com vigor, e o menino começou a tremer. Ela teve que enlaçá-lo com ambos os braços para evitar que o pênis se soltasse de sua boca. O garoto começou a emitir gemidos que lembravam os arrulhos de um pássaro. A velha se dedicou a ele mais febrilmente e então aconteceu. O menino quase caiu dormindo sobre seu ombro de puro cansaço, e ela teve que soltá-lo delicadamente com as mãos enormes. Ele sorriu, com um jeito lânguido, e saiu correndo.

Enquanto estava deitado, Pierre se lembrou de uma mulher que conhecera que já estava com cinquenta anos quando ele tinha apenas dezessete. Era uma amiga de sua mãe. Era uma pessoa excêntrica e obstinada, que se vestia com roupas antiquadas, ou seja, usava um sem-número de anáguas, espartilhos, calcinhas compridas e muito rendadas e vestidos de saia rodada bastante decotados, o que permitia a Pierre ver o pequeno vale que havia entre os seios, uma linha escura e sombria que se desvanecia no meio da renda e dos babados.

Era uma mulher bonita, com exuberantes cabelos avermelhados e pele recoberta por fina penugem. Suas orelhas eram pequenas e delicadas; as mãos, gorduchas. Sua boca era particularmente atraente — muito vermelha, naturalmente vermelha, carnuda e larga, com dentes pequenos e iguais que ela sempre mostrava como se estivesse prestes a morder alguma coisa.

Ela foi visitar a mãe de Pierre em um dia muito chuvoso, quando os criados estavam de folga. Sacudiu o guarda-chuva muito fino, tirou o chapéu caro e soltou o véu. Enquanto estava ali parada, começou a espirrar. A mãe de Pierre estava de cama, com gripe, e gritou do seu quarto: — Querida, se estiver molhada, tire a roupa, e Pierre a colocará para secar na lareira. Há um biombo na sala de visitas.

Dispa-se lá, e Pierre lhe dará um quimono meu.

Pierre precipitou-se com evidente ansiedade. Apanhou o roupão da mãe e abriu o biombo. Na sala de visitas, um lindo fogo ardia alegremente na lareira. O cômodo estava aquecido e cheirava a narcisos, que enchiam todos os jarros, a lenha queimada e ao perfume de sândalo da visitante.

Protegida pelo biombo, ela entregou o vestido a Pierre. Ainda estava morno e com o odor do corpo dela. Pierre o segurou nos braços e o cheirou, inebriado, antes de colocá-lo sobre uma cadeira, diante do fogo. Depois ela lhe entregou uma grande anágua rodada, com a bainha extremamente molhada e coberta de lama. Pierre cheirou-a com prazer antes de colocá-la também diante da lareira.

Nesse interim, ela falava e sorria e ria despreocupadamente, sem notar a

excitação dele. Jogou-lhe outra anágua, mais leve, morna e almiscarada. Depois, com um riso tímido, jogou as calcinhas compridas e debruadas de renda. De repente, Pierre percebeu que não estavam molhadas, que aquilo não era necessário, que ela as atirara para ele porque quisera, que ela estava quase nua atrás do biombo, sabendo muito bem que ele estava atento ao seu corpo.

Quando ela o fitou por cima do biombo, Pierre pôde ver os ombros cheios e redondos, macios e cintilantes, como almofadas. Ela riu e exclamou: — Agora me dê o quimono.

— As suas meias também não estão molhadas? — perguntou Pierre.

— Estão, sim, na verdade estão mesmo. Eu as estou tirando.

Pierre imaginou-a soltando as ligas e enrolando as meias. Gostaria de saber como seriam suas pernas e seus pés. Não pôde mais se conter e deu um puxão no biombo.

A peça caiu, expondo-a na pose em que ele a imaginara. Estava inclinada para a frente, enrolando as meias pretas. Todo o seu corpo tinha a cor dourada e a delicada textura do rosto. Sua cintura era baixa e os seios, generosos mas firmes.

Ela não se deixou perturbar com a queda do biombo. Disse: — Olhe só o que fiz enquanto tirava as meias. Dê-me o quimono.

Pierre aproximou-se, encarando-a fixamente — a primeira mulher nua que via, igual às pinturas que estudara no museu. Ela sorria. Depois cobriu-se como se nada tivesse acontecido e foi para junto da lareira, estendendo as mãos para o fogo.

Pierre estava completamente amedrontado. Seu corpo ardia, embora ainda não soubesse muito bem o que fazer.

Ela foi descuidada com o quimono, preocupada em aquecer-se. Pierre sentou-se a seus pés e fixou os olhos no rosto sorridente e franco. Os olhos dela pareciam convidá-lo. Pierre aproximou-se, ainda ajoelhado. De repente ela abriu o roupão, pegou a cabeça dele com ambas as mãos e colocou-a sobre seu sexo, para que a boca de Pierre o sentisse. Os cachos de pêlos pubianos encostaram nos lábios dele e o enlouqueceram. Mas naquele exato momento ouviu-se a voz de sua mãe, no quarto de dormir distante: — Pierre! Pierre!

Pierre se endireitou. A amiga de sua mãe fechou o quimono. Os dois ficaram trêmulos, excitados, insatisfeitos. A mulher foi para o quarto de sua mãe, sentou-se ao pé da cama e pôs-se a tagarelar com ela. Pierre sentou-se ao lado, esperando nervosamente o momento em que a mulher estivesse pronta para se vestir de novo. A tarde parecia interminável. Finalmente ela se levantou e disse que tinha que se vestir. Mas a mãe de Pierre o deteve. Quis beber qualquer coisa. Pediu que fechasse as cortinas. Manteve-o ocupado até que a amiga acabasse de se vestir.

Teria adivinhado o que acontecera na sala de visitas? Pierre ficou com a

lembrança do contato com seus pêlos e com a pele rósea de seus lábios, nada mais.

Quando a mulher foi embora, sua mãe o chamou.

— Pobre Mary Ann — disse ela. — Sabe, uma coisa terrível aconteceu quando ela era jovem. Foi quando os prussianos invadiram a Alsácia-Lorena. Ela foi estuprada pelos soldados. E agora não deixa homem algum chegar perto.

A imagem de Mary Ann sendo violentada deixou Pierre excitado. Ele mal pôde ocultar sua perturbação. Mary Ann confiara em sua juventude e inocência. Perdera seu medo dos homens com ele. Pierre era como um filho para ela. Por isso permitira que colocasse seu rosto jovem e macio entre suas pernas.

Naquela noite ele sonhou com soldados rasgando suas roupas, abrindo suas pernas e acordou desejando-a violentamente. Como poderia vê-la? Algum dia ela consentiria que ele fizesse algo mais além de beijar-lhe o sexo delicadamente como fizera? Estaria fechada para sempre?

Pierre escreveu-lhe uma carta. Espantou-se quando recebeu uma resposta. Ela o convidava para ir vê-la. Usando um roupão solto, ela o recebeu em uma sala escassamente iluminada. Seu primeiro gesto foi ajoelhar-se diante dela. Mary Ann sorriu com indulgência.

— Como você é gentil — disse. Depois apontou para um largo divã que se achava a um canto e se deitou. Pierre esticou-se ao lado dela. Sua timidez o impedia de fazer qualquer gesto.

Sentiu então a mão dela se metendo habilmente por baixo de sua cinta, deslizando para dentro de suas calças, prosseguindo, passando pela barriga, despertando cada pedaço de carne em que tocava, escorregando, descendo.

A mão parou em seus pêlos pubianos, brincou com eles, moveu-se em torno do pênis sem tocá-lo. Ele começou a pulsar. Pierre pensou que se ela o segurasse, ele morreria de prazer. Abriu a boca ante a expectativa.

A mão dela continuou a se mover lentamente, muito lentamente, em torno e por cima de seus pêlos pubianos. Um dedo explorou o minúsculo rego que havia entre os pêlos e o sexo, onde a pele era macia, procurou cada parte sensível do rapaz, deslizou sob seu pênis e apertou seus testículos.

Finalmente a mão fechou-se em torno do pênis latejante. Foi um choque de prazer tão intenso que Pierre suspirou. Ele esticou a mão, procurando cegamente introduzi-la através das roupas dela. Também queria tocar no âmago de suas sensações. Também queria acariciá-la e penetrar em seus locais secretos. Ele se atrapalhou com as roupas. Descobriu uma abertura. Sentiu seus pêlos pubianos e o rego localizado entre a perna e o monte de Vênus; encontrou a carne tenra, e mergulhou o dedo no sexo molhado.

Então, num frenesi, tentou enfiar o pênis nela. Viu todos os soldados atacando-a. O sangue subiu-lhe à cabeça. Ela o empurrou para longe e não permitiu que a possuísse. A mulher sussurrou-lhe ao ouvido: — Somente com as

mãos. — E se abriu para ele enquanto continuava a acariciá-lo dentro das calças.

Quando Pierre virou-se de novo para enfiar-lhe seu sexo enlouquecido, ela o empurrou, furiosamente dessa vez. Sua mão o excitava e ele não conseguia ficar quieto.

— Vou fazer você gozar deste jeito — disse ela. — Aproveite. Pierre deitou-se de novo, desfrutando as carícias. Mas assim que fechava os olhos, via os soldados inclinando-se sobre seu corpo nu, suas pernas sendo abertas à força, o orifício gotejando em virtude dos ataques, e o que sentia ao pensar nessas coisas era como o furioso e ofegante desejo dos soldados.

De repente Mary Ann fechou o roupão e se levantou. Ficara completamente frígida. Mandou-o embora, e ele nunca mais teve permissão para vê-la.

Aos quarenta anos Pierre ainda era um homem bonito, e fazia sucesso entre as mulheres; a ligação recentemente interrompida com Elena dera muito que falar à vizinhança, na pequena localidade do interior onde vivia. Pierre estava casado com uma mulher muito delicada e encantadora, mas dois anos após o casamento sua saúde declinara a tal ponto que ela se transformara em uma semi-inválida. Pierre a amara com ardor, e sua paixão a princípio parecia revivê-la, mas aos poucos foi se tornando um perigo para a saúde dela. Finalmente o médico aconselhou a que não mais fizessem amor, e a pobre Sylvia entrou em um longo período de castidade. Pierre também se viu subitamente privado de sua vida sexual.

Sylvia estava, naturalmente, proibida de ter filhos, de modo que ela e Pierre decidiram adotar duas crianças do orfanato da aldeia. Foi um grande dia para Sylvia, e ela se vestiu com capricho para a ocasião. Era um grande dia também para o orfanato, porque todas as crianças sabiam que Pierre e sua mulher tinham uma bela casa, uma grande propriedade e gozavam da reputação de serem bondosos.

Foi Sylvia quem escolheu as crianças — John, um menino delicado, de cabelos louros, e Martha, uma menina morena e cheia de vida, ambos com dezesseis anos de idade. Os dois eram inseparáveis no orfanato, tão íntimos quanto irmãos.

Eles foram levados para a casa grande e linda, onde cada um ficou com um quarto que dava para o amplo parque. Pierre e Sylvia cuidaram deles com ternura, orientando-os sempre. Além disso, John cuidava de Martha.

As vezes Pierre os observava com inveja de sua juventude e de sua amizade. John gostava de lutar com Martha. Por muito tempo ela foi a mais forte. Mas um dia, foi John quem derrubou Martha e conseguiu sentar-se sobre o peito dela e soltar um grito de triunfo. Pierre notou então que a vitória dele, precedida por uma acalorada união de seus corpos, não desagradou a Martha. "Aí está a mulher começando a aparecer", pensou Pierre. "Ela quer que o homem seja mais forte."

Mas a mulher que timidamente começava a surgir na jovem não recebia um tratamento galante da parte de John. Ele parecia decidido a tratá-la apenas como uma companheira de suas brincadeiras, até mesmo como um menino. Jamais a elogiava, ou reparava no modo como se vestia ou em seus coquetismos. Na verdade, fazia questão de ser áspero quando ela esboçava meiguice e criticava seus defeitos. John a tratava sem sentimentalismo. E a pobre Martha ficava perplexa e magoada, mas se recusava a demonstrar seus sentimentos. Pierre era a única pessoa ciente da feminilidade magoada de Martha.

Pierre vivia sozinho na grande propriedade. Tinha a seu cargo a fazenda vizinha e outras propriedades de Sylvia espalhadas pela região, porém isso não era suficiente. Ele não tinha companhia. John dominava Martha de modo tão completo, que ela não lhe dava atenção. Ao mesmo tempo, com o olho experiente de homem mais velho, Pierre podia ver muito bem que Martha estava necessitando de outro tipo de relacionamento.

Um dia, quando encontrou Martha sozinha no parque, chorando, arriscou-se a dizer-lhe ternamente: — O que há, Martha? Você sempre pode confiar a um pai o que não pode revelar a um companheiro de brinquedos.

Martha ergueu os olhos para ele, pela primeira vez conscia de sua gentileza e simpatia. Confessou que John a chamara de feia, desajeitada e dissera que ela tinha o lado animal muito forte.

— Que menino bobo — disse Pierre. — Isso não é verdadeiro em absoluto. Ele diz essas coisas porque na realidade tem muito de uma menina e não é capaz de apreciar sua beleza forte e saudável. Na verdade, ele é efeminado e você é maravilhosamente forte e bonita, de um jeito que ele não pode compreender.

Martha fitou-o com gratidão.

Desse dia em diante Pierre passou a cumprimentá-la a cada manhã com uma frase do tipo: "Esse azul realça tanto a cor da sua pele!", ou "Esse seu penteado está muito bonito".

Pierre a surpreendia com perfumes, echarpes e outras pequenas vaidades. Sylvia não mais saía do quarto, e apenas ocasionalmente, em dias ensolarados, sentava-se em uma cadeira, no jardim. John, absorto em estudos científicos, dava cada vez menos atenção a Martha.

Pierre tinha um carro e saía sempre para supervisionar a fazenda. Geralmente ia sozinho. Então começou a levar Martha.

Ela estava com dezessete anos, tinha um ótimo aspecto proporcionado pela vida saudável que levava, a pele clara e os cabelos pretos e brilhantes. Seus olhos eram faiscantes e ardentes e costumavam se demorar no corpo franzino de John — "com demasiada frequência", pensou Pierre, observando-a. Evidentemente estava apaixonada por John, mas este não se dava conta disso. Pierre sentiu uma pontada de ciúme. Olhou sua imagem ao espelho e se comparou com John. O resultado da comparação o favorecia bastante, pois embora John fosse um rapaz

bonito, havia também algo glacial em sua aparência, enquanto os olhos verdes de Pierre ainda eram irresistíveis para as mulheres e do seu corpo desprendia-se grande calor e charme.

Sutilmente ele começou a cortejar Martha, com elogios e atenções, tornando-se seu confidente em todos os assuntos, até ela chegar a lhe confessar a atração que sentia por John, acrescentando: — Ele é absolutamente desumano.

Um dia John a insultou abertamente na presença de Pierre. Ela estivera dançando e correndo e parecia exuberante e cheia de vida. De repente, John fitou-a com reprovação e disse: — Mas que animal você é! Jamais conseguirá sublimar sua energia.

Sublimação! Então era isso que ele queria. Desejava levar Martha para seu mundo de estudos, teorias e pesquisas para negar o fogo existente nela. Martha encarou-o, furiosa.

A natureza estava trabalhando em favor de Pierre. O verão fizera Martha ficar mais lânguida; o verão a despira. Usando menos roupas, ficava cada vez mais consciente do próprio corpo.

A brisa parecia acariciar-lhe a pele. A noite ela se revirava na cama com uma inquietude que não podia compreender. Usava os cabelos soltos e tinha a impressão de que alguém os acariciava a altura do pescoço.

Pierre percebeu logo o que estava lhe acontecendo. Mas não agiu diretamente. Quando a ajudava a saltar do carro, a mão dele demorava-se em seu jovem braço nu. Ou quando ela estava triste e lhe falava da indiferença de John, ele acariciava seus cabelos. Os olhos de Pierre pousavam nela e conheciam cada pedaço de seu corpo, tudo que ele adivinhava estar sob a roupa. Sabia como era fina a penugem que recobria sua pele, como suas pernas eram livres de pêlos, como eram firmes seus jovens seios. Os cabelos de Martha, rebeldes e grossos, freqüentemente roçavam no seu rosto quando ela se inclinava para estudar os relatórios da fazenda com ele. Com freqüência sua respiração misturava-se à dele. Uma vez Pierre deixou a mão um longo tempo em torno de sua cintura, de modo paternal. Ela não se afastou. De certo modo, os gestos dele correspondiam profundamente à sua necessidade de calor humano. Ela pensava estar cedendo a um ardor envolvente e paternal e aos poucos era Martha quem procurava ficar bem junto de Pierre, quem o abraçava quando estavam andando de carro e quem repousava a cabeça em seu ombro quando voltavam para casa nos fins de tarde.

Eles retornavam dessas viagens de supervisão sempre radiantes, com um entendimento secreto que John percebia.

Aquilo o tornava ainda mais taciturno. Mas Martha estava em franca rebelião contra ele. Quanto mais severo e reservado ele se mostrava, mais Martha queria exibir o fogo que havia nela, seu amor pela vida e pelo movimento. Ela se jogou de corpo e alma na amizade com Pierre.

Aproximadamente uma hora de carro havia uma fazenda abandonada que já estivera alugada. Caíra em desuso e Pierre decidiu repará-la para quando John se casasse. Antes de chamar os operários, ele e Martha foram juntos examinar o que havia para ser feito.

Era uma casa enorme, de um único andar, quase completamente oculta pela hera que cobria as janelas como uma cortina natural, escurecendo o interior. Pierre e Martha abriram uma janela. Encontraram muita poeira, a mobília mofada e alguns cômodos destruídos pela chuva. Mas um quarto estava praticamente intacto. Era o quarto principal. Uma cama grande, escura, muitas cortinas, espelhos e um tapete gasto lhe davam, na semi-escuridão, uma certa imponência. Em cima da cama havia uma pesada colcha de veludo.

Pierre, olhando tudo com olhos de arquiteto, sentou-se a beira da cama. Martha ficou de pé, ao seu lado. O calor do verão entrava no aposento em ondas, agitando o sangue de ambos. De novo Martha sentiu como se uma mão invisível a acariciasse. Não lhe pareceu estranho que uma mão de verdade de repente escorregasse por entre suas roupas, com a mesma delicadeza e suavidade da brisa, tocando sua pele. Pareceu-lhe natural e agradável; ela fechou os olhos.

Pierre puxou-a para junto de si e a deitou na cama. Ela conservou os olhos fechados. Aquilo parecia tão-somente a continuação de um sonho. Deitada sozinha em muitas noites quentes, vinha esperando por aquela mão, que fazia tudo quanto imaginara. Metia-se com delicadeza através de suas roupas, livrando-a delas como se fossem uma fina escama, libertando a pele verdadeira e quente. A mão moveu-se por todo o seu corpo, foi a lugares a que ela não sabia que seria possível ir, lugares secretos que latejavam.

De repente ela abriu os olhos. Viu o rosto de Pierre junto ao seu, preparando-se para beijá-la. Sentou-se bruscamente. Com os olhos fechados, supôs que fosse John quem a estava acariciando assim furtivamente. Mas quando viu o rosto de Pierre, ficou desapontada. Fugiu dele. Voltaram para casa em silêncio, mas não zangados. Martha parecia estar drogada. Não conseguia se libertar da sensação do corpo de Pierre sobre o seu. Pierre mostrou-se terno e pareceu compreender sua resistência. Encontraram John tenso e tristonho.

Martha não conseguiu dormir. Cada vez que cochilava começava a sentir a mão novamente, a aguardar seus movimentos, ascendendo pela sua perna na direção do local secreto onde sentia uma pulsação, uma expectativa. Levantou-se e foi à janela. Todo o seu corpo desejava ardentemente que aquela mão a tocasse de novo. Aquele desejo era pior que fome ou sede.

No dia seguinte ela se levantou pálida e determinada. Assim que acabaram de comer, virou-se para Pierre e perguntou: — Temos que visitar a fazenda hoje?

Ele concordou. Saíram de carro. Foi um alívio. O vento batia em seu rosto e ela se sentia livre. Examinou a mão direita dele ao volante do carro — uma bonita mão, jovem, ágil e terna. De súbito, Martha se inclinou e comprimiu os

lábios contra aquela mão. Pierre sorriu com tanta gratidão e alegria que o coração de Martha deu pulos. Juntos eles atravessaram o jardim abandonado, subiram o caminho coberto de musgo e entraram no quarto verde-escuro com suas cortinas de hera. Foram direto para a cama larga, e Martha se deitou primeiro.

— Suas mãos — murmurou ela —, oh, as suas mãos, Pierre. Sentias sobre mim a noite inteira.

Com que suavidade, com que gentileza as mãos dele começaram a acariciar seu corpo, como se estivessem procurando o local onde suas sensações estavam reunidas e não soubessem se era em torno dos seios, nos quadris ou no vale, entre as nádegas. Ele esperou que a carne dela reagisse, notando tremores quase imperceptíveis quando sua mão tocava o ponto que ela desejava. Seus vestidos, suas cobertas, suas camisolas, a água de seu banho, o vento, o calor, tudo conspirava para sensibilizar sua pele até aquela mão realizar as carícias que todas aquelas coisas lhe tinham feito, acrescentando o calor e o poder de penetrar nos locais secretos onde quer que estes se encontrassem. Mas assim que Pierre se aproximou para beijá-la, a imagem de John se interpôs entre eles. Martha fechou os olhos e Pierre sentiu que seu corpo também se fechava. Sabiamente, ele não prosseguiu com as carícias.

Naquele dia, quando retornaram, Martha estava tomada por uma espécie de embriaguez que a fazia se comportar de modo imprudente. A casa era dividida de tal modo que o apartamento de Sylvia e Pierre era ligado ao quarto de Martha, e este, por sua vez, se comunicava com o banheiro usado por John. Quando as crianças eram menores, todas as portas ficavam abertas. Agora, a mulher de Pierre preferia trancar a porta do seu quarto, e a que separava Pierre e Martha também ficava trancada. Nesse dia Martha tomou um banho. Deitada silenciosamente dentro d'água, ela podia ouvir os movimentos de John no quarto. Seu corpo estava febril em razão das carícias de Pierre, mas ela ainda desejava John. Queria fazer mais uma tentativa para despertar o desejo nele, para forçá-lo a se decidir, para saber se havia ou não esperança no amor que sentia por ele.

Depois do banho ela vestiu um quimono branco e comprido, deixando os cabelos longos e negros soltos. Em vez de voltar para o seu quarto, entrou no de John. Ele se espantou ao vê-la. Martha explicou sua presença dizendo: — Estou terrivelmente ansiosa, John; preciso do seu conselho. Breve vou sair de casa.

— Sair de casa?

— Sim — disse Martha. — Está na hora. Tenho que aprender a ser independente. Quero ir para Paris.

— Mas você é tão necessária aqui.

— Necessária?

— Você faz companhia ao meu pai — explicou ele, com amargura. Será que ele estava com ciúme? Prendendo a respiração, Martha aguardou que John

disse mais alguma coisa, e acrescentou: — Eu já devia estar conhecendo gente e tentando me casar. Não posso ser um fardo a vida inteira.

Naquele momento John viu Martha pela primeira vez como mulher. Sempre a considerara uma criança. O que via era um corpo voluptuoso, claramente delineado pelo quimono, os cabelos úmidos, o rosto febril, a boca macia. Ela aguardou. A expectativa que sentia era tão intensa que suas mãos caíram ao longo do corpo, e o roupão se abriu e revelou toda a sua nudez.

John viu então que ela o queria, que estava se oferecendo, mas em vez de se excitar, a rechaçou.

— Martha! Oh, Martha! — disse. — Que animal você é, não passa mesmo da filha de uma prostituta. Sim, no orfanato todos diziam isso, que você era filha de uma puta.

O sangue de Martha subiu-lhe ao rosto.

— E você — disse ela — é um impotente, um monge, e como uma mulher, não é homem. Seu pai, sim, seu pai é um homem. Com isso, saiu correndo do quarto.

A imagem de John parou de atormentá-la. Martha queria apagá-la de seu corpo e de seu sangue. Naquela noite esperou que todos fossem dormir para destrancar a porta do quarto de Pierre e foi deitar-se na cama dele, oferecendo-lhe silenciosamente o corpo frio e abandonado.

Pierre soube que ela estava livre de John, que era sua, pelo modo como foi para a sua cama. Que satisfação sentir aquele corpo jovem e macio deslizando contra o seu. Nas noites de verão ele dormia nu. Martha deixara cair o quimono e também estava nua. Imediatamente o desejo de Pierre se acendeu e ela sentiu sua ereção de encontro ao ventre.

Suas difusas emoções estavam concentradas em uma única parte do corpo. Ela se surpreendeu fazendo gestos que jamais aprendera, envolvendo com a mão o pênis de Pierre, colando seu corpo ao dele, oferecendo a boca para os muitos tipos de beijo que Pierre sabia dar. Martha se entregou num frenesi e Pierre foi capaz de seus maiores feitos.

Cada noite era uma orgia. O corpo dela tornou-se ágil e conhecedor. O vínculo entre eles era tão forte que era difícil fingir durante o dia. Se Martha olhava para Pierre, era como se ele a estivesse tocando entre as pernas. As vezes eles se abraçavam no corredor escuro. Ele a apertava de encontro à parede. Junto à entrada havia um grande armário cheio de casacos e sapatos de neve, onde ninguém jamais entrava no verão. Martha escondia-se naquele armário e Pierre a seguia.

Deitados sobre os casacos, naquele espaço secreto, pequeno, confinado, eles se abandonavam.

Pierre estava sem atividade sexual havia alguns anos e Martha nascera para

aquilo e só vivia para aqueles momentos.

Ela o recebia sempre com a boca aberta e já molhada entre as pernas. Seu desejo surgia antes mesmo de vê-la, à simples idéia de sabê-la esperando no armário escuro. Agiam como animais lutando, prestes a se devorar. Se o corpo de Pierre vencia e ele a subjugava, possuía-a com tamanha força que parecia estar apunhalando-a com seu sexo, vezes sem conta, até ela cair para trás, exausta. Os dois passaram a viver em maravilhosa harmonia, a excitação crescendo ao mesmo tempo em ambos.

Martha tinha um jeito de se agarrar a Pierre como um ágil animal. Ela se esfregava de encontro ao seu pênis ereto e ao seus pêlos pubianos com um tal ímpeto, que ele ficava ofegante. Aquele armário escuro se transformou no covil de dois animais.

Às vezes eles iam de carro para a casa da fazenda abandonada e passavam a tarde lá. Tornaram-se tão saturados de sexo que se Pierre beijasse as pálpebras de Martha ela sentiria seu beijo entre as pernas. Seus corpos estavam carregados de desejo, e eles não conseguiam exauri-lo.

John se transformou em uma pálida imagem de si próprio. Pierre e Martha não perceberam que ele os observava. A mudança que ocorreu em Pierre foi evidente. Seu rosto resplandecia, seus olhos brilhavam, seu corpo ficou mais jovem. E em Martha! A voluptuosidade estava aparente em todo o seu corpo. Cada movimento seu era sensual — servir café, apanhar um livro, jogar xadrez, tocar piano, tudo ela fazia como quem fazia uma carícia. Seu corpo tornou-se mais cheio e os seios ficaram tensos sob a roupa. John não podia se sentar entre Pierre e Martha. Mesmo quando os dois não se olhavam ou se falavam, ele podia sentir uma corrente poderosa ligando-os.

Um dia em que eles foram de carro para a fazenda abandonada, John, em vez de continuar estudando, sentiu uma onda de preguiça e vontade de tomar um pouco de ar fresco. Montou na bicicleta e saiu andando sem rumo, sem pensar neles, mas talvez se lembrando meio inconscientemente do boato que corria no orfanato sobre Martha ter sido abandonada por uma prostituta muito conhecida. A impressão de John era de que em toda a sua vida, embora amasse Martha, também a temera.

Achava que ela tinha qualquer coisa de animal, que podia gostar das pessoas da mesma forma que gostava de comida, que seus pontos de vista sobre os outros eram completamente opostos aos dele. Martha diria: "Ele é bonito" ou "Ela é encantadora". Ele diria: "Ele é interessante" ou "Ela tem bom caráter". Martha expressara sua sensualidade desde garotinha, quando brigava com ele, quando o acariciava. Gostava de brincar de esconder, e quando John não conseguia achá-la, ela saía do esconderijo para que ele pudesse agarrar seu vestido e pegá-la.

Uma vez estavam brincando juntos e construíram uma cabana. Logo estavam abraçados, bem juntinhos. Então John viu o rosto dela. Martha fechara

os olhos para desfrutar o calor dos dois corpos unidos, enquanto John sentia um medo tremendo.

Por que medo? Em toda a sua vida ele fora perseguido por essa aversão a sensualidade. Não conseguia explicar aquilo. Mas era o que acontecia. Já pensara seriamente em tornar-se um monge.

Sem pensar em seu destino, ele chegou à velha casa da fazenda. Havia muito tempo que não a visitava. Avançou em silêncio, caminhando sobre o musgo e a grama muito crescida. Só por curiosidade resolveu entrar e investigar. Assim, chegou sem fazer ruído ao aposento onde se encontravam Pierre e Martha. A porta estava aberta. Ele parou petrificado ante a visão.

Era como se o seu maior medo se tivesse tornado realidade. Pierre estava deitado de costas, os olhos semicerrados, e Martha, completamente nua, comportava-se como um demônio, trepando por cima dele, num desejo frenético pelo seu corpo de homem.

John ficou paralisado com o choque, mas mesmo assim percebeu todos os detalhes. Martha, desembaraçada, voluptuosa, estava não apenas beijando o sexo de Pierre como também agachando-se sobre sua boca e depois se jogando e esfregando os seios contra o corpo dele, enquanto Pierre permanecia deitado de costas, extasiado e hipnotizado pelas carícias dela.

Nisso, e sem que tivesse sido ouvido, John saiu correndo. Acabara de ver o pior dos vícios infernais, confirmando seus receios de que a natureza de Martha fosse mesmo erótica, pois acreditara que seu pai adotivo estivesse meramente cedendo à sua paixão. Quanto mais ele tentava apagar aquela cena da memória, mais ela penetrava em todo o seu ser, destacada, indelével, persistente.

Quando Pierre e Martha retornaram, John ficou espantado ao ver como as pessoas podem ter no dia-a-dia uma aparência completamente diferente daquela que têm ao fazer amor. A mudança era obscena. O rosto de Martha estava fechado, e antes denunciava todo o prazer que sentia através dos olhos, dos cabelos, da boca e da língua. E Pierre, o sério Pierre, há pouco não era um pai, e sim um corpo bastante jovial e esticado em uma cama, abandonado à luxúria furiosa de uma mulher sem limites.

John sentiu que não podia mais continuar em casa sem denunciar sua descoberta à mãe enferma, a todo mundo. Quando declarou sua intenção de incorporar-se ao exército, Martha dirigiu-lhe um rápido e penetrante olhar de espanto. Até aquele momento achara que John fosse apenas puritano. Mas acreditava também que ele a amasse e que, mais cedo ou mais tarde, sucumbiria a ela. Queria os dois. Pierre era o amante que qualquer mulher sonharia em ter. Quanto a John, poderia educá-lo, mesmo contrariando a natureza dele. Mas John estava indo embora. Permanecia algo inacabado entre eles, como se o calor gerado por suas brincadeiras tivesse sido interrompido, mesmo que destinado a ter prosseguimento em sua vida adulta.

Naquela noite ela tentou de novo argumentar com John. Foi até o seu quarto. Ele a recebeu com tamanha revolta que Martha exigiu uma explicação; forçou-o a se abrir, e por fim ele deixou escapar a narrativa da cena que testemunhara. Não podia crer que ela amasse Pierre. Acreditava que fosse o animal que existia nela. Ao ver sua reação, ela achou que jamais conseguiria possuí-lo.

Martha se deteve junto à porta e lhe disse:

— John, você está convencido de que meu lado animal predominou sobre mim. Pois bem, posso provar facilmente que não sou assim. Já disse que o amo. E vou provar. Não só vou romper com Pierre, como também virei até aqui todas as noites e ficarei com você, para dormirmos juntos como no tempo em que éramos crianças, e vou provar a você como sou casta, livre de desejo.

Os olhos de John se arregalaram. Ele se sentiu profundamente tentado. A lembrança de Martha e seu pai fazendo amor era intolerável. Ele justificava essa intolerância a si próprio com base em motivos morais. Não reconhecia estar com ciúme.

Não admitia quanto gostaria de estar no lugar de Pierre, de ter toda a experiência com mulheres que ele tinha. Não indagou a si próprio por que repudiava o amor de Martha. Mas qual seria o motivo de ele ser tão afastado dos apetites naturais dos outros homens e mulheres?

John concordou com a proposta de Martha. Astutamente, Martha não rompeu com Pierre de um modo que o alarmasse, limitando-se a dizer-lhe que John estava desconfiado e que queria acabar com todas as suas dúvidas antes que ele ingressasse no exército.

Enquanto John esperava pela visita de Martha, procurava recordar tudo o que podia de seus sentimentos sexuais. Suas primeiras impressões eram ligadas a Martha — dos dois no orfanato, protegendo-se mutuamente, inseparáveis. Seu amor por ela então era ardente e espontâneo. Ele se deliciava em tocá-la. Um dia, quando Martha estava com onze anos, uma mulher foi visitá-la. John a viu enquanto esperava no parlatório. Nunca tinha visto ninguém assim. Ela usava roupas justas que ressaltavam seu corpo cheio, voluptuoso. Os cabelos ondulados eram cor de ouro, com reflexos ruivos, e os lábios estavam tão pintados que fascinaram o garoto. Ele a fitou e depois a viu abraçar Martha. Posteriormente soube que era a mãe dela, que a abandonara quando pequena e mais tarde a reconhecera, mas que não podia criá-la por ser a prostituta favorita da cidade.

Depois disso, sempre que o rosto de Martha resplandecesse de excitação, sempre que seu rosto brilhasse, que ela usasse um vestido apertado ou fizesse o menor gesto coquete, John sentiria grande perturbação e rancor. Tinha a impressão de ver nela a mãe, achava que seu corpo era provocante, que ela era lasciva. John a questionava. Queria saber o que pensava, com que sonhava, quais eram seus mais secretos desejos. Ela respondia com ingenuidade. A pessoa de quem mais gostava no mundo era John. O que lhe dava mais prazer era ser

tocada por ele.

— O que você sente então? — perguntava John.

— Contentamento, um prazer que não sei explicar.

John estava convencido de que não era por causa dele que ela sentia aqueles prazeres semi-inocentes, pois sentiria a mesma coisa com qualquer homem. Imaginava que a mãe de Martha devia sentir a mesma coisa com todos os homens que encostavam nela.

Ao afastar-se de Martha, privando-a da afeição de que ela carecia, ele a perdera. Mas isso John não era capaz de ver.

Sentia um grande prazer em dominá-la. Iria mostrar-lhe o que era castidade, como podia haver amor sem sensualidade.

Martha apareceu à meia-noite, silenciosamente. Usava uma camisola comprida e branca, e por cima da camisola um quimono. Os cabelos longos e espessos caíam-lhe sobre os ombros. Os olhos brilhavam de modo anormal. Mostrava-se serena e delicada, como se fosse mesmo a irmã de John. Sua costumeira vivacidade estava controlada, reprimida. Desse modo não assustava o rapaz. Parecia outra Martha.

A cama era muito larga e baixa. John apagou a luz. Martha deitou-se sem encostar o corpo no dele. John tremia. Aquilo o fazia lembrar-se do orfanato, onde, para conseguir conversar mais um pouco com ela, fugia do dormitório dos meninos e ia falar-lhe pela janela. Naquele tempo ela usava também uma camisola branca, mas seus cabelos eram presos em tranças. John disse isso a Martha e perguntou-lhe se ela o deixaria fazer tranças em seus cabelos. Ele a queria ver de novo como uma garotinha. Martha deixou. No escuro, as mãos dele encontraram seus fartos cabelos e os trançaram. Depois os dois fingiram cair no sono.

Mas John viu-se atormentado por uma série de imagens. Via Martha nua e depois a mãe dela com o vestido justo que revelava todas as suas curvas, e de novo lá estava Martha, agachada como um animal sobre o rosto de Pierre. O sangue latejava em suas têmporas e ele sentiu vontade de estender a mão. Ele o fez. Martha segurou-a e a colocou sobre seu coração, em cima do seio esquerdo. John sentiu seu coração batendo. E foi desse modo que os dois finalmente dormiram. De manhã acordaram juntos. John descobriu que tinha se aproximado de Martha e passado a noite colado a ela. Acordou desejando-a, sentindo seu calor. Furioso, saltou da cama e fingiu ter de se vestir rapidamente.

E assim eles passaram a primeira noite. Martha mostrando-se delicada e submissa. John atormentado de desejo. Mas seu orgulho e seu medo eram ainda maiores que o desejo.

Ele sabia o que tanto temia. Tinha medo de que pudesse ser impotente. Receava que seu pai, conhecido como um Dom Juan, fosse mais potente e mais hábil. Tinha medo de ser desajeitado. Receava que, uma vez despenado o fogo

vulcânico de Manha, não conseguisse satisfazê-lo. Uma mulher menos fogosa não o teria assustado tanto. Ele tinha se preocupado muito em controlar sua natureza e seu impulso sexual. Talvez tivesse sido bem-sucedido demais. Duvidava de si próprio.

Com sua intuição feminina, Martha devia ter adivinhado tudo isso. A cada noite ela vinha mais tranqüila, mostrava-se mais delicada, mais humilde. Os dois dormiam juntos inocentemente. Ela não revelava o calor que sentia entre as pernas quando John se deitava a seu lado. Martha realmente dormia. Ele as vezes permanecia acordado, perseguido por imagens sensuais de seu corpo nu.

Uma ou duas vezes ele acordou no meio da noite e puxou o corpo dela para junto de si e, com a respiração presa, acariciou-a. Seu corpo era indefeso e cálido, assim adormecido. Ateveu-se a erguer a camisola de Martha pela bainha, a puxá-la por cima dos seios e a passar a mão em seu corpo para sentir-lhe as formas. Martha não acordou. Isso lhe deu coragem. John limitou-se a acariciá-la, a sentir com cuidado as curvas do seu corpo, cada linha dele, até saber onde a pele se tornava mais suave, onde ficava a carne mais cheia, onde se localizavam os vales, onde tinham início os pêlos pubianos.

O que ele não sabia era que Martha estava semidesperta, desfrutando suas carícias, sem se mexer, com medo de assustá-lo. Uma vez ela ficou muito excitada e quase teve um orgasmo. De outra feita ele se atreveu a colocar seu pênis ereto contra suas nádegas, mas foi só uma vez.

Cada noite ele ousava um pouco mais, surpreso com o fato de não despertá-la. Seu desejo era constante, e Martha era mantida em um tal estado de febre erótica que ela própria se admirava de sua capacidade de fingir. John tornou-se mais atrevido. Aprendeu a esfregar o sexo entre as pernas dela muito delicadamente, sem penetrá-la. O prazer era tão grande que passou a entender todos os amantes do mundo.

Atormentado por tantas noites de contenção, John esqueceu seus cuidados e possuiu Martha meio adormecida, assustando-se ao ouvir pequenos sons de prazer subindo de sua garganta durante suas investidas. Ele não foi para o exército. E Martha conservou os dois amantes satisfeitos: Pierre durante o dia, e John durante a noite.

Manuel

Manuel desenvolvera uma forma peculiar de se satisfazer que fizera sua família repudiá-lo, de modo que ele vivia como um boêmio em Montparnasse. Quando não estava obcecado por exigências eróticas, era astrólogo, um cozinheiro extraordinário, um grande contador de casos e uma excelente companhia para uma noite em um café. Só que nenhuma dessas ocupações era capaz de distrair-lhe a mente da obsessão que dominava sua vida. Mais cedo ou mais tarde, Manuel tinha de abrir a braguilha das calças e exhibir seu membro gigantesco.

Quanto maior fosse o número de pessoas que testemunhasse a cena, melhor. Se estava entre pintores e modelos, esperava que todos estivessem um tanto babados e mais alegres, e então se despia por completo. Seu rosto ascético e sonhador, seus olhos poéticos e seu corpo de monge faziam um contraste tão grande com seu comportamento, que não havia quem não se espantasse. Se virassem o rosto, desviando os olhos, Manuel não sentia prazer. Mas se o olhassem, por um segundo que fosse, ele caía em uma espécie de transe, seu rosto ficava extático e logo ele rolava pelo chão em uma crise de orgasmo.

As mulheres tendiam a fugir dele. Manuel tinha de lhes implorar que ficassem e recorria a todo tipo de truques. Gostava de posar como modelo e só procurava trabalho em estádios de artistas do sexo feminino. Mas como entrava em ereção assim que as alunas o viam nu, os homens logo o atiravam no olho da rua. Se Manuel era convidado para uma festa, primeiro tentava levar uma mulher sozinha para um aposento vazio ou uma varanda. Então arriava as calças. Se a mulher ficasse interessada, ele caía em êxtase. Caso contrário, saía correndo atrás dela, de pênis ereto, voltava para a festa e se exibia em público, esperando criar curiosidade. Não se podia dizer que fosse uma bela visão, pelo contrário. Como seu pênis não combinava com o rosto austero e o corpo ascético, adquiria proeminência ainda maior, como se fosse algo à parte.

Finalmente Manuel achou a mulher de um pobre agente literário, que praticamente estava morrendo de fome e de excesso de trabalho, e com quem fez a seguinte combinação. Ele iria ao seu apartamento de manhã para fazer o trabalho da casa para ela, lavar a louça, varrer tudo, fazer as compras e coisas desse tipo, com a condição de que quando tivesse terminado pudesse se exhibir. Nesse caso ele exigia toda a sua atenção. Queria que ela o observasse desafivelando o cinto, desabotoando as calças e baixando-as. Ele não usava cuecas. Manuel segurava o pênis e o sacudia como uma pessoa que avalia um objeto valioso. Ela teria de ficar bem perto dele e observar cada gesto. Tinha de olhar para o seu pênis como olharia para um prato de comida de que gostasse muito.

Essa mulher acabou por desenvolver a arte de satisfazê-lo por completo.

Ficava absorta ante seu pênis, dizendo: — É um belo pênis o seu, o maior que já vi em Montparnasse. Tão macio e duro! E lindo!

Enquanto ela pronunciava essas palavras, Manuel continuava a sacudir o pênis como uma panela de ouro diante dos olhos dela, e ele próprio ficava com a boca cheia de saliva. Manuel era o maior admirador de seu próprio membro. Quando ambos se inclinavam para observá-lo, seu prazer se tornava tão intenso que seu corpo tremia todo, da cabeça aos pés, sempre segurando o pênis e sacudindo-o no rosto dela. O tremor aumentava cada vez mais até que ele caía no chão, todo encolhido, rolando sobre si próprio como uma bola até gozar, e às vezes ejaculava no próprio rosto.

Freqüentemente Manuel parava nos cantos escuros das ruas, nu sob um sobretudo. Quando passava uma mulher, ele abria o casaco e se exibia. Mas isso era perigoso e a polícia poderia puni-lo severamente. Ele gostava mais de entrar no compartimento vazio de um trem, desabotoar dois botões da braguilha e sentar-se recostado no banco como se estivesse bêbado ou adormecido, com o pênis aparecendo um pouco através da abertura. Ia entrando gente em outras estações. Se ele estivesse com sorte, podia ser que uma mulher se sentasse bem à sua frente e ficasse olhando para ele. Como parecia estar bêbado, geralmente ninguém tentava despertá-lo. As mulheres não costumavam protestar. Se entrasse uma mulher acompanhada de meninas em idade escolar, era o paraíso. Manuel tinha uma ereção e a coisa chegava a tal ponto que a mulher e suas filhas acabavam por ter de deixar o compartimento.

Um dia Manuel encontrou uma alma gêmea em seu divertimento favorito. Ele se sentara sozinho em um compartimento do trem e estava fingindo ter adormecido quando entrou uma mulher que se sentou à sua frente. Era uma prostituta já meio velhusca, e sua profissão era facilmente denunciável pelos olhos pesadamente pintados, pela verdadeira máscara de pó que lhe cobria o rosto, as olheiras muito acentuadas, os cabelos exageradamente ondulados, os sapatos cambaios e o vestido e o chapéu velhos mas ainda com um certo ar coquete.

Através dos olhos semicerrados, Manuel a observava. Ela deu uma olhada em suas calças parcialmente abertas, e depois olhou de novo. Ela também recostou-se no banco e fingiu adormecer. Quando o trem deu a partida, levantou a saia por completo. Estava nua por baixo. Depois abriu bem as pernas e se expôs, ao mesmo tempo em que continuava olhando para o pênis de Manuel, que estava intumescendo e acabou por ficar totalmente de fora. E assim os dois ficaram sentados um à frente do outro, se observando. Manuel receou que a mulher resolvesse se adiantar e tentasse empalmar seu membro, o que não era de modo algum o que ele desejava. Mas não, ela era viciada no mesmo prazer passivo. Sabia muito bem que ele estava olhando para o seu sexo.

Finalmente os dois abriram os olhos e sorriram um para o outro. Manuel

estava entrando em êxtase, mas não teve tempo de notar que ela própria se encontrava no mesmo estado que ele. Ela começou a se mover quase imperceptivelmente para a frente e para trás, como se estivesse se balançando para cair no sono. O corpo dele começou a tremer com imenso prazer, e ela então se masturbou, sorrindo para ele o tempo todo. Manuel casou-se com ela, que jamais tentou entregar-se a ele como as outras mulheres.

Linda

Linda olhou-se ao espelho com ar de crítica, aproveitando o fato de seu quarto estar bem iluminado pelo sol. Tendo passado dos trinta anos, estava começando a ficar preocupada com a idade, embora não houvesse qualquer indício que denotasse o declínio de sua beleza. Era esbelta e de aparência jovem. podia enganar a qualquer um, menos a ela própria. A seus olhos sua carne já estava começando a perder um pouco da firmeza de antes, aquela suavidade de mármore que alguns anos atrás admirara com tanta frequência àquele mesmo espelho.

Também não era menos amada. Pelo contrário, era mais amada do que nunca, porque atraía todos os homens mais jovens que sentiam estar ali uma mulher com quem poderiam aprender os melhores segredos do amor, e que não se sentiam atraídos por jovens de sua idade por considerá-las atrasadas, inocentes, inexperientes e ainda dominadas pela família.

O marido de Linda, um belo homem de quarenta anos, a amara com o fervor de um amante por muito tempo. Fechava os olhos para seus jovens admiradores. Acreditava que ela não os levava a sério, que o interesse que demonstrava era devido apenas à sua imaturidade e à sua necessidade de proteger as pessoas que estavam começando a viver. Ele próprio tinha a reputação de ser um sedutor de mulheres de todas as classes e tipos. Ela se lembrava de que na noite de núpcias André fora um amante arrebatado, adorando separadamente cada parte de seu corpo como se ela fosse uma obra de arte, tocando-a maravilhado, e comentando seus ouvidos, seus pés, seu pescoço, seus cabelos, seu nariz, suas bochechas e suas coxas. As palavras dele e sua voz, o modo como a acariciava, tudo fizera a carne de Linda desabrochar como uma flor.

Ele a treinou para que fosse um instrumento sexualmente perfeito, para que vibrasse com cada forma de carícia. Uma vez ensinou-lhe a relaxar todo o corpo e a concentrar o erotismo na boca. E ela se transformara em uma mulher meio drogada, deitada, imóvel, quieta e lânguida — mas com um outro órgão sexual que eram seus lábios e sua boca.

André tinha uma paixão toda particular por bocas. Na rua só olhava para a boca das mulheres. Para ele a boca era indicativo de sexo. Lábios apertados não auguravam voluptuosidade. Uma boca generosa, ao contrário da boca de lábios finos, era indício seguro de um sexo quente e arrebatado. Lábios úmidos o excitavam tremendamente. Uma boca entreaberta como que pronta para beijar o faria seguir obstinadamente sua dona pela rua até que pudesse possuí-la e comprovar mais uma vez sua convicção quanto aos poderes reveladores de uma boca.

A de Linda o seduzira desde o primeiro instante. Tinha uma expressão

perversa, meio dolorosa. Havia algo no modo como Linda a usava, abrindo os lábios de um jeito apaixonado que prometia existir nela uma pessoa que se derramaria sobre o homem amado como uma tempestade. Quando André viu Linda pela primeira vez, ficou tão fascinado pela sua boca que se sentiu como se já estivesse fazendo amor com ela. E foi assim na noite de núpcias. Ele estava realmente obcecado. E foi em sua boca que ele se jogou, beijando-a até queimar-lhe os lábios e a língua. Só depois de ter despertado totalmente a sexualidade de Linda pela sua boca é que ele a possuiu.

André jamais a tratou como esposa. Sempre foi o amante, dando-lhe presentes, flores, novos prazeres. Levava-a para jantar nos *cabinets particuliers* de Paris e nos melhores restaurantes, onde todos os *maitres* e *garçons* pensavam que ela fosse sua amante. Ele escolhia a comida e o vinho mais excitantes para ela. Embriagava-a com suas palavras de carinho.

Cortejava sua boca. Fazia-a dizer que o desejava. E perguntava: — E como você me quer? Que parte de mim você quer hoje?

As vezes Linda respondia:

— Minha boca deseja você. Quero senti-lo dentro de minha boca, quero sentir você inteiro dentro de mim.

Outras vezes ela dizia:

— Estou morna, úmida entre as pernas.

Era assim que eles conversavam à mesa dos restaurantes, nos pequenos reservados criados especialmente para amantes. Locais em que os *garçons* eram muito discretos, pois sabiam quando não deveriam aparecer. A música que ouviam vinha de uma fonte invisível. Sempre havia um divã. Quando a refeição era servida, e André já tinha apertado os joelhos de Linda entre os seus e roubado uns beijos, ele a possuía ali mesmo no divã, sem tirar a roupa, como amantes que não têm tempo para se despir.

Ele a levava aos camarotes escuros dos teatros famosos, possuindo-a enquanto o espetáculo estava se desenrolando. Procedia do mesmo modo nos táxis, ou em uma barca ancorada que alugava camarotes para amantes, em frente à *Notre-Dame*. Em toda parte, menos em casa, no leito conjugal. Levava-a de carro até cidadezinhas distantes, onde se hospedavam em hotéis românticos. Gostava também de levá-la para passar a noite em luxuosas casas de prostituição que conhecera em seu tempo de solteiro. Então a tratava como prostituta. Obrigava-a a se submeter a seus caprichos, pedia para ser chicoteado, que ela engatinhasse pelo quarto e que não o beijasse, e sim que o lambesse todo, como um animal.

Tais práticas tinham excitado a sensualidade de Linda a um grau tão elevado que ela própria tinha medo. Temia quando chegasse o dia em que André não mais pudesse satisfazê-la. Ela sabia que sua sensualidade era vigorosa, e que a dele eram as últimas chamas de um homem que se gastara em uma vida de

excessos e lhe oferecia suas últimas forças.

Por fim chegou o dia em que André teve de fazer uma viagem de dez dias. Linda ficou inquieta e febril. Um conhecido, amigo de André, que era o pintor do momento em Paris e favorito de todas as mulheres, telefonou-lhe. Ele perguntou: — Está aborrecida, Linda? Gostaria de nos fazer companhia em um tipo muito especial de festa? Você por acaso tem uma máscara?

Linda sabia exatamente o que ele queria dizer. Ela e o marido muitas vezes tinham rido das festas de Jacques, no Bois. Era sua distração favorita, em uma noite de verão, reunir gente da sociedade usando máscaras, seguir de carro até o Bois com um carregamento de garrafas de champanhe, encontrar uma clareira em uma região bem arborizada e se distrair à vontade.

Ela se sentiu tentada. Jamais participara de uma festa daquelas. André nunca consentira. Costumava brincar, dizendo que a questão das máscaras poderia confundir-lo e ele não queria fazer amor com a mulher errada.

Linda aceitou o convite. Pôs um de seus vestidos de noite mais novos, um de cetim pesado que se ajustava a seu corpo como uma luva. Não vestiu roupa de baixo nem pôs qualquer jóia que pudesse identificá-la. Mudou o penteado, do estilo pajem que usava normalmente para um estilo pompadour que revelava o formato de seu rosto e de seu pescoço. Depois ajustou a máscara negra, prendendo-a com um elástico nos cabelos, para maior segurança.

No último minuto ela decidiu trocar a cor dos cabelos e fez uma rinçagem negro-azulada. Quando se arrumou de novo e se olhou ao espelho, nem chegou a se reconhecer.

Cerca de oitenta pessoas tinham sido convidadas para se encontrar no estúdio do pintor. O grande aposento estava quase as escuras, de modo a preservar melhor o sigilo da identidade dos convidados. Assim que todos chegaram, foram levados para os automóveis que os esperavam. Os motoristas sabiam para onde ir. Na área mais afastada do bosque havia uma bela clareira coberta de musgo. Lá eles se sentaram, depois de dispensar os motoristas, e começaram a festa com champanhe.

Muitas das carícias já tinham tido início antes, nos carros superlotados. As máscaras conferiam a todos uma liberdade que transformava as pessoas mais refinadas em verdadeiros animais. Mãos deslizavam por baixo dos suntuosos vestidos de noite para tocar aquilo que desejavam, joelhos colavam-se uns aos outros, respirações ficavam ofegantes.

Linda foi perseguida por dois homens. O primeiro fez tudo o que podia para excitá-la, beijando-lhe a boca e os seios, enquanto o outro, com mais sucesso, acariciou-lhe as pernas sob o vestido comprido; estremecendo-se toda, ela se deixou trair, revelando quanto estava excitada. Então ele quis carregá-la para um canto mais escuro.

O primeiro homem protestou, mas estava bêbado demais para competir

com o segundo. Ela foi carregada para longe do grupo até um lugar onde as árvores produziam densas sombras e o musgo era mais alto. Nas proximidades, ouviam-se gritos de resistência, grunhidos e até mesmo os gritos histéricos de uma mulher que berrava: — Vem, vem logo, não posso esperar mais, vem, vem!

A orgia tinha atingido o auge. Mulheres se acariciavam umas as outras. Dois homens dedicaram-se a excitar uma mulher de um modo terrível, e depois interromper as carícias, só para se deliciarem com a visão dela enlouquecida de paixão, semidespida, com um dos seios de fora, esfregando-se neles, suplicando, levantando a saia de modo obsceno.

Linda ficou atônita com a bestialidade de seu agressor. Ela, que até então apenas conhecera os carinhos voluptuosos do marido, via-se nas garras de um homem infinitamente mais potente, diante de um desejo tão violento que chegava a ser devorador.

As mãos dele a agarraram como duas tenazes. Ele a ergueu para penetrá-la, como se não se importasse nem um pouco de partir-lhe os ossos daquela maneira. Usou coups de béliet, exatamente como um chifre a penetrá-la, a escornada de um touro que, ao contrário de feri-la, a fez desejar poder reagir com a mesma fúria. Depois de se satisfazer com uma selvageria e uma violência que a deixaram extasiada, ele sussurrou: — Agora quero que você goze totalmente, está me ouvindo? Goze como nunca gozou antes em toda a sua vida. — E ergueu o pênis intumescido diante de Linda, como o primitivo símbolo de madeira, oferecendo-o para que ela o usasse como desejasse.

O homem incitou-a a liberar seus apetites mais violentos. Linda nem se deu conta de que o mordia. Ele arquejou em seus ouvidos: — Continue, continue. Eu conheço vocês, mulheres, nunca trepam verdadeiramente como querem.

Das profundezas do seu corpo, de algum lugar que ela jamais desconfiara que existisse, subiu uma febre selvagem que a consumiu toda, que não conseguiu se satisfazer com a boca dele, com sua língua, com seu pênis dentro dela, uma febre que não cedeu nem mesmo com um orgasmo. Linda sentiu que os dentes dele estavam enterrados em seu ombro, quando ela própria lhe mordeu o pescoço, e depois caiu para trás e perdeu a consciência.

Quando acordou, estava deitada em uma cama de ferro, em um quarto miserável. Um homem estava deitado ao seu lado. Ambos estavam meio cobertos pelo lençol. Ela reconheceu o corpo que a esmagara na noite anterior, no Bois. Era o corpo de um atleta, grande, moreno, musculoso. A cabeça era bem conformada, forte; os cabelos, ondulados. Quando ele abriu os olhos e sorriu, Linda ainda o contemplava cheia de admiração.

— Eu não podia deixar você voltar com os outros. Talvez nunca mais a visse de novo — disse ele.

— Como você me trouxe para cá?

- Rapsei você.
- Onde estamos?
- Em um hotel muito pobre, onde moro.
- Então você não e...

— Não sou amigo de ninguém daquele grupo, se é a isso que você está se referindo. Sou um simples operário. Uma noite, voltando do trabalho na minha bicicleta, vi um de seus partouzes. Tirei a roupa e me misturei ao grupo. As mulheres pareceram gostar de mim. Ninguém descobriu minha verdadeira identidade. Após ter-me divertido bastante, desapareci sem que dessem pela minha ausência. Ontem eu estava passando por lá de novo quando ouvi vozes. Encontrei você sendo beijada por aquele homem e a tirei dele. Agora a trouxe para cá. Pode ser que lhe cause problemas, mas não pude desistir de você.

Você é uma mulher de verdade, perto das outras. Você tem fogo.

— Tenho de ir embora — disse Linda.

— Mas quero que prometa que voltara.

Ele se sentou na cama e a fitou. A beleza física dele lhe dava uma certa grandeza que fazia Linda vibrar com sua proximidade. Ele começou a beijá-la e ela se sentiu lânguida de novo. Pôs a mão em seu pênis, rijo como uma clava. Os prazeres da noite anterior ainda corriam pelo seu corpo. Deixou que ele a possuísse de novo quase como para se certificar de que não tinha sonhado. Não, aquele homem era capaz de penetrá-la com um pênis que queimava todo o seu corpo e de beijá-la como se nunca mais fosse vê-la. Sim, aquele homem era real.

E assim Linda retornou a ele. E era em seu miserável quarto de hotel barato que ela se sentia mais viva. Mas depois de um ano ela o perdeu. Ele se apaixonou por outra mulher, com quem se casou. Linda tinha ficado tão acostumada com ele que qualquer outro homem lhe parecia delicado demais, excessivamente refinado, frágil. Entre os homens que conhecia não havia nenhum com a força selvagem e o fervor de seu amante perdido. Procurou-o vezes sem conta, nos pequenos bares, nos lugares mais recônditos de Paris. Conheceu lutadores, artistas de circo, atletas. Em cada um deles tentou encontrar os mesmos abraços. Mas não houve um que conseguisse excitá-la da mesma forma.

Quando Linda perdeu seu operário porque ele queria ter uma mulher só sua, uma mulher que estivesse a sua espera quando ele voltasse do trabalho, uma mulher que cuidasse dele, ela contou o que lhe ocorrera ao cabeleireiro. Em Paris, os cabeleireiros desempenham um papel vital na vida das mulheres. Não apenas as penteiam, coisa extremamente importante para todas elas, como também representam um papel de árbitro da moda para cada uma. São seus melhores críticos e confessores em assuntos amorosos. As duas horas necessárias para lavar, enrolar, secar e pentear os cabelos são tempo mais que suficiente para as confidências. O isolamento dos pequenos compartimentos reservados

protege os segredos.

Quando Linda chegou a Paris, vinda de uma cidadezinha do sul, onde nascera e onde tinha conhecido seu marido, tinha apenas vinte anos de idade. Vestia-se mal, era tímida e inocente. Seus cabelos eram bonitos, mas ela não sabia como penteá-los. Não se pintava. Admirando as vitrines da Rue Saint-Honoré ela percebeu suas deficiências com toda a nitidez.

Descobriu o que significava o famoso "chique" parisiense, aquela paixão pelo detalhe que transformava qualquer mulher em uma obra de arte. O objetivo de tudo era realçar os atributos físicos. O principal fator responsável pelo efeito final era o talento dos costureiros. Nenhum outro país era capaz de imitar a qualidade erótica das roupas francesas, a arte de permitir que o corpo expresse todo o seu encanto através da roupa. Na França eles conheciam o valor erótico dos tecidos sedosos pretos, bem pesados, mais desnudando que vestindo.

Sabiam como delinear o contorno dos seios, como fazer as dobras da roupa seguirem os movimentos do corpo. Conheciam os mistérios dos véus, da renda sobre a pele, da roupa íntima provocante, de um vestido audaciosamente decotado.

A elegância do contorno de um sapato, o acabamento de um par de luvas, são coisas assim que dão à parisiense uma elegância, um certo ar atrevido que a fazem ultrapassar em muito as outras mulheres. Séculos de coquetismo produziram uma perfeição que se evidencia não apenas nas mulheres ricas, como também nas outras, nas balconistas das lojas, por exemplo. E o cabeleireiro é o sacerdote desse culto à perfeição. Ele tutela as mulheres que chegam do interior. Dá refinamento às mulheres vulgares. Faz as mulheres comuns aprenderem como se destacar; a todas elas dá nova personalidade.

Linda teve sorte de cair nas mãos de Michel, cujo salão ficava próximo aos Champs-Élysées. Michel era um homem de quarenta anos, magro, muito elegante e um tanto efeminado. Falava suavemente, tinha belas maneiras, beijava a mão das mulheres como um aristocrata. Sua conversa era sempre interessante e bem-humorada. Podia-se dizer que era um filósofo e um criador de mulheres. Quando viu Linda pela primeira vez, inclinou a cabeça para o lado, como um pintor prestes a dar início a uma obra de arte.

Após alguns meses Linda emergiu das portas de seu salão como outra pessoa. Além de tratar de seu aspecto físico, Michel se tornara seu confessor e diretor espiritual. Ele não começara como cabeleireiro de mulheres ricas. Não se envergonhava de contar que viera de um bairro muito pobre, onde seu pai tinha um salão. Os cabelos das mulheres que o freqüentavam eram estragados pela má alimentação, pelos sabonetes baratos e pela falta de cuidado.

— Secos como — dizia ele. — E perfume barato demais. Havia apenas uma única mocinha, de quem jamais me esquecerei, que era a exceção. Ela trabalhava para um ateliê de costura, e tinha verdadeira paixão por perfumes

caros, embora não pudesse comprá-los. Eu costumava guardar o resto dos frascos de perfume de papai para ela.

Sempre que fazia uma rinçagem de perfume em uma mulher, deixava um pouco para Gisèle. E quando ela aparecia eu gostava de derramar um pouco entre seus seios. Ela gostava tanto que nem percebia quanto eu ficava extasiado com aquilo. Na hora em que espargia o perfume, aproveitava para dar uma olhada em seus seios pequenos, de mulher jovem. Gisèle, perfumada, tinha um jeito voluptuoso de se mover, de fechar os olhos para melhor sentir o odor. E às vezes reclamava que eu a tinha molhado demais, e esfregava o vestido de encontro aos seios para secar.

"Uma vez eu não pude mais resistir. Deixei o perfume cair em seu pescoço, e quando ela tirou a cabeça para trás e fechou os olhos, deslizei a mão pelos seus seios. Bem, Gisèle nunca mais voltou.

"Mas isso foi apenas o início de minha carreira de perfumista de mulheres. Comecei a levar tudo aquilo mais a sério. Passei a ter uma série de bons perfumes em vaporizadores e gostava de aplicá-los nos seios de minhas clientes. Elas nunca recusavam. Então aprendi a escovar um pouco os cabelos delas, depois que estavam prontas. É uma tarefa muito agradável, pode acreditar em mim.

"E os cabelos de certas mulheres me poem em um estado que nem sou capaz de descrever. Você poderia se ofender... É que há certas mulheres que têm cabelos com um cheiro tão íntimo, como almíscar, que fazem um homem . . . bem, nem sempre consigo me controlar. Você bem sabe como as mulheres ficam indefesas quando estão deitadas na cadeira para lavar os cabelos, ou quando estão sob o secador."

Michel era capaz de olhar para uma cliente e dizer: "Você podia facilmente fazer quinze mil francos por mês", o que significava um apartamento nos Champs-Élysées, um carro, roupas finas e um amante generoso. Ou ela podia se tornar uma mulher de primeira categoria, amante de um senador, ou de um autor ou artista da moda.

Quando ele ajudava uma mulher a conseguir uma posição dessas, fazia questão de conservar o seu segredo. Jamais falava sobre a vida de ninguém, nem citava nomes ou dados corretos. Havia dez anos ele conhecia uma mulher casada com o presidente de uma grande indústria americana. Pois bem, ela ainda possuía seu cartão de prostituta profissional, e era bem conhecida da polícia e dos hospitais aonde as prostitutas vão se submeter a exames semanais. Mesmo depois de tanto tempo ela ainda não tinha conseguido se acostumar a nova posição e às vezes se esquecia de que tinha dinheiro mais que suficiente para dar gorjetas nos aeroportos em suas viagens internacionais. Em vez de uma moeda, ela lhes entregava seu cartãozinho com o endereço.

Foi Michel quem aconselhou Linda a jamais ser ciumenta, fazendo-a se

lembrar de que há mais mulheres que homens no mundo, sobretudo na França, e que uma mulher tem de ser generosa com o marido — se não fosse assim, imagine só quantas outras mulheres jamais iriam conhecer o amor. Michel dizia essas coisas com seriedade. Considerava o ciúme uma forma de mesquinhez. As únicas mulheres verdadeiramente generosas eram as prostitutas, as atrizes, aquelas que não negavam seu corpo. Em sua opinião, o tipo de mulher que menos prestava era a cavadora de ouro americana, que sabia como extrair dinheiro dos homens sem se entregar, o que Michel considerava o máximo em matéria de mau caráter.

Michel achava que toda mulher deve, de vez em quando, se comportar como uma puta. Pensava que no fundo todas as mulheres gostariam de se entregar à devassidão, e se agissem assim, isso só poderia lhes fazer bem. Era o melhor modo de reter a sensação importante de ser uma fêmea.

Desse modo, foi inteiramente natural para Linda, quando perdeu seu operário, ir se aconselhar com Michel. E ele lhe disse que tentasse a prostituição. Desse modo, segundo o cabeleireiro, ela teria a satisfação de provar a si própria que era inteiramente desejável sem levar em conta a questão do amor, e ainda mais, poderia encontrar um homem que a tratasse com a necessária violência por que tanto ansiava. Em seu próprio mundo ela era demasiado mimada, cortejada, adorada para saber seu real valor como fêmea, para ser tratada com a brutalidade de que gostava.

Por sua vez, Linda achou ser aquele o melhor modo de descobrir se estava envelhecendo e perdendo seus encantos.

Assim, pegou o endereço que Michel lhe deu, entrou em um táxi e foi parar diante de uma aristocrática mansão na Avenue du Bois. Foi recebida sem perguntas.

'De bonne famille?' Foi a única coisa de que quiseram se certificar. Tratava-se de uma casa especializada em mulheres de bonne famille. A zeladora telefonou imediatamente para um cliente: — Temos uma novata, uma mulher muito refinada.

Linda foi levada para um espaçoso boudoir com mobília de marfim e cortinas de brocado. Já tinha tirado o chapéu e o véu, e estava diante do imenso espelho de moldura dourada ajeitando os cabelos, quando a porta se abriu.

O homem que entrou tinha aparência quase grotesca. Baixinho e corpulento, com a cabeça muito grande para o corpo, o rosto de uma criança que crescera demais, e excessivamente suave e desajeitado para sua idade e corpulência. Ele entrou e caminhou depressa na direção de Linda, e beijou-lhe a mão com cerimônia.

— Minha querida — disse ele —, que bom você ter podido fugir de sua casa e de seu marido.

Linda já ia protestar quando se deu conta de que o homem estava a fim de

representar. De imediato passou a viver o seu papel, embora no íntimo tremesse ante a idéia de se entregar àquele tipo. Desviou os olhos para a porta, perguntando-se se não seria capaz de dar um jeito de fugir. Mas ele lhe surpreendeu o olhar e disse rapidamente: — Não precisa ter medo. O que eu desejo não é nada que você possa recear. Sou-lhe grato por ter arriscado sua reputação para me encontrar aqui, por ter deixado seu marido em meu benefício. O que lhe peço é muito pouco, já que sua simples presença me deixa muito feliz. Nunca vi uma mulher tão bela quanto você, e tão aristocrática. Adoro seu perfume, seu vestido, o bom gosto de suas jóias. Deixe-me ver seus pés. Que lindos sapatos! Seu tornozelo, devo dizer-lhe, é simplesmente perfeito. Ah, não é sempre que uma mulher tão bonita vem me ver. Não tenho tido sorte com as mulheres.

Cada vez ele parecia mais uma criança. Tudo nele era infantil: a insegurança de seus gestos, a maciez de suas mãos.

Quando acendeu um cigarro, ela teve a impressão de que devia ser a primeira vez que fumava, em razão da falta de jeito com que o segurava e da curiosidade com que observava a fumaça.

— Não posso ficar por muito tempo — disse ela, impelida pela ânsia de fugir. Aquilo nada tinha a ver com a sua expectativa.

— Não a deterei por muito tempo. Quer me deixar ver seu lenço?

Ela lhe passou o lenquinho delicado e muito perfumado. O homem esquisito o cheirou com intenso prazer. Só depois é que ele se explicou: — Não tenho qualquer intenção de possuí-la do modo que você devia estar esperando que eu fizesse. Nesse ponto sou completamente diferente dos outros homens. Só quero que passe esse lenço entre as pernas e depois o dê para mim. Nada mais.

Linda viu que aquilo seria muito mais fácil do que supusera e atendeu ao pedido de boa vontade. Ele ficou observando-a se inclinar, erguer a saia, abaixar as calcinhas de renda e passar o lenço lentamente entre as pernas. Nesse instante ele se inclinou um pouco para a frente e pôs a mão no lenço, a fim de que ela o esfregasse com mais força e também o passasse uma outra vez. Ele tremia da cabeça aos pés. Seus olhos se dilatavam. Linda notou que estava enormemente excitado. Quando pegou o lenço, segurou-o como se aquele pedaço de tecido fosse uma mulher, ou uma jóia de grande valor.

Ele estava absorto demais para falar. Caminhou até a cama, deixou o lenço sobre a colcha e, desabotoando as calças, se atirou sobre ele. Depois de ficar algum tempo se esfregando no lenço, sentou-se na cama, embrulhou o pênis com ele e se masturbou até atingir um orgasmo que o fez gritar de felicidade. Tinha se esquecido completamente de Linda. O lenço ficou molhado com sua ejaculação, e ele permaneceu deitado, arquejante.

Linda deixou-o. No corredor encontrou a mulher que a havia recebido; ela ficou espantadíssima com o fato de Linda querer ir embora tão cedo.

— Mas eu lhe dei um dos nossos clientes mais refinados — disse —, uma criatura inofensiva.

Foi depois desse episódio que Linda, em uma manhã de domingo, sentou-se no Bois para ver as pessoas passarem com suas roupas novas de primavera. Estava concentrada naquele verdadeiro desfile de cores e elegância, quando se deu conta de um determinado perfume bem perto dela. Virou a cabeça. Do seu lado direito estava sentado um homem de cerca de quarenta anos de idade, elegantemente vestido, com cabelos negros penteados para trás com muito cuidado. Será que o perfume viria de seus cabelos? Fazia Linda se lembrar de uma viagem que tinha feito a Fez, da grande beleza dos homens árabes que vira lá. Tinha um efeito muito poderoso sobre ela. Linda olhou para o homem. Ele se virou e sorriu para ela, um sorriso brilhante de dentes muito brancos e fortes, com dois deles ligeiramente fora do lugar, o que lhe dava um certo ar travesso.

— Você está usando um perfume que senti em Fez — disse Linda.

— Você está certa — disse o homem. — Eu estive em Fez. Comprei esse perfume em um mercado. Tenho verdadeira paixão por perfumes. Mas desde que conheci esse, nunca mais usei outro.

— Tem uma fragrância que lembra madeira exótica — comentou Linda. — Todos os homens deviam cheirar a madeira preciosa. Sempre sonhei em ir a um país qualquer da América do Sul onde houvesse uma floresta inteira de árvores que exsudassem perfumes maravilhosos. Houve uma época em que andei apaixonada por patchuli, um perfume muito antigo.

Ninguém mais o usa. Vinha da Índia. Os xales de nossas avós eram sempre saturados de patchuli. Também gosto de caminhar pelas docas, para apreciar o perfume das especiarias que sempre há nos armazéns. Você já fez isso?

— Muitas vezes. E há ocasiões em que sigo mulheres na rua por causa de seu perfume.

— Estive a ponto de ficar em Fez e me casar com um árabe.

— Por que não se casou?

— Bem, a história é a seguinte: eu tinha me apaixonado por um árabe, que visitei diversas vezes. Era o homem mais bonito que eu jamais tinha visto em toda a minha vida. Tinha a pele bem escura, os olhos negros e uma expressão de tanto fervor e emoção na fisionomia que simplesmente me empolgava. Sua voz era grave e poderosa, mas seus modos eram gentis. Sempre que conversava com qualquer pessoa, mesmo na rua, segurava-lhe as mãos ternamente, como se quisesse envolver todos os seres humanos com sua enorme ternura. Eu estava completamente seduzida, mas.

— O que aconteceu?

— Um dia, quando estava fazendo muito calor, nós nos sentamos no jardim para tomar chá gelado com hortelã e ele retirou o turbante. Sua cabeça era completamente raspada, escanhoadá mesmo. Uma tradição árabe. Acho que

todos raspam a cabeça, não sei. O fato é que aquilo me curou da paixão que eu sentia por ele.

O estranho riu da narrativa de Linda.

Com perfeita sincronização, os dois se levantaram e saíram caminhando juntos. Linda estava tão excitada pelo perfume que os cabelos do estranho exalavam que ficou tonta, como se tivesse bebido vinho demais. Sentia as pernas bambas, a cabeça zonz. Respirava tão fundo que seus seios arfavam visivelmente, para deleite de seu companheiro, que os observava como se estivesse contemplando o mar se desfazendo em ondas a seus pés.

Ele se deteve no fim da avenida.

— Eu moro lá — disse, apontando para um apartamento com diversas varandas. — Você gostaria de subir para tomar algo comigo no terraço?

Linda aceitou. Tinha a impressão de que, se ficasse sem sentir aquele perfume que a encantava tanto, iria morrer.

Pouco tempo depois, estavam sentados em uma das varandas do apartamento dele, bebericando em silêncio. Linda recostou-se languidamente na cadeira. O estranho continuou a olhar fixo para os seus seios. Nenhum dos dois fez qualquer movimento. Ambos começaram a sonhar.

Ele foi o primeiro a se mover. Quando a beijou, Linda se viu levada de volta a Fez, ao jardim do seu árabe. Lembrava-se bem das sensações daquele dia, do seu desejo de se ver envolvida no manto branco que ele usava, de como admirava sua voz poderosa e seus olhos ardentes. O sorriso do estranho era cintilante, como o do árabe. O estranho era o árabe, com uma brilhante cabeleira negra, perfumada como a cidade de Fez. Eram dois os homens que estavam fazendo amor com ela. Ela conservou os olhos fechados. O árabe a estava despiando. O árabe a estava tocando com suas mãos ardentes. Ondas de perfume dilatavam o corpo dela, abriam-no, preparavam-no para a entrega final. Seus nervos estavam prontos para o clímax, tensos, reagindo.

Ela entreabriu os olhos e viu os dentes cintilantes prestes a morder sua carne. Foi nessa hora que o sexo dele a tocou e penetrou-a. Parecia estar carregado de eletricidade, e cada golpe gerava correntes que percorriam todo o seu corpo.

Ele abriu-lhe as pernas como se quisesse parti-la. Seus cabelos caíram no rosto. Sentindo o cheiro dele, Linda percebeu que ia gozar e gritou para apressá-lo a fim de que gozassem juntos. No momento do orgasmo ele gritou como um tigre enfurecido, um som tremendo de felicidade, êxtase e paixão, algo que Linda jamais ouvira. Era como imaginara que o árabe gritaria, como um animal selvagem, satisfeito com a presa. Linda abriu os olhos. Seu rosto estava coberto com os cabelos negros dele. Ela abocanhou uma mecha.

Seus corpos estavam completamente entrelaçados. As calcinhas dela tinham sido puxadas tão depressa que haviam ficado na altura de um dos tornozelos. Inexplicavelmente, ele havia enfiado um pé em uma das metades delas. Ao

verem suas pernas presas por aquele pedaço de renda negra, eles riram.

Ela retornou muitas vezes ao seu apartamento. Seu desejo por ele começava muito tempo antes de cada encontro, enquanto estava se vestindo. A qualquer hora do dia o perfume dele surgia de alguma fonte misteriosa e a perseguiu. As vezes estava prestes a atravessar uma rua, mas o perfume voltava tão vivamente às suas narinas que ela sentia o conhecido turbilhão entre as pernas e tinha de ficar parada, indefesa, túrgida, pronta para ser possuída. Em outras ocasiões, um pouco do perfume ficava em seu corpo e a perturbava à noite, quando dormia sozinha. Nunca fora tão facilmente excitável. Sempre precisara de tempo e carícias, mas para o árabe — como o chamava em seu íntimo — estava sempre eroticamente preparada, a tal ponto que receava gozar quando ele encostasse um dedo em seu sexo.

Isso aconteceu um dia. Ela chegou ao apartamento dele já úmida e trêmula. Os lábios de seu sexo estavam intumescidos, como se já tivessem sido acariciados, os bicos de seus seios estavam túmidos. Quando ele a beijou, ela ficou estonteada. Ele escorregou a mão diretamente para o seu sexo. A sensação foi tão intensa que ela gozou.

Certo dia, cerca de dois meses após o início da aventura, ela foi procurá-lo, mas quando ele a tomou nos braços Linda não sentiu desejo. Não parecia ser o mesmo homem. Parado diante dela, ela pôde observar friamente sua elegância e seu ar comum. Parecia qualquer outro francês bem-apegoado que costumasse passear pelos Champs-Élysées, ou que fosse freqüentador habitual de estréias teatrais ou corridas de cavalo.

Mas o que teria mudado nele? Por que não se sentia aturdida como sempre acontecia em sua presença? Achava-o um homem tão comum, tão diferente do árabe! Seu sorriso era menos brilhante; sua voz, menos profunda. Repentinamente ela se atirou em seus braços e cheirou-lhe os cabelos.

— Seu perfume — gritou —, você não está usando seu perfume!

— Acabou — disse o árabe-francês. — E não consegui comprar mais. Mas por que você tem de ficar tão transtornada por causa disso?

Linda tentou recapturar o estado de espírito que ele sempre lhe inspirava. Mas sentiu o corpo frígido. Resolveu fingir que nada havia de diferente. Fechou os olhos e começou a sonhar. Estava em Fez de novo, sentada em um jardim. O árabe estava ao seu lado, em um sofá baixo. Jogou-a sobre o sofá, beijou-a, enquanto as águas de um pequeno chafariz cantavam em seus ouvidos, e o perfume familiar se evolava de um queimador de incenso. Mas não. O sonho acabara. Não havia incenso. O lugar cheirava como um apartamento francês qualquer. O homem que estava com ela era um estranho, e já não tinha mais a magia que a dominara e a fizera desejá-lo. Nunca mais foi procurá-lo.

Embora Linda não tivesse apreciado o incidente do lenço, após ficar sem fazer nada de diferente durante alguns meses, ela começou de novo a se sentir

inquieta. Era perseguida por recordações, por histórias que tinha ouvido, pela impressão de que por toda parte homens e mulheres estavam desfrutando uma vida sexual agradável. Temia que seu corpo estivesse morrendo, pois não mais sentia prazer com o marido.

Lembrava-se de ter sido sexualmente despertada por acaso quando era criança. Sua mãe lhe comprara umas calcinhas muito pequenas, que ficavam apertadas entre as pernas. Tinham irritado sua pele, e à noite, quando se deitou, ela se coçara.

Caindo no sono, a coceira fora se tornando cada vez mais agradável, até ela se tornar cônica do prazer que estava sentindo.

Continuou a se acariciar e descobriu que quando os dedos chegavam perto de um certo ponto, o prazer aumentava. Havia uma parte que ficava meio inchada, meio enrijecida sob seus dedos e onde a sensibilidade era maior ainda.

Poucos dias depois mandaram-na se confessar. O padre se sentou e ela teve de ajoelhar a seus pés. Ele era dominicano e usava uma longa corda com uma borla na extremidade, do seu lado direito. Quando Linda se ajoelhou, a borla ficou encostada nela. O padre tinha uma voz potente e cálida que a envolvia, e inclinou-se um pouco para ouvi-la melhor. Quando ela terminou de contar os pecados comuns — raivas, mentiras e coisas assim — fez uma pausa. Observando sua hesitação, ele sussurrou em um tom de voz muito mais baixo que o inicial: — Você algum dia teve sonhos impuros?

— Que sonhos, padre?

A borla, que tinha ficado exatamente no lugar sensível entre suas pernas, a estava excitando do mesmo modo que as carícias das noites anteriores. Tentou chegar mais perto. Queria ouvir melhor a voz do padre, grave e sugestiva, fazendo-lhe perguntas sobre sonhos impuros. Ele explicou: — Você já sonhou que estava sendo beijada ou que beijava alguém?

— Não, padre.

Linda sentia que a borla a excitava infinitamente mais que seus dedos porque, de uma forma misteriosa, ela passara a fazer parte da voz dele, tão quente, e de umas palavras mais sugestivas, como "beijos". Ela se apertou mais de encontro ao padre e o fitou.

O padre sentiu que Linda tinha algo a confessar e perguntou: — Você alguma vez já se acariciou?

— Me acariciei como?

Ele quase desistiu da pergunta, achando que errara em sua intuição, mas a fisionomia de Linda confirmou suas suspeitas.

— Você algum dia já se tocou com suas próprias mãos?

Foi exatamente nessa hora que Linda desejou com todas as suas forças ser capaz de fazer um movimento qualquer de fricção e alcançar a sensação extrema que descobrira havia algumas noites. Mas recebeu que o padre

percebesse e a repelisse, o que a faria perder tudo o que conseguira até aquele instante. Estava determinada a conservá-lo atento às suas palavras, e começou: — Padre, é verdade, eu tenho algo terrível a confessar. Uma noite eu me cocei e comecei a me acariciar e...

— Minha filha, minha filha — interrompeu o padre. — Você tem de parar com isso imediatamente.

É impuro, é sujo. Você vai arruinar sua vida desse modo.

— Por que é impuro? — perguntou Linda, apertando-se de encontro à borla. Sua excitação estava aumentando. O padre inclinou-se mais até que seus lábios ficaram quase encostados na testa dela. Linda se sentiu meio tonta. Ele disse: — Essas carícias serão permitidas apenas ao seu marido. Se você fizer isso agora e abusar, vai ficar cada vez mais fraca e ninguém vai gostar de você. Com que frequência você tem feito isso?

— Há três noites, padre. E tenho sonhado também.

— Que tipo de sonhos?

— Sonho sempre que alguém está me tocando lá.

Cada palavra que ela dizia aumentava sua excitação, e, fingindo estar muito envergonhada e passando por grande crise de consciência, ela se atirou de encontro aos joelhos do padre e baixou a cabeça como se estivesse chorando. Na verdade, fora o contato com a borla que lhe provocara um orgasmo e ela estava tremendo por inteiro. O padre, imaginando que fosse remorso e vergonha, abraçou-a, fê-la levantar-se e consolou-a.

Marcel

Marcel chegou ao barco, os olhos azuis cheios de surpresa e assombro, com tantos reflexos quanto o rio. Olhos famintos, ávidos, desprotegidos. Sobre a expressão inocente e absorta, caíam grossas sobrancelhas, selvagens como as de um camponês. Sua rusticidade era atenuada pela testa luminosa e pelos cabelos sedosos. A pele também era frágil; o nariz e a boca, vulneráveis e transparentes; mas as mãos de camponês, como as sobrancelhas, denunciavam sua força.

No seu discurso era a loucura que predominava, a compulsão para analisar. Tudo o que lhe acontecia, tudo o que caía em suas mãos, cada hora do seu dia, tudo era constantemente comentado, desmontado em mil pedaços. Ele não podia beijar, desejar, possuir, desfrutar, sem uma prévia análise. Planejava seus movimentos com o auxílio da astrologia; com frequência se deparava com o maravilhoso, e tinha mesmo um certo dom para evocá-lo. Mas assim que isso acontecia, Marcel o agarrava com a violência de quem estava incerto de tê-lo visto ou ouvido, de quem desejava transformá-lo em realidade.

Gostei de seu jeito amável e vulnerável — antes de ele falar, que lembrava um animal muito suave, ou sensual, quando sua doença não era perceptível. Ele parecia então não ter magoas, andava com uma bolsa cheia de anotações, programas, livros novos, achados, talismãs, perfumes, fotografias. A impressão que dava era de estar flutuando, como um barco sem amarras. Ele perambulava, vagava, explorava, visitava os loucos, consultava horóscopos, reunia informações esotéricas, colecionava plantas e pedras.

— Em tudo existe uma perfeição que não pode ser possuída — dizia. — Eu a vejo em fragmentos de mármore, em pedaços de madeira velha. Existe uma perfeição no corpo da mulher que jamais pode ser possuída ou conhecida completamente, mesmo no ato sexual.

Ele usava a gravata frouxa dos boêmios de cem anos atrás, um boné de apache, calças listradas de burguês. Ou então um manto negro como o de um monge, uma gravata-borboleta de ator vulgar e provinciano, ou uma echarpe de cáften amarrada no pescoço, amarela ou vermelha cor de sangue. Podia estar também com um terno presenteado por um homem de negócios, com a gravata exibida pelo gangster de Paris ou o chapéu usado aos domingos pelo pai de onze filhos. Aparecia com a camisa preta de um conspirador, com a camisa xadrez de um camponês da Borgonha, no macacão azul de operário.

As vezes deixava a barba crescer e parecia o Cristo. Outras vezes se barbeava e ficava parecendo um violinista húngaro de uma feira itinerante.

Eu nunca sabia em que disfarce viria me ver. Se Marcel tinha uma identidade, essa era a da mudança, de ser qualquer coisa; era a identidade de um ator para quem a vida é uma contínua representação.

— Um dia eu apareço — ele me dissera.

Nesse instante estava deitado na cama, contemplando o teto pintado. Passou as mãos na colcha. Através da janela olhou para o rio.

— Gosto de vir para cá — disse ele. — O rio é como um sedativo, me acalma. Meus sofrimentos parecem irreais quando estou aqui.

Chovia; ouvia-se o barulho da chuva no telhado do barco. Às cinco horas Paris sempre tem uma corrente de erotismo no ar. Será que isso ocorre porque é a hora em que os amantes se encontram, ou porque entre as dezessete e as dezenove horas acontecem todos os romances franceses? Nunca à noite, parece, porque todas as mulheres são casadas e só estão livres na "hora do chá", o grande álibi. As dezessete sempre sinto arrepios de sensualidade, compartilhados com a lasciva Paris.

Assim que o sol começa a se pôr, tenho a impressão de que toda mulher que vejo está correndo para encontrar o amante, que todo homem corre para encontrar a amante.

Quando me deixa, Marcel me beija no rosto. A barba me toca como uma carícia. O beijo no rosto é como o de um irmão, carregado de intensidade. Tínhamos jantado juntos. Sugeriu que dançássemos. Fomos ao Bal Negre. Imediatamente Marcel ficou paralisado. Tinha medo de dançar. Receava me tocar. Tentei atraí-lo para a dança, mas ele não quis. Ficava desconcertado. Quando finalmente me tomou nos braços estava tremendo, enquanto eu me divertia com a confusão que causava. Sentia-me feliz por estar perto dele. Gostava de seu corpo esbelto e alto.

— Você está triste? — perguntei. — Quer ir embora?

— Não estou triste, mas bloqueado. Todo o meu passado parece me deter. Não consigo me liberar. Essa música é tão selvagem. Sinto como se só pudesse inspirar, como se fosse incapaz de expirar. Estou apenas embaraçado, contrafeito.

Não pedi mais que ele dançasse comigo. Dancei com um negro. Quando finalmente saímos para a noite fria, Marcel falou sobre seus nós, seus medos, a paralisia que o bloqueava. Senti que o milagre não tinha acontecido. Eu o libertarei com um milagre, não com palavras, não diretamente, não com as palavras que eu usava com os doentes. Sei por que sofre. Já sofri também. Mas conheço o Marcel livre. Quero Marcel livre. Mas quando Marcel foi ao barco e viu Hans, quando presenciou a chegada de Gustavo à meia-noite, permanecendo após a sua saída, ficou com ciúme. Vi seus olhos azuis se sombrearem. Quando se despediu de mim com um beijo, fitou Gustavo com ódio.

— Saia comigo por um instante — disse-me.

Deixei o barco e caminhei com ele ao longo do cais escuro. Assim que ficamos a sós, ele me beijou com paixão, furiosamente, a boca grande e cheia bebendo a minha. Ofereci-lhe de novo os lábios.

— Quando você ira me ver? — perguntou.

— Amanhã, Marcel. Amanhã irei vê-lo.

Quando cheguei à sua casa, ele tinha se vestido com um traje da Lapônia. Era como as roupas russas. Estava também com um gorro de peles e botas pretas de cano tão alto que quase encostavam em seus quadris. Seu quarto era o refúgio de um viajante, cheio de objetos de todas as partes do mundo. As paredes eram cobertas de tapetes vermelhos e a cama, de peles de animais. Um lugar escondido, íntimo, voluptuoso como os cômodos de um sonho provocado pelo ópio. As peles, as paredes de um vermelho-escuro, os objetos, como os fetiches de um sacerdote africano — tudo era violentamente erótico. Eu queria deitar nua sobre as peles, ser possuída sentindo aquele cheiro de animal, acariciada pelas peles.

Fiquei no quarto vermelho, e Marcel me despiu. Segurou-me pela cintura. Explorou ansiosamente meu corpo com as mãos. Sentiu o volume dos meus quadris.

— Pela primeira vez, uma mulher de verdade — disse. — Tantas já vieram aqui, mas pela primeira vez veio uma mulher de verdade, alguém que posso adorar.

Deitada na cama tive a sensação de que o cheiro, o contato das peles e a rusticidade de Marcel se combinavam. O ciúme quebrara sua timidez. Ele era como um animal, faminto de sensações, ávido por me conhecer de todos os modos. Beijou-me sequiosamente, mordeu meus lábios. Deitou-se nas peles de animais beijando meus seios, apalpando minhas pernas, meu sexo, minhas nádegas. Depois, à meia-luz, moveu-se para cima de mim e enfiou o pênis em minha boca. Senti que meus dentes o prendiam quando ele o empurrava e o tirava, mas Marcel estava gostando. Observava-me e acariciava-me, com as mãos por todo o meu corpo, os dedos em toda parte, procurando me conhecer completamente, me dominar.

Passei as pernas por cima de seus ombros, bem alto para que pudesse mergulhar dentro de mim e me ver ao mesmo tempo. Ele queria ver tudo. Queria ver como o pênis entrava e saía, brilhante e firme, grande. Ergui-me sobre os punhos para oferecer meu sexo mais e mais a seus arremessos. Depois ele me virou e deitou-se sobre mim como um cachorro, enfiando o pênis por trás, com as mãos em concha sobre meus seios, acariciando-me e me apertando simultaneamente. Marcel era incansável. Não gozava. Eu estava esperando para chegar ao orgasmo com ele, mas Marcel adiava, adiava. Queria prolongar, sentir meu corpo para sempre, ficar interminavelmente excitado. Eu estava começando a me cansar e gritei: — Vamos, Marcel, agora! Vamos!

Ele começou então a empurrar com violência, movimentando-se comigo no ritmo selvagem e crescente do orgasmo; eu gritei e ele gozou quase ao mesmo tempo que eu. Caímos entre as peles, aliviados. Ficamos deitados na penumbra, cercados por estranhas formas — trenós, botas, colheres da Rússia, cristais,

conchas do mar. Mas tudo, até mesmo um pedaço de lava do Cracatoa, até mesmo uma garrafa de areia do mar Morto, tudo tinha uma sugestão erótica bem definida.

— Você tem o ritmo certo para mim — disse Marcel. — As mulheres geralmente são rápidas demais. Entro em pânico por causa disso. Elas gozam, e eu fico com medo de continuar. Não me dão tempo para senti-las, conhecê-las, alcançá-las, e eu fico louco depois que saem, pensando em sua nudez e em como não tive o meu prazer. Mas você é lenta. Você é como eu.

Estávamos diante da lareira enquanto eu me vestia. Conversávamos. Marcel meteu a mão por baixo de minha saia e começou a me acariciar. De repente ficamos cegos de desejo outra vez. Fiquei parada, com os olhos fechados, sentindo sua mão avançar. Ele agarrou minha bunda com as mãos vigorosas de camponês; pensei que fôssemos rolar na cama de novo, mas em vez disso ele ordenou: — Levante o vestido. Encostei-me na parede, erguendo o corpo contra o dele. Marcel pôs a cabeça entre minhas pernas, agarrando minhas nádegas, passando a língua em meu sexo, chupando e lambendo até eu ficar molhada de novo. Então puxou o pênis para fora e me possuiu ali mesmo, encostada na parede. Seu pênis túrgido e ereto como uma furadeira, mexendo-se, investindo contra mim enquanto eu ficava toda molhada e me dissolvia na sua paixão.

Gosto mais de fazer amor com Gustavo do que com Marcel, porque ele não é tímido, nem nervoso, nem tem medo. Ele cai num sonho, nós hipnotizamos um o outro com carícias. Toco no seu pescoço e passo os dedos pelos seus cabelos pretos.

Acaricio sua barriga, suas pernas, seus quadris. Quando passo a mão em suas costas, do pescoço até as nádegas, o corpo dele estremece de prazer. Como uma mulher, ele gosta de carinho. Seu sexo se atíça. Mas não o seguro senão quando ele começa a saltar. Então Gustavo geme de prazer. Eu o seguro com a mão inteira, agarro com firmeza e aperto para cima e para baixo. Ou então passo a língua na cabeça de seu pênis, e Gustavo o mete e o tira de minha boca. As vezes ele goza e eu engulo o esperma. Outras vezes é ele quem começa as carícias. Eu fico molhada facilmente; seus dedos são tão quentes e sábios! Outras vezes fico tão excitada que gozo com o simples contato de sua mão. Quando ele sente que estou vibrando e pulsando, fica excitado. Não espera que o orgasmo termine; enfia o pênis como se quisesse sentir as últimas contrações. Seu membro me enche completamente, é feito sob medida para mim, de modo que pode deslizar com facilidade. Fecho os lábios internos em torno dele e o sugo. As vezes o pênis de Gustavo fica maior do que em outras ocasiões, e então o prazer é imenso, demorado. O orgasmo nunca termina.

Com frequência as mulheres o perseguem, mas Gustavo é como uma mulher e precisa crer que ama. Embora uma bela mulher possa excitá-lo, se ele não sentir qualquer tipo de amor, se crê impotente.

E estranho como o caráter de uma pessoa se reflete no ato sexual. Se ela é nervosa, tímida, inquieta, temerosa, o ato sexual será assim mesmo. Se a pessoa é tranqüila, o ato é agradável. O pênis de Hans jamais fica flácido, de modo que ele se demora, sem incertezas, com muita segurança. Ele se instala no meu prazer para desfrutá-lo com calma até a última gota.

Marcel é mais apreensivo, mais inquieto. Chego a sentir, quando seu pênis está ereto, que está ansioso para demonstrar seu poder e que se apressa, levado pelo medo de que sua tesão não dure muito.

Ontem à noite, após ler alguns textos de Hans, de suas cenas sensuais, ergui os braços sobre a cabeça. Senti minhas calças de cetim escorregarem um pouco na cintura, e meu ventre e meu sexo cheios de vida. Na escuridão, Hans e eu nos entregamos a uma orgia prolongada. Senti-me como se estivesse possuindo todas as mulheres que ele possuía. Tudo que seus dedos tocaram, todas as línguas, todos os sexos de que sentira o cheiro, todas as palavras que pronunciara sobre sexo, tudo, tudo isso eu sentia dentro de mim, todo um mundo febril de orgasmos.

Marcel e eu estávamos deitados no sofá. Na penumbra do cômodo ele falava sobre as fantasias eróticas que tinha e como era difícil satisfazê-las. Sempre quisera uma mulher que usasse muitas anáguas — ele deitaria por baixo dela e olharia para cima. Lembrava-se de que fizera isso com sua primeira babá, e, fingindo brincar, olhara por baixo de suas saias. Essa primeira sensação erótica permanecera com ele. Eu me ofereci: — Farei isso para você. Faremos todas as coisas que sempre desejamos fazer ou que quisemos que fizessem conosco. Temos a noite toda. Há tantos objetos aqui que podemos usar! Você também tem as fantasias. Vou me vestir para você.

— É mesmo? — disse Marcel. — Farei qualquer coisa que você quiser, tudo o que me pedir.

— Primeiro me dê as fantasias. Você tem saias de camponesa. Começaremos com os seus caprichos. E não vamos parar enquanto não tivermos realizado todos. Agora deixe que eu me vista.

Fui até o outro cômodo e vesti as saias que ele trouxera da Grécia e da Espanha, uma em cima da outra. Marcel estava deitado no chão. Voltei. Ele corou de prazer quando me viu. Sentei-me na beirada da cama.

— Agora se levante — disse Marcel.

Eu me levantei. Deitado no chão, ele olhou por entre minhas pernas, por baixo das saias. Separei-as um pouco e fiquei quieta, com as pernas afastadas. Marcel olhava para mim, deitado; isso me excitou, de modo que comecei a dançar, muito lentamente, do jeito que vira as mulheres árabes dançarem, sacudindo devagar os quadris, para que ele pudesse ver meu sexo se mover entre as saias. Dancei e me mexi e girei, e ele continuou olhando, ofegante de prazer. Depois não conseguiu mais se conter, puxou-me e começou a me morder e a me beijar. Eu o detive após algum tempo.

— Não me faça gozar, espere.

Deixei-o e, para atender à sua fantasia seguinte, voltei nua, usando apenas botas pretas de feltro. Depois Marcel quis que eu fosse cruel.

— Por favor, seja cruel — implorou.

Completamente nua, com as pernas metidas nas botas pretas de cano alto, comecei a mandar que ele fizesse coisas humilhantes. Eu lhe disse: — Saia e traga para mim um homem bonito. Quero que ele me possua na sua frente.

— Isso eu não vou fazer — retrucou Marcel.

— Eu ordeno que você o faça. Disse que faria tudo que eu mandasse.

Marcel se levantou e desceu. Voltou cerca de meia hora depois com um vizinho, um russo muito bonito. Marcel estava pálido; pôde ver que gostei do russo. Marcel explicou o que estávamos fazendo. O russo olhou para mim e sorriu. Não tive necessidade de excitá-lo. Ao se aproximar de mim, ele se excitou com as botas pretas e com minha nudez. Não apenas me entreguei ao russo, como murmurei: — Faça com que seja demorado, por favor, faça bem devagar.

Marcel sofria. Eu estava gozando com o russo, que era grande, forte e capaz de se conter por muito tempo. Enquanto Marcel nos observava, tirou o pênis ereto para fora das calças. Quando senti que o orgasmo estava se aproximando, junto com o do russo, Marcel quis colocar seu pênis em minha boca, mas não deixei. Disse para ele: — Você deve se guardar para depois, Marcel. Tenho outras coisas para lhe pedir. Não vou deixar que goze!

O russo estava se aproveitando. Depois de gozar, permaneceu dentro de mim e quis mais, porem eu me afastei.

— Então eu quero que vocês me deixem olhar — disse ele.

Marcel não concordou. Mandamos o russo embora. Ele me agradeceu, irônica e febrilmente. Por sua vontade teria ficado conosco.

Marcel caiu aos meus pés.

— Isso foi cruel. Você sabe que a amo. Isso foi muito cruel.

— Mas isso o excitou muito, não foi? Deixou você exaltado.

— Sim, mas também me magoou. Eu não teria feito uma coisa dessas com você.

— Eu não lhe pedi que fosse cruel comigo, pedi? Quando as pessoas são cruéis comigo, me deixam fria. Mas você quis, isso o excitou.

— O que você quer agora?

— Quero que você me possua enquanto fico olhando pela janela — respondi. — Enquanto outras pessoas estiverem me vendo. Quero que você me possua por trás, e não quero que ninguém seja capaz de perceber o que estivermos fazendo.

Gosto da atmosfera de segredo que envolve essa cena. Fiquei de pé diante da janela. Podiam me ver das outras casas e Marcel me possuiu assim, parada.

Não fiz qualquer gesto que denunciasse minha excitação, mas estava gostando. Ele arfava e mal podia se controlar, enquanto eu repetia: — Calma, Marcel, faça de modo que ninguém saiba.

Muita gente nos viu, mas devem ter pensado que estávamos a janelas contemplando a rua. Na verdade, estávamos gozando, como acontece à noite em toda a cidade de Paris com os casais sob as pontes e protegidos pelos portais.

Estávamos cansados. Fechamos a janela. Descansamos por algum tempo. Começamos a conversar no escuro, sonhando e recordando.

— Poucas horas atrás, Marcel, entrei no metrô na hora de maior movimento, coisa que raramente faço. Empurrada por aquela massa de gente, fiquei apertada em um canto. De repente me lembrei de uma aventura no metrô que Alraune me contou, quando estava convencida de que Hans se aproveitava da aglomeração para acariciar as mulheres.

Nesse exato momento senti uma mão tocar muito de leve no meu vestido, como se fosse por acaso. Meu casaco estava aberto, minha roupa era fina, e aquela mão me acariciava de leve exatamente no meu sexo. Não me afastei. O homem que se achava à minha frente era tão alto que eu não conseguia ver seu rosto. Não tinha certeza de se era ele, não queria saber quem era. A mão acariciou o vestido, depois aumentou a pressão imperceptivelmente, procurando meu sexo. Fiz um ligeiro movimento para ajudá-lo, colocando-o entre seus dedos, que ganharam firmeza e seguiram habilmente a forma dos lábios, bem de leve. Senti uma onda de prazer. Quando um sacolejão do trem nos aproximou, eu me apertei de encontro à mão. Ela pareceu sentir o que se passava comigo e continuou me acariciando até eu gozar. O orgasmo sacudiu todo o meu corpo. O metrô parou e uma onda de gente saltou. O homem desapareceu.

A guerra foi declarada. Mulheres choravam pelas ruas. Logo na primeira noite houve um blackout. Já tínhamos visto treinamentos, mas o blackout de verdade era diferente. Os treinamentos tinham sido divertidos. Paris estava séria. As ruas ficaram totalmente às escuras. Aqui e ali uma luz azul, vermelha ou verde, pequena e fraca, como as pequenas lâmpadas que reverenciam os ícones das igrejas russas. Todas as janelas foram cobertas com panos negros. As janelas dos cafês foram tapadas ou pintadas de azul. Era uma agradável noite de setembro, e a escuridão a tornava mais fria. Havia algo estranho na atmosfera — uma expectativa, um suspense.

Subi cuidadosamente o Boulevard Raspail, sentindo-me solitária e pretendendo ir até o Dôme para conversar com alguém. Finalmente cheguei a meu destino. A casa estava lotada, metade com soldados, metade com as costumeiras prostitutas e modelos, mas muitos dos artistas tinham desaparecido. A maioria fora chamada de volta, cada um para sua terra. Não havia mais americanos nem espanhóis ou refugiados alemães. Era de novo um ambiente francês. Sentei-me logo e tive a companhia de Gisèle, uma moça com quem já

conversara algumas vezes. Ela ficou contente por me ver. Disse que não conseguira ficar em casa. Seu irmão fora convocado, e a casa ficara muito triste. Depois chegou Roger, um outro amigo.

Logo éramos cinco. Todos nós tínhamos ido ao café à procura de companhia. Seríamos nós. A escuridão isolava as pessoas, dificultava a saída. A tendência natural era ficar em algum lugar fechado — de modo a não se sentir a solidão. Todos nós queríamos aquilo. Ficamos ali sentados, desfrutando as luzes, as bebidas. Os soldados eram animados, todos se mostravam amistosos. As barreiras caíram. Ninguém esperava ser apresentado a ninguém. Todos corriam o mesmo perigo e compartilhavam a mesma necessidade de companhia, afeição e calor.

Algum tempo depois eu disse para Roger: — Vamos sair. Senti vontade de estar de novo nas ruas escuras.

Fomos caminhando lenta e cautelosamente. Chegamos a um restaurante árabe de que eu gostava e entramos. As pessoas estavam sentadas à volta das mesas muito baixas. Uma corpulenta mulher árabe dançava. Os homens lhe davam dinheiro, que ela colocava entre os seios e prosseguia dançando. Naquela noite a casa estava cheia de soldados bêbados em razão do fortíssimo vinho árabe. A dançarina também estava embriagada. Ela usava saias muito transparentes e um cinto, mas a saia se abria e, enquanto executava a dança do ventre, revelava os pêlos pubianos e as carnes que os circundavam, trêmulas.

Um dos militares ofereceu-me uma moeda de dez francos e disse: — Apanhe-a com a xoxota.

Fátima não ficou nem um pouco perturbada. Aproximou-se da mesa dele, colocou a moeda bem na beirada, abriu um pouco as pernas e sacudi-se como se estivesse dançando, de modo que os lábios da vulva tocassem na moeda. A princípio não conseguiu pegá-la. Enquanto tentava, produzia um barulho de sugar, e os soldados riam, excitados com a cena.

Finalmente os lábios da vulva se firmaram o bastante em torno da moeda e ela a apanhou. A dança prosseguiu. Um jovem rapaz árabe que tocava flauta me observava atentamente. Roger estava sentado ao meu lado, derretido com a dançarina, sorrindo gentilmente. O olhar do jovem árabe continuava a me queimar. Era um beijo, um ponto de fogo em minha carne. Todos estavam bêbados, cantavam e riam. Quando me levantei, o árabe também se ergueu.

Eu não estava bem certa do que fazia. Na entrada havia um cubículo escuro onde se guardavam casacos e chapéus. A encarregada era uma moça que estava sentada com os soldados. Entrei no cubículo.

O árabe compreendeu. Aguardei entre os casacos. Ele estendeu um deles no chão e me fez deitar. Na penumbra pude vê-lo pondo para fora um pênis magnífico, macio, lindo. Era tão belo que eu o quis em minha boca, mas ele não deixou.

Colocou-o imediatamente dentro de meu sexo. Era muito quente e duro. Tive medo de sermos surpreendidos e quis que ele se apressasse. Estava tão excitada que tinha gozado quase de imediato, e ele prosseguia metendo, mergulhando e se agitando. Era incansável.

Apareceu um soldado meio bêbado querendo seu casaco. Não nos mexemos. O soldado pegou o casaco sem entrar no cubículo. O árabe era lento para gozar. Seu pênis tinha muita força, bem como suas mãos e sua língua. Tudo era firme nele.

Senti que seu pênis ainda se avolumava mais e ficava mais quente, até que as bordas se esfregaram tanto contra meu útero que parecia uma raspagem. Ele metia e tirava sempre no mesmo ritmo, jamais se apressando. Permaneci deitada, sem me preocupar mais com o lugar em que eu estava. Pensava apenas naquele pênis duro se movendo sempre no mesmo ritmo, obsessivamente, para dentro e para fora. Sem qualquer sinal ou mudança de andamento, ele gozou, como o esguicho de um chafariz. Mas não tirou o pênis. Continuou firme. Queria que eu gozasse de novo. Porém as pessoas começaram a sair do restaurante. Por sorte os casacos caíram em cima de nós e nos esconderam. Era como se estivéssemos em uma barraca. Eu não queria me mexer. O árabe perguntou: — Vou ver você de novo? Você é tão macia e bonita. Será que ainda a verei de novo?

Roger estava me procurando. Sentei-me e me ajeitei. O árabe desapareceu. Mais gente saía do restaurante. Havia um toque de recolher às vinte e três horas. Quem me via pensava que eu era encarregada da chapelaria. Não estava mais bêbada. Roger me encontrou. Pedi-lhe que me levasse para casa.

— Vi o garoto árabe olhando para você, sem desviar os olhos — disse ele. — Tenha cuidado.

Marcel e eu caminhávamos na escuridão, entrando e saindo de cafés, afastando as pesadas cortinas pretas quando entrávamos, o que nos dava a impressão de estarmos chegando a alguma cidade subterrânea dos demônios. Negra, como a roupa de baixo das putas de Paris, as meias compridas das dançarinas de canção, as ligas largas das mulheres criadas especialmente para satisfazer os mais perversos caprichos dos homens, os espartilhos pequenos e apertados que realçam os seios e os empurram de encontro aos lábios dos homens, as botas das cenas de flagelação dos romances franceses. Marcel se arrepiava com a voluptuosidade de tudo aquilo.

— Você acha que alguns lugares despertam mais que outros o desejo de fazer amor? — perguntei-lhe.

— Claro que sim — respondeu Marcel. — Pelo menos eu sinto isso. Exatamente como você, quando quis fazer amor em cima da minha colcha de peles. Sempre gosto de fazer amor onde há tapeçarias, cortinas e tecido nas paredes, e onde há muito vermelho. Também onde haja espelhos. Mas o lugar

que mais me excitou foi um que conheci perto do Boulevard Clichy. Como você sabe, na esquina desse bulevar há uma puta famosa que tem uma perna de pau mas que também possui muitos admiradores. Sempre fui fascinado por ela porque achava que jamais conseguiria fazer amor com ela. Tinha certeza de que ao ver a perna de pau ficaria paralisado de horror.

"Ela era uma jovem muito animada, sorridente, bem-humorada. Seus cabelos eram pintados de louro. Mas suas pestanas eram escuras e cerradas como as de um homem. Tinha uma suave penugem sobre o lábio superior. Deveria ter sido uma sulista morena e cabeluda antes de pintar os cabelos. Sua única perna era vigorosa, firme; seu corpo, muito bonito. Mas eu não conseguia me obrigar a abordá-la. Quando a fitava, ela me lembrava uma pintura de Courbet que eu tinha visto. Era um quadro encomendado há muito tempo por um homem riquíssimo, que pedira ao artista que pintasse uma mulher em pleno ato sexual. Courbet, um grande realista, pintou o sexo de uma mulher e nada mais. Deixou de fora a cabeça, os braços, as pernas. Pintou um torso, com um sexo cuidadosamente desenhado, em contorções de prazer, sustentando um pênis que saía de um tufo de pêlos muito negros. Era tudo. Eu sentia que com aquela prostituta seria a mesma coisa, só poderia pensar em seu sexo, tentando não olhar para as pernas ou qualquer outra coisa. E talvez isso fosse excitante. Enquanto eu estava parado na esquina, meditando, outra prostituta se aproximou de mim; era uma mulher muito jovem. Puta jovem é coisa rara em Paris. Ela se dirigiu à mulher da perna de pau. Começava a chover. A jovem disse: 'Já estou andando na chuva há duas horas. Meus sapatos estão arruinados. E nem um único cliente'. De repente senti pena dela e perguntei: 'Quer tomar um café comigo?' Ela aceitou o convite alegremente e quis saber se eu era pintor.

"Respondi que não, mas que estava pensando em uma pintura que tinha visto, ao que ela me disse: 'Há pinturas maravilhosas no Café Wepler. Veja só esta aqui'. Tirou da bolsa o que parecia ser um lenço e o abriu. Pintada nele havia uma grande bunda de mulher, em uma posição que revelava totalmente seu sexo e um pênis igualmente grande. Ela esticou o lenço, que era elástico, e tive a impressão de que a bunda e o pênis estavam se mexendo. Depois ela virou ao contrário, e o pênis continuou se movimentando como se tivesse penetrado no sexo.

Ela fez outro movimento e todo o quadro ganhou vida. Eu ri, mas aquela brincadeira me excitara, de modo que desistimos do Café Wepler, e a garota sugeriu que fôssemos para o seu quarto. Era em Montmartre, onde moravam todos os artistas de circo e do vaudeville, em um prédio em muito mau estado. Tivemos que subir cinco lances de escada.

"A garota me pediu desculpas e explicou: 'Estou começando agora em Paris. Cheguei aqui há apenas um mês. Antes trabalhava em uma cidade pequena e achava muito enfadonho ver os mesmos homens todas as semanas.

Era quase como estar casada. Eu sabia quando eles iam me ver, o dia e a hora, pontuais como relógios. Conhecia todos os seus hábitos. Não havia mais surpresas. Por isso vim para Paris”.

“Assim conversando entramos no quarto. Era muito pequeno — tinha espaço apenas para a grande cama de ferro para onde a empurrei e que rangeu como se já estivéssemos trepando como dois macacos. Mas o que mais chamou minha atenção foi o fato de ali não haver janelas. Dava a impressão de se estar dentro de uma tumba, ou de uma prisão, ou de uma cela. Não sei dizer exatamente. Mas a sensação que dava era de segurança. Era maravilhoso estar fechado ali dentro com uma jovem mulher. Era quase tão maravilhoso quanto estar dentro de sua vagina. Foi o melhor quarto em que fiz amor, totalmente isolado do mundo, tão pequeno e aconchegante, e quando penetrei nela o resto do mundo pareceu desaparecer. Ali estava eu, no melhor lugar do mundo, um útero macio e morno que me isolava de tudo mais, me protegia, me escondia”.

“Eu gostaria de ficar vivendo ali com aquela garota, e nunca mais sair de novo. E assim fiz por dois dias. Durante dois dias e duas noites ficamos deitados na cama, amando e dormindo, dormindo e amando, até tudo passar a ser como em um sonho. Cada vez que eu acordava, estava com o pênis enfiado dentro dela, que se achava molhada, misteriosa, aberta e então eu me mexia e depois ficava quieto, até nos sentirmos terrivelmente famintos”.

“Saí, comprei vinho e carne fria e voltei de novo para a cama. Nada de claridade do sol. Não sabíamos as horas, nem mesmo se era noite ou dia. Limitávamo-nos a ficar deitados, os corpos colados, um dentro do outro quase continuamente, falando e falando. Yvonne me dizia algo que me fazia rir e eu a advertia: ‘Yvonne, não me faça rir tanto senão ele escorrega para fora’. Meu pênis escorregava quando eu ria, e eu tinha de enfiá-lo de novo”.

"Perguntei se estava cansada daquilo. Ela me respondeu: 'Ah, não, essa é a única vez que estou aproveitando. Quando os clientes estão com pressa, eu fico magoada; então deixo que façam o que querem, mas não me interessam por nada. Além disso, é ruim para o negócio. Fica-se velha e cansada depressa demais se se começar a ter interesse por todo mundo. E sempre tenho a impressão de que não me dão bastante atenção, o que me faz sentir-me diminuída, me afasta deles, e, como resultado, me refugio dentro de mim mesma. Você compreende isso?'

Marcel me perguntou então se ele tinha sido um bom amante naquela primeira vez em sua casa.

— Você foi um ótimo amante, Marcel. Gostei do modo como você agarrou minha bunda com ambas as mãos. Foi tão firme; até pensei que fosse me morder. Gostei do jeito com que pegou meu sexo entre suas mãos. Foi uma coisa tão determinada, tão de macho. . . E esse seu lado de homem das cavernas.

— Por que vocês, mulheres, nunca dizem coisas como essas para os homens? Por que fazem tanto mistério, tanto segredo de tudo? Pensam que isso

destrói seu mistério, mas não é verdade. De repente você resolve se abrir e diz exatamente o que sente. É maravilhoso.

— Eu acredito em falar. Já existem mistérios suficientes, e esses não nos ajudam a ter um prazer recíproco. Agora estamos em guerra e muitas pessoas vão morrer, sem saber de nada porque nada falam sobre sexo. É ridículo.

— Estou me lembrando de Saint-Tropez — disse Marcel.

— O verão mais maravilhoso que jamais vivemos...

Ouvindo-o, eu revia o lugar como se estivesse diante de meus olhos. Uma colônia de artistas freqüentada por pessoas de sociedade, atores e atrizes, gente cujos iates estavam ali ancorados. Os pequenos cafés à beira-mar, a alegria, a exuberância, a lassidão. Todos vestiam roupas de praia. Todos confraternizavam: o pessoal dos iates com os artistas, os artistas com o jovem carteiro, o jovem policial, os jovens pescadores, homens jovens e morenos do sul.

Dançava-se em um pátio a céu aberto. A banda de jazz viera da Martinica e era mais quente que a noite de verão. Marcel e eu estávamos sentados lá na noite em que anunciaram que apagariam as luzes por cinco minutos, depois por dez e finalmente por quinze minutos no meio de cada dança.

Um homem anunciou: "Escolham seus pares cuidadosamente para o quart d'heure de passion. Escolham seus pares cuidadosamente. Por uns minutos houve grande alvoroço e agitação. Depois começou a dança e em dado instante as luzes se apagaram. Algumas mulheres gritaram histericamente. Ouviu-se uma voz de homem exclamando: "Isso é um ultraje, não vou tolerar uma coisa dessas!" Outra pessoa gritou: "Acendam as luzes!"

A dança continuou no escuro. Podia-se sentir que havia corpos em fogo. Marcel estava em êxtase, agarrando-me como se fosse me quebrar ao meio, curvado sobre mim, os joelhos entre os meus, o pênis ereto. Em cinco minutos houve tempo apenas para uma pequena bolinagem. Quando as luzes se acenderam, todos pareceram perturbados. Alguns rostos estavam apopléticos; outros, pálidos. Marcel estava despenteado. O short de linho de uma mulher ficou amarrotado. As calças de um homem também. A atmosfera ficou abafada, animalésca, elétrica.

Ao mesmo tempo havia um aparente refinamento a ser mantido, uma elegância. Algumas pessoas, chocadas, retiraram-se. Havia gente que parecia esperar uma tempestade. Outros aguardavam com um brilho nos olhos.

— Você acha que alguém vai gritar, vai se transformar em um animal e perder o controle? — perguntei.

— Eu, talvez — respondeu Marcel.

A segunda dança começou. As luzes se apagaram. Ouviu-se a voz do bandleader dizendo: "Este é o quart d'heure de passion. Messieurs, mesdames, agora serão dez minutos. Na próxima vez serão quinze".

Houve gritinhos abafados na audiência, mulheres protestaram. Marcel e eu

nos agarramos como dois dançarinos de tango, e a cada momento da dança eu pensava que ia ter um orgasmo. Então as luzes foram acesas e a desordem e a emoção que havia no pátio eram ainda maiores.

— Isso vai virar uma orgia — disse Marcel.

As pessoas se sentaram como se estivessem fascinadas pelas luzes. Estavam aturdidas com o latejar do sangue, dos nervos.

Não se podia mais notar a diferença entre as putas, as mulheres de sociedade, as boêmias e as garotas do lugar, que eram lindas, com a beleza ardente do sul. Todas as mulheres estavam bronzeadas, e, à maneira do Taiti, cobertas de conchas e flores. No aperto da dança algumas conchas se partiram e caíram na pista.

— Acho que não vou conseguir chegar ao fim da próxima dança — disse Marcel. — Antes estupro você.

A mão dele tinha se metido por dentro do meu short e estava me apalpando. Seus olhos ardiam. Corpos. Pernas, tantas pernas, todas bronzeadas e acetinadas, algumas peludas como as de raposa. Um homem tinha o peito tão peludo que usava uma camisa transparente para exibi-lo. Parecia um macaco. Seus braços eram compridos e envolviam a parceira como se fosse devorá-la.

A última dança. As luzes foram apagadas. Uma mulher deixou escapar um grito de passarinho. Outra começou a se defender.

A cabeça de Marcel caiu sobre meus ombros e ele começou a me morder, com força. Apertamo-nos um contra o outro. Fechei os olhos. Eu cambaleava de prazer. Sentia-me carregada por uma onda de desejo, que nascia de todos os demais dançarinos, da noite, da música. Achei que ia gozar. Marcel continuava a me morder e eu temia que caíssemos na pista. Mas a embriaguez nos salvou. Manteve-nos em suspenso, usufruindo tudo.

Quando as luzes se acenderam, todo mundo estava bêbado, cambaleando de excitação.

— Eles gostam mais disso do que da coisa verdadeira — comentou Marcel. — A maioria gosta mais disso. Faz o prazer se prolongar mais. Mas eu não. Eles que fiquem sentados aproveitando a excitação que tanto gostam de sentir. Que fiquem com suas ereções, as mulheres todas molhadas e abertas, mas eu quero terminar, não agüento mais. Vamos para a praia.

Na praia a temperatura fresca nos acalmou. Ficamos deitados na areia, ouvindo ainda o ritmo do jazz vindo de longe, como as batidas de um coração, como um pênis latejando dentro de uma mulher, e enquanto as ondas do mar rolavam aos nossos pés, as ondas da paixão dentro de nós nos fizeram rolar sem parar um sobre o outro até gozarmos juntos, no mesmo ritmo da música.

Marcel também estava lembrando isso.

— Que verão maravilhoso — disse ele. — Acho que todos sabiam que seria sua última gota de prazer.

Fim



*Formatado por
E-book Epub*

Table of Contents

DELTA DE VÊNUS

Anaïs Nin

Índice

Prefácio

PÓS-ESCRITO

O aventureiro húngaro

Mathilde

O internato

O anel

Maiorca

Artistas e modelos

Lilith

Marianne

A mulher velada

Elena

O Basco e Bijou

Pierre

Manuel

Linda

Marcel

Fim